



Biodiversidade Marinha da Bacia Potiguar

BIODIVERSIDADE MARINHA DA BACIA POTIGUAR

ICTIOFAUNA



ICTIOFAUNA

José Garcia Júnior
Liana de Figueiredo Mendes
Cláudio Luis Santos Sampaio
Jorge Eduardo Lins

38



BIODIVERSIDADE MARINHA DA BACIA POTIGUAR

ICTIOFAUNA



SÉRIE LIVROS 38

BIODIVERSIDADE MARINHA DA BACIA POTIGUAR

ICTIOFAUNA

José Garcia Júnior

Laboratório de Biologia Pesqueira, Departamento de Oceanografia e Limnologia,
Universidade Federal do Rio Grande do Norte
E-mail: jose_garciajunior@yahoo.com.br

Liana de Figueiredo Mendes

Laboratório do Oceano, Departamento de Botânica, Ecologia e Zoologia,
Universidade Federal do Rio Grande do Norte
E-mail: liana_oceanica@yahoo.com.br

Cláudio Luis Santos Sampaio

Museu de Zoologia, Instituto de Biologia
Universidade Federal da Bahia
E-mail: buiabahia@gmail.com

Jorge Eduardo Lins

Laboratório de Biologia Pesqueira, Departamento de Oceanografia e Limnologia,
Universidade Federal do Rio Grande do Norte
E-mail: jorgelins@ufrnet.br

Rio de Janeiro

Museu Nacional

2010

Universidade Federal do Rio de Janeiro

Reitor – Aloísio Teixeira

Museu Nacional

Diretor – Sérgio Alex K. Azevedo

Editores – Miguel Angel Monné Barrios, Ulisses Caramaschi

Editores de Área – Adriano Brilhante Kury, Alexander Wilhelm Armin Kellner, Andrea Ferreira da Costa, Cátia Antunes de Mello Patiu, Ciro Alexandre Ávila, Débora de Oliveira Pires, Guilherme Ramos da Silva Muricy, Izabel Cristina Alves Dias, João Alves de Oliveira, João Wagner de Alencar Castro, Marcel Laura Monné Freire, Marcelo de Araújo Carvalho, Marcos Raposo, Maria Dulce Barcellos Gaspar de Oliveira, Marília Lopes da Costa Facó Soares, Rita Scheel Ybert, Vânia Gonçalves Lourenço Esteves

Conselho Editorial – Andre Pierre Prous-Poirier (Universidade Federal de Minas Gerais), David G. Reid (the Natural History Museum – Reino Unido), David John Nicholas Hind (Royal Botanic Gardens – Reino Unido), Fabio Lang da Silveira (Universidade de São Paulo), Francois M. Catzefflis (Institut des Sciences de l'Evolution – França), Gustavo Gabriel Politis (Universidad Nacional del Centro – Argentina), John G. Maisey (American Museum of Natural History – EUA), Jorge Carlos Della Favera (Universidade do Estado do Rio de Janeiro), J. Van Remsen (Louisiana State University – EUA), Maria Antonieta da Conceição Rodrigues (Universidade Estadual do Rio de Janeiro), Maria Carlota Amaral Paixão Rosa (Universidade Federal do Rio de Janeiro), Maria Helena Paiva Henriques (Universidade de Coimbra – Portugal), Maria Marta Cigliano (Universidad Nacional La Plata – Argentina), Miguel Trefaut Rodrigues (Universidade de São Paulo), Miriam Lemle (Universidade Federal do Rio de Janeiro), Paulo A. D. DeBlasis (Universidade de São Paulo), Philippe Taquet (Museum National d'Histoire Naturelle – França), Rosana Moreira da Rocha (Universidade Federal do Paraná), Suzanne K. Fish (University of Arizona – EUA), W. Ronald Heyer (Smithsonian Institution – EUA)

Normalização – Vera de Figueiredo Barbosa e Suely Alves Ano Bom
Biodiversidade Marinha da Bacia Potiguar – Ictiofauna.

© 2010 José Garcia Júnior, Liana de Figueiredo Mendes, Cláudio Luis Santos Sampaio, Jorge Eduardo Lins.

Projeto Gráfico – Johann Jean Evangelista de Melo/Bizu Produção Gráfica

Diagramação – Johann Jean Evangelista de Melo/Bizu Produção Gráfica

Arte Final – José Antonio Bezerra Júnior/Bizu Produção Gráfica

Foto da Capa – Naufrágio Comandante Pessoa/Bacia Potiguar-RN.

Foto – Ary Amarante

Texto e ilustrações – José Garcia Júnior, Liana de Figueiredo Mendes, Cláudio Luis Santos Sampaio, Jorge Eduardo Lins

Revisão – Bertran Miranda Feitoza, Alfredo Carvalho Filho

Fotografias da quarta capa – Cláudio Luis Santos Sampaio

Impressão – Imos Gráfica e Editora – RJ

Ficha catalográfica

B615 Biodiversidade marinha da Bacia Potiguar : ictiofauna / José Garcia Júnior ... [et al.]. – Rio de Janeiro : Museu Nacional, 2010.
195 p. : il. ; 27,7 cm. – (Série Livros ; 38)

Bibliografia: p. 187-191.
ISBN 978-85-7427-034-0

1. Peixes – Potiguar, Bacia (RN e CE). 2. Biodiversidade marinha – Potiguar, Bacia (RN e CE).
I. Garcia Júnior, José. II. Museu Nacional (Brasil).
III. Série.

CDD 597.09813

Nome do Projeto – Caracterização e Monitoramento Ambiental da Bacia Potiguar

Universidade Federal do Rio Grande do Norte

Reitor – José Ivonildo do Rêgo

Pró-Reitora de Pesquisa – Maria Bernardete Cordeiro de Sousa

Diretora do Centro de Biotecnologias – Maria de Fátima F. de Melo Ximenes

Chefe do Departamento de Oceanografia e Limnologia – Francisco Seixas das Neves

Fundação Norte-Rio-Grandense de Pesquisa e Cultura

Superintendente – José Luis da Silva Júnior

PETROBRAS/CENPES

Gerente Executivo

Carlos Tadeu da Costa Fraga

Gerente Geral de Gás, Energia e Desenvolvimento Sustentável (PDEDS)

Ricardo Castello Branco

Equipe Técnica

Márcia de França Rocha – Coordenação Geral

Ana Paula da Costa Falcão

Guarani de Holanda Cavalcanti

Bárbara Prates Carpeggiani

PETROBRAS – Petróleo Brasileiro S.A./CENPES – Centro de Pesquisas e Desenvolvimento Leopoldo A. Miguez de Mello

Av Horácio de Macedo , 950 – Cidade Universitária – Ilha do Fundão

CEP: 21941-915 – Rio de Janeiro – RJ

Telefone para contato: (21) 3865-4802

Universidades Participantes: UFC, UFRN, UFPE, UFRPE, UFF, PUC-Rio, UERJ, UFPR, UFRJ

Coordenação

Paulo Jorge Parreira dos Santos – UFPE

Vice-Coordenação

Jorge Eduardo Lins – UFRN

Sigrid Neumann Leitão – UFPE

Sumário

Prefácio	7
Introdução	9
Área de estudo	11
Metodologia	13
Lista de espécies coletadas	17
Catálogo de identificação das espécies coletadas	23
Anexos	179
Glossário	183
Referências bibliográficas	187
Índice de nomes científicos e populares	193
Autores e Revisores	195



Prefácio

Do ponto de vista taxonômico, os peixes do Atlântico Ocidental, incluindo os da costa brasileira, podem ser considerados bem conhecidos, graças à contribuição de muitos sistematas, especialmente nos últimos 60 anos.

Entretanto, é a tradução dos trabalhos especializados de revisão taxonômica em manuais e guias para identificação segura e rápida de espécies que alcançará não só o estudioso de áreas correlatas, como a biologia pesqueira e a ecologia, mas também os demais interessados nos peixes.

No Brasil, foi apenas na última década que peixes coletados em levantamentos efetuados em ambientes ou áreas restritos, visando principalmente o estudo de aspectos biológicos, acabaram por servir também como matéria-prima para guias de identificação, como é o caso da presente obra.

Nesta, a ilustração com fotografias coloridas e o diagnóstico morfológico sucinto garantem a identificação dos peixes, principal objetivo do guia. Para cada espécie são fornecidos também dados gerais de biologia e de distribuição ambiental e geográfica, além de um mapa de ocorrência na área estudada. Tais informações apoiam-se em extensa e moderna literatura, a qual possibilita ao interessado aprofundar-se no conhecimento da diversidade dos peixes de nossa costa.

É um trabalho útil e bem feito. Os autores estão de parabéns!

José Lima de Figueiredo
Museu de Zoologia
Universidade de São Paulo



O presente catálogo de peixes marinhos surgiu como um dos resultados do projeto “Caracterização e Monitoramento Ambiental da Bacia Potiguar” realizado pelo Centro de Pesquisas e Desenvolvimento Leopoldo Américo Miguez de Mello (CENPES) da PETROBRAS, e foi elaborado pelo Laboratório de Biologia Pesqueira (LABIPE) do Departamento de Oceanografia e Limnologia da Universidade Federal do Rio Grande do Norte.

Atualmente ainda são escassas informações sobre a riqueza e a distribuição das espécies de peixes que ocorrem na extensa costa do litoral brasileiro. Existem poucas fontes sistematizadas que disponibilizem tais dados, sob a forma de registro da ocorrência, preferência espacial, características diagnósticas e biológicas. Mais raros ainda são trabalhos que, além das informações destacadas acima, adicionam imagens dos peixes, como fotografias ou mesmo ilustrações, que muitas vezes esclarecem possíveis e eventuais confusões encontradas em textos.

Além disso, considera-se que este tipo de publicação seja crucial para o desenvolvimento de políticas de manejo e conservação de espécies, uma vez que se tem acesso à distribuição destas, ressaltando sua importância em localidades mais particularizadas, hábitos de vida, etc. O presente catálogo vem adicionar, não apenas ao meio acadêmico, mas também aqueles que se interessam pelo tema, diversas informações sobre as espécies de peixes marinhos que ocorrem na Bacia Potiguar, somando conhecimentos sobre o que já se conhece da ictiofauna desta região.

Os peixes (água doce, marinhos e estuarinos), com uma diversidade estimada em mais de 30.000 espécies em todo o planeta, não formam um grupo natural, pois não possuem um único ancestral comum. Entretanto, são reconhecidos como vertebrados aquáticos com presença de brânquias, nadadeiras e, geralmente, com escamas dérmicas no tegumento, definição um tanto superficial para um grupo de animais tão importantes em termos ecológicos e também como fonte de subsistência de inúmeras populações humanas. Os peixes constituem o mais numeroso grupo de vertebrados vivos e nos mares nenhum outro tipo de animal supera seu domínio. Esta hegemonia é observada nas muitas maneiras em que se adaptaram à água, 800 vezes mais densa que o ar. Eles podem permanecer imóveis, ajustando sua flutuabilidade através do controle dos gases na vesícula gasosa, projetam-se para frente ou para trás, em diferentes ângulos, utilizando as nadadeiras para realizar tais manobras; em termos de percepção do ambiente são altamente especializados, exibindo um excelente sentido olfatório e visual, além de um órgão particular conhecido como linha lateral, muito sensível, que percebe as mais sutis vibrações na água. Enfim, os peixes evoluíram um plano básico de corpo associado a estratégias fisiológicas e comportamentais que permitiram seu grande sucesso adaptativo.

A diversidade destes animais e de habitats onde vivem oferecem situações, sem paralelos, para variações de história de vida, onde o meio aquático proporciona desafios e também oportunidades. Estes se diferenciaram em uma enorme variedade de tamanhos, formas, cores, e particularmente, em relação aos peixes recifais, historicamente se conhecem muitos períodos de isolamento, como por exemplo no caso do Atlântico tropical que esteve isolado do Pacífico tropical por milhões de anos, e estes processos levaram ao aparecimento de novas espécies. Esta alta diversidade exibida entre as comunidades de peixes tropicais representa um reflexo das relações interespecíficas complexas, em comparação com comunidades de zonas temperadas. Nos ambientes marinhos, a profundidade e temperatura da água são fatores de grande relevância para distribuição da ictiofauna, devendo também ser considerados os sistemas de correntes, salinidade, oxigenação e disponibilidade de alimento que interferem na estruturação da comunidade como um todo.

As informações, conceitos e design deste catálogo de peixes marinhos da Bacia Potiguar – RN representam o considerável esforço de várias pessoas, atuando em diversos campos de trabalho, que se disponibilizaram a elaborar e confeccionar esta obra. Encontram-se aqui informações sobre diagnose, habitat, comportamento e distribuição dos peixes marinhos encontrados na Bacia Potiguar, acompanhadas de fotografias coloridas de 153 espécies de peixes marinhos, sendo sete de peixes cartilaginosos (Chondrichthyes) e 146 de peixes ósseos (Osteichthyes).

Área de estudo

A área de estudo está localizada na região da plataforma continental ao norte do estado do Rio Grande do Norte, compreendida entre os municípios de Areia Branca e Galinhos e tendo como limite setentrional a região ao norte das Urcas do Minhoto e do Tubarão (Figura 1). Esta área pertence à Bacia Potiguar, na porção norte dos estados do Rio Grande do Norte e Ceará, abrangendo uma extensão total de 48.000 km² onde 21.500 km² são emersas e distribuídas entre as cidades de Natal e Fortaleza, e 26.500 km² são submersas (Costa *et al.*, 2006). Tal plataforma continental é relativamente ampla (aproximadamente 20 a 30 km de largura) e de baixa profundidade (em geral inferior a 30m), alcançando o talude entre 40 e 100m (Chaves *et al.*, 1979; Knoppers *et al.*, 1999).

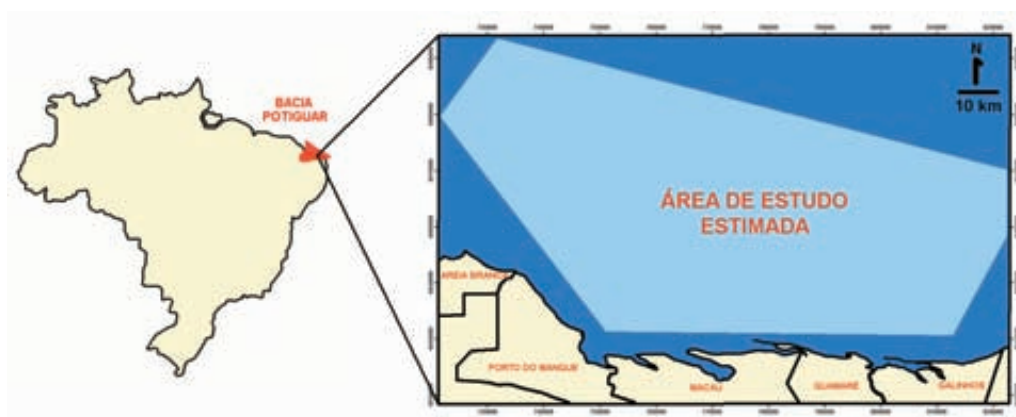


Figura 1 – Localização da área de estudo na Bacia Potiguar. Coordenadas em UTM (datum WGS 84).

As correntes costeiras na região são formadas em resposta à ação combinada entre a orientação preferencial leste-oeste da linha de costa e ao fluxo de ondas provenientes de nordeste-leste, acarretando uma importante corrente de deriva litorânea na direção oeste (IDEMA, 2003). A temperatura superficial da água do mar é estável e varia de 30°C durante o verão e o outono, a 28°C do final do inverno ao começo do verão (Leão & Dominguez, 2000).

A região estudada inclui dois estuários, de Porto do Mangue-Macau e de Guamaré-Galinhos, ambos com vários braços de rios e vegetação de manguezal. Tais estuários não têm vazão suficiente para exportar nutrientes e matéria orgânica para os ambientes pelágicos e bentônicos da plataforma continental e, além disso, na costa predominam dunas e praias arenosas o que contribui para que a região da Bacia Potiguar seja considerada uma das áreas mais oligotróficas e de menor influência estuarina de todo o litoral brasileiro. O sedimento nos estuários é lamoso com fortes correntes de maré.

Na zona costeira encontram-se planícies praias com longos recifes consolidados de rochas sedimentares. Na plataforma continental o sedimento varia desde arenoso a cascalho ou mesmo sendo composto por um mosaico de recifes de arenito chamados de cabeços, urcas ou riscas, de acordo com sua forma.



Metodologia

Os peixes foram coletados durante quatro campanhas amostrais (BPOT 1, 2, 3 e 4) entre 2002 e 2004, totalizando 163 arrastos ao longo da área que se estende em frente aos municípios de Areia Branca até Galinhos. A primeira campanha amostral foi realizada em julho de 2002 e contou com 19 arrastos, a segunda em maio de 2003, com 43 arrastos, a terceira em novembro de 2003, também com 43 arrastos e por fim, a quarta nos meses de maio e junho de 2004, com 58 arrastos (Figura 2).

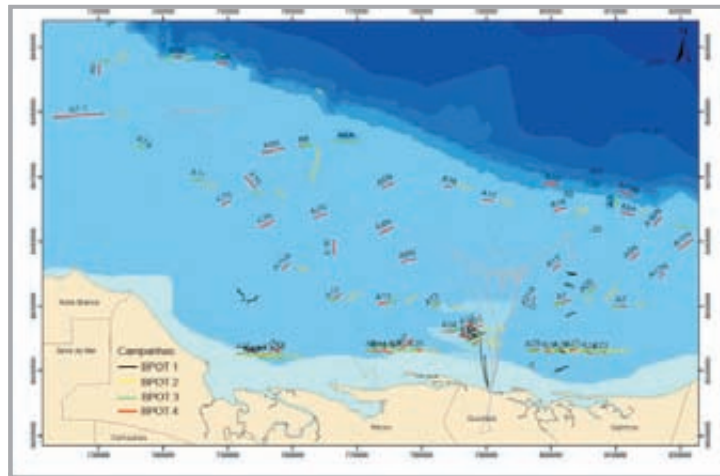


Figura 2 – Malha amostral das campanhas de coleta de peixes na Baía Potiguar. Campanha = BPOT e Arrasto = A. Coordenadas em UTM (datum WGS 84).

Inicialmente foi realizada uma prospecção piloto nas áreas mais costeiras, entre as profundidades de 4 a 16 metros, utilizando um barco camaroeiro. Para as campanhas seguintes utilizou-se o navio rebocador (N/Rb.) Astro Garoupa com 66 metros de comprimento e 5 metros de calado (Figura 3) nas áreas com profundidades entre 10 e 160 metros e o barco de pesquisa (B.Pq.) Prof. Martins Filho com 16 metros de comprimento e 1,5 metros de calado (Figura 4) nas áreas com profundidades entre 3 e 10 metros.



Figura 3 – Navio rebocador “Astro Garoupa”.



Figura 4 – Barco de pesquisa “Prof. Martins Filho”.

Os arrastos de fundo foram realizados com redes-de-porta a uma velocidade constante e durante 30 minutos (Figura 5). As redes possuíam comprimento total variando de 12 a 18 metros, e comprimento da boca de 6 a 14 metros. A malha do corpo das redes variou de 2 a 5 centímetros e a malha do saco, de 2 a 3 centímetros (Figura 6).

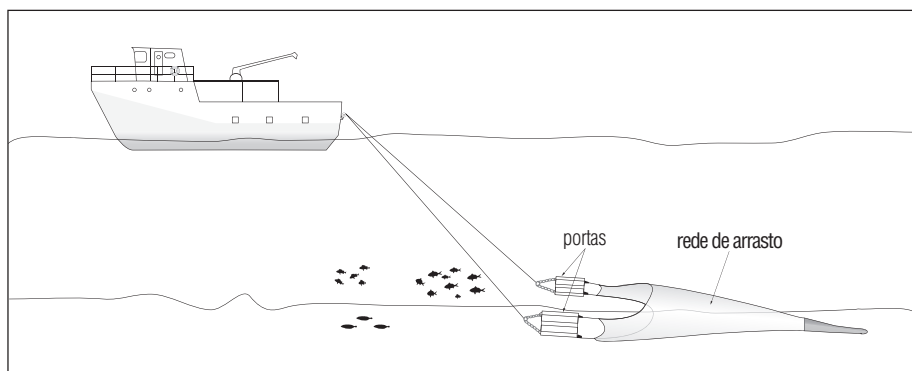


Figura 5 – Esquema ilustrativo da coleta através de arrastos de fundo com rede-de-portas.

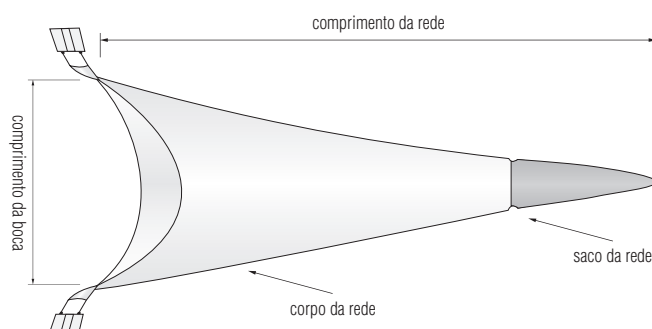


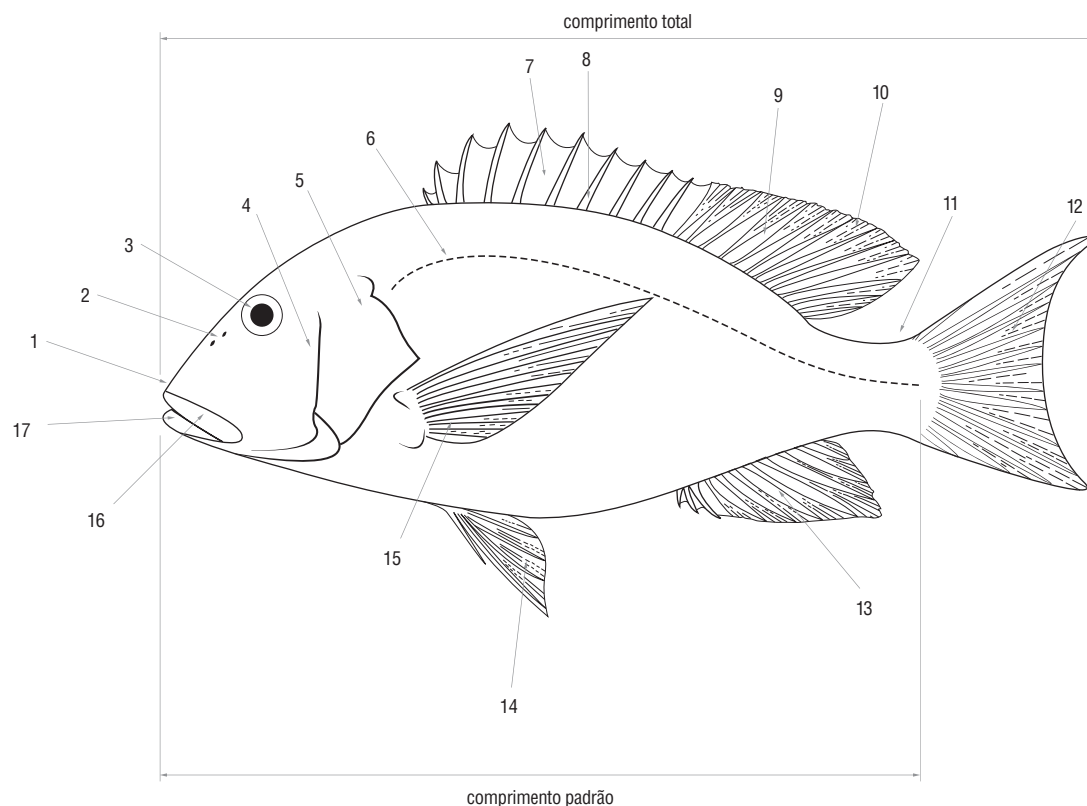
Figura 6 – Esquema ilustrativo da rede de arrasto com portas.

Ao término de cada arrasto foi realizada uma triagem preliminar dos peixes coletados, estes foram inicialmente armazenados nos freezers (N/Rb. Astro Garoupa) ou nas urnas (B.Pq. Prof. Martins Filho) das embarcações. Após o desembarque todo o material foi levado para o Laboratório de Biologia Pesqueira (LABIPE) do Departamento de Oceanografia e Limnologia da Universidade Federal do Rio Grande do Norte. No laboratório o material foi descongelado e todos os exemplares foram identificados até o menor nível taxonômico possível. Após a identificação foi realizada a biometria efetuando a medição do comprimento padrão (da ponta do focinho até a região da última vértebra no pedúnculo caudal) e a pesagem em balanças de precisão (Figura 7).



Figura 7 – Identificação e biometria do material no LABIPE.

No esquema abaixo constam os comprimentos e termos técnicos utilizados na apresentação da diagnose das espécies.



- | | |
|--|-------------------------|
| 1 - Focinho | 10 - Raio |
| 2 - Narinas | 11 - Pedúnculo caudal |
| 3 - Olho | 12 - Nadadeira caudal |
| 4 - Pré-opérculo | 13 - Nadadeira anal |
| 5 - Opérculo | 14 - Nadadeira pélvica |
| 6 - Linha lateral | 15 - Nadadeira peitoral |
| 7 - Primeira nadadeira dorsal, ou parte dura da nadadeira dorsal | 16 - Maxila superior |
| 8 - Espinho | 17 - Maxila inferior |
| 9 - Segunda nadadeira dorsal, ou parte mole da nadadeira dorsal | |

Os exemplares que possuíam bom estado de conservação foram fotografados e fixados em formoldeído a 10%, com objetivo de elaborar uma coleção tipo das espécies. Os restantes foram armazenados em bombonas plásticas com formoldeído a 10% ou em freezers visando estudos biológicos.

As famílias das espécies coletadas são apresentadas em ordem sistemática, de acordo com Nelson (2006). Os gêneros e as espécies estão ordenados alfabeticamente. Para cada espécie é apresentado o nome popular conhecido na Bacia Potiguar/RN, a fotografia de um ou mais exemplares, a diagnose morfológica simplificada, além de informações sobre o hábitat, comportamento e distribuição geográfica.

A maioria das fotografias refere-se a exemplares coletados durante as campanhas de arrasto de fundo, porém, no caso de exemplares deteriorados ou com dimorfismo etário, as mesmas foram obtidas de exemplares coletados na região através de estudos da pesca artesanal ou pela equipe do LABIPE.

O item “literatura” inclui chaves utilizadas para identificação das espécies, trabalhos que contém a descrição específica e informações biológicas, ecológicas, comportamentais e de distribuição geográfica. Os arrastos nos quais a espécie foi coletada estão representados no mapa por pontos pretos.

Todas as fotografias apresentadas nas páginas das espécies são de crédito do LABIPE, exceto a de *Apogon quadrisquamatus*, *Callionymus bairdi*, *Carangoides bartholomaei* (adulto), *Decapterus punctatus*, *Etropus crossotus*, *Lagocephalus laevigatus* (adulto), *Pseudupeneus maculatus* (jovem), *Serranus baldwini*, *Sphoeroides tyleri* e *Stephanolepis setifer* que são de autoria de Alfredo Carvalho Filho, e a de *Phaeoptyx pigmentaria*, *Fistularia tabacaria* e *Cryptotomus roseus* que são de autoria de Bertran Miranda Feitoza. A fotografia da capa do catálogo é de autoria de Ary Amarante e as da quarta capa são autoria de Cláudio Luis Santos Sampaio.

Lista de espécies coletadas

Classe Chondrichthyes

Ordem Carcharhiniformes

Família Carcharhinidae

Rhizoprionodon porosus (Poey, 1861)

Torpediniformes

Narcinidae

Narcine bancroftii (Griffith & Smith, 1834)

Narcine sp.

Rajiformes

Rhinobatidae

Rhinobatos percellens (Walbaum, 1792)

Myliobatiformes

Dasyatidae

Dasyatis guttata (Bloch & Schneider, 1801)

Dasyatis marianae Gomes, Rosa & Gadig, 2000

Gymnuridae

Gymnura micrura (Bloch & Schneider, 1801)

Classe Actinopterygii

Ordem Albuliformes

Família Albulidae

Albula vulpes (Linnaeus, 1758)

Anguilliformes

Muraenidae

Channomuraena vittata (Richardson, 1845)

Gymnothorax moringa (Cuvier, 1829)

Gymnothorax vicinus (Castelnau, 1855)

Clupeiformes

Pristigasteridae

Chirocentrodon bleekermanus (Poey, 1867)

Pellona harroweri (Fowler, 1917)

Engraulidae

Lycengraulis grossidens (Agassiz, 1829)

Clupeidae

Opisthonema oglinum (Lesueur, 1818)

Siluriformes

Ariidae

Aspistor luniscutis (Valenciennes, 1840)

Bagre bagre (Linnaeus, 1766)

Bagre marinus (Mitchill, 1815)

Aulopiformes

Synodontidae

Synodus foetens (Linnaeus, 1766)

Synodus intermedius (Spix & Agassiz, 1829)

Trachinocephalus myops (Forster, 1801)

Ophidiiformes

Ophidiidae

- Lepophidium* cf. *brevibarbe* (Cuvier, 1829)
Ophidion cf. *holbrookii* Putnam, 1874

Batrachoidiformes

Batrachoididae

- Porichthys plectrodon* Jordan & Gilbert, 1882
Thalassophryne nattereri Steindachner, 1876

Lophiiformes

Antennariidae

- Antennarius multiocellatus* (Valenciennes, 1837)
Antennarius striatus (Shaw, 1794)

Ogcocephalidae

- Ogcocephalus vespertilio* (Linnaeus, 1758)

Beloniformes

Exocoetidae

- Cheilopogon cyanopterus* (Valenciennes, 1847)
Cheilopogon melanurus (Valenciennes, 1847)

Beryciformes

Holocentridae

- Holocentrus ascensionis* (Osbeck, 1765)
Myripristis jacobus Cuvier, 1829

Gasterosteiformes

Syngnathidae

- Hippocampus* aff. *erectus* Perry, 1810
Hippocampus reidi Ginsburg, 1933
Microgathus sp.

Fistulariidae

- Fistularia tabacaria* Linnaeus, 1758

Scorpaeniformes

Dactylopteridae

- Dactylopterus volitans* (Linnaeus, 1758)

Scorpaenidae

- Scorpaena brasiliensis* Cuvier, 1829
Scorpaena isthmensis Meek & Hildebrand, 1928
Scorpaena plumieri Bloch, 1789

Triglidae

- Prionotus punctatus* (Bloch, 1793)

Perciformes

Centropomidae

- Centropomus undecimalis* (Bloch, 1792)

Serranidae

- Alphestes afer* (Bloch, 1793)
Cephalopholis fulva (Linnaeus, 1758)
Diplectrum formosum (Linnaeus, 1766)
Paralabrax dewegeri (Metzelaar, 1919)
Serranus annularis (Günther, 1880)
Serranus baldwini (Evermann & Marsh, 1899)
Serranus flaviventris (Cuvier, 1829)

Priacanthidae

- Heteropriacanthus cruentatus* (Lacepède, 1801)
Pristigenys alta (Gill, 1862)

Apogonidae

- Apogon quadrisquamatus* Longley, 1934
Phaeoptyx pigmentaria (Poey, 1860)

Echeneidae

- Echeneis naucrates* Linnaeus, 1758

Carangidae

- Carangoides bartholomaei* (Cuvier, 1833)
Caranx latus Agassiz, 1831
Chloroscombrus chrysurus (Linnaeus, 1766)
Decapterus punctatus (Cuvier, 1829)
Selar crumenophthalmus (Bloch, 1793)
Selene brownii (Cuvier, 1816)
Selene vomer (Linnaeus, 1758)

Lutjanidae

- Lutjanus alexandrei* Moura & Lindeman, 2007
Lutjanus analis (Cuvier, 1828)
Lutjanus jocu (Bloch & Schneider, 1801)
Lutjanus synagris (Linnaeus, 1758)
Ocyurus chrysurus (Bloch, 1791)
Rhomboplites aurorubens (Cuvier, 1829)

Gerreidae

- Diapterus auratus* Ranzani, 1842
Diapterus rhombeus (Cuvier, 1829)
Eucinostomus argenteus Baird & Girard, 1855
Eucinostomus gula (Quoy & Gaimard, 1824)
Eucinostomus melanopterus (Bleeker, 1863)

Haemulidae

- Anisotremus virginicus* (Linnaeus, 1758)
Conodon nobilis (Linnaeus, 1758)
Genyatremus luteus (Bloch, 1790)
Haemulon aurolineatum Cuvier, 1830
Haemulon parra (Desmarest, 1823)
Haemulon plumieri (Lacepède, 1801)
Haemulon squamipinna Rocha & Rosa, 1999
Haemulon steindachneri (Jordan & Gilbert, 1882)
Orthopristis ruber (Cuvier, 1830)
Pomadasys corvinaeformis (Steindachner, 1868)

Sparidae

- Archosargus probatocephalus* (Walbaum, 1792)
Archosargus rhomboidalis (Linnaeus, 1758)
Calamus calamus (Valenciennes, 1830)
Calamus penna (Valenciennes, 1830)
Calamus pennatula Guichenot, 1868

Polynemidae

- Polydactylus virginicus* (Linnaeus, 1758)

Sciaenidae

- Cynoscion acoupa* (Lacepède, 1801)
Cynoscion leiarchus (Cuvier, 1830)
Larimus breviceps Cuvier, 1830
Macrodon ancylodon (Bloch & Schneider, 1801)

Menticirrhus americanus (Linnaeus, 1758)
Micropogonias furnieri (Desmarest, 1823)
Odontoscion dentex (Cuvier, 1830)
Paralonchurus brasiliensis (Steindachner, 1875)
Pareques acuminatus (Bloch & Schneider, 1801)
Stellifer stellifer (Bloch, 1790)

Mullidae

Pseudupeneus maculatus (Bloch, 1793)

Chaetodontidae

Chaetodon ocellatus Bloch, 1787
Chaetodon striatus Linnaeus, 1758

Pomacanthidae

Holacanthus ciliaris (Linnaeus, 1758)
Holacanthus tricolor (Bloch, 1795)
Pomacanthus paru (Bloch, 1787)

Pomacentridae

Chromis multilineata (Guichenot, 1853)
Stegastes fuscus (Cuvier, 1830)

Labridae

Halichoeres poeyi (Steindachner, 1867)
Xyrichtys novacula (Linnaeus, 1758)

Scaridae

Cryptotomus roseus Cope, 1871
Nicholsina usta (Valenciennes, 1840)
Sparisoma frondosum (Agassiz, 1831)
Sparisoma radians (Valenciennes, 1840)

Labrisomidae

Labrisomus nuchipinnis (Quoy & Gaimard, 1824)

Callionymidae

Callionymus bairdi Jordan, 1888

Gobiidae

Ctenogobius saepepallens (Gilbert & Randall, 1968)

Ephippidae

Chaetodipterus faber (Broussonet, 1782)

Acanthuridae

Acanthurus bahianus Castelnau, 1855
Acanthurus chirurgus (Bloch, 1787)

Sphyraenidae

Sphyraena guachancho Cuvier, 1829

Scombridae

Scomberomorus brasiliensis Collette, Russo & Zavala-Camin, 1978

Pleuronectiformes

Paralichthyidae

Citharichthys macrops Dresel, 1885
Cyclopsetta fimbriata (Goode & Bean, 1885)
Etropus crossotus Jordan & Gilbert, 1882
Paralichthys brasiliensis (Ranzani, 1842)
Syacium micrurum Ranzani, 1842
Syacium papillosum (Linnaeus, 1758)

Bothidae

- Bothus lunatus* (Linnaeus, 1758)
Bothus ocellatus (Agassiz, 1831)
Bothus robinsi Topp & Holf, 1972

Achiridae

- Achirus lineatus* (Linnaeus, 1758)
Trinectes paulistanus (Miranda-Ribeiro, 1915)

Cynoglossidae

- Symphurus diomedianus* (Goode & Bean, 1885)
Symphurus plagusia (Bloch & Schneider, 1801)

Tetraodontiformes

Balistidae

- Balistes vetula* Linnaeus, 1758

Monacanthidae

- Aluterus heudelotii* Hollard, 1855
Aluterus monoceros (Linnaeus, 1758)
Aluterus schoepfii (Walbaum, 1792)
Aluterus scriptus (Osbeck, 1765)
Monacanthus ciliatus (Mitchill, 1818)
Stephanolepis hispidus (Linnaeus, 1766)
Stephanolepis setifer (Bennett, 1831)

Ostraciidae

- Acanthostracion polygonius* Poey, 1876
Acanthostracion quadricornis (Linnaeus, 1758)
Lactophrys trigonus Linnaeus, 1758

Tetraodontidae

- Canthigaster figueiredoi* Moura & Castro, 2002
Lagocephalus laevigatus (Linnaeus, 1766)
Sphoeroides dorsalis Longley, 1934
Sphoeroides greeleyi Gilbert, 1900
Sphoeroides spengleri (Bloch, 1785)
Sphoeroides testudineus (Linnaeus, 1758)
Sphoeroides tyleri Shipp, 1972

Diodontidae

- Chilomycterus spinosus* (Linnaeus, 1758)
Diodon holocanthus Linnaeus, 1758



Catálogo de identificação das espécies coletadas



Rhizoprionodon porosus

(Poey, 1861)

CARCHARHINIDAE

Nome Popular: Cação frango

Diagnose

Corpo alongado com o focinho longo; sulcos labiais muito desenvolvidos no canto de ambas as maxilas; segunda dorsal com origem à frente do centro da anal; peitoral alcança o centro da base da primeira dorsal, quando comprimida no corpo; dentes lisos, sem serrilhas, alargados e voltados para

trás. Cor marrom a marrom acinzentada, e margens posteriores das nadadeiras peitorais brancas; pequenas manchas pálidas irregulares, menores que o diâmetro do olho; branco ventralmente; dorsais e caudal com margens enegrecidas. Atingem 110 cm (CT) e 4,5 kg (PT).

♀ Adulto



♂ Neonato



Hábitat e Comportamento

Relativamente comuns, costeiros, desde estuários, baías, recifes rochosos e praias, na borda da plataforma continental até 500 metros de profundidade. Associados ao fundo, comem camarões, moluscos e peixes pequenos, formam cardumes pouco numerosos; no verão são mais comuns em águas rasas migrando para o fundo no inverno. Vivíparos, a gestação dura de 10 a 11 meses e os filhotes, de 2 a 6, nascem da primavera ao começo do verão com 27 a 39 cm (CT). Atingem a maturidade sexual por volta dos 3,5 anos de idade e vivem cerca de 10 anos.

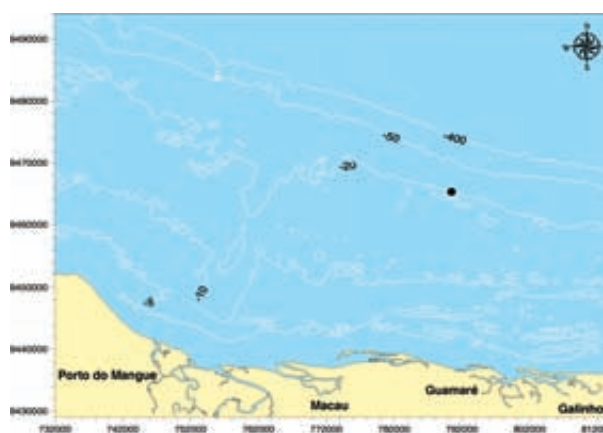
Distribuição Geográfica

Atlântico Ocidental, das Bahamas e Caribe, incluindo a costa da América Central, ao Uruguai.

Material Coletado

1 exemplar neonato; com comprimento padrão de 28 cm.

Ocorrência na Bacia Potiguar - RN



Literatura

Garman, 1913; Castro, 1983; Compagno, 1984; Compagno, 1988; Compagno In: Carpenter, 2002; Compagno *et al.*, 2005.

Nome Popular: Treme treme

Diagnose

Disco quase circular; focinho arredondado, com comprimento entre 10 e 16 % do comprimento total; boca estreita; margem posterior da cauda quase reta; bordas dos espiráculos marginadas por uma série única de papilas; órgãos elétricos bem desenvolvidos e em forma de rim, um de cada lado do disco, facilmente vistos na região inferior. Cor muito variável,

desde cinza ao marrom uniforme, mas geralmente com muitas manchas de diversos tamanhos, escuras e irregulares; ventre pálido, branco ou mesmo amarelado, por vezes com algumas manchas escuras esparsas. Por muitos anos foi confundida com *Narcine brasiliensis*. Atinge 70 cm (CT) e 5 kg (PT).



Hábitat e Comportamento

Relativamente comuns em águas rasas, raramente além dos 60 metros de profundidade, sobre fundos de areia, cascalho, corais ou rochas, menos freqüente sobre lodo. Costumam enterrar-se ao menos parcialmente no substrato, apenas os olhos de fora. Seus hábitos são basicamente noturnos, quando caçam poliquetas, moluscos e crustáceos bentônicos, além de peixes. Capturam suas presas através de um choque com intensidade de 14 a 37 volts. São vivíparas, nascendo de 4 a 15 filhotes de cada vez, no verão e em águas rasas, com cerca de 11 cm (CT). Durante o inverno migram para águas mais profundas.

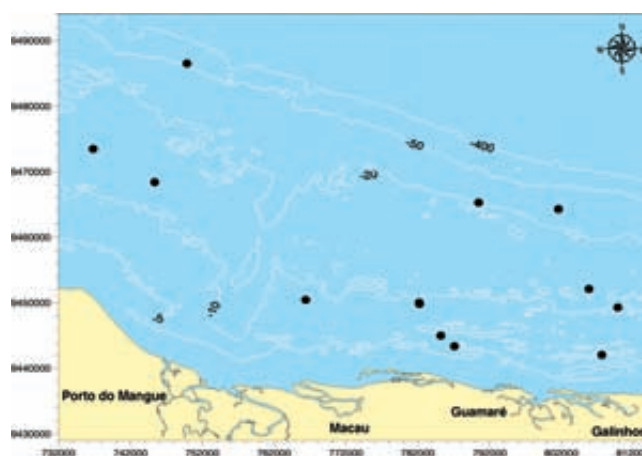
Distribuição Geográfica

Atlântico Ocidental, da Carolina do Norte (EUA) pelo Golfo do México e Cuba, ao norte da Bahia.

Material Coletado

20 exemplares; com comprimento padrão variando de 9 a 52 cm.

Ocorrência na Bacia Potiguar - RN



Literatura

McEachran & Carvalho In: Carpenter, 2002.

Narcine sp.

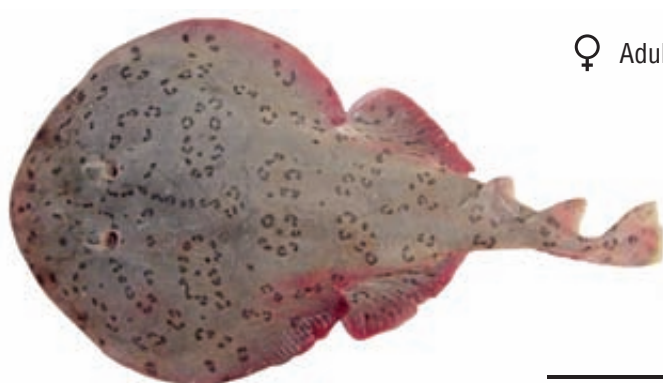
NARCINIDAE

Nome Popular: Treme treme

Diagnose

Muito parecida com *Narcine bancrofti*, porém com o dorso e nadadeiras com muitas manchas marrons irregulares e arredondadas, menores que o diâmetro ocular, diversas das quais em forma de anéis incompletos pálidos; início das

nadadeiras pélvicas não encobertas pela porção posterior das nadadeiras peitorais. Atinge 62 cm (CT). Por muitos anos foi confundida com *Narcine brasiliensis*. Espécie em processo de descrição.



♀ Adulto



9 cm

Hábitat e Comportamento

De águas costeiras, entre 15 e 50 metros de profundidade, aparentemente nos mesmos habitats e com os mesmos hábitos que *Narcine bancrofti*.

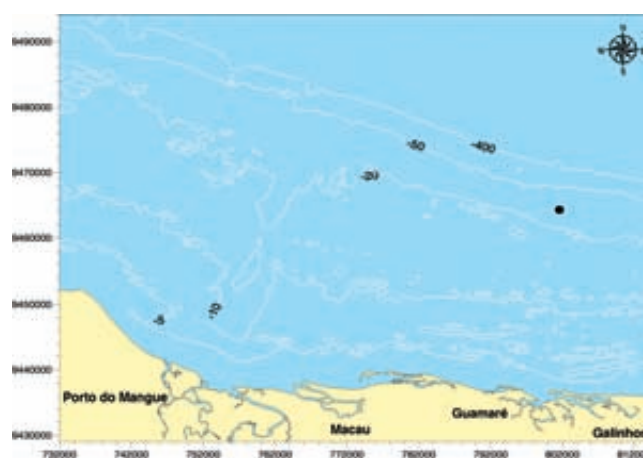
Distribuição Geográfica

Atlântico Ocidental, do Suriname a Paraíba. Anteriormente registrada do Suriname ao Maranhão, este é o primeiro registro da espécie para o nordeste do Brasil.

Material Coletado

1 exemplar; com comprimento padrão de 39 cm.

Ocorrência na Bacia Potiguar - RN



Literatura

McEachran & Carvalho In: Carpenter, 2002.

Nome Popular: Cação viola

Diagnose

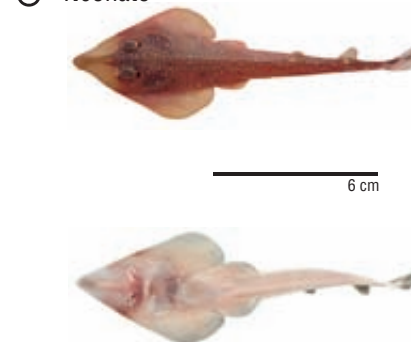
Focinho largo e alongado; disco lanceolado; caudal sem lobo inferior definido; 2 cristas dérmicas na margem posterior do espiráculo; distância da ponta do focinho à margem anterior da boca menor que três vezes a largura da boca. cor do dorso oliva, bege, marrom ou avermelhado, com pequenas manchas pálidas, algumas destas, maiores, arranjasas simetricamente

no dorso; ventre branco amarelado; focinho translúcido, contrastando com a área mediana mais escura; jovens com a ponta inferior do focinho negra e diversas manchas arredondadas escuras. Atinge 110 cm (CT) e 12 kg (PT).

♂ Adulto



♂ Neonato



Hábitat e Comportamento

Comuns em águas costeiras, até 110 metros de profundidade, em fundos de areia, lodo ou cascalho, sendo também observados junto a recifes e costões rochosos. Frequentemente enterram-se parcialmente no sedimento. Alimentam-se de crustáceos, moluscos e pequenos peixes associados a substratos inconsolidados. São mais ativos à noite, quando vários indivíduos são encontrados em áreas restritas; ovovivíparos, os jovens nascem no verão.

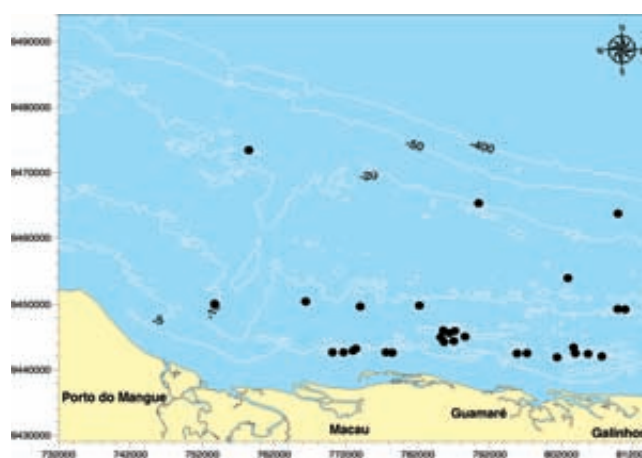
Distribuição Geográfica

Atlântico Ocidental, do Panamá e Jamaica ao norte da Argentina.

Material Coletado

52 exemplares; com comprimento padrão variando de 8 a 60,5 cm.

Ocorrência na Bacia Potiguar - RN



Literatura

McEachran & Carvalho In: Carpenter, 2002.

Dasyatis guttata

(Bloch & Schneider, 1801)

DASYATIDAE

Nome Popular: Raia pontuda

Diagnose

Disco com região anterior e margens laterais angulares; focinho evidente e alongado projetando-se moderadamente a frente do disco; cauda muito longa e estreita, de 2,3 a 3 vezes maior que o disco. Uma larga faixa retangular de pequenos tubérculos no dorso desde a região inter-orbital à base da cauda; uma série de tubérculos e espinhos maiores, originam-se após a cabeça e prolonga-se até a inserção do espinho

serrilhado da cauda. Prega cutânea evidente apenas na parte inferior da cauda, uma crista rígida na parte superior. Cor bege a marrom, eventualmente oliva, com ou sem manchas negras; ventre branco a amarelado; cristas e prega dérmica da cauda negras. Jovens semelhantes aos adultos. Atinge 200 cm de largura do disco (LD).



♂ Jovem



6 cm

Hábitat e Comportamento

Relativamente comuns, de águas costeiras até cerca de 50 metros de profundidade; geralmente observadas sobre fundos de areia, lama ou cascalho, eventualmente próximas a recifes e costões rochosos, geralmente semi-enterradas no substrato. Alimentam-se de crustáceos, moluscos, equinodermos, poliquetas e peixes, que capturam no sedimento utilizando o focinho pontiagudo. Migram para águas mais profundas no inverno e mais rasas no verão, quando se reproduzem; ovovivíparas, as fêmeas dão à luz 2 a 4 filhotes por vez, com cerca de 16 cm (LD); em regiões mais quentes reproduzem-se por todo ano. As raia deste gênero defendem-se com um ferrão, afiado, farpado e recoberto por muco tóxico. É uma das presas favoritas de tubarões martelo (*Sphyrna* spp.) e do mero (*Epinephelus itajara*), que sempre trazem no céu da boca vários ferrões.

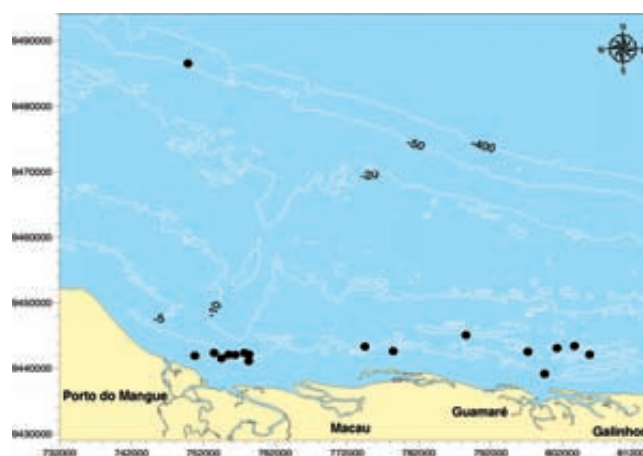
Distribuição Geográfica

Atlântico Ocidental, do México e Cuba a São Paulo.

Material Coletado

32 exemplares; com largura de disco variando de 16 a 52,5 cm.

Ocorrência na Bacia Potiguar - RN



Literatura

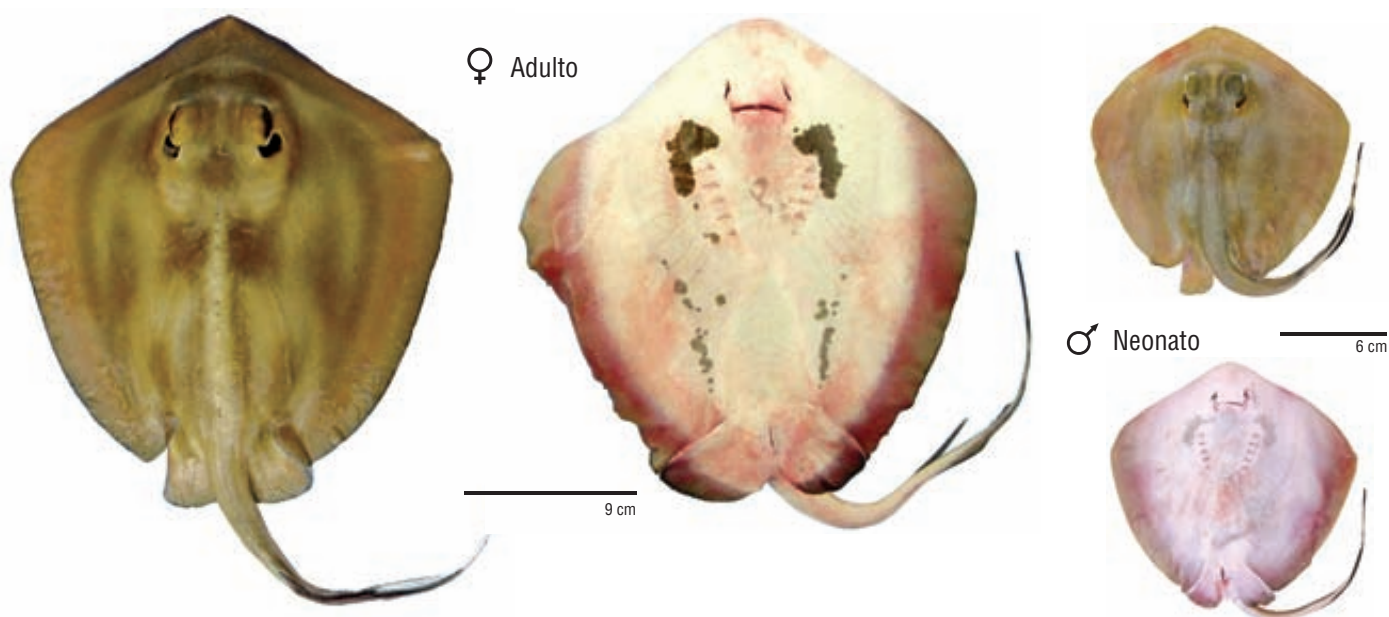
Gomes *et al.*, 2000; Silva *et al.*, 2001; McEachran & Carvalho In: Carpenter, 2002; McEachran & Feckhelm, 2005.

Nome Popular: Raia verde

Diagnose

Similar à *Dasyatis guttata*, porém difere principalmente pelos olhos muito grandes, com diâmetro horizontal do olho quase do mesmo tamanho que o espiráculo e o espaço inter-orbital, também pela coloração do dorso marrom esverdeada, com manchas marrons arredondadas e simétricas. Margens do disco e das pélvicas com uma linha azul clara; uma área dourada em

forma de meia-lua, sob os olhos; ventre branco com grupos de manchas negras diagnósticas, quase simétricas; porção filiforme da cauda de cor violeta; margem ventral do disco escurecida nos adultos. Jovens semelhantes aos adultos, embora as manchas negras ventrais sejam pálidas e sem a margem ventral do disco escura. Atinge 50 cm (LD).



Hábitat e Comportamento

Relativamente comuns nos ambientes recifais e, eventualmente em bancos de algas adjacentes aos recifes, até cerca de 50 metros de profundidade. Jovens são também encontrados em estuários e praias arenosas. Hábitos e comportamento desconhecidos, provavelmente semelhantes à *Dasyatis guttata*.

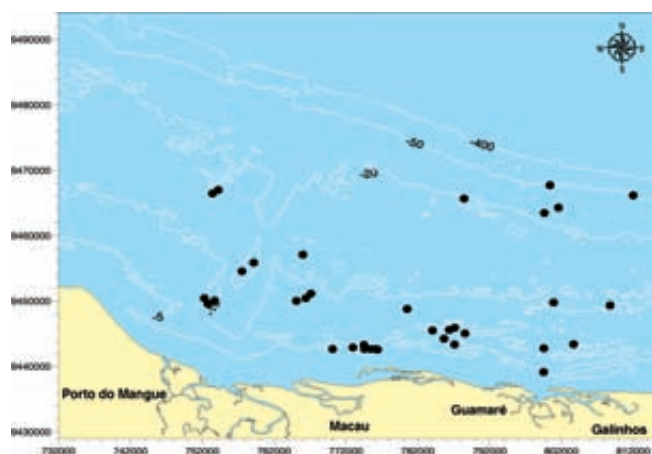
Distribuição Geográfica

Atlântico Ocidental, endêmica do nordeste do Brasil, do Parcel Manuel Luiz (MA) ao Banco dos Abrolhos (BA).

Material Coletado

69 exemplares; com largura de disco variando de 7,5 a 50 cm.

Ocorrência na Bacia Potiguar - RN



Literatura

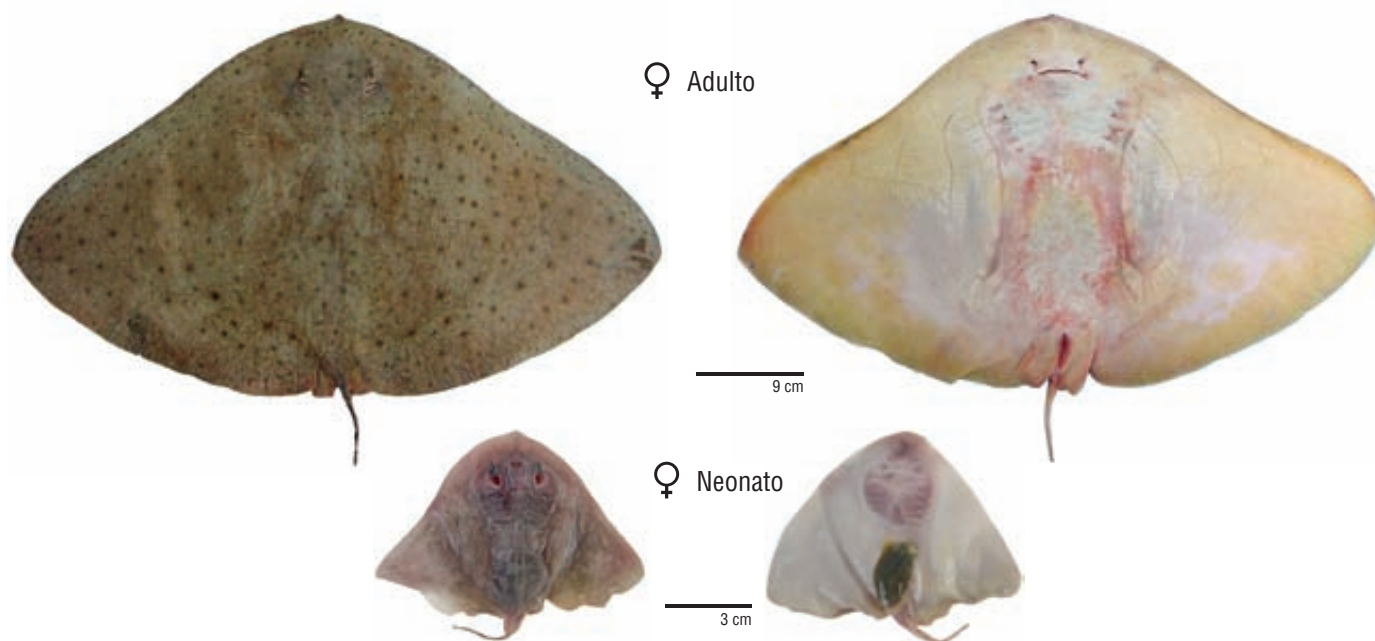
Gomes *et al.*, 2000; Silva *et al.*, 2001; McEachran & Carvalho In: Carpenter, 2002; McEachran & Fechhelm, 2005.

Nome Popular: Raia manteiga

Diagnose

Disco muito mais largo do que longo; cauda muito curta e sem espinho; não tem nadadeiras dorsal ou caudal; sem tentáculo no espiráculo por trás do olho. Cor variando do marrom ao cinza com tons de verde ou púrpura, áreas

mais escuras, linhas ou manchas pálidas; cauda alternando faixas escuras e claras; ventre mais pálido nos adultos. Jovens semelhantes aos adultos. Atinge 137 cm (LD) e 35 kg (PT).



Hábitat e Comportamento

De águas costeiras, entre 2 e 100 metros de profundidade, sobre fundos de areia, banco de algas, cascalho e em áreas de recifes e estuários. Alimentam-se de invertebrados, especialmente de crustáceos e moluscos, além de peixes. Já foram observados cardumes na superfície de águas oceânicas, o que sugere que realizam migrações. São mais comuns na costa no verão, quando nascem os filhotes, com cerca de 16 cm (LD). Possuem grande capacidade de alterar a cor em função do substrato. Preferem águas quentes e alcançam os extremos da sua distribuição apenas no verão.

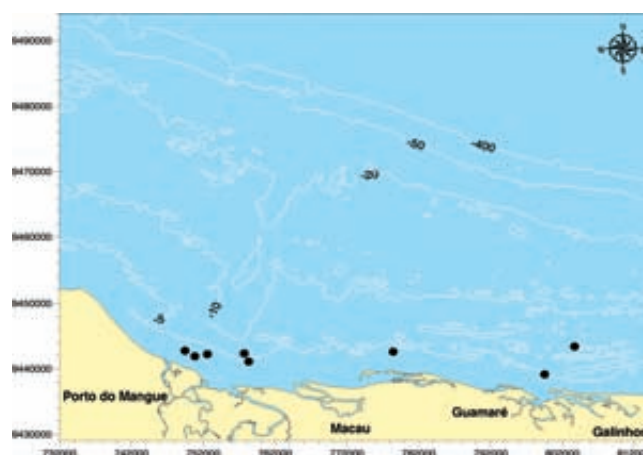
Distribuição Geográfica

Atlântico, no Ocidental da Nova Inglaterra (EUA) a Santa Catarina.

Material Coletado

14 exemplares; com largura de disco variando de 9 (feto da figura acima, abortado durante a coleta) a 62 cm.

Ocorrência na Bacia Potiguar - RN



Literatura

McEachran & Carvalho In: Carpenter, 2002.

Albula vulpes

(Linnaeus, 1758)

ALBULIDAE

Nome Popular: Ubarana focinho de rato

Diagnose

Nadadeira dorsal com 15 a 20 raios (geralmente 17 a 19); anal com 8 ou 9 raios e 65 a 77 séries laterais de escamas. Corpo roliço, focinho cônico e boca pequena, de posição ventral. Nadadeira dorsal sem filamento no último raio. Cor geral prateada, dorso mais escuro, por vezes com

faixas escuras verticais indistintas; os jovens têm uma dupla série de manchas negras no dorso e, com a idade, estas se transformam em linhas escuras verticais que chegam até a linha lateral, desaparecendo mais tarde. Atinge 100 cm (CT) e 10 kg (PT).

Adulto



Hábitat e Comportamento

Relativamente comuns, em águas rasas até 84 metros de profundidade, sobre fundos de areia, cascalho ou lodo e também em áreas adjacentes a ambientes recifais. São ariscos e podem formar grandes cardumes, embora exemplares maiores sejam solitários. Alimentam-se de crustáceos e moluscos, eventualmente de pequenos peixes; as presas associadas ao sedimento são muitas vezes desenterradas por jatos de água lançados pela boca. A reprodução geralmente ocorre no verão. As larvas leptocefálicas são transparentes e em forma de fita, metamorfoseando-se em réplicas dos adultos quando atingem cerca de 23 mm (CT).

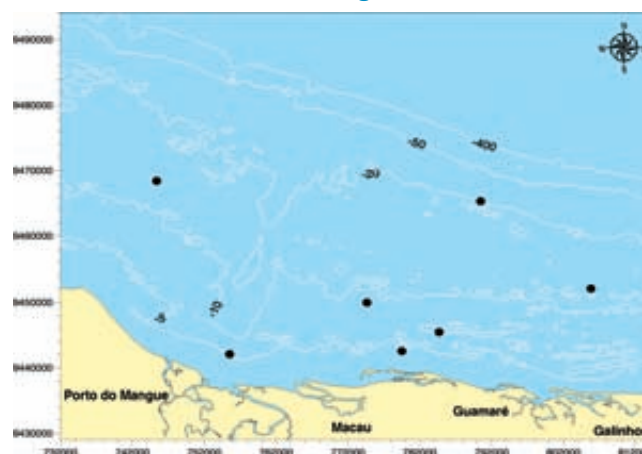
Distribuição Geográfica

A espécie aqui definida como *Albula vulpes* tem atualmente sua ocorrência restrita ao Atlântico Ocidental, da Nova Inglaterra (EUA) a Santa Catarina. As populações restritas as ilhas oceânicas do Atol das Rocas e Fernando de Noronha são provavelmente distintas, necessitando de estudos para solucionar o problema taxonômico.

Material Coletado

19 exemplares; com comprimento padrão variando de 6,5 a 18 cm.

Ocorrência na Bacia Potiguar - RN



Literatura

Randall, 1996; McEachram & Fechhelm, 1998; Carvalho-Filho, 1999; Smith In: Carpenter, 2002.

Channomuraena vittata

(Richardson, 1845)

MURAENIDAE

Nome Popular: Moréia jaguara

Diagnose

Mais robusta que as demais moréias do gênero *Gymnothorax*, possui a cauda mais grossa e curta; nadadeiras confinadas à parte posterior da cauda; olhos pequenos e próximos à ponta do focinho; narina posterior em um curto tubo; maxilar inferior maior que o superior. Cor marrom escuro ou mesmo pálido uniforme, com 13 a 16 faixas largas e verticais escuras muitas vezes unidas semelhantes a anéis,

eventualmente marginadas de claro. Por vezes a cor pode ser avermelhada e as faixas marrons ou marrom acinzentada com barras oliva escuro. Jovens com cor bege pálido com as faixas marrom chocolate. Atinge 150 cm (CT).

Jovem



Hábitat e Comportamento

Raras, ocorrem em regiões recifais desde a costa até em ilhas oceânicas, inclusive no Arquipélago São Pedro e São Paulo; até cerca de 100 metros de profundidade, freqüentemente em fundos de gorgônias e cascalho. Alimentam-se principalmente de peixes. São capazes de expandir a cabeça como uma cobra naja ou fingir-se de morta, quando ameaçadas. O presente registro, além de ser do menor exemplar examinado no Brasil é o terceiro espécime coletado no país.

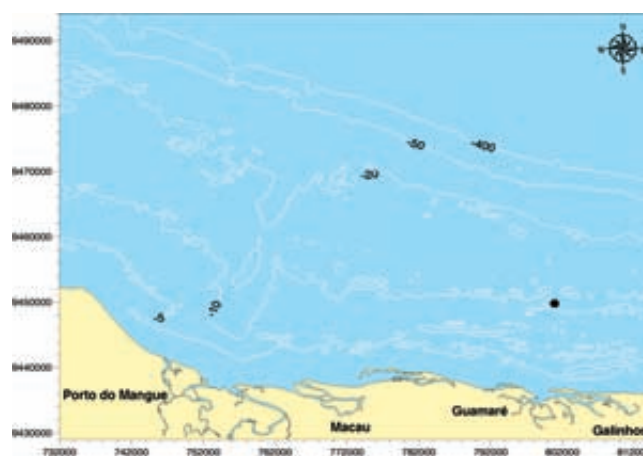
Distribuição Geográfica

Circuntropical; no Atlântico Ocidental das Bermudas e Bahamas, pelo Caribe ao nordeste do Brasil e Espírito Santo, incluindo as ilhas oceânicas brasileiras.

Material Coletado

1 exemplar; com comprimento padrão de 21 cm.

Ocorrência na Bacia Potiguar - RN



Literatura

Carvalho-Filho, 1999; Bohlke & Smith In: Carpenter, 2002; McEachran & Fechhelm, 2005.

Gymnothorax moringa (Cuvier, 1829)

MURAENIDAE

Nome Popular: Moréia pintada

Diagnose

Corpo alongado, muscular, robusto e moderadamente comprimido; nadadeira dorsal com origem no alto da cabeça, entre o canto da boca e a abertura branquial; olho localizado sobre o meio do maxilar; narina posterior um poro acima da margem anterior do olho; dentes lisos, alguns caniniformes; dentes no vômer em uma única série. Cor amarela no dorso e branca no ventre, com muitas manchas irregulares escuras,

geralmente confluentes e com aspecto marmorizado; margens da dorsal e anal brancas em quase todo o comprimento; parte inferior da cabeça com menos manchas e maxilar inferior nos adultos com três manchas brancas circulares, sem a pigmentação característica; jovens com cor escura mais uniforme por todo o corpo e maxilar inferior branco. Atinge 120 cm (CT) e 5 kg (PT).



Adulto



Hábitat e Comportamento

Abundantes, em fundos de coral, rochas e em áreas arenosas com cobertura de vegetal, até cerca de 90 metros de profundidade, eventualmente atingindo 200 m. Muito ativas durante o dia, podendo ser observadas procurando comida e as vezes sendo acompanhadas por outros predadores com que chegam a disputar as o alimento. Outras vezes ficam imóveis e totalmente expostas no fundo, quando peixes dos quais normalmente se alimentam assumem atitude provocativa e as expulsam da área. Alimentam-se de peixes e moluscos. Para respirar as moréias abrem e fecham a boca, bombeando a água para as brânquias, dando a impressão de querer morder. Na reprodução migram em massa para águas afastadas; as larvas, perto da costa, se transformam em jovens menores que a forma larval.

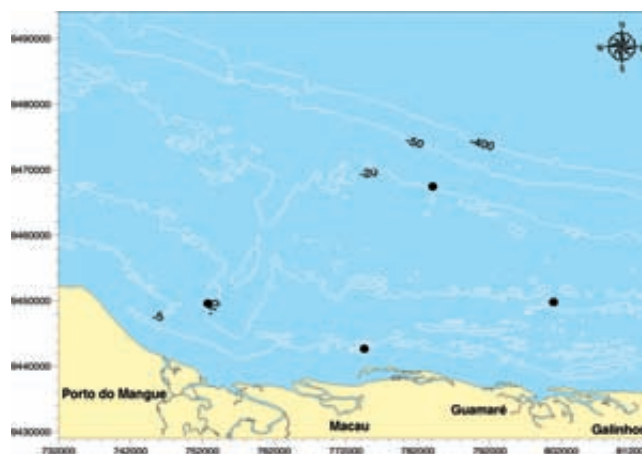
Distribuição Geográfica

Atlântico Ocidental, de Massachusetts (EUA) e Bermudas até Santa Catarina, incluindo as ilhas oceânicas brasileiras.

Material Coletado

6 exemplares; com comprimento padrão variando de 5 a 66 cm.

Ocorrência na Bacia Potiguar - RN



Literatura

Carvalho-Filho, 1999; Bohlke & Smith In: Carpenter, 2002; McEachran & Fechhelm, 2005.

Gymnothorax vicinus

(Castelnau, 1855)

MURAENIDAE

Nome Popular: Moréia marrom

Diagnose

Similar à *Gymnothorax moringa*, se diferencia principalmente pela cor, geralmente com numerosas manchas marrons sobre fundo claro, amarelado a branco; tais manchas, nem sempre são isoladas, mas confluentes, eventualmente são poucas e esparsas; margem da dorsal e anal brancas, mas

com uma faixa sub-marginal negra; focinho e maxilar inferior, beges; interior da boca de cor cinza a púrpura; mancha escura, característica, no canto da boca; íris amarela; jovens escuros, com maxilar inferior pálido. Atinge 120 cm (CT) e 3,5 kg (PT).



Adulto



Hábitat e Comportamento

Abundantes, em fundos de coral, rochas e em áreas arenosas com cobertura de algas, até cerca de 90 metros de profundidade, eventualmente chegando aos 375 m. Hábitos e comportamentos provavelmente semelhantes à *Gymnothorax moringa*.

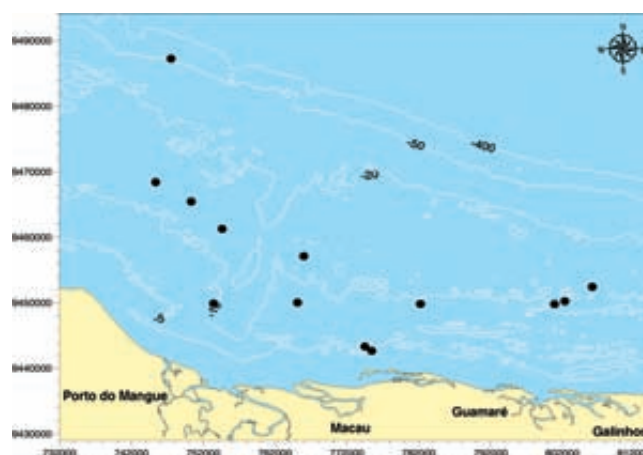
Distribuição Geográfica

Atlântico tropical; no Ocidental, desde a Carolina do Norte (EUA) e Bermudas a Santa Catarina.

Material Coletado

24 exemplares; com comprimento padrão variando de 10 a 87 cm.

Ocorrência na Bacia Potiguar - RN



Literatura

Carvalho-Filho, 1999; Bohlke & Smith In: Carpenter, 2002; McEachran & Fechhelm, 2005; Olavo *et al.* In: Costa *et al.*, 2007.

Nome Popular: Sardinha dentuça

Diagnose

Nadadeira dorsal com 14 ou 15 raios, anal com 38 a 45 raios; 25 a 28 escudos ventrais; 14 a 17 rastros inferiores. Corpo alongado, pouco comprimido; boca terminal com fortes dentes cônicos nos maxilares; longos e fortes caninos anteriores, a única espécie da família Clupeidae do Atlântico Ocidental com tal dentição; anal com início sob a origem

da dorsal. Cor geral rosa amarelada translúcida, órgãos envolvidos por peritônio prateado; uma faixa prateada, nem sempre distinta, nos flancos e no perfil dorsal e ventral; há pontuações negras, principalmente na base da dorsal e da anal. Atinge 15 cm (CT).

Adulto



Hábitat e Comportamento

Ocorrem regiões costeiras, não tendo sido observada além dos 60 metros de profundidade; ocorrem também em estuários e lagoas salobras. Aparentemente não formam grandes cardumes. Comuns em algumas regiões e raras em outras. Alimentam-se principalmente de larvas de peixes e, em menor escala, de crustáceos pelágicos ou bentônicos. Reproduzem-se em mar aberto com ovos e larvas pelágicos.

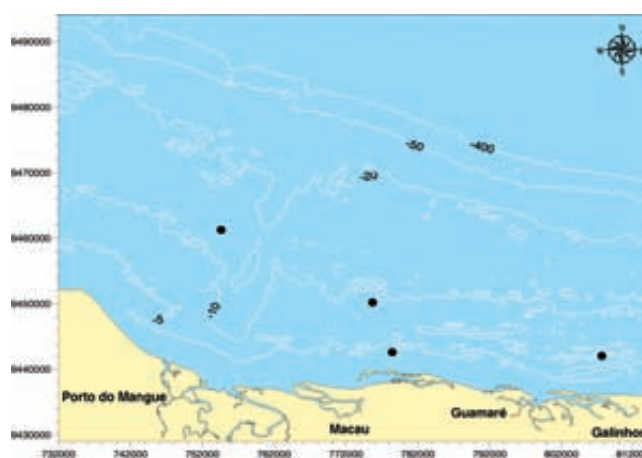
Distribuição Geográfica

Atlântico Ocidental, do Caribe e Costa Rica a Santa Catarina.

Material Coletado

6 exemplares; com comprimento padrão variando de 2 a 8 cm.

Ocorrência na Bacia Potiguar - RN



Literatura

Carvalho-Filho, 1999; Munroe In: Carpenter, 2002; Ditty *et al.* In: Richards, 2006.

Pellona harroweri

(Fowler, 1917)

PRISTIGASTERIDAE

Nome Popular: Sardinha manteiga

Diagnose

Nadadeira dorsal com 15 a 17 raios, anal com 36 a 43 raios; 22 a 26 escudos ventrais; 23 a 25 rastros no ramo inferior do primeiro arco. Corpo relativamente alto e comprimido; olho grande; nadadeira anal longa, com início sob a metade posterior da dorsal; pélvica sob a dorsal e

sem escama axilar; hipomaxila dentada presente; perfil ventral bastante curvo; as escamas soltam-se do corpo com facilidade. Cor prateada, dorso ligeiramente mais escuro, ventre eventualmente amarelado, bem como as nadadeiras dorsal, anal e caudal. Atinge 20 cm (CT).

Adulto



Hábitat e Comportamento

Comuns e costeiras, habitam fundos arenosos, com cascalho ou lodo, entre 1 a 50 metros de profundidade. Aproximam-se da praia à noite, em busca de proteção e possivelmente também de alimento; penetram em estuários e em lagoas salobras, aparentemente não toleram salinidade muito baixa. Formam cardumes eventualmente muito numerosos. Alimentam-se de zooplâncton.

Distribuição Geográfica

Atlântico Ocidental, do Panamá ao sul do Brasil.

Material Coletado

1 exemplar; com comprimento padrão de 14 cm.

Ocorrência na Bacia Potiguar - RN



Literatura

Carvalho-Filho, 1999; Munroe In: Carpenter, 2002; Ditty *et al.* In: Richards, 2006.

Nome Popular: Arenque

Diagnose

Nadadeira dorsal com 13 a 15 raios, anal com 21 a 26 raios. Corpo alongado moderadamente comprimido; cabeça curta; anal com origem sobre a metade anterior da dorsal; dentes grandes no maxilar inferior, distintos e espaçados, característicos. As escamas soltam-se com facilidade e as peitorais mal alcançam a base das pélvicas. Cor prateada com dorso cinza azulado;

nadadeiras amareladas especialmente a caudal com borda externa; podem ocorrer áreas amarelas no dorso, cabeça e flancos; jovens com faixa prateada, que com a idade atinge a maior parte dos flancos. Atinge 30 cm (CT).

Adulto



Hábitat e Comportamento

Comuns em águas costeiras, desde mangues e estuários a praias e baías em águas com até 40 metros de profundidade. Formam cardumes e alimentam-se basicamente de zooplâncton; constituem a base de alimentação para muitos peixes maiores, golfinhos e aves marinhas; abundantes em algumas regiões. A reprodução ocorre da primavera ao verão, os ovos e larvas são pelágicos, estas transformam-se em jovens com cerca de 40 mm (CT).

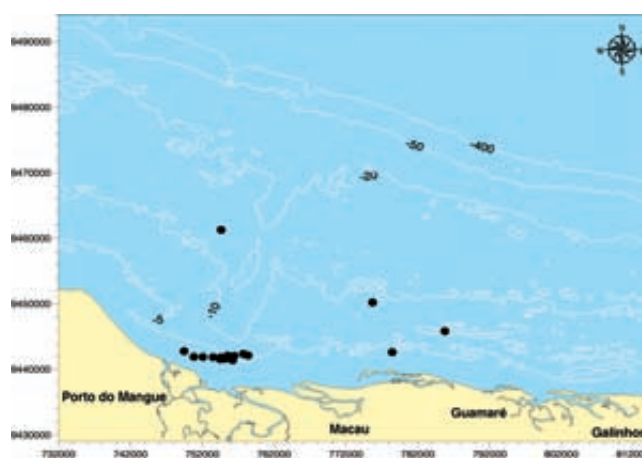
Distribuição Geográfica

Atlântico Ocidental, Venezuela ao norte da Argentina.

Material Coletado

104 exemplares; com comprimento padrão variando de 5 a 19 cm.

Ocorrência na Bacia Potiguar - RN



Literatura

Whitehead *et al.*, 1988; Carvalho-Filho, 1999; Nizinski & Munroe In: Carpenter, 2002; Farooqi *et al.* In: Richards, 2006.

Opisthonema oglinum

(Lesueur, 1818)

CLUPEIDAE

Nome Popular: Sardinha bandeira

Diagnose

Nadadeira dorsal com 19 a 22 raios (geralmente 20); anal com 22 a 25 raios (geralmente 23); 32 a 35 escudos ventrais (geralmente 34). Corpo fusiforme, moderadamente comprimido e alto. O último raio da dorsal é longo e filamentososo, sendo a única espécie da família com tal característica em águas brasileiras. Cor prateada, dorso escuro variando do azul ao verde

ou mesmo quase preto; pequena mancha escura arredondada após o opérculo, na altura da órbita; algumas estrias horizontais escuras no dorso, ao longo do corpo. Jovens semelhantes aos adultos. Atinge 38 cm (CT) e 0,5 kg (PT).



Hábitat e Comportamento

Comuns e pelágicas, de águas costeiras e hábitos migratórios, ocorrem da superfície a cerca de 60 metros de profundidade. São frequentemente observada ao redor de ilhas e próximos a costões rochosos, em grandes cardumes, eventualmente em pequenos cardumes a até mesmo solitários. Preferem temperaturas entre 17 e 29° C. Alimentam-se de pequenos peixes e crustáceos, os jovens de zooplâncton. A reprodução ocorre da primavera ao outono, os ovos e larvas são pelágicos e a transformação destas em jovens ocorrem por volta dos 30 mm (CT). Vivem cerca de 3,5 anos.

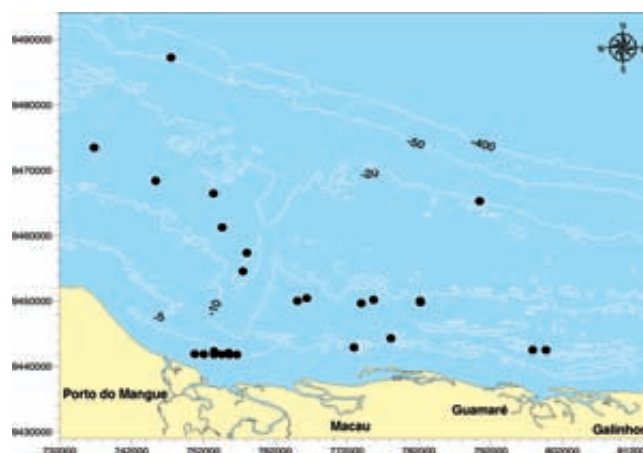
Distribuição Geográfica

Atlântico Ocidental, do Maine (EUA) a Santa Catarina.

Material Coletado

527 exemplares; com comprimento padrão variando de 3 a 24 cm.

Ocorrência na Bacia Potiguar - RN



Literatura

Whitehead, 1985; Carvalho-Filho, 1999; Munroe & Nizinski In: Carpenter, 2002; Ditty *et al.* In: Richards, 2006; Carvalho-Filho In: Carvalho-Filho (in prep).

Nome Popular: Bagre amarelo

Diagnose

Corpo alongado; dois pares de barbilhões no maxilar inferior; barbilhão do maxilar superior cilíndrico; nadadeira adiposa longa, base similar a da base da nadadeira anal; placa óssea dorsal grande e quadrada; dentes do vômer e do palatino pequenos, granulares e compactos, em placas unidas que cobrem quase todo o teto da boca, nos jovens os dentes do vômer são separados por linha mediana em duas

placas por sua vez, são isoladas das do palatino; placas do palatino muito alongadas para trás, próximas, com espaço estreito entre as mesmas. Cor marrom no dorso e pálida no ventre, com pequenos pontos marrons na região inferior dos flancos; em vida possui cor amarelo dourado, rapidamente perdida depois de morto; nadadeiras escuras. Jovens semelhantes aos adultos. Atinge 120 cm (CT).



Hábitat e Comportamento

Comuns especialmente nas águas costeiras e turvas de estuários, lagoas salobras e baías, geralmente, até cerca de 20 metros de profundidade, sobre fundo de areia, cascalho ou lodo, raramente observados em rios costeiros. Alimentam-se basicamente de crustáceos decápodes. A reprodução ocorre do final da primavera ao início do verão; os ovos, de 14 a 38, são incubados na boca do macho.

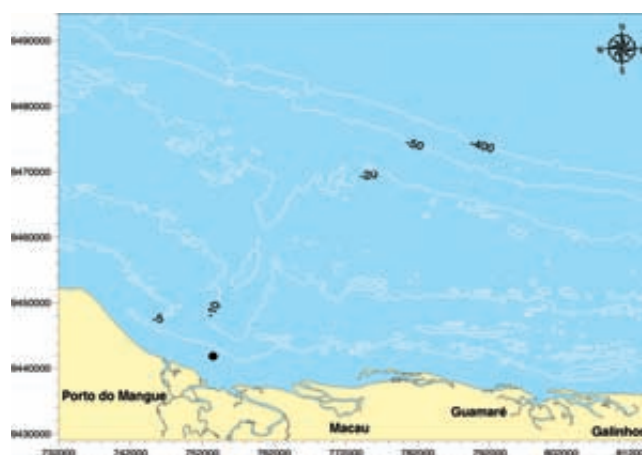
Distribuição Geográfica

Atlântico Ocidental, do sul das Guianas a São Paulo.

Material Coletado

5 exemplares; com comprimento padrão variando de 9 a 12,5 cm.

Ocorrência na Bacia Potiguar - RN



Literatura

Figueiredo & Menezes, 1978; Marceniuk, 2003; Marceniuk & Ferraris In: Reis *et al.*, 2003; Schmidt, 2004.

Bagre bagre

(Linnaeus, 1766)

ARIIDAE

Nome Popular: Bagre fita

Diagnose

Semelhante à *Aspistor luniscutis*, porém, com nadadeira anal maior, variando de 29 a 37 raios, pelos barbilhões superiores mais longos e pelos espinhos das nadadeiras dorsal e peitoral que são, também, mais longos, ultrapassando o início da nadadeira anal. Corpo alongado, sem escamas, cabeça larga e deprimida, parte superior do corpo comprimida; focinho largo e arredondado em vista dorsal; linha lateral evidente;

espinhos das nadadeiras peitorais e dorsal serrilhados e com um longo filamento achatado. Cor variando do cinza ao azulado no dorso, ventre branco; nadadeira anal geralmente com uma mancha escura em sua porção anterior. Jovens semelhantes aos adultos. Atinge 55 cm (CT).

Jovem



Hábitat e Comportamento

Comuns, costeiros e de águas rasas de estuários, lagoas salobras, praias, baías, geralmente até 50 metros de profundidade, sobre fundos de areia, cascalho ou lodo; raramente são observados em rios costeiros. Alimentação e reprodução provavelmente semelhantes à *Aspistor luniscutis*.

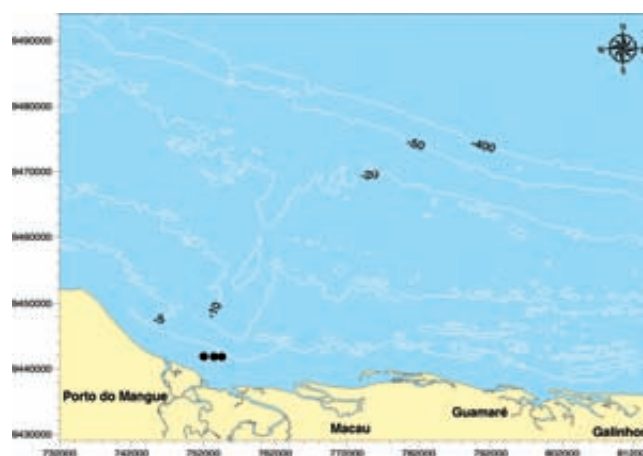
Distribuição Geográfica

Atlântico Ocidental, da Colômbia ao sul do Brasil

Material Coletado

4 exemplares; com comprimento padrão variando de 8,5 a 9 cm.

Ocorrência na Bacia Potiguar - RN



Literatura

Figueiredo & Menezes, 1978; Marceniuk, 2003; Marceniuk & Ferraris In: Reis *et al.*, 2003; Schmidt, 2004.

Bagre marinus

(Mitchill, 1815)

ARIIDAE

Nome Popular: Bagre bandeira

Diagnose

Muito semelhante à *Bagre bagre*, porém, com nadadeira dorsal com 1 espinho e 7 raios e anal relativamente curta, variando de 22 a 28 raios. O par de barbilhões mais longos não atinge a nadadeira anal. Cor, escura no dorso, variando do preto, azul ou marrom, clareando aos poucos nos flancos até

o ventre, geralmente branco, as nadadeiras são pálidas com algumas manchas esparsas e com as extremidades escuras. Jovens semelhantes aos adultos. Atinge 100 (CT) e 6,1 kg (PT).



Hábitat e Comportamento

Comuns em fundos de areia ou lodo, especialmente em lagoas salobras, estuários, canais, mangues, praias e baías. São peixes bentônicos e costeiros que raramente ultrapassam os 50 metros de profundidade. Têm hábitos noturnos e crepusculares. Alimentam-se de invertebrados bentônicos, preferencialmente de crustáceos decapódes, detritos orgânicos e peixes. Observados solitários ou em pequenos cardumes. Os barbilhões têm importante papel tátil na busca por alimentos. A reprodução aparentemente ocorre durante os meses quentes, quando cardumes são formados na boca de rios e em lagoas salobras; os grandes ovos são guardados na boca do macho, assim como os jovens durante certo período. São mais comuns que *Bagre bagre*.

Distribuição Geográfica

Atlântico Ocidental, de Massachusetts (EUA) ao sul do Brasil.

Material Coletado

69 exemplares; com comprimento padrão variando de 6 a 30 cm.

Ocorrência na Bacia Potiguar - RN



Literatura

Figueiredo & Menezes, 1978; Carvalho-Filho, 1999; Acero In: Carpenter, 2002; Marceniuk, 2003.

Synodus foetens

(Linnaeus, 1766)

SYNODONTIDAE

Nome Popular: Peixe lagarto

Diagnose

Nadadeira dorsal com 9 a 12 raios (geralmente 10 ou 11); anal com 11 a 13 raios; 56 a 65 escamas na linha lateral; 4 a 6 séries de escamas entre a linha lateral e a base da dorsal; 20 a 30 escamas pré-dorsais. Cabeça deprimida e grande, o focinho triangular e pontudo em vista dorsal. Base da nadadeira anal, maior ou igual a base da dorsal. Cor cinza oliváceo, marrom ou bege, dependendo do substrato, a região ventral pálida,

branca ou amarelada. Geralmente com cerca de oito manchas negras pouco distintas e em forma de losango ao longo dos flancos. Larvas e jovens com cinco manchas negras redondas, dispostas no ventre entre a cabeça e a base da nadadeira anal. Atinge 50 cm (CT) e 0,9 kg (PT).

Adulto



Hábitat e Comportamento

Comuns e costeiros, freqüentam fundos de areia, cascalho ou lodo, onde caçam ficando parcialmente enterrados e camuflados no fundo; possuem grande capacidade de alterar seu padrão de cor conforme o substrato. Vivem entre 1 a 200 metros de profundidade, entretanto, são mais freqüentes até cerca de 20 m. São predadores vorazes de pequenos peixes e eventualmente invertebrados; À noite em postura de caça, sobre pequenos montes de areia, à espreita de pequenos peixes. A reprodução ocorre da primavera ao verão, os ovos e larvas são pelágicos e estas se transformam em jovens ao atingirem cerca de 25 mm (CT).

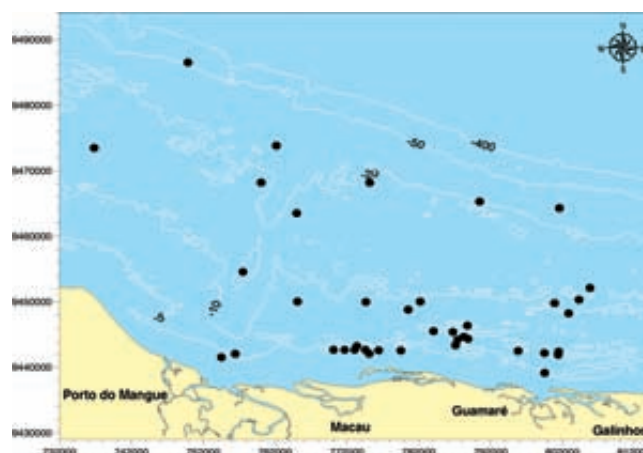
Distribuição Geográfica

Atlântico Ocidental, de Massachusetts (EUA) ao sul do Brasil.

Material Coletado

72 exemplares; com comprimento padrão variando de 4 a 30 cm.

Ocorrência na Bacia Potiguar - RN



Literatura

Anderson *et al.*, 1966; Carvalho-Filho, 1999; Humann & Deloach, 2002; Russell In: Carpenter, 2002; McEachran & Fechhelm, 2005; Ditty *et al.* In: Richards, 2006; Carvalho-Filho *et al.* In: Carvalho-Filho (in prep).

Synodus intermedius

(Spix & Agassiz, 1829)

SYNODONTIDAE

Nome Popular: Peixe lagarto

Diagnose

Nadadeira dorsal com 11 a 13 raios; anal com 10 a 12 raios; 43 a 52 escamas na linha lateral; 3 séries de escamas entre a linha lateral e a base da dorsal. Cabeça deprimida e grande; focinho curto, com maxilar inferior arredondado anteriormente, sem projeção carnosa; espaço inter-orbital bastante côncavo; pélvicas grandes com raios internos maiores que os externos; a ponta dos raios anteriores da dorsal não ultrapassa a ponta dos raios posteriores. Cor

cinza a marrom, com tons variáveis, mas geralmente com linhas amarelas horizontais sobre fundo verde; cerca de oito manchas mais escuras em forma de losango, nos flancos; uma mancha negra evidente atrás da cabeça, na porção coberta pelo opérculo; ventre claro; nadadeiras peitorais, dorsal e caudal com faixas alternadas pálidas e escuras. Atinge 50 cm (CT) e 1 kg (PT).

Adulto



Hábitat e Comportamento

Comuns, em fundos de algas, bolsões de areia ou cascalho próximos de costões rochosos e recifes ocorrem; de 1 a 320 metros de profundidade. Diurnos, espreitam presas permanecendo camuflados no fundo ou ficando parcialmente enterrados. Alimentam-se geralmente de pequenos peixes. Vorazes, podem consumir cerca de 12 % de seu peso corporal em um dia. Mudam de local periodicamente, voltando a ficar imóveis no fundo. Eficientes em sua camuflagem permitem a aproximação e, quando afugentados mudam-se rapidamente para um local próximo. A reprodução acontece durante a primavera de forma semsemelhante a *Synodus foetens*.

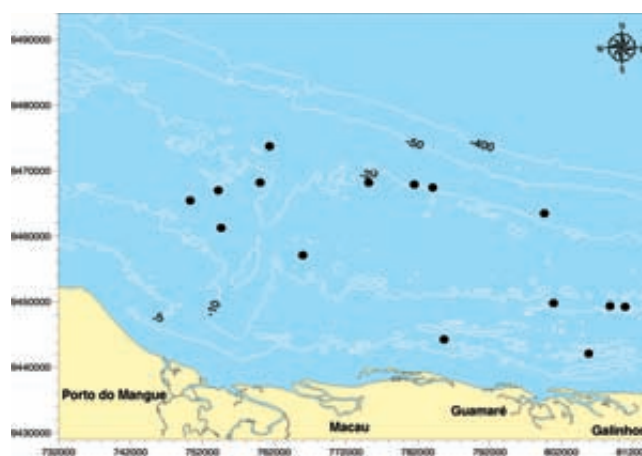
Distribuição Geográfica

Atlântico Ocidental, da Carolina do Norte (EUA) a Santa Catarina.

Material Coletado

24 exemplares; com comprimento padrão variando de 5 a 31,5 cm.

Ocorrência na Bacia Potiguar - RN



Literatura

Anderson *et al.*, 1966; Carvalho-Filho, 1999; Humann & Deloach, 2002; Russell In: Carpenter, 2002; McEachran & Fechhelm, 2005; Ditty *et al.* In: Richards, 2006; Carvalho-Filho *et al.* In: Carvalho-Filho (in prep).

Trachinocephalus myops

(Forster, 1801)

SYNODONTIDAE

Nome Popular: Peixe lagarto

Diagnose

Nadadeira dorsal com 11 a 12 raios; anal com 14 a 16 raios; 54 a 58 escamas na linha lateral; 14 a 16 raios na nadadeira anal. Cabeça deprimida e grande com focinho curto e bastante arredondado; espaço interorbital côncavo; boca bastante inclinada com maxilar inferior projetando-se à frente do superior; origem da nadadeira anal aproximadamente na metade da distância entre a base da caudal e a base das peitorais (mais próxima da caudal em

Synodus). Cor amarelada a bege, ventre branco a amarelo; numerosas estrias longitudinais, alternadas, de cor azul esverdeada a amarela no dorso. Cinco manchas escuras no dorso, que atingem a linha lateral. Mancha negra na parte superior do opérculo. Jovens com a primeira mancha após a cabeça, situada em posição mais alta que as demais. Atinge 50 cm (CT).

Adulto



Hábitat e Comportamento

Comuns em vários tipos de fundo, de areia a recifes, rochas e cascalho, entre 1 a 400 metros de profundidade. Muito vorazes, alimentam-se de peixes relativamente grandes. Caçam semi-enterrados, camuflados com fundos não consolidados, geralmente sobre montículos de sedimento apenas com parte da cabeça exposta. A reprodução ocorre da primavera ao verão, os ovos e larvas são pelágicos e estas se transformam em jovens com cerca de 25 mm (CT). Vivem aproximadamente 7 anos.

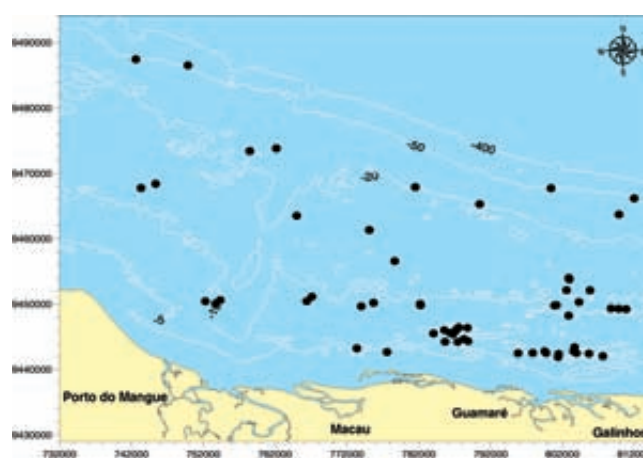
Distribuição Geográfica

Atlântico, no Ocidental de Massachussets (EUA) ao sul do Brasil; no Oriental da Mauritânia a Namíbia, incluindo as ilhas de Cabo Verde, Ascensão e Santa Helena.

Material Coletado

197 exemplares; com comprimento padrão variando de 4,5 a 35 cm.

Ocorrência na Bacia Potiguar - RN



Literatura

Anderson *et al.*, 1966; Carvalho-Filho, 1999; Humann & DeLoach, 2002; Russell In: Carpenter, 2002; McEachran & Fechhelm, 2005; Ditty *et al.* In: Richards, 2006; Carvalho-Filho *et al.* In: Carvalho-Filho (in prep).

Nome Popular: sem nome popular

Diagnose

Nadadeira dorsal com 128 a 136 raios, anal com 128 a 136 raios; espinho rostral longo e recurvado, alcançando a ponta do focinho, sem componente basal vertical; sem dentes basibrânquiais medianos; cabeça extensivamente coberta por linhas imbricadas de escamas ciclóides, exceto no focinho, lábios e membrana branquiostegal; olhos grandes, corpo

comprimido lateralmente, afilando-se na forma de punhal; corpo cinza escuro ou cinza amarronzado sem manchas; região ventral clara, nadadeiras dorsal e anal pálidas com margens escuras; nadadeiras pélvicas escuras na metade anterior e pálidas na posterior. Atinge 28 cm (CT).

Adulto



Hábitat e Comportamento

Embora considerada comum ao longo de sua área de distribuição geográfica, seus hábitos são pouco conhecidos. São encontrados em fundos, de areia, cascalho ou algas, entre 6 e 90 metros de profundidade.

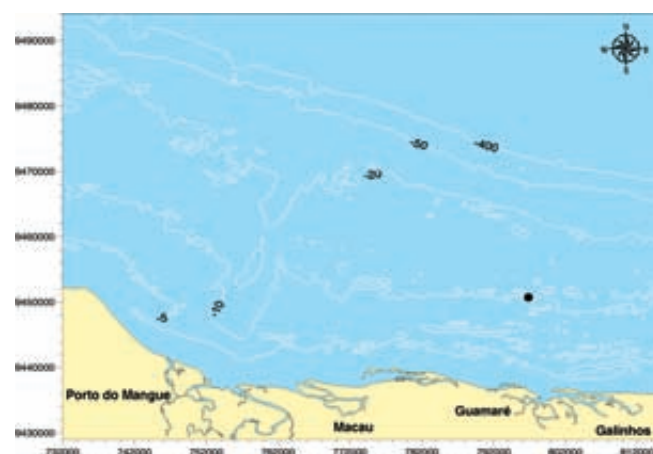
Distribuição Geográfica

Atlântico Ocidental, do nordeste da Flórida (EUA) e norte do Golfo do México ao nordeste do Brasil.

Material Coletado

1 exemplar; com comprimento padrão de 8 cm.

Ocorrência na Bacia Potiguar - RN



Literatura

Carvalho-Filho, 1999; Nielsen *et al.*, 1999; Froese & Pauly, 2006

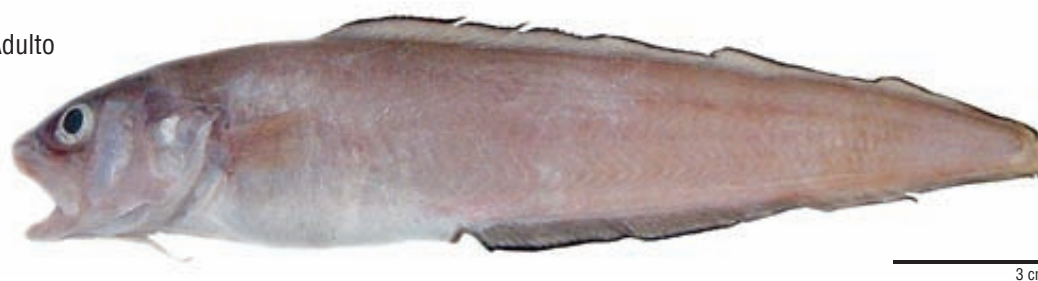
Nome Popular: sem nome popular

Diagnose

Cabeça e corpo de cor uniforme, clara ou ligeiramente escurecida, exceto pelas margens enegrecidas das nadadeiras dorsal e anal; Atinge 30 cm (CT). Cabeça sem escamas e sem espinhos no focinho, opérculo ou pré-opérculo; rastros

branquiais no primeiro arco com dois rudimentos no ramo superior; perfil dorsal quase reto (não arqueado) da ponta do focinho à origem da dorsal; corpo notavelmente alto na origem da dorsal.

Adulto



Hábitat e Comportamento

Comuns, ocorrendo desde águas rasas em baías até cerca de 75 metros de profundidade. Habita fundos de substrato não consolidado. Pouco se conhece sobre seus hábitos.

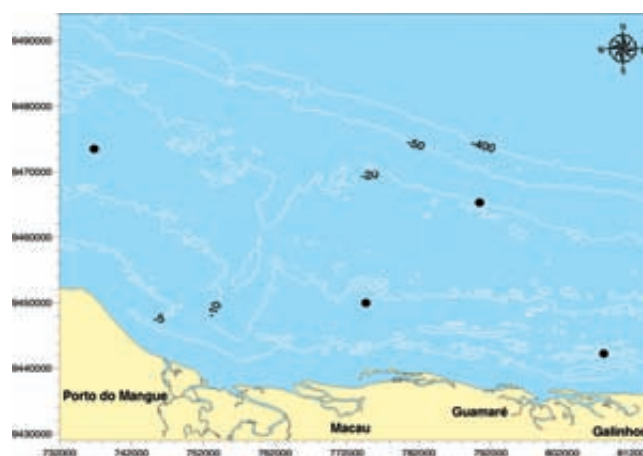
Distribuição Geográfica

Atlântico Ocidental, da Carolina do Norte (EUA) e norte do Golfo do México ao sudeste do Brasil.

Material Coletado

4 exemplares; com comprimento padrão variando de 6,5 a 21 cm.

Ocorrência na Bacia Potiguar - RN



Literatura

Carvalho-Filho, 1999; Nielsen *et al.*, 1999; Froese & Pauly, 2006

Nome Popular: Mangangá

Diagnose

Nadadeira dorsal com 2 espinhos e 34 a 37 raios; anal com 33 ou 34 raios; peitoral com 18 a 19 raios; primeiro arco branquial com 13 a 16 rastros, incluindo rudimentos. Corpo robusto, deprimido, afinando em direção à cauda; cabeça grande e larga; espinho opercular presente e inteiro como os da nadadeira dorsal, nenhum associado a glândulas de

veneno; sem cirros na região orbital; quatro linhas laterais, todas com fotóforos; dentes em forma de caninos. Cor variável, geralmente marrom escura ou bege com manchas escuras alternadas; ventre branco; uma faixa negra um pouco inclinada e curva, sob o olho. Jovens pálidos com nadadeiras quase transparentes. Atinge 29 cm (CT).

Jovem



Hábitat e Comportamento

Raros e costeiros, vivem em fundos de areia ou lodo, entre 1 e 100 metros de profundidade, de estuários a borda da plataforma continental. Permanecem semi-enterrados e imóveis, no aguardo de presas como moluscos gastrópodes e crustáceos. A época de reprodução varia do final da primavera ao outono, quando se dirigem habitats rochosos onde os ovos adesivos são depositados nas frestas das rochas ou sob lajes; o macho guarda ovos e os jovens, até que estes atinjam cerca de 12 mm (CT).

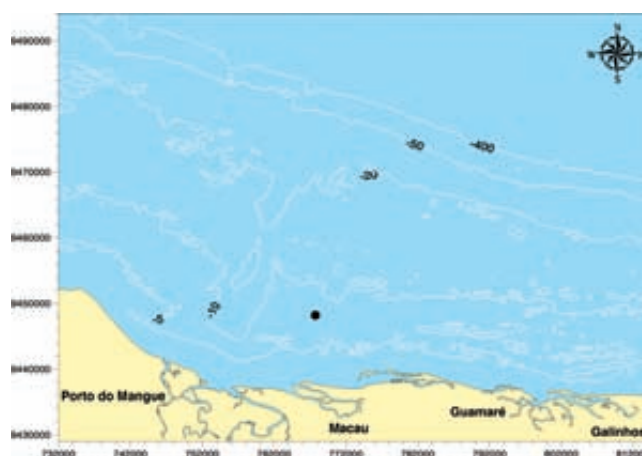
Distribuição Geográfica

Atlântico Ocidental, da Virgínia (EUA) ao nordeste do Brasil.

Material Coletado

1 exemplar; com comprimento padrão de 5 cm.

Ocorrência na Bacia Potiguar - RN



Literatura

Cervigón, 1991; Menezes & Figueiredo, 1998; Carvalho-Filho, 1999; Collette In: Carpenter, 2002; McEachran & Fechhelm, 2005; Collette In: Richards, 2006.

Nome Popular: Anequim

Diagnose

Nadadeira dorsal com 2 espinhos e 19 a 21 raios, geralmente 20; anal com 18 a 20 raios (geralmente 19); peitoral com 15 a 16 raios. Corpo robusto e deprimido, afinando em direção à cauda; cabeça grande e larga; espinho opercular presente, oco como os da nadadeira dorsal, todos associados a glândulas de veneno; região orbital com 1 a 4 cirros junto à margem do olho; uma única linha lateral; não possuem fotóforos e nem dentes em forma de caninos. Cor geral marrom, ventre branco; dorso com quatro faixas verticais mais escuras, a primeira sob

os espinhos da dorsal, a segunda e a terceira, abaixo dos raios da mesma nadadeira e a última no pedúnculo caudal; manchas negras e redondas, na cabeça e, menos intensas, no dorso e flancos; conforme a intensidade destas manchas, as faixas escuras nos flancos podem ser mais ou menos distintas; nadadeiras dorsal, anal, peitorais e caudal, escuras com margens claras. Jovens semelhantes aos adultos, todavia mais pálidos, com muitas manchas pequenas e escuras desde a cabeça até o dorso e sem faixas. Atinge 17 cm (CT).

Adulto



Hábitat e Comportamento

Comuns e costeiros, vivem em fundos de areia ou lodo, entre 1 e 60 metros de profundidade, ocorrendo desde estuários e mangues a baías abertas. Permanecem com o corpo semi-enterados e, imóveis, no aguardo de presas tais como moluscos gastrópodes, crustáceos e pequenos peixes. A época de reprodução não está definida; os ovos são grandes e adesivos, sendo depositados pela fêmea em superfícies rígidas (conchas, pedras e troncos de árvores) e guardados pelo macho, que se mantém próximo ao ninho. Ao serem pisados ou inadvertidamente manuseados podem injetar um veneno, através dos espinhos da nadadeira dorsal e do opérculo, causando forte dor local, inflamação, febre e mal estar intenso.

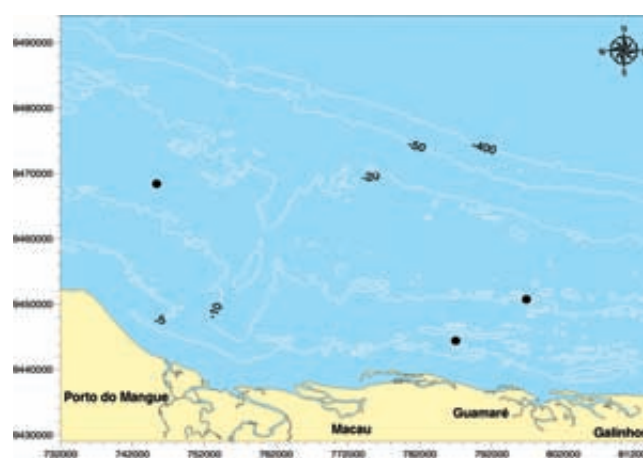
Distribuição Geográfica

Atlântico Ocidental, da Virgínia (EUA) ao nordeste do Brasil.

Material Coletado

10 exemplares; com comprimento padrão variando de 3,5 a 17,5 cm.

Ocorrência na Bacia Potiguar - RN



Literatura

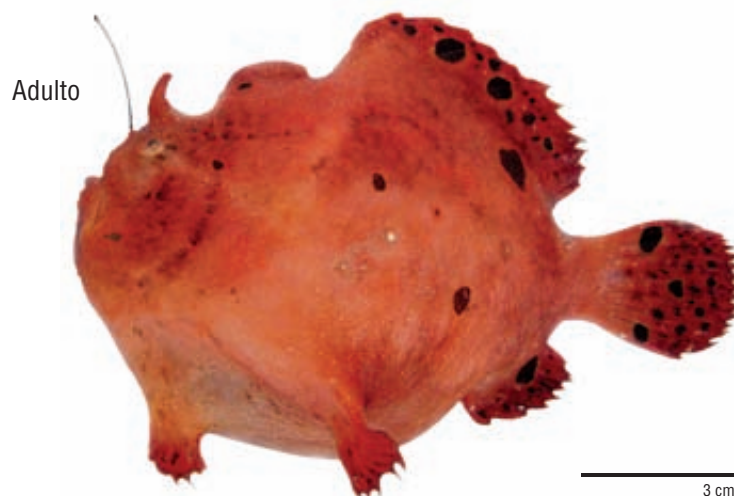
Cervigón, 1991; Menezes & Figueiredo, 1998; Carvalho-Filho, 1999; Collette In: Carpenter, 2002; McEachran & Feckhelm, 2005; Collette In: Richards, 2006.

Nome Popular: Antenarius

Diagnose

Nadadeira dorsal com 3 espinhos e 11 a 12 raios, anal com 6 ou 7 raios. Os três espinhos da dorsal são bem separados; o primeiro, o ilício, é modificado, livre, longo, estreito e com apêndice terminal dérmico, denominado esca. O ilício é cerca de duas vezes maior que o segundo espinho. Corpo globoso com boca grande e voltada para cima; nadadeiras peitorais e ventrais modificadas, com base ampla e semelhante a membros; pele áspera. Coloração

variável, do bege ao vermelho, verde, cinza ou negro, com manchas variadas, mas sempre com duas manchas redondas negras e oceladas, uma na base posterior da dorsal e a outra na anal; presença de três a quatro manchas similares e menores na cauda; mancha pequena, branca e evidente acima e por trás da peitoral e outra, maior e irregular, ao final da dorsal, mais evidentes em animais escuros. Jovens semelhantes aos adultos. Atinge 20 cm (CT).



Hábitat e Comportamento

Encontrado em águas rasas de recifes, especialmente próximos a esponjas e corais, entre 1 e 66 metros de profundidade. De hábitos demersais e lentos, permanecem imóveis a maior parte do tempo, a espreita de presas que atrai agitando o ilício, em movimentos rápidos. O grande estômago elástico permite engolir peixes e crustáceos maiores que seu próprio corpo. Mais comum que *Antennarius striatus*, todavia é dificilmente observado devido sua eficiente camuflagem com esponjas e corais. Aparentemente a reprodução ocorre ao longo do ano, os ovos são depositados em uma massa gelatinosa e flutuante em forma de fita e que eclodem em aproximadamente 72 horas.

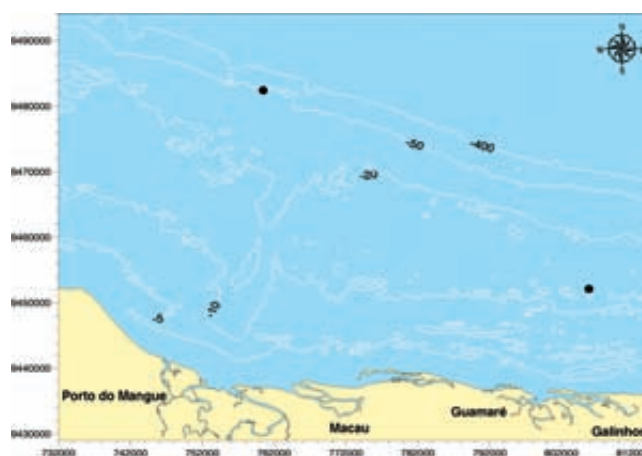
Distribuição Geográfica

Atlântico Ocidental Tropical, das Bahamas, Bermudas e Florida (EUA) a São Paulo. Presente também no Atol das Rocas e em Fernando de Noronha.

Material Coletado

4 exemplares; com comprimento padrão variando de 4 a 12 cm.

Ocorrência na Bacia Potiguar - RN



Literatura

Pietsch & Grobecker, 1987; Randall, 1996; McEachram & Fechhelm, 1998; Carvalho-Filho, 1999; Pietsch In: Carpenter, 2002; Jackson In: Richards, 2006.

Nome Popular: Antenarius

Diagnose

Semelhantes a *Antennarius multiocellatus*, porém com comprimento do ilício de tamanho similar ao do segundo espinho dorsal e pela coloração; filamentos dérmicos podem crescer na pele, aumentando sua capacidade de camuflagem com algas. O colorido de fundo é diverso,

sendo comuns tons de amarelo, laranja, marrom, cinza ou verde, sempre com estrias e manchas escuras por todo o corpo. Há ainda um padrão de colorido totalmente negro com a esca branca contrastante. Jovens semelhantes aos adultos. Atinge 25 cm (CT).

Adulto



Hábitat e Comportamento

São demersais e vivem nos mais variados fundos, desde recifes, banco de algas, areia ou lodo, entre 0,5 e 220 metros de profundidade. Possuem os mesmos comportamentos e reprodução de *Antennarius multiocellatus*. Podem inflar o corpo com água ou ar quando perturbados, semelhantes aos baiacús. Embora comuns, são raramente observados, devido a eficiente camuflagem com o substrato.

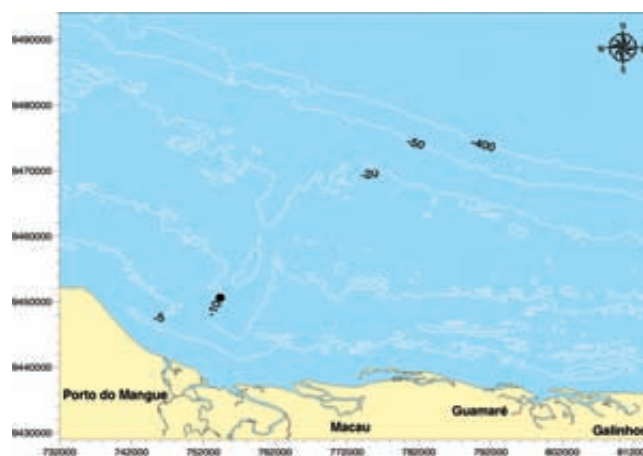
Distribuição Geográfica

Circuntropical, no Atlântico Ocidental de Nova Jersey (EUA) ao norte da Argentina.

Material Coletado

1 exemplar; com comprimento padrão de 10 cm.

Ocorrência na Bacia Potiguar - RN



Literatura

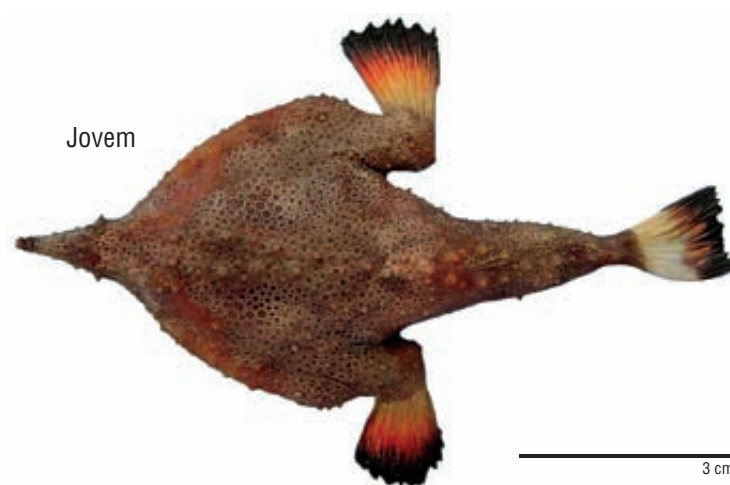
Pietsch & Grobecker, 1987; Randall, 1996; McEachram & Fechhelm, 1998; Carvalho-Filho, 1999; Pietsch In: Carpenter, 2002; Jackson In: Richards, 2006.

Nome Popular: Peixe morcego

Diagnose

Nadadeira dorsal com 3 ou 5 raios; anal geralmente com 4 raios; nadadeira peitoral com membrana grossa e opaca, com 13 a 15 raios (geralmente 14) e com uma almofada dérmica na parte inferior das extremidades dos mesmos. Corpo deprimido e sub-triangular quando visto de cima; dorso e ventre com tubérculos irregulares e pequenos escudos redondos; nadadeira peitoral separada da cauda; rostro muito longo e proeminente, de 17 a 29 % do comprimento padrão; linha lateral geralmente com 9 escamas sub-operculares. Cor de fundo extremamente variável, do amarelo claro ao marrom

escuro, vários tons de cinza, bege ou vermelho; algumas manchas escuras, grandes e irregulares no dorso, cabeça e cauda; áreas negras simétricas, intermeadas por linhas claras formando um rendilhado em várias regiões do corpo; ventre geralmente rosado ou pálido; nadadeiras peitorais, pélvicas e caudal com reticulado de linhas claras na porção anterior, nadadeiras claras, passando ao marrom avermelhado e com margens escuras. Jovens semelhantes aos adultos. Atinge 30 cm (CT).



Hábitat e Comportamento

Comuns em fundos recifais, rochosos, arenosos e estuarinos, entre 1 e 150 metros de profundidade. Alimentam-se de crustáceos, moluscos, poliquetas, equinodermos, algas e peixes. Durante o dia permanecem imóveis em frestas, sob pedras ou entre raízes de mangue ou algas. São mais ativos durante o crepúsculo movendo-se com o auxílio das nadadeiras peitorais. Durante a caça revolve o fundo com o rostro ou expele jatos de água com a boca, capturando as presas em movimentos mais rápidos. É capaz de nadar rapidamente na coluna d'água. A reprodução ocorre da primavera ao verão, provavelmente no habitat em que vivem; os ovos são pelágicos.

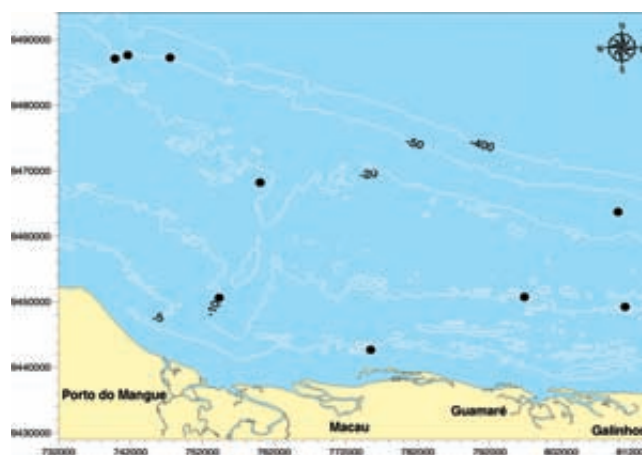
Distribuição Geográfica

Atlântico Ocidental, da foz do Amazonas (Brasil) a foz do Rio da Prata (Uruguai e Argentina).

Material Coletado

15 exemplares; com comprimento padrão variando de 6 a 25,5 cm.

Ocorrência na Bacia Potiguar - RN



Literatura

Bradbury, 1980; Lopes & Miranda, 1995; Cavalcanti & Lopes, 1998; Carvalho-Filho, 1999; Gibran & Castro, 1999; Bradbury In: Carpenter, 2002; McEachran & Fechhelm, 2005; Jackson In: Richards, 2006.

Cheilopogon cyanopterus

(Valenciennes, 1847)

EXOCOETIDAE

Nome Popular: Voador holandês

Diagnose

Nadadeira dorsal moderadamente alta e com maior número de raios que a anal, de 12 a 14; anal curta, com 9 a 11 raios; pélvica longa, contida de 3,3 a 3,8 vezes no comprimento padrão e ultrapassando a base da anal; peitoral moderada, contida de 1,4 a 1,5 vezes no comprimento padrão posterior da nadadeira anal e com apenas o raio mais externo não ramificado; maxilares de comprimento similar; focinho menor que o diâmetro ocular. Jovens com

dois barbilhões muito longos no queixo. Dorso azul escuro, pálidos nos flancos e ventre; dorsal cinza com uma grande mancha negra central; anal transparente; caudal cinza escura a preta; peitoral azul escura, com a margem externa e raios inferiores claros; pélvica pálida. Jovens com a dorsal alta e negra e as demais nadadeiras parcialmente pigmentadas. Atinge 45 cm (CT).

Adulto



Hábitat e Comportamento

Comuns em águas costeiras e oceânicas, sempre na superfície em profundidades até 20 metros. Abundantes, especialmente em águas mais afastadas da costa, todavia são eventualmente encontrados em águas costeiras. Alimentam-se de zooplâncton. São atraído por luzes durante a noite. A reprodução e migração sazonal ocorrem entre novembro e abril na região do Arquipélago de São Pedro e São Paulo; os ovos são pelágicos e adesivos sendo depositados em qualquer objeto flutuante; as larvas também são pelágicas e se transformam em jovens ao atingirem 8 a 10 mm (CT). São presas de muitas espécies de peixes oceânicos, golfinhos e aves marinhas.

Distribuição Geográfica

Indo-Pacífico e Atlântico; no Ocidental, de New Jersey (EUA) a São Paulo, incluindo as ilhas oceânicas brasileiras; no Oriental, da Guiné ao Gabão.

Material Coletado

1 exemplar; com comprimento padrão de 28 cm.

Ocorrência na Bacia Potiguar - RN



Literatura

Staiger, 1965; Monteiro *et al.*, 1998; McEachran & Fechhelm, 1998; Parin In: Carpenter, 2002; Cootten & Comyns In: Richards, 2006; Parin In: Froese & Pauly, 2006; Carvalho-Filho In: Carvalho-Filho (in prep).

Nome Popular: Voador preto

Diagnose

Nadadeira peitoral moderada, contida de 1,4 a 1,6 vezes no comprimento padrão atingindo à anal e com apenas o raio mais externo não ramificado; dorsal baixa e com maior número de raios que a anal, de 11 a 14; anal curta, com 7 a 11 raios; pélvica longa, contida de 2,5 a 3,3 vezes no comprimento padrão e ultrapassando a origem da anal; inserção da pélvica mais próxima do opérculo que da origem da caudal; maxilar

inferior ligeiramente maior que o superior; focinho menor que o diâmetro ocular. Jovens com dois barbilhões muito curtos no queixo. Dorso escuro, pálido nos flancos e ventre; dorsal e caudal cinzas; anal transparente; peitoral cinza, com uma faixa triangular pálida e margem externa também pálida; pélvica pálida. Jovens com várias faixas escuras nos flancos e nadadeiras. Atinge 32 cm (CT).

Adulto



Hábitat e Comportamento

Comuns em águas costeiras e neríticas, raros no mar aberto, sempre na superfície. Abundantes, especialmente na plataforma continental, mas raro em águas mais afastadas da costa. Alimentam-se de zooplâncton. São atraído por luzes durante a noite. Reprodução e migração pouco conhecidas, mas sabe-se que formam grandes cardumes e a desova, ovos e larvas semelhantes à *Cheilopogon cyanopterus*. São presas de muitas espécies de peixes oceânicos, golfinhos e aves marinhas.

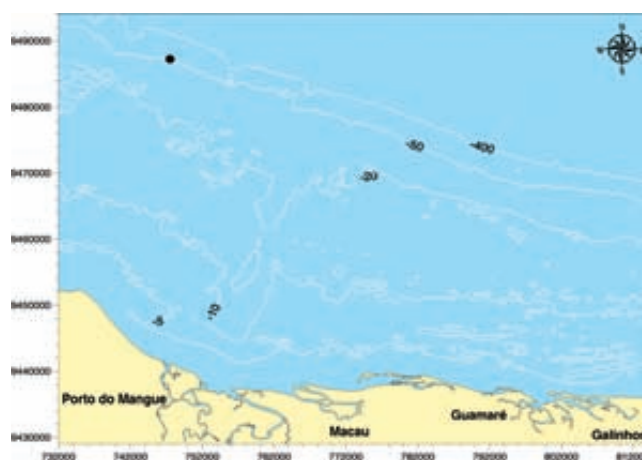
Distribuição Geográfica

Atlântico; no Ocidental, de Massachusetts (EUA) ao sul do Brasil; no Oriental do Senegal a Libéria.

Material Coletado

1 exemplar; com comprimento padrão de 25,5 cm.

Ocorrência na Bacia Potiguar - RN



Literatura

Staiger, 1965; Monteiro *et al.*, 1998; McEachran & Fechehm, 1998; Parin In: Carpenter, 2002; Cootten & Comyns In: Richards, 2006; Parin In: Froese & Pauly, 2006; Carvalho-Filho In: Carvalho-Filho (in prep).

Nome Popular: Mariquita

Diagnose

Nadadeira dorsal com 11 espinhos e 14 a 16 raios; anal com 4 espinhos e 10 raios; linha lateral com 45 a 51 escamas com poros (geralmente 47 a 49). Ângulo do pré-opérculo agudo com um espinho afiado, forte e mais longo que largo; maxilar superior alcança ou ultrapassa o centro do olho; lobo superior da nadadeira caudal notavelmente maior que o inferior; raios anteriores da nadadeira dorsal alongados; as larvas apresentam espinho rostral simples. Cor variando de rosa a vermelho com reflexos dourados, o dorso mais escuro e o ventre claro; faixas estreitas, prateadas e longitudinais ao longo do corpo, mais largas

na parte inferior; topo da cabeça, face e focinho vermelhos; parte superior do maxilares, superior e inferior, brancos; uma linha branca horizontal ao longo da face; espinhos da nadadeira dorsal amarelados, as membranas entre os mesmos verde amareladas, com margem distal vermelha; raios da dorsal rosados; nadadeira caudal rosada com os raios externos brancos; nadadeira anal rosada com a parte anterior branca. Frequentemente assumem cor mosqueada de branco e rosa. Jovens semelhantes aos adultos, todavia mais pálidos e sem os raios das nadadeiras dorsal e caudal alongados. Atinge 61 cm (CT) e 1,2 kg (PT).

Adulto



Jovem



Hábitat e Comportamento

Comuns em recifes e costões rochosos, até 274 metros de profundidade. Durante o dia permanecem em fendas ou sob lajes, com curtos deslocamentos; à noite saem para caçar alimentam-se basicamente de crustáceos. Em certas épocas e regiões formam cardumes numerosos na coluna d'água mantendo a certa distância do recife, quando assumem coloração mais mosqueada. São territoriais e reagem a intrusos eriçando as dorsais do corpo ou perseguindo o invasor e emitindo sons produzidos por músculos anexos à bexiga natatória. O espinho do pré-opérculo pode causar dor local e infecções quando manuseado. Ovos e larvas são pelágicos.

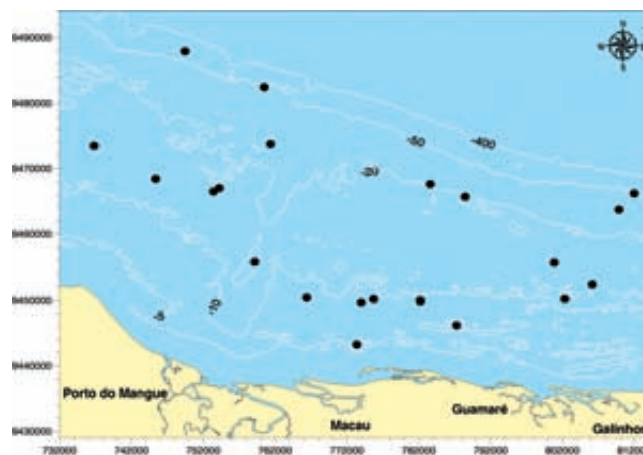
Distribuição Geográfica

Atlântico Tropical, no Ocidental das Bermudas e da Virgínia (EUA) a Santa Catarina, incluindo as ilhas oceânicas brasileiras; no Atlântico Oriental, ocorre das ilhas Canárias e São Tomé e Príncipe, Gabão e Angola; no Atlântico Central é registrado nas ilhas de Ascensão e Santa Helena.

Material Coletado

90 exemplares; com comprimento padrão variando de 5 a 25,5 cm.

Ocorrência na Bacia Potiguar - RN



Literatura

Carvalho-Filho, 1999; Greenfield In: Carpenter, 2002; Randall In: Froese & Pauly, 2006; Richards *et al.* In: Richards, 2006; Carvalho-Filho In: Carvalho-Filho (in prep).

Nome Popular: Mariquita bolão

Diagnose

Nadadeira dorsal com 11 espinhos e 12 a 15 raios; anal com 4 espinhos e 12 a 14 raios; linha lateral com 33 a 37 escamas com poros (geralmente 35). Ângulo do pré-opérculo sem espinho longo e afiado; maxilar superior alcança ou ultrapassa a margem posterior da pupila; lobos da caudal similares e pontudos; os raios anteriores da dorsal não são alongados; membrana entre os raios da dorsal e anal com escamas até cerca da metade da altura do corpo. As larvas

apresentam bico rostral bifurcado. Cor variando de vermelha a rosada, por vezes com reflexos laranja, dorso mais escuro quase acinzentado, ventre claro, eventualmente prateado; uma barra vertical vermelho escura a negra da parte superior do opérculo à base da peitoral; margens externas das nadadeiras azuis a brancas, em tons metálicos; dorsal com uma série central de manchas azuis ou brancas do terceiro ao último espinho. Jovens semelhantes aos adultos. Atinge 25 cm (CT).

Adulto



Jovem



Hábitat e Comportamento

Comuns em recifes e costões rochosos, até 100 metros de profundidade. Costumam formar pequenos cardumes e alimentam-se de organismos do plâncton durante a noite, próximos à superfície; ao se alimentar a cor da região inferior do corpo torna-se mais prateada, disfarçando a silhueta. Em noites escuras afastam-se mais dos recifes para caçar, do que em noites de lua cheia. Quando ameaçados reagem compactando o cardume e eriçando a nadadeira dorsal, se o perigo aumenta buscam refúgio nas frestas e cavernas do recife. Ovos e larvas são planctônicos.

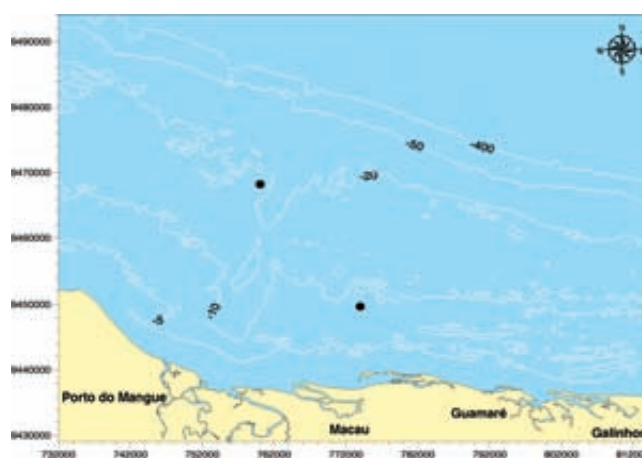
Distribuição Geográfica

Atlântico Tropical, no Ocidental das Bermudas e Carolina do Norte (EUA) a Santa Catarina, incluindo as ilhas oceânicas brasileiras; no Atlântico Oriental, ocorre de São Tomé e Príncipe a Benin; também registrada em Cabo Verde, Ascensão e Santa Helena.

Material Coletado

2 exemplares; com comprimento padrão de 5 cm.

Ocorrência na Bacia Potiguar - RN



Literatura

Carvalho-Filho, 1999; Greenfield In: Carpenter, 2002; Randall In: Froese & Pauly, 2006; Richards *et al.* In: Richards, 2006; Carvalho-Filho In: Carvalho-Filho (in prep).

Nome Popular: Cavalo marinho

Diagnose

Nadadeira dorsal com 18 raios, peitoral com 15 ou 16 raios; 11 anéis no tronco e 33 a 35 anéis na cauda. Corpo característico, em posição vertical; cauda preênsil sem nadadeira; cabeça em ângulo agudo com o tronco; machos adultos com evidente bolsa incubadora no ventre, onde são incubados os ovos; focinho mais curto, menor ou igual a 50 % do comprimento da cabeça; coroa elevada com muitos apêndices dérmicos. Coloração variável de

amarelo claro a quase negro, geralmente com grandes manchas claras ou escuras e linhas escuras na cabeça, eventualmente nas costas, ventre e pescoço, raramente com pequenas manchas negras. Jovens semelhantes aos adultos, embora eventualmente com mais apêndices dérmicos. Atinge 12 cm (CT). Espécie em processo de revalidação taxonômica.



Hábitat e Comportamento

Raros, ocorrem em estuários, mangues e ambientes recifais, entre raízes, algas e esponjas em profundidades que variam de 4 a 60 metros. Usam a cauda preênsil para se prender a algas, ramos de corais e esponjas. Sua cor e forma os tornam virtualmente invisíveis nestes ambientes. Alimentam-se de pequenos crustáceos, ovos e larvas de peixes que encontram nas algas e na coluna d'água, sugando-os com o focinho tubular. Toleram variações moderadas de temperatura e salinidade. A reprodução ocorre ao longo do ano, os machos incubam os ovos na bolsa e depois do período de gestação nascem jovens que são miniaturas dos adultos.

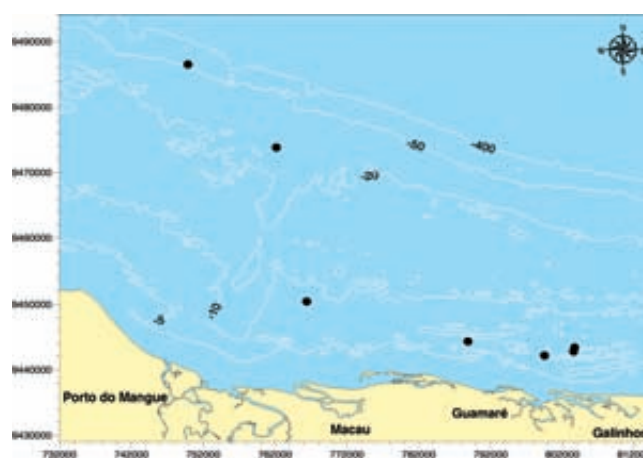
Distribuição Geográfica

Endêmica do litoral brasileiro, desde a Bacia Potiguar (RN) até Valença (BA).

Material Coletado

8 exemplares; com comprimento padrão variando de 5,5 a 9 cm.

Ocorrência na Bacia Potiguar - RN



Literatura

Dawson & Vari, 1982; Carvalho-Filho, 1999; Carpenter, 2002; McEachran & Fechhelm, 2005.

Nome Popular: Cavalo marinho

Diagnose

Semelhante à *Hippocampus* aff. *erectus*, mas facilmente identificado pelo focinho mais longo, maior que 50 % do comprimento cabeça e coroa curta. Dorsal com 15 a 18 raios, peitoral com 14 a 18 raios. Cor também variável, mas geralmente com grandes manchas claras no corpo,

freqüentemente na parte dorsal, e sempre com manchas escuras menores por todo o corpo. Jovens semelhantes aos adultos, geralmente com apêndices dérmicos que são raros nos adultos. Atinge 23 cm (CT).



Hábitat e Comportamento

Hábitos e comportamento semelhantes à *Hippocampus* aff. *erectus*.

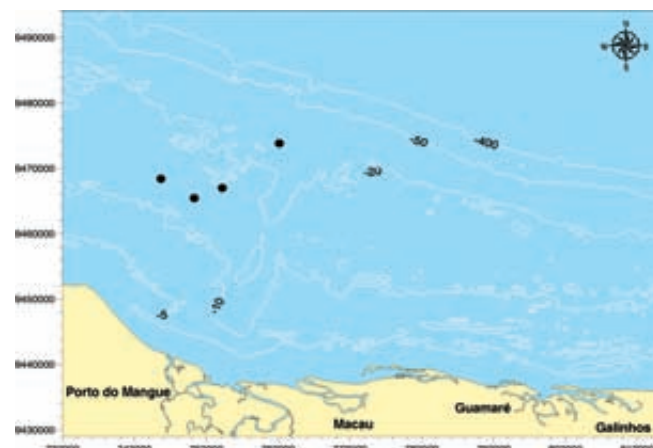
Distribuição Geográfica

Atlântico Ocidental, Bermudas e Florida (EUA) a Santa Catarina. Embora raro em ambiente oceânico, já foi registrado em Fernando de Noronha.

Material Coletado

5 exemplares; com comprimento padrão variando de 6 a 15 cm.

Ocorrência na Bacia Potiguar - RN



Literatura

Dawson & Vari, 1982; Carvalho-Filho, 1999; Carpenter, 2002; McEachran & Fechhelm, 2005.

Nome Popular: Peixe cachimbo

Diagnose

Nadadeira dorsal com 18 a 22 raios; peitoral com 11 a 14 raios; caudal com 8 raios. Corpo alongado e sub-cilíndrico. Crista superior do tronco e da cauda descontínuas abaixo da parte posterior da nadadeira dorsal; crista inferior do tronco termina no anel anal; crista lateral da cauda termina abaixo da base da nadadeira dorsal; crista lateral do tronco confluenta com a inferior próxima ao anel anal. Coloração rosada com manchas amarelas em alguns anéis e que terminam na borda negra e algumas vezes com margem posterior branca; manchas pequenas azuis e isoladas, em algumas das manchas amarelas; parte inferior da cabeça pálida, com linhas e manchas escuras,

algumas convergem para o olho. A presença de 8 raios na nadadeira caudal sugere que o espécime coletado, poderia pertencer ao gênero *Minyichthys*, cuja distribuição é tida como restrita ao Atlântico Oriental e Indo-Pacífico. Entretanto, Dawson e Vari (1982) descrevem as espécies do Atlântico Ocidental com as características do gênero *Micrognathus*, razão pela qual atribuímos o presente gênero ao espécime examinado. A análise deste exemplar encontra-se em andamento visando uma determinação taxonômica.

Adulto



Hábitat e Comportamento

Raros e provavelmente como as demais espécies do gênero, ocorrem em águas rasas entre algas, rochas e corais. Alimentam-se de zooplâncton e de pequenos crustáceos bentônicos. Os machos incubam os ovos em uma prega cutânea localizada ao longo da região ventral.

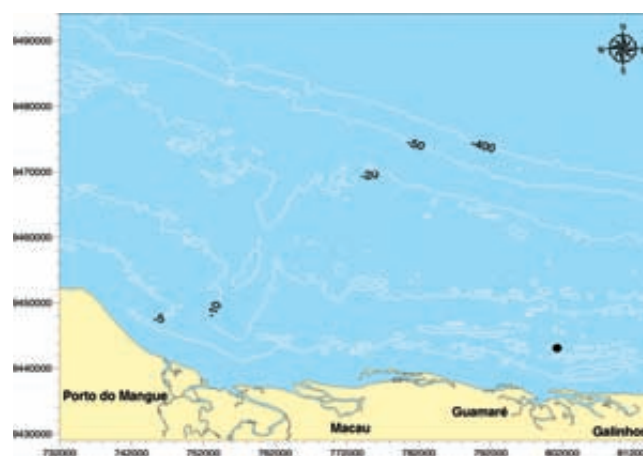
Distribuição Geográfica

Até o momento, somente registrado na Bacia Potiguar (RN).

Material Coletado

1 exemplar; com comprimento padrão de 9 cm.

Ocorrência na Bacia Potiguar - RN



Literatura

Dawson & Vari, 1982; Carvalho-Filho, 1999; Carpenter, 2002; McEachran & Fechhelm, 2005.

Nome Popular: Trombeta

Diagnose

Nadadeira dorsal e anal opostas, com 13 a 16 raios. Corpo longo e tubular, com focinho muito comprido, cristas ósseas anteriores do crânio lisas; sem espinhos dorsais, escamas ou barbilhão no queixo; caudal furcada e com filamento central muito longo, maior em jovens. Cor variando do verde ao avermelhado, com dorso, flancos e ventre mais

pálidos, eventualmente com barras escuras; uma série de manchas azuis da cabeça até a dorsal; presença de outras séries, às vezes formando lista sólida no focinho e flancos. Jovens semelhantes aos adultos, embora sejam mais pálidos e delgados. Atinge 200 cm (CT), sem o filamento caudal.

Adulto



Hábitat e Comportamento

Comuns em águas costeiras, até cerca de 200 metros de profundidade, geralmente em ambientes recifes, algas ou cascalho. Alimentam-se de pequenos crustáceos e peixes. Geralmente solitários, mas podem formar pequenos cardumes, especialmente quando jovens. Ágeis na coluna d'água, podem ficar imóveis próximos ao fundo à espreita de presas que sugam com a boca em forma de tubo. Podem seguir peixes maiores utilizando estes como anteparo para se aproximar de presas potenciais, as quais são surpreendidas. Alteram sua cor com extrema rapidez. A reprodução ocorre durante o inverno, com ovos e larvas planctônicos.

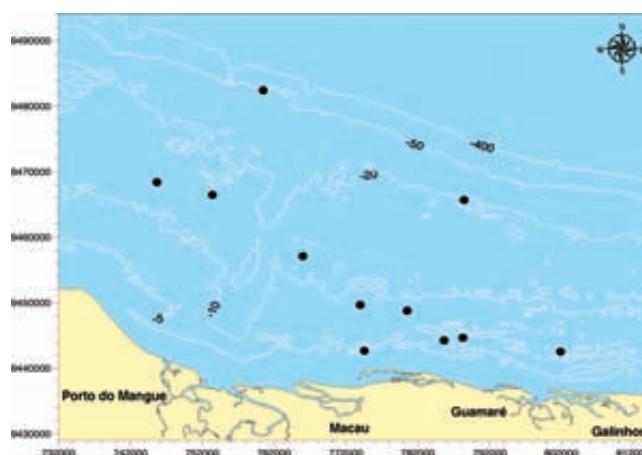
Distribuição Geográfica

Atlântico, no Ocidental da Nova Inglaterra (EUA) a Santa Catarina.

Material Coletado

16 exemplares; com comprimento padrão variando de 1,5 a 59 cm.

Ocorrência na Bacia Potiguar - RN



Literatura

Randall, 1967; Randall, 1968; Carvalho-Filho, 1999; Humann & DeLoach, 2002; Fritzsche In: Carpenter, 2002; Ditty *et al.* In: Richards, 2006; Sazima In: Carvalho-Filho (in prep).

Dactylopterus volitans

(Linnaeus, 1758)

DACTYLOPTERIDAE

Nome Popular: Coiô

Diagnose

Nadadeira dorsal com 2 espinhos livres, 4 a 5 unidos por membranas e 8 raios; anal com 6 raios. Corpo cilíndrico; cabeça grande e deprimida, um pouco quadrada e pesada, em caixa óssea com vários espinhos, sendo o do ângulo inferior do pré-opérculo muito evidente e afiado; um espinho longo e forte de cada lado da nuca; focinho obtuso, nunca alongado. A nadadeira peitoral é ampla e sua extremidade alcança a base da caudal nos adultos, sendo bem mais curtas nos jovens; os

seis primeiros raios são separados dos demais, mas unidos entre si por membrana que o peixe distende, originando uma grande “asa”. Os dois primeiros espinhos formam um “v” entre si. Escamas ásperas e, com uma quilha central. Cor variável, geralmente marrom com ventre claro e numerosas manchas azuis no dorso; outras manchas e estrias azuis evidentes, nas peitorais distendidas; anal pálida, as demais com séries de pequenas manchas escuras. Atinge 55 cm (CT) e 2 kg (PT).

Adulto



Jovem



Hábitat e Comportamento

Costeiros, em fundos de areia e cascalho, frequentemente próximos a costões rochosos e recifes até cerca de 100 metros de profundidade. Usando as nadadeiras ventrais, se deslocam sobre o fundo, tanto para frente como para trás, à procura de alimento como crustáceos, moluscos, poliquetas e pequenos peixes, remexendo o substrato com a parte curta da peitoral. Quando assustados abrem suas grandes nadadeiras peitorais, provavelmente para amedrontar ou fingir serem maiores no caso de possíveis predadores. Tais defesas, associadas à cabeça espinhenta, os tornam confiantes, lentos e nadam pouco, embora sejam capazes de rápida fuga se necessário. São capazes de produzir sons, como um ronco baixo quando retirados da água. A reprodução parece ocorrer durante o verão; os ovos são pequenos e flutuantes; as larvas são pelágicas com espinhos proeminentes e transformam-se em jovens por volta de 20 mm (CT). Jovens, ainda pelágicos, são presas comuns de diversas espécies de peixes e aves marinhas.

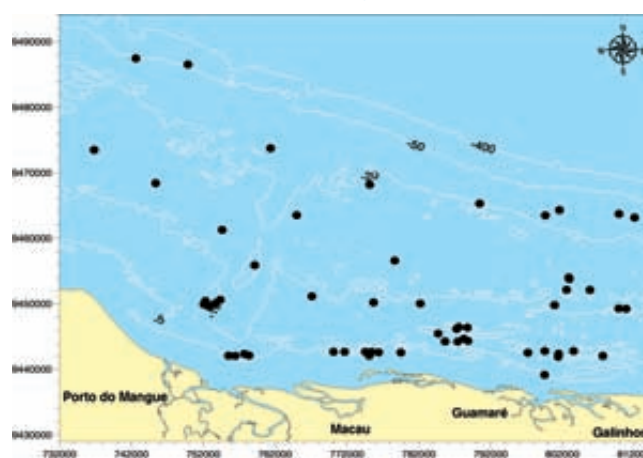
Distribuição Geográfica

Atlântico, no Ocidental de Massachusetts (EUA) a Argentina, incluindo as ilhas oceânicas brasileiras.

Material Coletado

553 exemplares; com comprimento padrão variando de 4,5 a 45 cm.

Ocorrência na Bacia Potiguar - RN



Literatura

Carvalho-Filho, 1999; Smith-Vaniz In: Carpenter, 2002; Richards In: Richards, 2006; Sazima In: Carvalho-Filho (in prep).

Nome Popular: Mangangá vermelho

Diagnose

Nadadeira dorsal com 12 espinhos e 8 a 9 raios; anal com 3 espinhos e 4 ou 5 raios (geralmente 5); peitorais com 16 a 20 raios (geralmente 19); 50 a 63 séries de escamas na parte superior do corpo. Corpo robusto e cabeça grande; escamas ciclóides; fossa occipital presente; pré-orbital com 2 espinhos; tentáculos supraorbitais podem ser bem desenvolvidos. Cor avermelhada, com áreas laranja e azuladas; ventre mais claro;

presença de diversas manchas pretas pequenas na cabeça, flancos, dorso e nadadeiras; caudal com duas faixas escuras, uma próxima da margem; uma mancha escura e arredondada no ombro, acima da peitoral; peitoral com estrias negras ao longo de alguns raios, na parte interna, e com sua axila pálida com manchas negras. Jovens semelhantes aos adultos. Atinge 35 cm (CT).

Adulto



3 cm

Hábitat e Comportamento

Comuns em fundos de pedra, coral, cascalho, desde bancos de algas calcárias e estuários; até 163 metros de profundidade, mas geralmente em menos de 50 m. São extremamente difíceis de notar devido à camuflagem, o que pode causar acidentes com banhistas e mergulhadores desatentos. Permanecem imóveis sobre as pedras ou pedaços de coral à espreita de presas como peixes e crustáceos, dos quais se alimentam com repentino ataque. Hábitos diurnos. Quando alarmados erigem o espinho dorsal e abrem as peitorais mostrando as manchas escuras em suas axilas ou fogem rapidamente buscando proteção sob pedras e entre algas. Reprodução desconhecida.

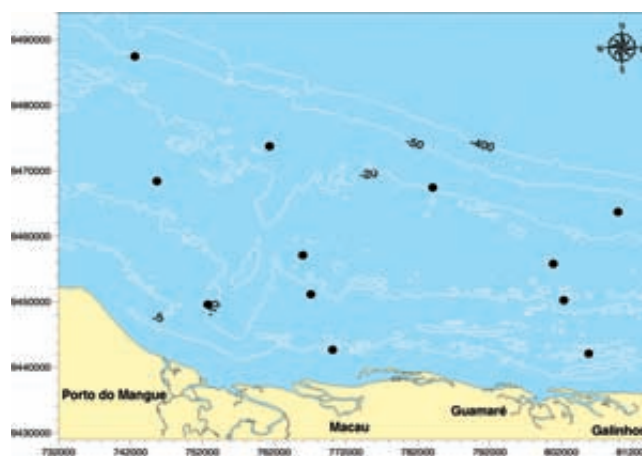
Distribuição Geográfica

Atlântico Ocidental, da Virgínia (EUA) a Santa Catarina.

Material Coletado

61 exemplares; com comprimento padrão variando de 2 a 16 cm.

Ocorrência na Bacia Potiguar - RN



Literatura

Poss & Eschmeyer In: Carpenter, 2002; McEachran & Fechhelm, 2005; Richards In: Richards, 2006.

Nome Popular: Mangangá

Diagnose

Semelhante à *Scorpaena brasiliensis*, porém com a nadadeira dorsal com 12 espinhos e 9 raios; anal com 3 espinhos e 5 raios; peitorais com 17 a 19 raios; 44 a 47 séries de escamas na parte superior do corpo. Corpo robusto, cabeça grande, escamas ciclóides; fossa occipital presente; pré-orbital com 2 espinhos; osso infra-orbital abaixo do olho sem espinhos; tentáculos supra-orbitais desenvolvidos. Corpo marrom claro ao vermelho, a cabeça um pouco mais escura; uma mancha escura indistinta verticalmente alongada atrás do opérculo, estendendo-se aproximadamente do meio da base da dorsal anterior até pouco abaixo da linha lateral; uma

faixa escura pouco nítida entre a dorsal posterior e base da nadadeira anal; nadadeira dorsal anterior com uma mancha negra nítida entre o terceiro e o sexto espinhos; dorsal posterior com vestígios de manchas escuras anteriormente; nadadeira anal com três faixas escuras verticais, a mediana um pouco mais nítida que a anterior e a posterior; nadadeira caudal com três barras escuras transversais, a primeira sobre a base, a segunda no meio e a terceira um pouco antes da margem distal da nadadeira; nadadeiras pélvicas e peitorais enegrecidas; íris amarela. Jovens semelhantes aos adultos. Atinge 25 cm (CT).



Hábitat e Comportamento

Comuns em fundos de pedra, coral, cascalho, bancos de algas calcárias, estuários e até em ilhas oceânicas; até 110 metros de profundidade, mas geralmente em menos de 50 m. Possui comportamentos semelhantes à *Scorpaena brasiliensis*.

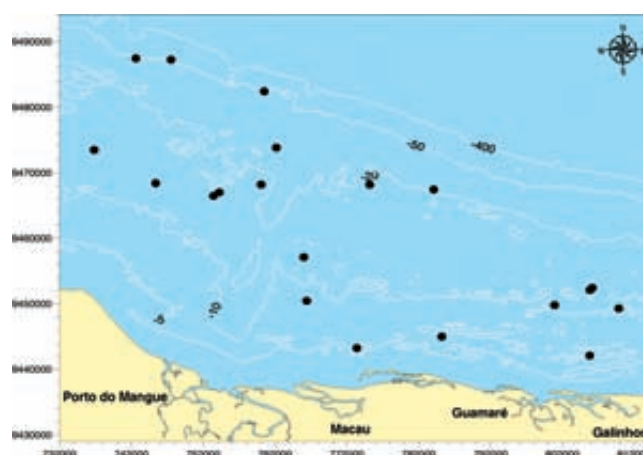
Distribuição Geográfica

Atlântico Ocidental, do Panamá a Santa Catarina.

Material Coletado

65 exemplares; com comprimento padrão variando de 3 a 20,5 cm.

Ocorrência na Bacia Potiguar - RN



Literatura

Poss & Eschmeyer In: Carpenter, 2002; McEachran & Fechhelm, 2005; Richards In: Richards, 2006.

Nome Popular: Mangangá beatriz

Diagnose

Nadadeira dorsal com 12 espinhos e 9 raios; anal com 3 espinhos e 5 raios; peitorais com 18 a 21 raios; 42 a 47 séries de escamas na parte superior do corpo. Corpo robusto e cabeça grande; escamas ciclóides; fossa occipital presente; pré-orbital com 3 espinhos; osso infra-orbital abaixo do olho com 3 ou 4 espinhos; tentáculos supra-orbitais desenvolvidos; primeiro espinho do pré-opérculo alcança ou ultrapassa o centro do opérculo; corpo e cabeça com muitas projeções dérmicas. Cor variável, marrom, preto, vermelho, cinza, sobre fundo branco a amarelo; dorso mais escuro; manchas variadas por todo

o corpo; presença característica de área negro brilhante na axila da peitoral com manchas brancas; pedúnculo caudal com larga faixa branca acompanhada por barra negra; caudal pálida com três faixas negras, a primeira na base e a última na margem externa. Jovens com até cerca de 3 cm (CT), de cor geral escura com o pedúnculo caudal branco e contrastante; duas faixas brancas na nadadeira caudal, uma no centro e a outra na margem externa. Jovens semelhantes aos adultos. Atinge 50 cm (CT) e 2 kg (PT).



Hábitat e Comportamento

Comuns em toda costa brasileira; em fundos de pedra, coral, cascalho, desde lagoas salobras e estuários até ilhas oceânicas, entre 1 e 60 metros de profundidade. Possui hábitos e comportamentos semelhantes à *Scorpaena brasiliensis*.

Distribuição Geográfica

Pacífico Oriental e Atlântico Ocidental, neste último da Nova Inglaterra (Canadá) a Santa Catarina, também nas ilhas de Santa Helena e Ascensão.

Material Coletado

13 exemplares; com comprimento padrão variando de 9,5 a 18 cm.

Ocorrência na Bacia Potiguar - RN



Literatura

Poss & Eschmeyer In: Carpenter, 2002; McEachran & Fechhelm, 2005; Richards In: Richards, 2006.

Prionotus punctatus

(Bloch, 1793)

TRIGLIDAE

Nome Popular: Cabrinha

Diagnose

Nadadeira dorsal com 10 espinhos e 11 a 13 raios; anal com 11 raios; peitoral com 3 raios livres e outros 13 unidos por grande membrana; 9 a 10 rastros no ramo inferior do primeiro arco; nadadeira pélvica com 1 espinho e 5 raios. Corpo similar à *Dactylopterus volitans*, mas com focinho alongado e não possuindo o longo espinho com quilha na parte posterior da cabeça; peitoral ampla e arredondada, geralmente maior que a cabeça, e com os primeiros três raios livres e isolados uns dos outros; o raio livre superior é longo, e

alcança a margem distal da nadadeira pélvica; peito totalmente escamado. Cor variando do marrom ao cinza azulado, com dorso mais escuro, pálido nos flancos e branco no ventre; a região superior com manchas escuras arredondadas, inclusive na dorsal posterior; peitoral cinza com manchas redondas escuras e orla posterior azulada; caudal com séries verticais de manchas, às vezes unidas e formando faixas; dorsal dura com mancha negra entre o quarto e o quinto espinho, nem sempre distinta. Atinge 45 cm (CT) e 1,2 kg (PT).

Adulto



Hábitat e Comportamento

Comuns em águas costeiras e em fundos de areia, próximos a recifes e costões rochosos, cascalho ou lodo, estuários e lagoas salobras, entre 2 e 190 metros de profundidade. Deslocam-se pelo substrato, remexendo-o com os raios livres e tácteis da peitoral à procura de alimento; possuem camuflagem eficiente, modificando seu padrão de cor de escuro para bege muito claro. Podem permanecer semi-enterrados na areia, com a cabeça e parte das peitorais expostas. Alimentam-se principalmente crustáceos bentônicos ou planctônicos e peixes de fundo, inclusive indivíduos da própria espécie. A reprodução ocorre da primavera ao início do outono, os ovos são planctônicos.

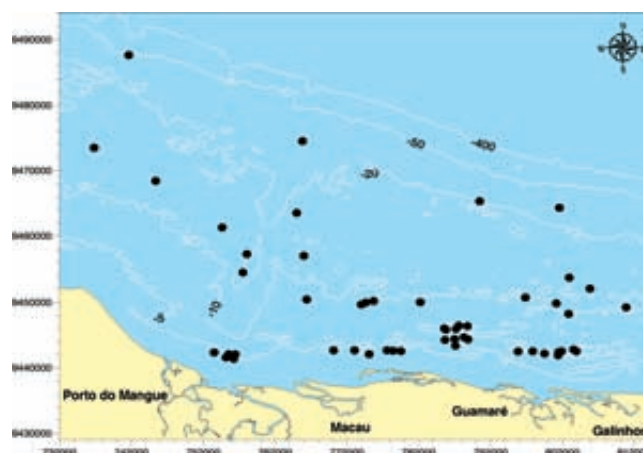
Distribuição Geográfica

Atlântico Ocidental, de Massachusetts (EUA) e Bermudas até Santa Catarina.

Material Coletado

181 exemplares; com comprimento padrão variando de 4 a 17 cm.

Ocorrência na Bacia Potiguar - RN



Literatura

Braga & Braga, 1987; Teixeira & Haimovici, 1989; Cervigón, 1991; Carvalho-Filho, 1999; Richards & Miller In: Carpenter, 2002; Andrade, 2004; McEachran & Fechhelm, 2005; Richards In: Richards, 2006; Sazima In: Carvalho-Filho (in prep).

Nome Popular: Camurim açú

Diagnose

Nadadeira dorsal com 10 raios (raramente 9 ou 11); anal com 6 raios (raramente 5 ou 7); 67 a 78 escamas laterais (geralmente 70 a 73); 3 a 5 mais 8 a 10 rastros no primeiro arco, excluindo rudimentos. O segundo espinho da anal não é maior que o terceiro, e não atinge a base da caudal; terceiro espinho da dorsal muito maior que o quarto; pélvicas não atingem o ânus.

Perfil superior do focinho reto a ligeiramente côncavo. Branco prateado em geral, com dorso e alto da cabeça escurecidos, de cinza a oliváceo; freqüentemente com reflexos amarelos, em função de ácido tânico presente nas águas salobras; linha lateral evidente negra. Jovens semelhantes aos adultos. Atinge 150 cm (CT) e 25 kg (PT).



Hábitat e Comportamento

Comuns, costeiros, em águas rasas de recifes, ilhas e especialmente em baías, canais, estuários, costões rochosos, mangues e rios costeiros. De águas rasas a até 22 metros de profundidade. Vorazes, alimentam-se de peixes e crustáceos. Aproveitam movimentos de marés e correntes para emboscar suas presas. Não se adaptam à água fria, com menos de 16°C. São sexualmente maduros aos 3 anos e no Brasil reproduzem-se de novembro a maio; as larvas nascem com 1,5 mm (CT) e em 45 dias tornam-se jovens com 5 cm (CT). Há registros de espécimes com 7 anos de idade.

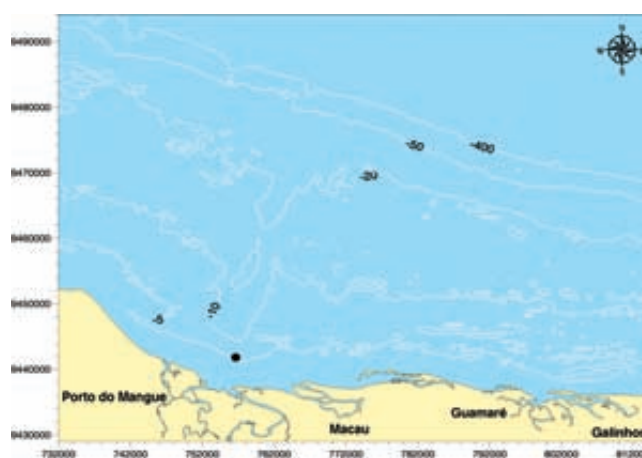
Distribuição Geográfica

Atlântico Ocidental Tropical, Carolina do Sul (EUA) a Santa Catarina, eventualmente chegando ao Rio Grande do Sul.

Material Coletado

1 exemplar; com comprimento padrão de 65 cm.

Ocorrência na Bacia Potiguar - RN



Literatura

Rivas, 1986; Carvalho-Filho, 1999; Orrell In: Carpenter, 2002; Carvalho-Filho *et al.* In: Carvalho-Filho (in prep).

Nome Popular: Guaçapê

Diagnose

Nadadeira dorsal com 11 espinhos e 17 a 19 raios; anal com 3 espinhos e 9 raios; peitorais com 16 ou 17 raios; linha lateral com 55 a 61 escamas. Corpo robusto, a maior altura ligeiramente menor que o comprimento da cabeça, que é pequena; focinho curto, menor que o diâmetro ocular; pré-opérculo arredondado com um espinho evidente no ângulo inferior, dirigido para frente e para baixo; nadadeira caudal arredondada; escamas ciclóides. Coloração varia de laranja avermelhado (em recifes e águas

mais fundas), a uma mistura de marrom e verde (em bancos de algas); muitas manchas laranjas e pequenas, menores que a pupila, por todo o corpo e nadadeiras; manchas e faixas marrons irregulares nos flancos; uma estria escura acima do maxilar e outras duas ou três irradiadas do olho para trás; nadadeiras com pequenas manchas brancas; nadadeira peitoral amarela a laranja, com reticulado marrom pouco evidente. Atinge 35 cm (CT) e 1,3 kg (PT).

Adulto



Hábitat e Comportamento

Comuns e costeiros, ocorrem desde águas rasas até 50 metros de profundidade em áreas de recifes, especialmente, bancos de algas onde se camuflam facilmente. Alimentam-se principalmente de crustáceos que caçam à noite, permanecendo escondidos sob lajes e entre algas durante o dia. Podem ser, também, observados entre a vegetação marinha, bem camuflado, ou freqüentemente deitados de lado no substrato. Ovos e larvas são pelágicos.

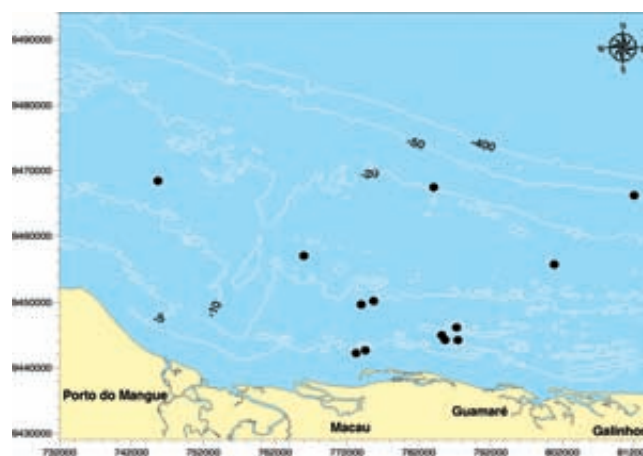
Distribuição Geográfica

Atlântico Ocidental, das Bermudas e Flórida (EUA) a Santa Catarina; as populações das costas americanas tropicais e a do Pacífico são atualmente consideradas espécies diferentes.

Material Coletado

30 exemplares; com comprimento padrão variando de 5 a 17,5 cm.

Ocorrência na Bacia Potiguar - RN



Literatura

Robins & Starck II, 1961; Bullock *et al.*, 1991; Cervigón, 1991; Heemstra *et al.*, 1993; Grace *et al.*, 1994; Heemstra *et al.* In: Carpenter, 2002; McEachran & Fechhelm, 2005; Richards *et al.* In: Richards, 2006.

Nome Popular: Piraúna

Diagnose

Nadadeira dorsal com 9 espinhos e 14 a 16 raios; anal com 3 espinhos e 9 raios; peitorais com 17 a 19 raios; linha lateral com 46 a 54 escamas. Corpo robusto e cabeça grande, focinho maior que o diâmetro ocular; pré-opérculo arredondado; região inter-orbital achatada; base das nadadeiras dorsal e anal moles cobertas por escamas e pele grossa; nadadeira caudal convexa não arredondada nos lobos. A coloração apresenta várias fases sempre com duas manchas negras na mandíbula inferior, outras duas no pedúnculo caudal após a dorsal e muitas manchas pequenas azuladas na cabeça e no corpo. Há

pelo menos cinco fases distintas de cor: totalmente vermelha; amarela a dourada; marrom a oliva, geralmente com uma região clara horizontal nos flancos; azul escura a negra; e uma quinta, bicolor, em que a metade superior do corpo é marrom escura e a inferior abruptamente clara, com fases intermediárias, como bege em geral. Jovens com o padrão bicolor têm três manchas brancas brilhantes, uma sob a nadadeira dorsal, outra ao final desta e a terceira mole no pedúnculo caudal; jovens amarelos com pequenas manchas no corpo de cor preta. Atinge 41 cm (CT) 2,0 kg (PT).

Adulto



Adulto



6 cm

Hábitat e Comportamento

Comuns, vivem em fundos rochosos e coralinos, desde 1 até 160 metros de profundidade. Preferem águas claras e temperaturas entre os 18 e 24° C. Frequentemente encontram-se vários exemplares próximos e em uma mesma área. Territoriais, os machos expulsam com agressividade os invasores da mesma espécie e formam haréns. Alimentam-se principalmente de peixes, complementando sua dieta com crustáceos, moluscos e outros invertebrados. Costumam seguir de outros peixes para conseguir seu alimento. A época da reprodução parece durar quase todo o ano. As larvas, com tamanho pouco superior a 1 mm (CT), desenvolvem-se com rapidez e em cerca de 60 dias transformam-se em réplicas dos adultos. Vivem cerca de 25 anos.

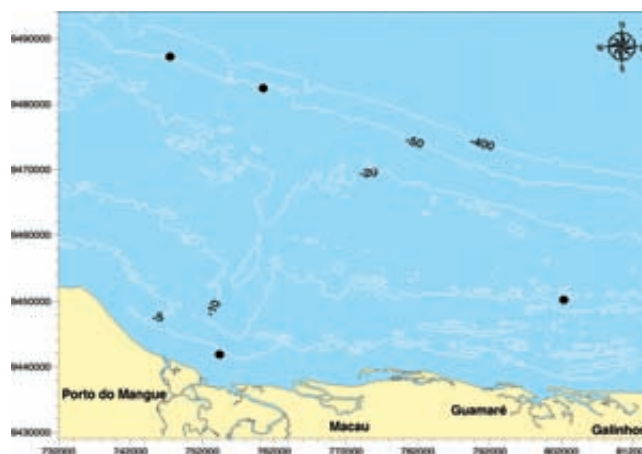
Distribuição Geográfica

Atlântico Ocidental, de Massachusetts (EUA) e Bermudas até Santa Catarina, incluindo as ilhas oceânicas brasileiras.

Material Coletado

7 exemplares; com comprimento padrão variando de 9 a 20 cm.

Ocorrência na Bacia Potiguar - RN



Literatura

Robins & Starck II, 1961; Bullock *et al.*, 1991; Cervigón, 1991; Heemstra *et al.*, 1993; Grace *et al.*, 1994; Heemstra *et al.* In: Carpenter, 2002; McEachran & Fechhelm, 2005; Richards *et al.* In: Richards, 2006; Olavo *et al.* In: Costa *et al.*, 2007.

Diplectrum formosum

(Linnaeus, 1766)

SERRANIDAE

Nome Popular: Jacundá

Diagnose

Nadadeira dorsal com 10 espinhos e 11 a 13 raios; anal com 3 espinhos 6 a 8 raios; peitorais com 15 a 17 raios; linha lateral com 46 a 55 escamas. Corpo alongado e pouco comprimido, subcilíndrico; margem do pré-opérculo com dois distintos lobos espinhosos, um no ângulo inferior e outro logo acima; terceiro ao décimo primeiro espinhos similares em altura; escamas ctenóides; nadadeira caudal emarginada

a pouco furcada, o lobo superior maior. Cor variável, de cinza claro ao marrom, com faixas escuras verticais de tamanho irregular, atingindo o ventre branco; linhas azuis e amarelo alaranjada horizontais no dorso, cabeça, anal, dorsal, caudal e flancos; base da caudal com mancha arredondada, escura e sempre visível. Jovens semelhantes aos adultos. Atinge 45 cm (CT) e 1,0 kg (PT).

♂ Adulto



3 cm

Hábitat e Comportamento

Comuns em fundos de areia ou cascalho próximos a costões rochosos, recifes, praias e em baías abertas, entre 2 e 80 metros de profundidade, juntos a pedras isoladas, algas ou em depressões da areia, onde se camuflam de forma eficiente. Geralmente observados solitários ou em pequenos cardumes à espreita de crustáceos ou pequenos peixes dos quais se alimentam, também sobem à meia água para capturar presas. Já foram observados seguindo estrelas do mar e linguados, ingerindo as presas desalojadas por essas espécies. São hermafroditas simultâneos. A cópula ocorre várias vezes ao anoitecer durante o verão na zona temperada, e por todo o ano nos trópicos; os ovos e larvas são pelágicos e estas se transformam em jovens com cerca de 5,5 mm (CT). Alteram a cor com rapidez.

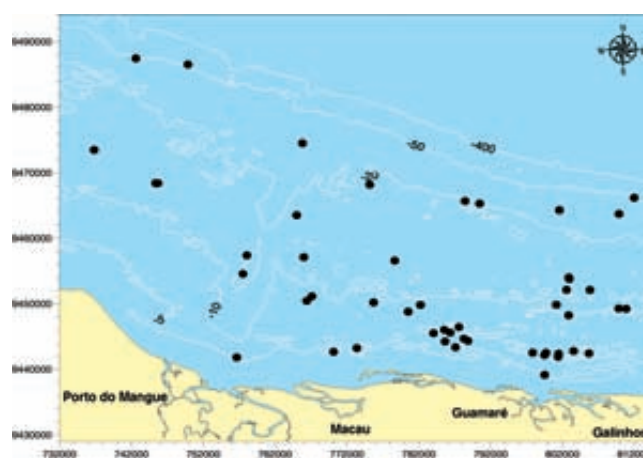
Distribuição Geográfica

Atlântico Ocidental, da Carolina do Norte (EUA) ao Uruguai, raramente em ilhas oceânicas como Bahamas, Cuba e Ilhas Virgens.

Material Coletado

119 exemplares; com comprimento padrão variando de 3 a 35 cm.

Ocorrência na Bacia Potiguar - RN



Literatura

Robins & Starck II, 1961; Bullock *et al.*, 1991; Cervigón, 1991; Heemstra *et al.*, 1993; Grace *et al.*, 1994; Heemstra *et al.* In: Carpenter, 2002; McEachran & Fechhelm, 2005; Richards *et al.* In: Richards, 2006.

Nome Popular: Badejo gato

Diagnose

Nadadeira dorsal com 10 espinhos e 13 ou 14 raios; anal com 3 espinhos e 7 raios; peitorais com 16 a 17 raios; linha lateral com 55 a 58 escamas. Corpo robusto e alongado; cabeça grande, contida de 2,2 a 2,6 vezes no comprimento padrão; maior altura contida de 2,3 a 2,9 vezes no comprimento padrão; terceiro e quarto espinhos da dorsal são bem maiores que os demais, similares em tamanho aos maiores raios da mesma nadadeira; caudal truncada. Cor do alto da cabeça e do dorso varia de marrom escuro a esverdeado, com seis a sete manchas escuras verticais indistintas que se prolongam até o ventre pálido, onde

são muito mais evidentes; muitas manchas redondas, escuras, de negras a marrons, por toda parte superior do corpo; cabeça com manchas laranja; garganta amarelada; peitoral marrom ao cinza; nadadeira caudal com margem alaranjada superiormente e muitas manchas cinza; nadadeira dorsal mole com margem laranja e muitas manchas cinza, presentes também na anal e na dorsal dura. Jovens com cores mais vivas e contrastantes. Atinge 43 cm (CT) e 1,3 kg (PT).

Adulto



Hábitat e Comportamento

Embora sejam costeiros e encontrados em quase todos os ambientes marinhos, desde mangues a recifes de coral, até cerca de 50 metros de profundidade, são raros no litoral brasileiro. Jovens associados a bancos de algas. Alimentam-se de crustáceos, moluscos, equinodermos, poliquetas e pequenos peixes. São hermafroditas simultâneos, como as demais espécies do gênero e o mesmo indivíduo gera óvulos e espermatozóides, mas são necessários dois para haver fecundação cruzada e garantir a sobrevivência para a espécie. O papel de macho ou fêmea é alternado durante as cópulas, que acontecem várias vezes ao anoitecer durante o verão na zona temperada e por todo o ano nos trópicos, cada um liberando alguns pouco ovos pelágicos, assim como as larvas.

Distribuição Geográfica

Atlântico Ocidental, da Venezuela ao Ceará. O único exemplar coletado no presente estudo representa o limite sul de sua distribuição geográfica.

Material Coletado

1 exemplar; com comprimento padrão de 13 cm.

Ocorrência na Bacia Potiguar - RN



Literatura

Robins & Starck II, 1961; Bullock *et al.*, 1991; Cervigón, 1991; Heemstra *et al.*, 1993; Grace *et al.*, 1994; Heemstra *et al.* In: Carpenter, 2002; McEachran & Fechhelm, 2005; Richards *et al.* In: Richards, 2006.

Serranus annularis (Günther, 1880)

SERRANIDAE

Nome Popular: Badejo mirim

Diagnose

Nadadeira dorsal com 10 espinhos e 10 a 12 raios; anal com 3 espinhos e 6 ou 7 raios; peitorais com 13 ou 14 raios; linha lateral com 46 a 50 escamas; 31 a 36 escamas ao redor do pedúnculo caudal. Corpo similar ao de *Serranus baldwini*; nadadeira caudal é emarginada. A principal característica desta espécie é sua coloração, variando de laranja a

salmão no dorso, e branco no ventre, com sete barras laranja amareladas; duas manchas quadradas, marginadas de negro por trás dos olhos; uma área marrom escura e irregular, abaixo da nadadeira dorsal; uma série de manchas negras ao longo da base da nadadeira dorsal, cujos espinhos tem a ponta azul clara. Atinge 9 cm (CT).

Adulto



Hábitat e Comportamento

Raros no litoral brasileiro devido a sua distribuição batimétrica, entre 15 e 90 metros de profundidade, sendo incomuns em águas com menos de 40 m. Habitam fundos de areia, cascalho, conchas, algas e esponjas, junto a recifes rochosos e coralinos. Alimentam-se principalmente de crustáceos e por vezes peixes. Costumam nadar próximo ao fundo, com paradas freqüentes. Eventualmente escondem-se entre esponjas e rochas, mas geralmente são observados em repouso ou nadando entre algas, corais, rochas e esponjas, freqüentemente aos pares. A reprodução parece ocorrer entre o final do outono e o início da primavera.

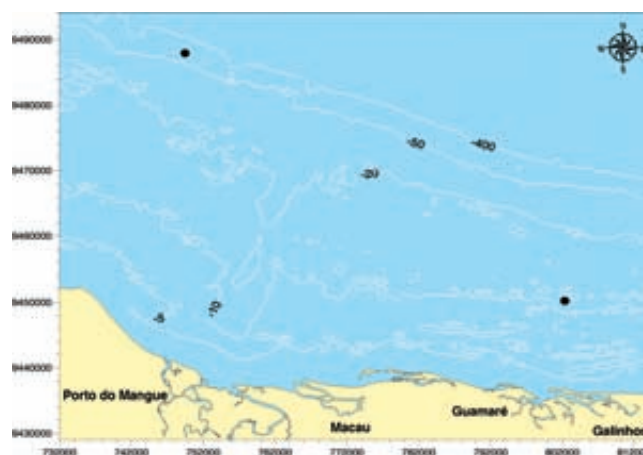
Distribuição Geográfica

Atlântico Ocidental, da Flórida (EUA) e Bahamas, pelo Caribe ao Espírito Santo.

Material Coletado

2 exemplares; com comprimento padrão de 5 cm.

Ocorrência na Bacia Potiguar - RN



Literatura

Robins & Starck II, 1961; Bullock *et al.*, 1991; Cervigón, 1991; Heemstra *et al.*, 1993; Grace *et al.*, 1994; Heemstra *et al.* In: Carpenter, 2002; McEachran & Fechhelm, 2005; Richards *et al.* In: Richards, 2006.

Nome Popular: Badejo mirim

Diagnose

Nadadeira dorsal com 10 espinhos (raramente 9 ou 11) e 11 a 12 raios; anal com 3 espinhos e 7 raios; peitorais com 13 a 15 raios; linha lateral com 42 a 48 escamas; 23 a 26 escamas ao redor do pedúnculo caudal. Corpo similar ao de *Serranus annularis*; mas com a nadadeira caudal truncada. Cor marrom a olivácea no dorso, branco puro na região ventral; flancos com três faixas longitudinais escuras, por vezes interrompidas; na região mediana, especialmente na parte posterior, uma série de manchas negras em série vertical na base da cauda e linhas e

manchas negras na região inferior da cabeça; dorsal, caudal e anal com séries de pequenas manchas escuras; peitoral amarelada e pélvica branca; em espécimes que ocorrem em até 15 m de profundidade há barras vermelhas sob as manchas negras medianas; peixes de águas mais profundas exibem coloração geral vermelha e as barras sob as manchas quadradas negras são amarelas. Jovens semelhantes aos adultos. Atinge 12 cm (CT).



Hábitat e Comportamento

De águas costeiras e rasas, desde fundos de cascalho e algas a recifes rochosos ou coralinos, até 80 metros de profundidade. Alimentam-se de crustáceos e poliquetas. Em certas regiões é a espécie mais comum do gênero. Possuem hábitos e comportamentos semelhantes à *Serranus annularis*.

Distribuição Geográfica

Atlântico Ocidental, Flórida (EUA) e Bahamas até São Paulo.

Material Coletado

1 exemplar; com comprimento padrão de 3 cm.

Ocorrência na Bacia Potiguar - RN



Literatura

Robins & Starck II, 1961; Bullock *et al.*, 1991; Cervigón, 1991; Heemstra *et al.*, 1993; Grace *et al.*, 1994; Heemstra *et al.* In: Carpenter, 2002; McEachran & Fechhelm, 2005; Richards *et al.* In: Richards, 2006.

Nome Popular: Badejo barriga branca

Diagnose

Nadadeira dorsal com 10 espinhos e 12 a 13 raios; anal com 3 espinhos e 7 raios; peitorais com 16 a 17 raios; linha lateral com 39 a 44 escamas. Corpo similar ao de *Serranus baldwini*, mas a nadadeira caudal é truncada; pré-opérculo com margem serrilhada; alto da cabeça sem escamas; 6 a 8 séries verticais de escamas entre o olho e a margem do pré-opérculo; terceiro ao décimo espinhos dorsais de tamanho parecido. Cor marrom, com faixas mais escuras verticais e com uma grande área abruptamente branca, algo

quadrada, no ventre, muito evidente; algumas linhas negras longitudinais do focinho à região sob a dorsal dura; séries de pequenas manchas escuras na dorsal e anal moles e na caudal; dorsal espinhosa e parte antero-inferior da mole brancas com diversas manchas negras grandes; peitoral laranja avermelhada, pélvica branca com margem externa negra; presença de duas manchas escuras na base da caudal, uma na parte superior outra na inferior. Jovens semelhantes aos adultos. Atinge 15 cm (CT).

Adulto



Hábitat e Comportamento

Comuns em águas costeiras e rasas sobre fundos de rochas, geralmente sob lajes e em tocas. Ocorrem até cerca de 400 metros de profundidade, geralmente solitários, ainda que abundantes em uma mesma área. Quando o fundo é revolvido, aproximam-se da área buscando crustáceos e poliquetas, dos quais se alimentam. A reprodução é similar à *Serranus annularis*.

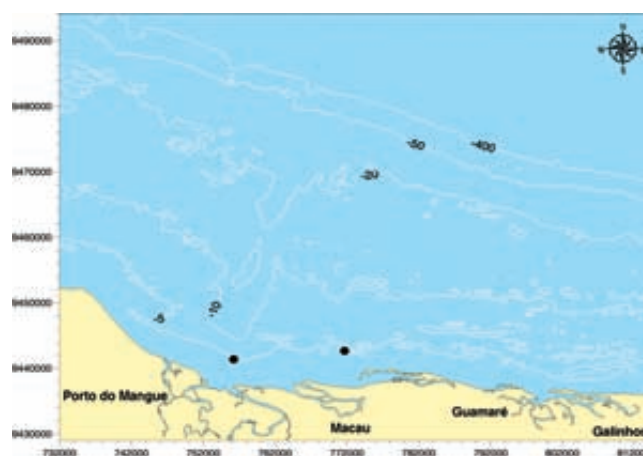
Distribuição Geográfica

Atlântico Ocidental, da Carolina do Norte ao Uruguai.

Material Coletado

2 exemplares; com comprimento padrão variando de 7 a 10 cm.

Ocorrência na Bacia Potiguar - RN



Literatura

Robins & Starck II, 1961; Bullock *et al.*, 1991; Cervigón, 1991; Heemstra *et al.*, 1993; Grace *et al.*, 1994; Heemstra *et al.* In: Carpenter, 2002; McEachran & Fechhelm, 2005; Richards *et al.* In: Richards, 2006.

Heteropriacanthus cruentatus

(Lacepède, 1801)

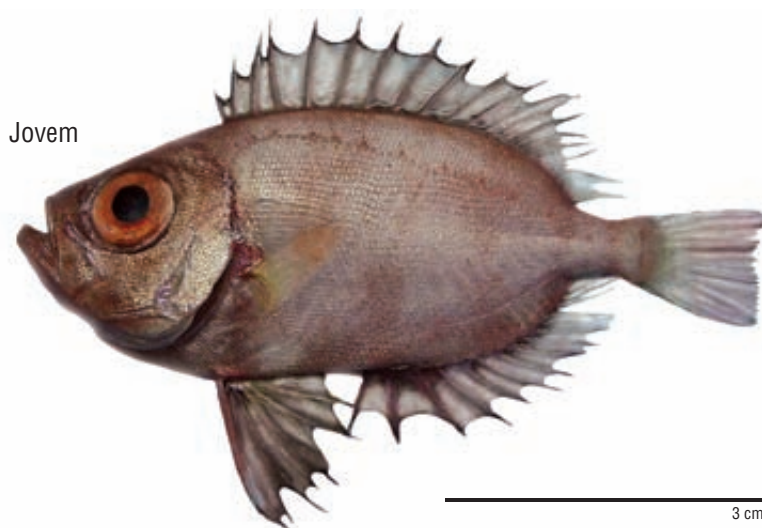
PRIACANTHIDAE

Nome Popular: Olho de vidro

Diagnose

Nadadeira dorsal com 10 espinhos e 11 a 13 raios; anal com 3 espinhos e 13 a 14 raios; linha lateral com 63 a 81 escamas com poros; 21 a 25 rastros no primeiro arco. Corpo alongado, comprimido e moderadamente alto; boca grande, inclinada; com um espinho bem desenvolvido do pré-opérculo;

nadadeira caudal truncada a ligeiramente convexa. Colorido do corpo variando entre o vermelho ao rosado, podendo, ainda ter manchas prateadas irregulares; íris vermelha; nadadeira caudal e as partes posteriores da anal e dorsal com manchas escuras arredondadas. Atinge 51 cm (CT) e 2,8 kg (PT).



Hábitat e Comportamento

Comuns nos ambientes recifais, desde as águas rasas até 300 metros de profundidade, sendo mais abundantes até 20 m. Geralmente solitários, mas podem ser observados em pequenos cardumes; mais ativos à noite, permanecem parados durante o dia entre pedras e sob lajes. Eventualmente formam cardumes de até 100 indivíduos na coluna d'água à noite, provavelmente predando sobre o zooplâncton. Quando iluminados seus olhos refletem a luz, dando a impressão de faróis quando vistos de cima. Territoriais, alimentam-se de peixes, crustáceos, poliquetas e polvos. A reprodução acontece no verão quando várias dezenas de machos e de fêmeas se agrupam em certas áreas do fundo rochoso; ovos e larvas são pelágicos e estas se transformam em jovens com cerca de 8 mm (CT).

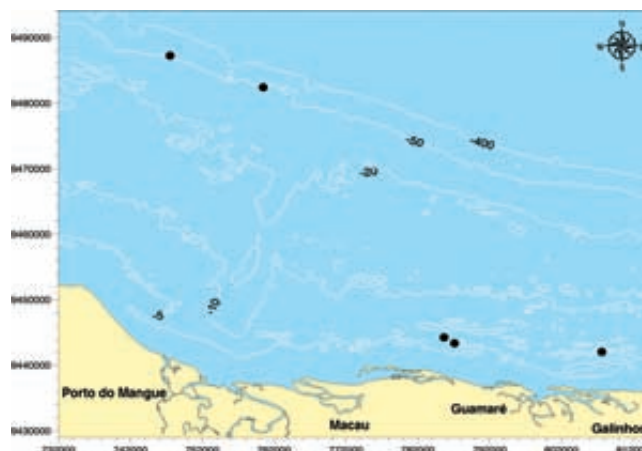
Distribuição Geográfica

Circuntropical, no Atlântico Ocidental de Massachusetts (EUA) e Bermudas a Argentina, incluindo as ilhas oceânicas brasileiras.

Material Coletado

11 exemplares; com comprimento padrão variando de 5 a 10 cm.

Ocorrência na Bacia Potiguar - RN



Literatura

Carvalho-Filho, 1999; Lopes *et al.* 2001; Starnes In: Carpenter, 2002; McEachran & Fechhelm, 2005; Powell In: Richards, 2006.

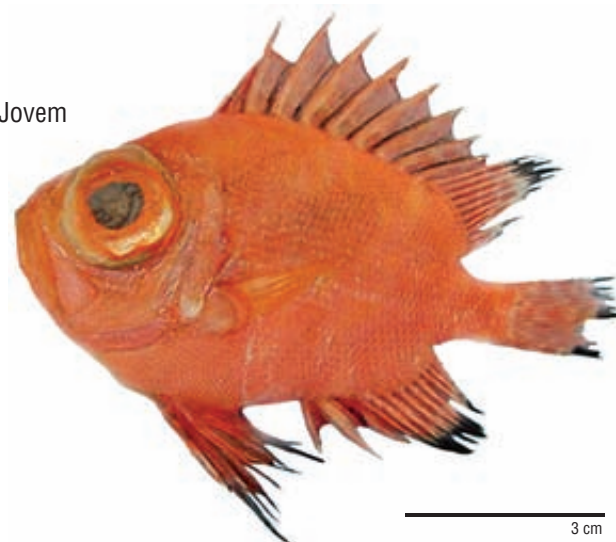
Nome Popular: Olho de vidro

Diagnose

Nadadeira dorsal com 10 espinhos e 10 a 12 raios; anal com 3 espinhos e 9 a 11 raios; linha lateral com 31 a 40 escamas com poros; 26 a 30 rastros no primeiro arco. Corpo alto, curto e ovalado; olho muito grande; sem espinho no pré-opérculo; pélvica longa, atingindo à origem da anal nos jovens e quase alcança o mesmo ponto nos adultos; dorsal alongada

nos adultos. Colorido variando do vermelho intenso ao róseo, podendo haver manchas pálidas espalhadas irregularmente pelo corpo. Nadadeiras vermelhas com margens negras. Jovens cinza prateados, com manchas esparças e nadadeiras vermelhas, eventualmente, com algumas pequenas manchas escuras. Atinge 33 cm (CT).

Jovem



Hábitat e Comportamento

De fundos rochosos ou coralinos, entre 5 e 200 metros de profundidade, porém no litoral brasileiro jamais foram registrados em profundidades inferiores a 45 m. Hábitos provavelmente como os de *Heteropriacanthus cruentatus*, embora sejam mais comuns em águas mais profundas do talude continental, os adultos são raros em águas rasas. A reprodução também é similar e a transformação das larvas em jovens ocorre a partir de 35 mm (CT).

Distribuição Geográfica

Atlântico Ocidental, de Massachusetts (EUA) ao Espírito Santo.

Material Coletado

1 exemplar; com comprimento padrão de 7 cm.

Ocorrência na Bacia Potiguar - RN



Literatura

Carvalho-Filho, 1999; Lopes *et al.* 2001; Starnes In: Carpenter, 2002; McEachran & Fechhelm, 2005; Powell In: Richards, 2006.

Nome Popular: Apogon

Diagnose

Primeira nadadeira dorsal com 6 espinhos; segunda dorsal com 1 espinho e 9 raios; anal com 2 espinhos e 8 raios; peitorais com 11 ou 12 raios (geralmente 12) e o raio mais interno quase livre; rastros no ramo inferior 12 ou 13 (raramente 14). Escamas ctenóides, as pré-dorsais de 3 a 5 (geralmente 4) e 16 a 18 ao redor do pedúnculo caudal. Margem posterior do pré-opérculo com espinhos evidentes; lobo membranoso inferior da

parte posterior do pré-opérculo não se estende além da borda. Cor geral variando de rosa dourado a vermelho translúcido, eventualmente com pequenas manchas escuras indistintas; freqüentemente uma mancha escura, grande e evidente, na base da cauda; nadadeiras amareladas. Jovens semelhantes aos adultos, embora sejam mais pálidos e quase translúcidos. Atinge 10 cm (CT).



Hábitat e Comportamento

Comuns, ocorrem em fundos rochosos ou de coral, eventualmente em cascalho e bancos de algas, entre 6 e 80 metros de profundidade. De hábitos noturnos quando se alimentam de zooplâncton, durante o dia escondem-se sob lajes, conchas vazias de moluscos e outros detritos do fundo, ou entre pedras e corais. São ainda freqüentemente associados a anêmonas, ouriços e esponjas. A reprodução parece ocorrer durante todo o ano, com picos no verão e aos pares. Os ovos fertilizados, grandes e não muito numerosos, são incubados na boca dos machos, as larvas são planctônicas e se desenvolvem em cerca de 50 dias.

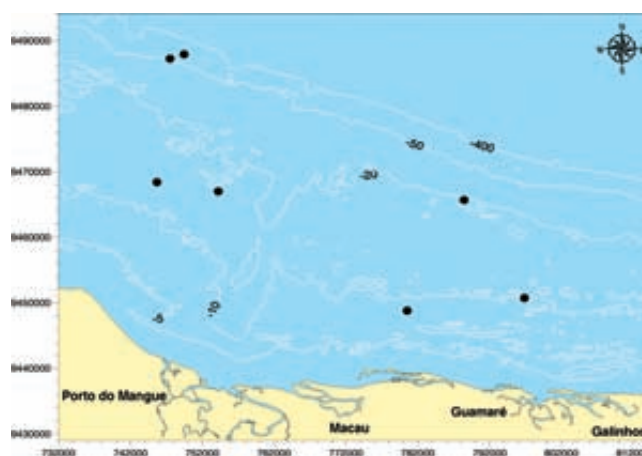
Distribuição Geográfica

Atlântico Ocidental, das Bahamas e Florida (EUA) a São Paulo.

Material Coletado

20 exemplares; com comprimento padrão variando de 4 a 8 cm.

Ocorrência na Bacia Potiguar - RN



Literatura

Randall, 1996; Carvalho-Filho, 1999; Gon In: Carpenter, 2002; McEachram & Fechhelm, 2005; Feitoza *et al.*, 2005; Lara In: Richards, 2006.

Nome Popular: Apogon

Diagnose

Primeira nadadeira dorsal com 6 espinhos; segunda dorsal com 1 espinho e 9 raios; anal com 2 espinhos e 8 raios; peitorais com 11 ou 12 raios (geralmente 12) e o raio mais interno ligado ao corpo por quase todo seu comprimento; rastros no ramo inferior 11 a 13. Escamas ctenóides, as pré-dorsais de 5 ou 6 e 16 ao redor do pedúnculo caudal. Lobo membranoso inferior da parte posterior do pré-opérculo estendendo-se além da borda. Margem posterior do pré-

opérculo serrilhado. Cor geral variando do bronze ao marrom com muitas pequenas manchas escuras distintas, geralmente uma em cada escama, alinhadas em séries horizontais; uma mancha escura grande e evidente na base da cauda; nadadeiras transparentes sem faixas escuras na base da anal e da segunda dorsal. Jovens semelhantes aos adultos, embora sejam mais pálidos, quase translúcidos. Atinge 8 cm (CT).



Hábitat e Comportamento

De recifes e costões rochosos, desde poucos centímetros a cerca de 50 metros de profundidade, sendo muito comuns em poças de maré. Durante o dia escondem-se em frestas profundas do substrato, sendo bastante ativos à noite quando se alimentam de zooplâncton. Reprodução semelhante à *Apogon quadrisquamatus*.

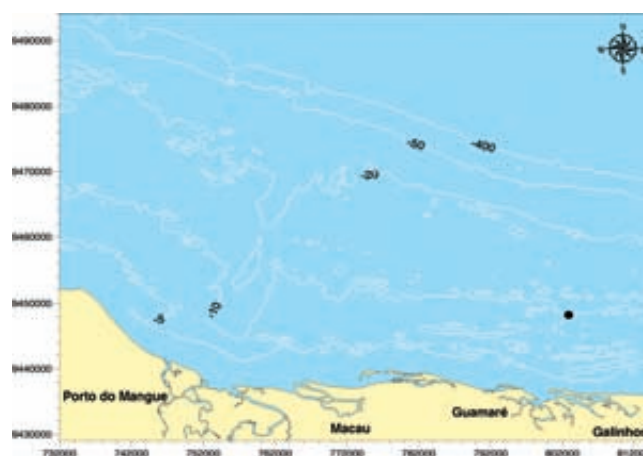
Distribuição Geográfica

Atlântico Tropical; no Ocidental das Bahamas e Florida (EUA), a Santa Catarina, incluindo ilhas oceânicas brasileiras; no Oriental, conhecido no Golfo da Guiné.

Material Coletado

10 exemplares; com comprimento padrão variando de 2 a 5 cm.

Ocorrência na Bacia Potiguar - RN



Literatura

Randall, 1996; Carvalho-Filho, 1999; Gon In: Carpenter, 2002; McEachram & Fechtelm, 2005; Feitoza *et al.*, 2005; Lara In: Richards, 2006.

Nome Popular: Rêmora

Diagnose

Nadadeira dorsal com 33 a 45 raios, anal com 29 a 41 raios; disco cefálico com 21 a 28 lâminas. Corpo longo e pouco alto, sua maior altura conta cerca de 8 vezes do comprimento padrão; projeção carnosa desenvolvida sob o maxilar inferior. Cauda lanceolada nos pequenos e arredondadas nos jovens; nos adultos com raios internos e centrais maiores e bastante emarginada. Cor variando do cinza ao pálido, adultos mais

escuras. Faixa negra com margens pálidas quase brancas, do focinho ao meio da nadadeira caudal, mais larga nas proximidades da peitoral. Nadadeiras negras com margens brancas pouco nítidas nos grandes exemplares; caudal com uma mancha branca nos jovens, restrita ou mesmo ausente nos adultos. Atinge 90 cm (CT) e 2,3 kg (PT).

Adulto



Hábitat e Comportamento

Comuns, podem ser costeiros ou oceânicos. De águas rasas até cerca de 50 metros de profundidade. Apresentam característica única na forma do disco cefálico, uma modificação extrema da nadadeira dorsal dura que permite a fixação em superfícies lisas como o corpo de golfinhos, baleias, peixes-boi, tartarugas marinhas, raias, tubarões, barracudas e outros peixes grandes, também aderem-se em cascos de barcos, bóias, banhistas e mergulhadores. Preferem águas claras, de praias e recifes ao mar aberto. É a única espécie de rêmora capaz de nadar livremente não dependendo do hospedeiro para locomoção. Alimentam-se de copépodes e isópodes parasitas, organismos planctônicos e peixes. Os jovens podem agir como limpadores em áreas de recifes. Os ovos e larvas são pelágicos, os jovens com menos de 3 cm (CT) já são quase idênticos aos adultos.

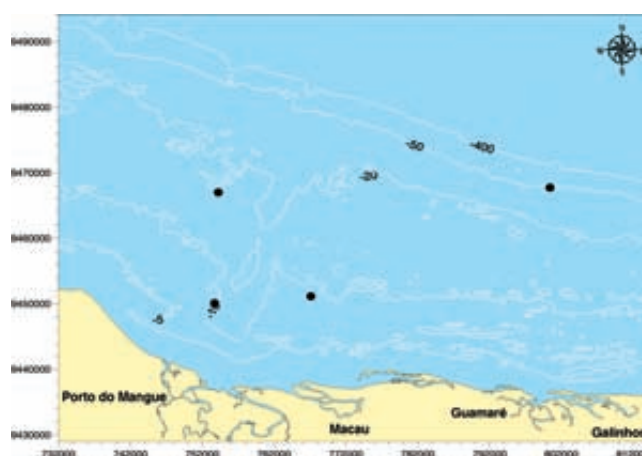
Distribuição Geográfica

Todos os mares quentes, exceto no Pacífico Oriental; no Atlântico Ocidental desde a Nova Escócia (Canadá) até o Uruguai, incluindo as ilhas oceânicas brasileiras.

Material Coletado

5 exemplares; com comprimento padrão variando de 13 a 58 cm.

Ocorrência na Bacia Potiguar - RN



Literatura

Sazima *et al.*, 1999; Collette In: Carpenter, 2002; McEachran & Fechhelm, 2005.

Nome Popular: Guarajuba amarela

Diagnose

Nadadeira dorsal com 25 a 28 raios, anal com 21 a 24 raios. Linha lateral com 25 a 36 escudos. Corpo moderadamente delgado e comprimido. Maxilar não alcança a margem anterior do olho. Dorso azulado a verde brilhante metálico,

flancos amarelados e nadadeiras amarelas. Jovens de cor bronzeada com muitas manchas amareladas, os menores entre 15 e 30 mm (CT), apresentam cinco barras escuras nos flancos. Atinge 90 cm (CT) e 14 kg (PT).

Adulto



Jovem



3 cm

Hábitat e Comportamento

Comuns, ocorrem em águas abertas, parciais e ilhas afastadas, desde águas rasas até 50 metros de profundidade. Solitários ou em pequenos cardumes. Juvenis podem se associar a algas à deriva ou águas-vivas. Predadores, caçam tanto na coluna d'água quanto no fundo, onde se alimentam de crustáceos, moluscos e pequenos peixes. Os adultos costumam seguir algumas raias (*Dasyatis* spp.), posicionando-se acima do dorso das mesmas à espreita de presas que ocasionalmente escapem. Jovens podem seguir detritos flutuantes, sargassos ou mesmo outros peixes maiores. Reproduzem-se em águas abertas da primavera ao verão, quando formam grandes cardumes.

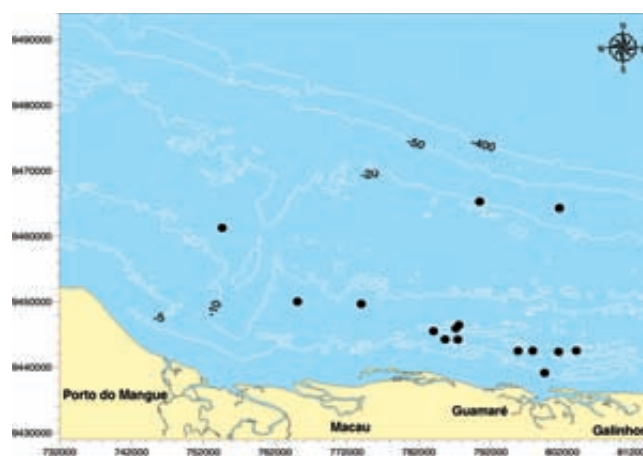
Distribuição Geográfica

Atlântico Ocidental, de Massachusetts (EUA) a São Paulo, incluindo as ilhas oceânicas brasileiras.

Material Coletado

18 exemplares; com comprimento padrão variando de 3 a 11 cm.

Ocorrência na Bacia Potiguar - RN



Literatura

Thresher, 1984; Sazima, 1998; Carvalho-Filho, 1999; Sazima, 2002; Smith-Vaniz In: Carpenter, 2003; Smith-Vaniz In: Froese & Pauly, 2006; Laroche *et al.* In: Richards, 2006; Bonaldo *et al.* In: Carvalho-Filho (in prep).

Nome Popular: Garacimbora**Diagnose**

Nadadeira dorsal com 19 a 22 raios; anal com 16 a 18 raios; linha lateral com 32 a 39 escudos. Corpo alongado e cabeça com perfil superior em arco, o inferior quase reto. Olho grande, maior que o focinho; maxilar alcança ou se estende além da margem posterior do olho. Região peitoral totalmente escamada. Azul escuro a cinza oliváceo no dorso, prateados a dourados nos

flancos e ventre, caudal amarelada, especialmente nos jovens, adultos com caudal mais escura. Escudos da região posterior da linha lateral podem ser escuros. Jovens geralmente com cinco faixas pretas verticais no corpo e outra na nuca. Atinge 80 cm (CT) e 15 kg (PT).

**Hábitat e Comportamento**

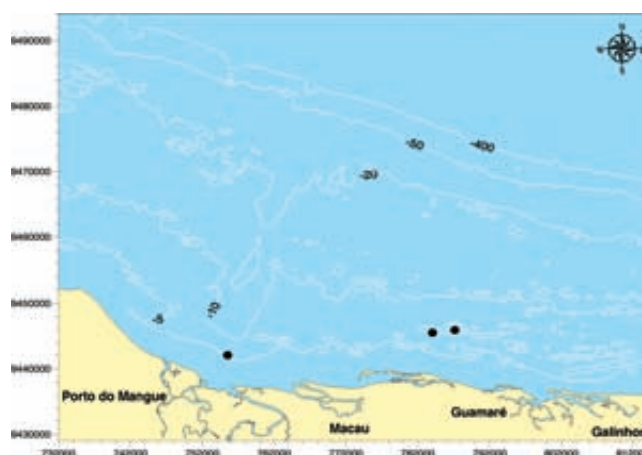
Comuns em vários habitats como praias, canais, recifes e estuários, podem ser encontrados em rios costeiros. De águas rasas até 140 metros de profundidade. Alimentam-se de peixes e invertebrados. Os grandes adultos preferem áreas mais afastadas junto a ilhas, mas também são freqüentes na costa. Os juvenis podem ser encontrados em diferentes ambientes, desde recifes, praias arenosas e mangues. Os jovens formam freqüentemente cardumes e os adultos são mais solitários, a não ser no período reprodutivo quando se concentram em locais específicos a desova. Podem também, se associar a detritos flutuantes, sargasso ou mesmo outros peixes maiores.

Distribuição Geográfica

Atlântico, no Ocidental, de Nova Jersey (EUA) ao Rio Grande do Sul, incluindo as ilhas oceânicas brasileiras; no Oriental na Ilha de Ascensão e Golfo da Guiné.

Material Coletado

8 exemplares; com comprimento padrão variando de 7,5 a 9,5 cm.

Ocorrência na Bacia Potiguar - RN**Literatura**

Thresher, 1984; Sazima, 1998; Carvalho-Filho, 1999; Sazima, 2002; Smith-Vaniz In: Carpenter, 2003; Smith-Vaniz In: Froese & Pauly, 2006; Laroche *et al.* In: Richards, 2006; Bonaldo *et al.* In: Carvalho-Filho (in prep).

Chloroscombrus chrysurus

(Linnaeus, 1766)

CARANGIDAE

Nome Popular: Palombeta

Diagnose

Nadadeira dorsal e anal com 25 a 28 raios; linha lateral com 61 a 68 escamas, 7 a 12 últimas maiores, quase escudos. Corpo muito comprimido e alto, perfil inferior muito mais curvo que o superior; boca pequena e diagonal. Prateado a

dourado, dorso acinzentado a preto; nadadeiras caudal e anal amarelas; uma mancha preta na parte superior do pedúnculo e outra pouco distinta no opérculo; jovens similares. Atinge 30 cm (CT).

Jovem



Hábitat e Comportamento

Comuns e costeiros, na coluna d'água, da superfície ao fundo, até 55 metros de profundidade, em baías, estuários, recifes coralinos ou rochosos e mangues. Adultos formam grandes cardumes. Alimentam-se de zooplâncton e invertebrados bentônicos. Os jovens são pelágicos e frequentemente se associam a medusas, onde são aparentemente protegidos de predadores pelos tentáculos urticantes.

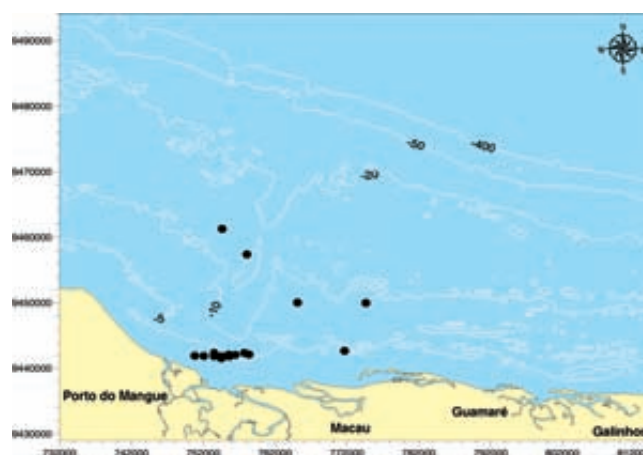
Distribuição Geográfica

Atlântico, no Ocidental de Massachusetts (EUA) a Argentina e no Oriental da Mauritânia a Angola.

Material Coletado

124 exemplares; com comprimento padrão variando de 3 a 21 cm.

Ocorrência na Bacia Potiguar - RN



Literatura

Thresher, 1984; Sazima, 1998; Carvalho-Filho, 1999; Sazima, 2002; Smith-Vaniz In: Carpenter, 2003; Smith-Vaniz In: Froese & Pauly, 2006; Laroche *et al.* In: Richards, 2006; Bonaldo *et al.* In: Carvalho-Filho (in prep).

Nome Popular: Xixarro

Diagnose

Nadadeira dorsal com 29 a 34 raios, o último como pínula; anal com 25 a 30 raios, o último como pínula. Corpo alongado e delgado; escamas pequenas e lisas; linha lateral com 77 a 89 escamas e escudos: 37 a 56 escamas e 0 a 6 escudos na parte anterior e arqueada, 0 a 2 escamas e 32 a 46 escudos na parte posterior e reta. Cor prateada

com o , dorso azulado ou esverdeado, ventre branco ou prateado; 1 a 14 manchas negras distintas na parte curvada e anterior da linha lateral. Mancha negra no opérculo evidente. Faixa amarela nos flancos na altura do olho, mais destacada em vida. Jovens semelhantes aos adultos. Atinge 30 cm (CT) e 0,3 kg (PT).

Adulto



Hábitat e Comportamento

Comuns em águas costeiras, desde praias arenosas a recifes de coral. De águas rasas até 100 metros de profundidade. Encontrados em cardumes na coluna d'água, geralmente próximos ao fundo, não sendo raros no topo de recifes. Alimentam-se de invertebrados planc-tônicos, principalmente copépodes, mas também de larvas de gastrópodes. São predados por grandes peixes, aves e mamíferos marinhos. Reproduzem longe da costa durante o ano todo, os ovos e larvas são pelágicos.

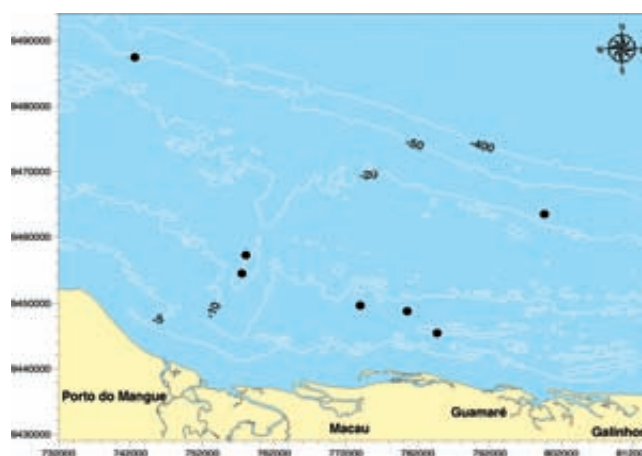
Distribuição Geográfica

Atlântico, no Ocidental da Nova Escócia (Canadá) a Santa Catarina, incluindo as ilhas oceânicas brasileiras; no Oriental do Marrocos a África do Sul, incluindo as ilhas da Madeira, Canárias, Cabo Verde, Ascensão e Santa Helena.

Material Coletado

24 exemplares; com comprimento padrão variando de 3,5 a 20 cm.

Ocorrência na Bacia Potiguar - RN



Literatura

Thresher, 1984; Sazima, 1998; Carvalho-Filho, 1999; Sazima, 2002; Smith-Vaniz In: Carpenter, 2003; Smith-Vaniz In: Froese & Pauly, 2006; Laroche *et al.* In: Richards, 2006; Bonaldo *et al.* In: Carvalho-Filho (in prep).

Nome Popular: Carapau olhudo

Diagnose

Nadadeira dorsal dividida, a primeira com 8 espinhos e a segunda com 1 espinho e 21 a 23 raios; anal com 2 espinhos isolados seguidos por 1 espinho e 21 a 23 raios; últimos raios da dorsal e anal unidos à nadadeira; linha lateral com 84 a 94 escamas, 29 a 44 últimas em forma de escudo. Primeiro arco branquial com 37 a 42 rastros. Corpo moderadamente alongado e comprimido; olho muito grande, maior que o focinho. Margem posterior da câmara branquial com uma depressão profunda, presença de uma papila proeminente abaixo do opérculo e

uma menor próxima à borda superior do opérculo; tecido adiposo cobrindo o olho com apenas uma fenda central; parte anterior da linha lateral ligeiramente curva; nadadeiras peitorais falcadas. Cor prateada a dourada, dorso verde ao azul com reflexos metálicos, ventre claro; faixa dourada no alto do flanco nem sempre distinta. Pequena mancha escura na parte superior do opérculo indefinida e nem sempre evidente. Margem da caudal escura. Jovens semelhantes aos adultos. Atinge 70 cm (CT).

Adulto



Hábitat e Comportamento

Comuns, de hábitos costeiros a oceânicos, em cardumes próximos da superfície ou na coluna d'água em até 170 metros de profundidade. Alimentam-se de zooplâncton e raramente de invertebrados bentônicos. São parte importante da alimentação de peixes pelágicos e costeiros. Aparentemente preferem, águas turvas às mais claras. No verão formam grandes cardumes, talvez, para desovar.

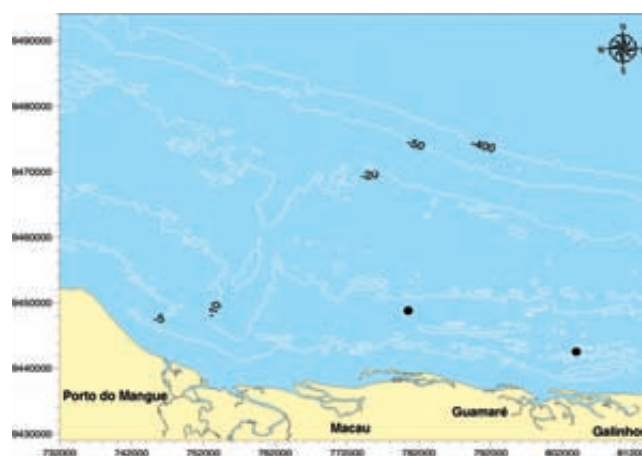
Distribuição Geográfica

Circunglobal; no Atlântico Ocidental, da Nova Escócia (Canadá) a Santa Catarina, incluindo as ilhas oceânicas brasileiras; no Oriental, de Cabo Verde ao sul de Angola.

Material Coletado

2 exemplares; com comprimento padrão variando de 5,5 a 8 cm.

Ocorrência na Bacia Potiguar - RN



Literatura

Thresher, 1984; Sazima, 1998; Carvalho-Filho, 1999; Sazima, 2002; Smith-Vaniz In: Carpenter, 2003; Smith-Vaniz In: Froese & Pauly, 2006; Laroche *et al.* In: Richards, 2006; Bonaldo *et al.* In: Carvalho-Filho (in prep).

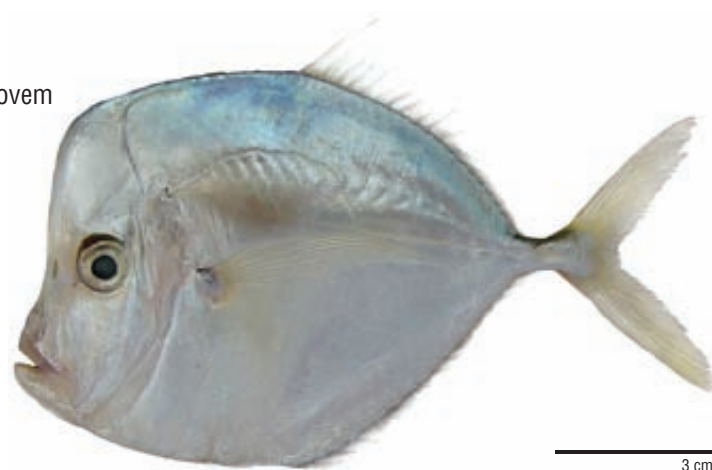
Nome Popular: Galo

Diagnose

Nadadeira dorsal com 21 a 23 raios, anal com 17 a 19; linha lateral com 7 a 12 escudos pouco evidentes no pedúnculo caudal; primeiro arco branquial com 30 a 36 rastros. Corpo alto, entre 61,0 a 65,7 % do comprimento padrão e muito comprimido, perfil anterior da cabeça com concavidade entre a ponta do focinho e o alto da cabeça. Raios anteriores da dorsal e da anal curtos, pouco maiores que os demais. Presença de duas quilhas laterais em cada lado do pedúnculo caudal. Nadadeiras pélvicas reduzidas tornando-se rudimentares com a idade.

Cor azul prateado em geral, com dorso e cabeça mais escuros; uma área escura no topo do pedúnculo caudal; nadadeiras pálidas, eventualmente com os lobos da caudal escurecidos. Jovens prateados com uma mancha negra oval sobre a parte reta da linha lateral, que desaparece com a idade. Diferencia-se de *Selene setapinnis* pelo corpo mais alto, além do número de rastros, coloração e olho proporcionalmente maior. Atinge 29 cm (CT) e 2,2 kg (PT).

Jovem



Hábitat e Comportamento

Não são comuns, ocorrendo em ambientes costeiros e rasos, sobre fundo consolidado ou arenoso. Juvenis podem ser encontrados formando cardumes em estuários e costões rochosos, adultos tendem a ser mais solitários. Frequentemente misturam-se às outras espécies do gênero. Alimentam-se de pequenos peixes e crustáceos. Provavelmente, durante muitos anos foi, confundido com *Selene setapinnis*.

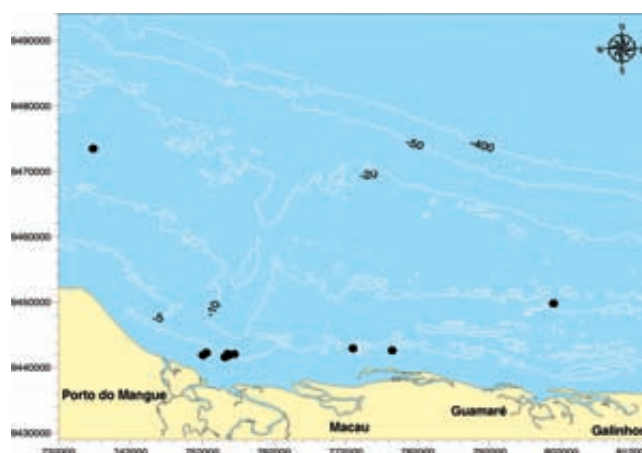
Distribuição Geográfica

Atlântico Ocidental, do México ao Espírito Santo.

Material Coletado

18 exemplares; com comprimento padrão variando de 4 a 16 cm.

Ocorrência na Bacia Potiguar - RN



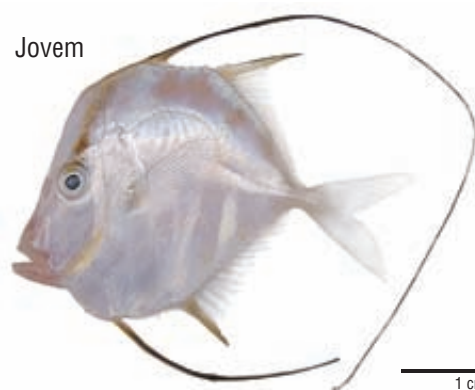
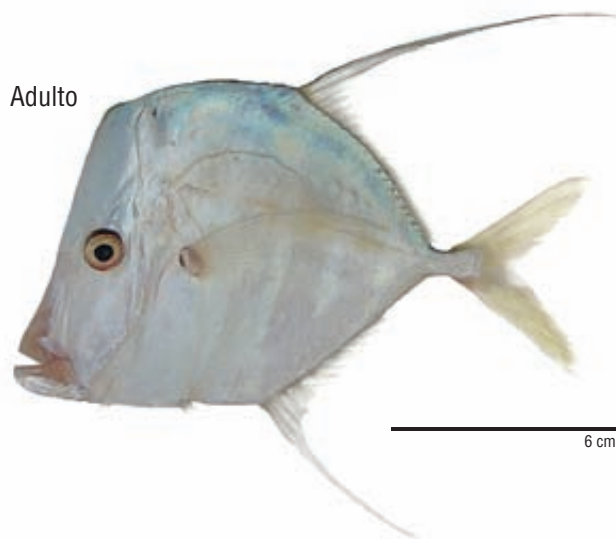
Literatura

Thresher, 1984; Sazima, 1998; Carvalho-Filho, 1999; Sazima, 2002; Smith-Vaniz In: Carpenter, 2003; Smith-Vaniz In: Froese & Pauly, 2006; Laroche *et al.* In: Richards, 2006; Bonaldo *et al.* In: Carvalho-Filho (in prep).

Nome Popular: Galo**Diagnose**

Nadadeira dorsal com 20 a 23 raios, anal com 17 a 20 raios; primeiro arco branquial com 31 a 35 rastros. Corpo muito alto e comprimido, perfil anterior da cabeça quase reto da ponta do focinho ao alto da cabeça; boca terminal e basal; olho pequeno. Nadadeira pélvica muito pequena nos adultos e alongada nos jovens, lobos da dorsal e da anal muito longos, sendo filamentosos nos jovens e indo além da caudal,

encurtando com a idade. Cor prateada, dorso escuro com reflexos azul metálicos nos flancos e por vezes com quatro ou cinco faixas verticais brancas nos flancos e que chegam ao ventre; jovens com quatro ou cinco faixas escuras no corpo e com filamentos da dorsal e anal longos e negros. Atinge 45 cm (CT) e 2 kg (PT).

**Hábitat e Comportamento**

Ocorrem em ambientes costeiros e rasos, sobre fundo consolidado ou arenoso, até 53 metros de profundidade. Os juvenis podem ser encontrados em estuários, costões rochosos e recifes coralinos. Observados em grandes cardumes ou aos pares. Alimentam-se de peixes e crustáceos. Dificilmente avistados por mergulhadores desatentos devido ao seu perfil anterior estreito e aos flancos que refletem o ambiente.

Distribuição Geográfica

Atlântico Ocidental, do Maine (EUA) ao Rio Grande do Sul.

Material Coletado

26 exemplares; com comprimento padrão variando de 2 a 12,5 cm.

Ocorrência na Bacia Potiguar - RN**Literatura**

Thresher, 1984; Sazima, 1998; Carvalho-Filho, 1999; Sazima, 2002; Smith-Vaniz In: Carpenter, 2003; Smith-Vaniz In: Froese & Pauly, 2006; Laroche *et al.* In: Richards, 2006; Bonaldo *et al.* In: Carvalho-Filho (in prep).

Nome Popular: Baúna

Diagnose

Nadadeira dorsal com 10 espinhos e 14 raios; anal com 3 espinhos e 8 raios. Similar à *Lutjanus analis*, mas os dentes do vômer em placa com forma de âncora; membrana das nadadeiras dorsal e anal com escamas; peitoral não alcança a origem da anal; margem posterior da anal redonda. Cor marrom a bege, região ventral rosada; cinco faixas pálidas verticais distintas nos flancos; uma linha azul geralmente decomposta em uma série de manchas redondas nos adultos sob o olho; nadadeiras dorsal, anal e caudal marrom a bege, exceto a peitoral e pélvica, avermelhadas

a róseas; olho geralmente vermelho; jovens com cor geral similar, porém as faixas verticais mais evidentes, a linha azul sob o olho muito definida e presença de uma faixa escura na cabeça, da ponta do focinho à nuca, passando sob o olho. Exemplares adultos e de águas mais profundas são de cor geral vermelho-viva e com as faixas verticais pouco distintas. Atinge 67 cm (CT). Espécie extremamente semelhante a *L. apodus*, e por isso, confundida por muitos anos.

Jovem



Hábitat e Comportamento

De maneira geral como *L. analis*, embora sejam mais comuns em águas rasas. Podem ser avistados em pequenos cardumes em qualquer época. Alimentam-se de crustáceos, moluscos e peixes. A reprodução parece ocorrer por todo o ano, mas ainda não são conhecidos detalhes a respeito de larvas e sua transformação em jovens, que são comuns entre naufrágios, algas, pedras e em estuários.

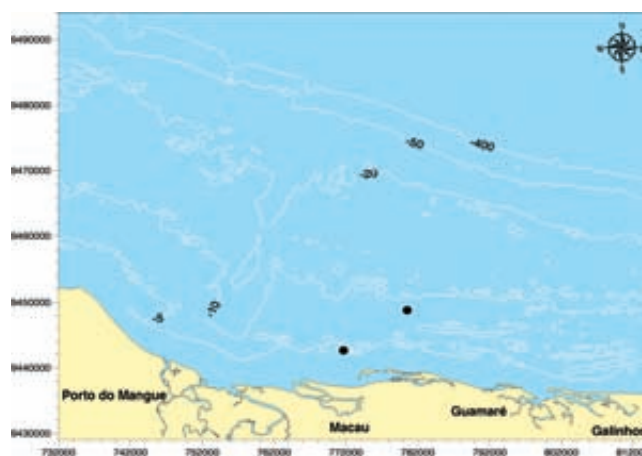
Distribuição Geográfica

Atlântico Ocidental, aparentemente restrita às águas do Brasil, entre o Maranhão e São Paulo.

Material Coletado

5 exemplares; com comprimento padrão variando de 7,5 a 22 cm.

Ocorrência na Bacia Potiguar - RN



Literatura

Anderson In: Carpenter, 2002; McEachran & Fechhelm, 2005; Richards *et al.* In: Richards, 2006.

Nome Popular: Cioba

Diagnose

Nadadeira dorsal com 10 (raramente 11) espinhos e 13 ou 14 raios; anal com 3 espinhos e 8 raios (raramente 7); linha lateral com 47 a 51 escamas com poros. Corpo alongado e moderadamente comprimido; boca terminal, relativamente grande; maxilares com caninos distintos; dentes do vômer em placa com forma de lua crescente, quase um “v”; membrana das nadadeiras dorsal e anal com escamas; peitoral quase chega à origem da anal; margem posterior da anal pontuda. Cor olivácea no dorso, avermelhada nos flancos, mais pálida no ventre, com muitas áreas avermelhadas ou rosadas por

vezes em quase todo o corpo; há fases em que ocorrem barras verticais pálidas sobre o fundo mais escuro do dorso e o ventre é amarelo alaranjado; pélvica, anal e peitoral vermelha tijolo; uma linha azul brilhante sob o olho, muito evidente, mais larga na parte superior; outras manchas e linhas azuis atrás e em volta do olho; íris bronze a vermelha; uma mancha escura, quase do tamanho da pupila, sob a origem da parte mole da dorsal, justaposta à linha lateral e de contorno bem definido. Atinge 94 cm (CT) e 16 kg (PT).

Adulto



Hábitat e Comportamento

Comuns em águas costeiras, desde mangues, estuários, recifes, costões rochosos e ilhas, inclusive as mais afastadas, entre 2 e 418 metros de profundidade, os indivíduos maiores em águas mais profundas. Alimentam-se vorazmente de moluscos, crustáceos e peixes. Tem hábitos solitários, a não ser durante a reprodução, que acontece da primavera ao final do verão e ao anoitecer na coluna d'água. Os ovos são pelágicos, as larvas planctônicas e com cerca de 15 mm (CT) transformam-se em jovens; os jovens são mais comuns em beira de praia, entre algas e pedras e em estuários. Vivem cerca de 33 anos.

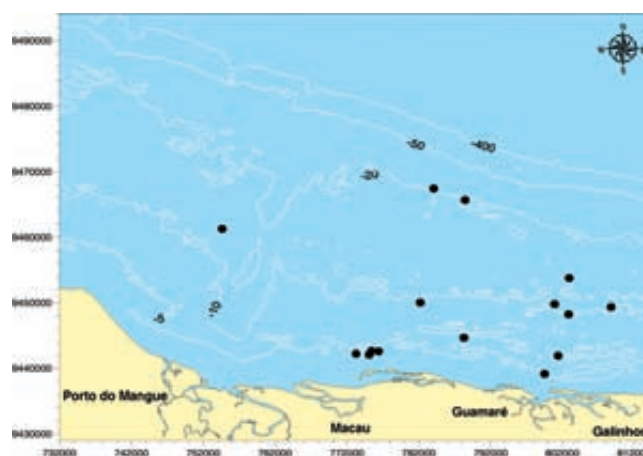
Distribuição Geográfica

Atlântico Ocidental, da Nova Inglaterra (EUA) a Santa Catarina. Há, raros e esporádicos registros em Fernando de Noronha.

Material Coletado

41 exemplares; com comprimento padrão variando de 3 a 42 cm.

Ocorrência na Bacia Potiguar - RN



Literatura

Anderson In: Carpenter, 2002; McEachran & Fechhelm, 2005; Richards *et al.* In: Richards, 2006; Moura & Lindeman, 2007; Olavo *et al.* In: Costa *et al.*, 2007.

Nome Popular: Dentão

Diagnose

Nadadeira dorsal com 10 espinhos e 14 raios (raramente 13); anal com 3 espinhos e 8 raios (raramente 7); linha lateral com 46 a 49 escamas com poros. Similar à *L. alexandrei*, mas com os caninos anteriores de ambos os maxilares distintamente maiores que os demais; dentes do vômer em placa com forma de âncora; peitoral não chega à origem da anal; margem posterior da anal redonda. Cor olivácea a marrom no dorso, ventre e

flancos avermelhados; barras pálidas verticais nos flancos pouco nítidas; peitoral, dorsal e caudal vermelho alaranjado; pélvica e anal amareladas; olho vermelho; uma área triangular branca e evidente sob o olho, muito característica; uma série de manchas azuis brilhantes sob o olho, do maxilar ao opérculo, que nos jovens formam uma linha, semelhante a *L. alexandrei*. Atinge 130 cm (CT) e 29 kg (PT).



Hábitat e Comportamento

De forma geral como *L. analis*, porém os adultos são peixes de recifes e costões costeiros, até cerca de 90 metros de profundidade, comuns em naufrágios. Grandes adultos têm hábitos solitários, ainda que abundantes em uma mesma região. Alimentam-se de crustáceos, moluscos e peixes. A reprodução acontece por todo ano com grandes cardumes e picos no verão e ao anoitecer na coluna d'água; os ovos são pelágicos, as larvas planctônicas e com cerca de 15 mm (CT) transformam-se em jovens, que vivem em estuários, mangues ou mesmo em rios costeiros. Vivem cerca de 25 anos.

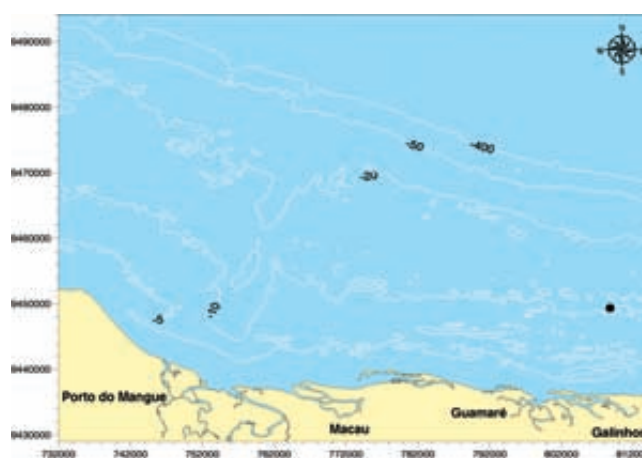
Distribuição Geográfica

Atlântico Ocidental, da Nova Inglaterra (EUA) a Santa Catarina, presente nas ilhas oceânicas brasileiras.

Material Coletado

1 exemplar; com comprimento padrão de 27 cm.

Ocorrência na Bacia Potiguar - RN



Literatura

Anderson In: Carpenter, 2002; McEachran & Fechhelm, 2005; Richards *et al.* In: Richards, 2006; Moura & Lindeman 2007; Olavo *et al.* In: Costa *et al.*, 2007.

Nome Popular: Ariocó

Diagnose

Nadadeira dorsal com 10 espinhos e 12 ou 13 raios; anal com 3 espinhos e 8 raios (raramente 9); linha lateral com 47 a 50 escamas com poros. Similar à *L. analis*, mas com os dentes do vômer em placa com forma de âncora; peitoral não atinge à origem da anal e margem posterior da anal redonda. Cor oliva no dorso a pálida no ventre ou avermelhado em geral, às vezes com barras verticais escuras nos flancos; estrias

amarelas longitudinais na parte inferior do corpo e diagonais na parte superior; uma mancha escura, difusa mas evidente, maior que o olho sob a origem da dorsal mole; pélvica e anal amareladas, peitoral e caudal vermelhas, esta com margem negra; dorsal pálida com margem vermelha; olho vermelho; jovens similares. Atinge 70 cm (CT) e 5 kg (PT).



Hábitat e Comportamento

Comuns em áreas recifais e banco de algas, semelhante à *L. analis*, mas sendo encontrados até 400 metros de profundidade. Alimentam-se de crustáceos, moluscos e pequenos peixes. Formam grandes cardumes durante a reprodução que ocorre por todo o ano com picos da primavera ao final do verão; os ovos e larvas são pelágicos, estas com cerca de 15 mm (CT) transformam-se em jovens, mais comuns em beira de praia, entre algas, pedras e em estuários. Vivem cerca de 22 anos.

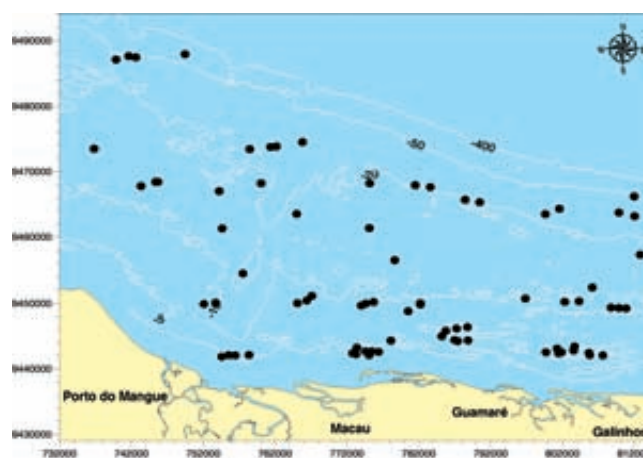
Distribuição Geográfica

Atlântico Ocidental, da Bermudas e Carolina do Norte (EUA) a Santa Catarina.

Material Coletado

905 exemplares; com comprimento padrão variando de 5 a 37 cm.

Ocorrência na Bacia Potiguar - RN



Literatura

Anderson In: Carpenter, 2002; McEachran & Fechhelm, 2005; Richards *et al.* In: Richards, 2006; Moura & Lindeman 2007; Olavo *et al.* In: Costa *et al.*, 2007.

Nome Popular: Guaiúba

Diagnose

Nadadeira dorsal com 10 (raramente 9 ou 11) espinhos e 12 a 14 raios; anal com 3 espinhos e 9 raios (raramente 8); linha lateral com 46 a 49 escamas com poros. Corpo alongado e pouco comprimido; boca terminal, e de tamanho moderado; maxilares com séries de pequenos caninos; dentes do vômer em placa com forma de âncora; membrana das nadadeiras dorsal e anal com escamas; peitoral não atinge à origem da anal; caudal furcada. Cor olivácea ou rósea, podendo ser, azul acinzentada com manchas amarelas no dorso; uma faixa amarela forte muito evidente do focinho à base da caudal,

onde é mais larga; ventre pálido com reflexos violeta; peitoral, caudal e dorsal amarelas e pélvicas pálidas; olho vermelho. Os jovens são prateados, variando do acinzentado ao azulado, nadadeira caudal nunca é furcada como nos adultos; com uma faixa amarela bem evidente, sem outras marcas desta cor e com a parte anterior das nadadeiras dorsal e anal vermelhas ou amareladas. Atinge 100 cm (CT) e 4 kg (PT). Análises de DNA sugerem uma maior afinidade com o gênero *Lutjanus*, não sustentando sua posição em um gênero monotípico.

Adulto



Jovem



Hábitat e Comportamento

Comuns e costeiros, desde águas rasas de praias a ilhas oceânicas, na coluna d'água próximos a fundos de rocha, areia ou recifes, até 190 metros de profundidade. Possuem hábitos diurnos e noturnos; são ágeis e predam peixes pequenos, crustáceos bentônicos e pelágicos, além de lulas, formando cardumes pouco numerosos. São freqüentemente avistados na superfície, e em águas abertas, onde se reproduzem ao longo de todo ano; ovos e larvas são pelágicos e estas se transformam em jovens com 15 mm (CT); os jovens alimentam-se de zooplâncton e habitam águas costeiras, de mangues a praias e costões rochosos. Vivem cerca de 17 anos.

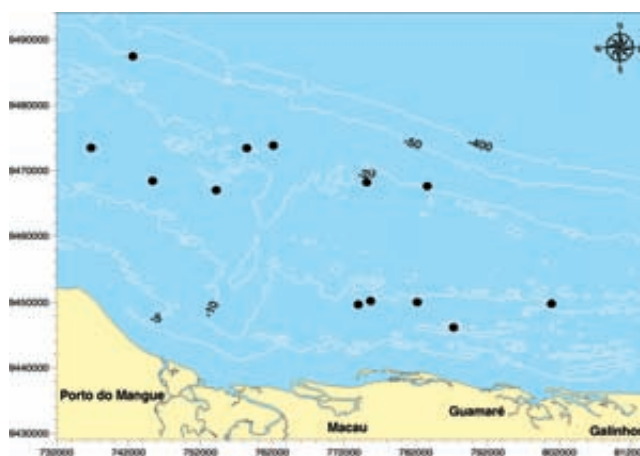
Distribuição Geográfica

Atlântico Ocidental, da Nova Inglaterra (EUA) e Bermudas a Santa Catarina.

Material Coletado

54 exemplares; com comprimento padrão variando de 3 a 24 cm.

Ocorrência na Bacia Potiguar - RN



Literatura

Anderson In: Carpenter, 2002; McEachran & Fechhelm, 2005; Richards *et al.* In: Richards, 2006; Moura & Lindeman 2007; Olavo *et al.* In: Costa *et al.*, 2007.

Nome Popular: Pirapiranga

Diagnose

Nadadeira dorsal com 12 espinhos (raramente 13) e 11 raios (raramente 10 ou 12); anal com 3 espinhos e 8 raios (raramente 9); linha lateral com 46 a 52 escamas com poros. Corpo alongado e pouco comprimido; boca terminal, e de tamanho moderado; maxilares com séries de pequenos caninos; dentes do vômer em placa com forma rombóide e com uma extensão posterior; membrana das nadadeiras dorsal

e anal com escamas; peitoral não atinge à origem da anal; caudal furcada ou lunada. Vermelho com ventre rosado ou pálido e com muitas linhas ou séries diagonais de pequenas manchas azuis no dorso, relativamente curtas; estrias longas, amarelas e oblíquas abaixo da linha lateral; dorsal e caudal rosadas; peitoral rosa, anal e pélvica pálidas. Jovens similares. Atinge 75 cm (CT) e 3 kg (PT).

Adulto



Hábitat e Comportamento

Comuns em águas profundas, próximos à borda do talude continental, até cerca de 300 metros de profundidade, e em ilhas oceânicas; alimentam-se basicamente de pequenos peixes, crustáceos bentônicos e zooplâncton. Os jovens podem formar cardumes numerosos ou serem observados no meio de cardumes de *Haemulon* spp. São mais ativos durante os crepúsculos e à noite. Sua reprodução ocorre por todo o ano, com picos prováveis no verão; ovos e larvas pelágicos, estas se transformam em jovens com cerca de 20 mm (CT). Vivem cerca de 10 anos.

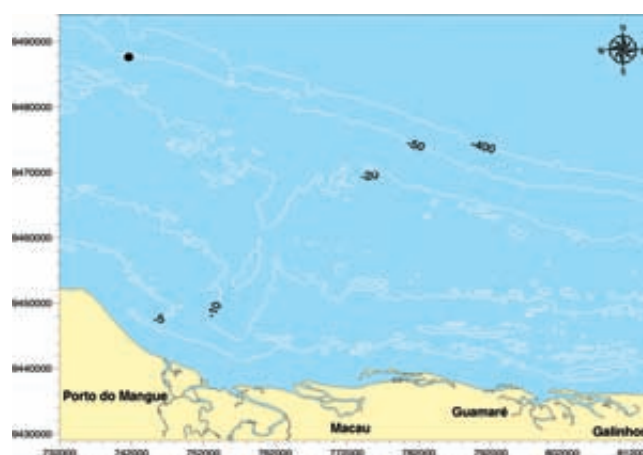
Distribuição Geográfica

Atlântico Ocidental, das Carolinas (EUA) e Bermudas a São Paulo.

Material Coletado

1 exemplar; com comprimento padrão de 20 cm.

Ocorrência na Bacia Potiguar - RN



Literatura

Anderson In: Carpenter, 2002; McEachran & Fechhelm, 2005; Richards *et al.* In: Richards, 2006; Moura & Lindeman 2007; Olavo *et al.* In: Costa *et al.*, 2007.

Nome Popular: Carapeba branca

Diagnose

Nadadeira dorsal com 9 espinhos e 10 raios; anal com 3 espinhos e 8 raios, o segundo espinho menor que a base da anal; linha lateral com 35 a 39 escamas; 12 a 15 rastros (geralmente 12 ou 13) no ramo inferior do primeiro arco branquial. Corpo alto, altura contida de 1,7 a 2,4 vezes no

comprimento padrão; margem do pré-opérculo serrilhada; osso pré-orbital macio. Cor prateada com, o dorso mais escuro. Anal e pélvicas amareladas. Juvenis com estrias verticais escuras nos flancos. Atinge 35 cm (CT) e 1 kg (PT).



Hábitat e Comportamento

Comuns e costeiros, habitam fundos arenosos e de cascalho ou lodo, ao longo de praias, baías, mangues, estuários ou lagoas salobras, em até cerca de 30 metros de profundidade; são freqüentemente observados próximos a costões rochosos e recifes. Alimentam-se de invertebrados capturados no sedimento e os jovens têm sua dieta baseada em vegetais. A reprodução parece ocorrer do final da primavera ao início do outono, ovos e larvas planctônicos.

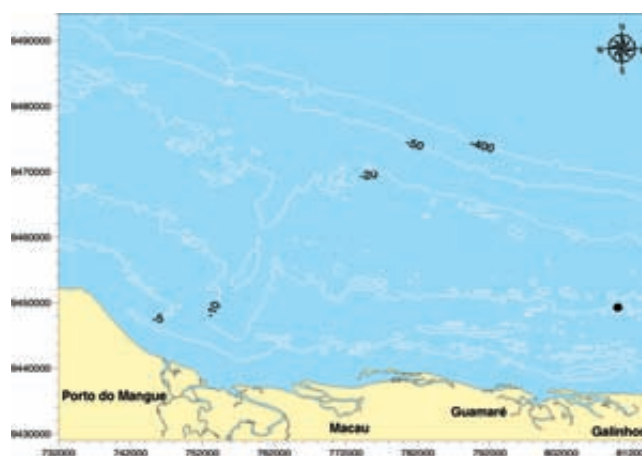
Distribuição Geográfica

Atlântico Ocidental, da Carolina do Norte (EUA) ao sul do Brasil.

Material Coletado

1 exemplar; com comprimento padrão de 10 cm.

Ocorrência na Bacia Potiguar - RN



Literatura

Carvalho-Filho, 1999; Sazima, 2002; Gilmore Jr In: Carpenter, 2002; McEachran & Fechhelm, 2005; Woodland In: Froese & Pauly, 2006; Powell & Greene In: Richards, 2006; Krajewsky & Bonaldo In: Carvalho-Filho (in prep).

Diapterus rhombeus

(Cuvier, 1829)

GERREIDAE

Nome Popular: Carapeba branca

Diagnose

Semelhante à *Diapterus auratus*, se diferencia por possuir a nadadeira dorsal com 9 espinhos e 10 raios; anal com 2 espinhos e 9 raios; linha lateral com 35 a 39 escamas; 16 a 18 (geralmente 17) rastros no ramo inferior do primeiro arco branquial. Corpo alto, a altura contida de 1,7 a 2,4 vezes no comprimento padrão;

margem do pré-opérculo serrilhada; osso pré-orbital macio. Cor prateada com o, dorso mais escuro e com reflexos azuis nos flancos. Atinge 40 cm (CT).



Hábitat e Comportamento

Abundantes e costeiros, habitam fundos arenosos e de cascalho ou lodo, ao longo de praias, baías, mangues, estuários ou lagoas salobras, em até cerca de 70 metros de profundidade; são freqüentemente observados próximos a costões rochosos e recifes. Alimentam-se de algas e pequenos invertebrados capturados no sedimento, os jovens têm sua dieta baseada em vegetais. Parte do conteúdo estomacal é constituída por sedimentos, acidentalmente ingeridos durante a captura das presas. A desova parece ocorrer nas partes mais profundas das áreas de ocorrência e os jovens se desenvolvem em águas rasas, próximos às praias e canais de mangue.

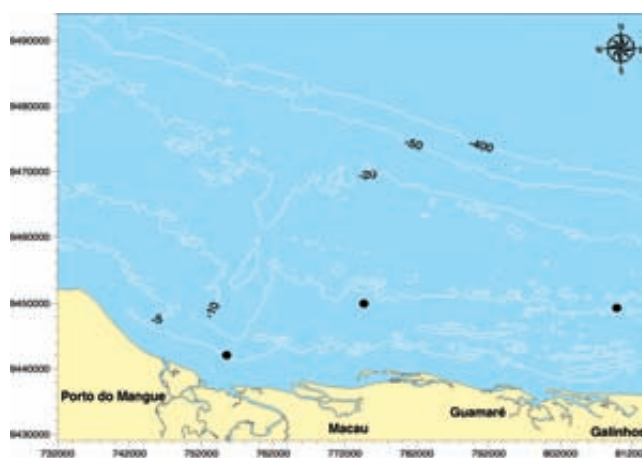
Distribuição Geográfica

Atlântico Ocidental, da Florida (EUA) a Santa Catarina.

Material Coletado

9 exemplares; com comprimento padrão variando de 9 a 14 cm.

Ocorrência na Bacia Potiguar - RN



Literatura

Carvalho-Filho, 1999; Sazima, 2002; Gilmore Jr In: Carpenter, 2002; McEachran & Fechhelm, 2005; Woodland In: Froese & Pauly, 2006; Powell & Greene In: Richards, 2006; Krajewsky & Bonaldo In: Carvalho-Filho (in prep).

Nome Popular: Carapicú

Diagnose

Nadadeira dorsal com 9 espinhos e 10 raios; anal com 3 espinhos; 7 ou 8 rastros inferiores no primeiro arco, incluído o do ângulo. Corpo fusiforme, sua altura de 32,7 a 36,5 % do comprimento padrão; margem do pré-opérculo lisa; fenda da parte superior do focinho não interrompida,

mas afunilada anteriormente. Cor prateada e, com seis a nove manchas escuras indistintas ligadas a sete barras diagonais no dorso; ponta da dorsal freqüentemente escura. Jovens semelhantes aos adultos. Atinge 30 cm (CT).



Hábitat e Comportamento

Abundantes e costeiros, ocorrem especialmente em fundos não consolidados, em estuários, praias arenosas e bancos de algas. De águas rasas até cerca de 50 metros de profundidade. São onívoros, alimentando-se de invertebrados que vivem no sedimento. A desova parece ocorrer nas partes mais fundas das áreas de ocorrência e os jovens se desenvolvem em águas rasas, próximos às praias e canais de mangue.

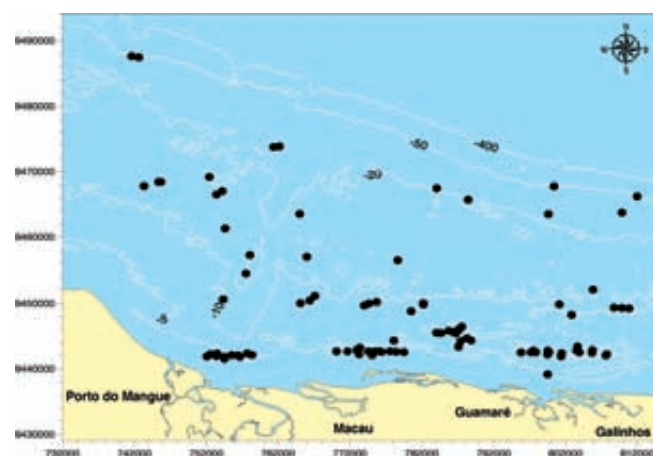
Distribuição Geográfica

No Atlântico Ocidental, de Nova Jersey (EUA) ao sudeste do Brasil.

Material Coletado

2034 exemplares; com comprimento padrão variando de 1 a 16 cm.

Ocorrência na Bacia Potiguar - RN



Literatura

Carvalho-Filho, 1999; Sazima, 2002; Gilmore Jr In: Carpenter, 2002; McEachran & Fechhelm, 2005; Woodland In: Froese & Pauly, 2006; Powell & Greene In: Richards, 2006; Krajewsky & Bonaldo In: Carvalho-Filho (in prep).

Nome Popular: Carapicú

Diagnose

Semelhante à *Eucinostomus argenteus*, se diferencia por possuir o corpo relativamente alto, com altura de 38,1 a 41,2 % do comprimento padrão; e margem do pré-opérculo lisa; fenda da parte superior do focinho obstruída por uma série de escamas em sua parte anterior. Cor prateada com, o dorso mais escuro e com reflexos azuis; corpo com sete

barras escuras oblíquas que se conectam a nove manchas escuras laterais, as duas mais evidentes no pedúnculo caudal; ponta da dorsal dura escurecida; nadadeiras dorsal, anal e caudal ligeiramente escuras. Jovens semelhantes aos adultos. Atinge 20 cm (CT) e 0,4 kg (PT).



Hábitat e Comportamento

Costeiros, ocorrem por vezes em estuários, mas não adentram em água doce. Sobre fundos não consolidados, geralmente em praias arenosas ou em bancos de algas. De águas rasas até aproximadamente 55 metros de profundidade. São onívoros, alimentando-se de invertebrados que vivem no sedimento. A desova parece ocorrer nas partes mais fundas das áreas de ocorrência e os jovens se desenvolvem em águas rasas, próximos às praias e canais de mangue.

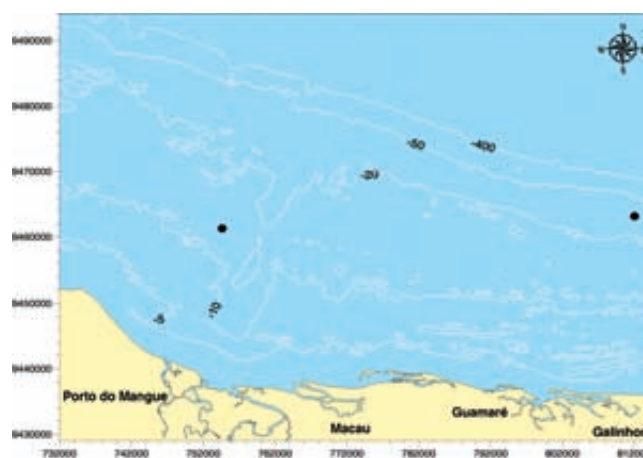
Distribuição Geográfica

Atlântico Ocidental, de Massachusetts (EUA) a Argentina.

Material Coletado

34 exemplares; com comprimento padrão variando de 8 a 10,5 cm.

Ocorrência na Bacia Potiguar - RN



Literatura

Carvalho-Filho, 1999; Sazima, 2002; Gilmore Jr In: Carpenter, 2002; McEachran & Fechhelm, 2005; Woodland In: Froese & Pauly, 2006; Powell & Greene In: Richards, 2006; Krajewsky & Bonaldo In: Carvalho-Filho (in prep).

Eucinostomus melanopterus

(Bleeker, 1863)

GERREIDAE

Nome Popular: Carapicú bandeira

Diagnose

Semelhante à *Eucinostomus argenteus* e *E. gula*, porém diferenciado pelo padrão de colorido da nadadeira dorsal, que apresenta margem dos primeiros espinhos enegrecidos, com uma faixa branca evidente, que separa a porção escura do restante da nadadeira que tem colorido acinzentado.

Nadadeira dorsal com 9 espinhos; anal com 3 espinhos; 9 rastros inferiores no primeiro arco, incluído o do ângulo. Cor prateada com o dorso mais escuro e os flancos sem marcas. Jovens semelhantes aos adultos. Atinge 30 cm (CT).



Hábitat e Comportamento

Comuns e costeiros, por vezes em estuários e lagoas salobras, até cerca de 25 metros de profundidade. Alimentam-se sobre fundos não consolidados, geralmente em cardumes e não são raros juntos a recifes da costa. No sudeste do Brasil, são mimetizados por juvenis de *Centropomus mexicanus*, que adentram em seus cardumes para se alimentar das presas.

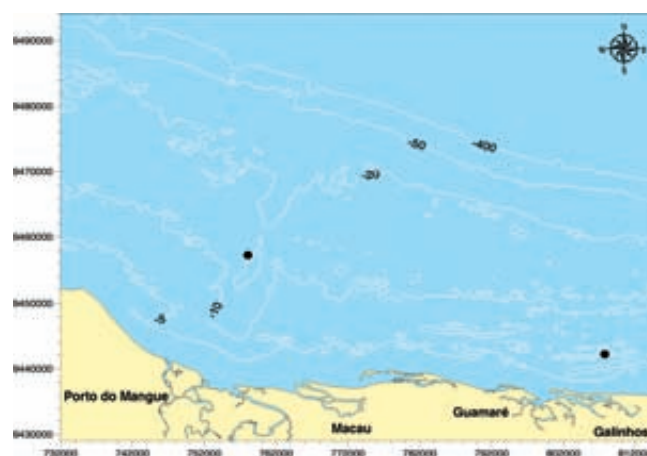
Distribuição Geográfica

Atlântico; no Ocidental, da Florida (EUA) e Bermudas ao sul do Brasil; no Oriental, do Senegal a Angola.

Material Coletado

3 exemplares; com comprimento padrão variando de 7,5 a 11 cm.

Ocorrência na Bacia Potiguar - RN



Literatura

Carvalho-Filho, 1999; Sazima, 2002; Gilmore Jr In: Carpenter, 2002; McEachran & Fechhelm, 2005; Woodland In: Froese & Pauly, 2006; Powell & Greene In: Richards, 2006; Krajewsky & Bonaldo In: Carvalho-Filho (in prep).

Anisotremus virginicus

(Linnaeus, 1758)

HAEMULIDAE

Nome Popular: Mercador amarelo

Diagnose

Nadadeira dorsal com 12 espinhos e 16 ou 17 raios; anal com 3 espinhos e 9 a 11 raios; linha lateral com 56 a 60 escamas com poros; de 13 a 15 rastros curtos no ramo inferior do primeiro arco branquial. Corpo oblongo, relativamente alto e comprimido; boca pequena, ligeiramente diagonal, o maxilar quase atinge a margem anterior do olho; presença de dois poros e uma fenda mediana no queixo; membrana entre os raios da dorsal e anal com escamas apenas na sua base. Cor branca prateada, com seis a oito faixas alternadas, amarelas e azuladas longitudinais

desde a cabeça ao pedúnculo caudal; cabeça amarela, com uma barra vertical negra e evidente, do canto da boca à nuca, passando pelo olho; outra similar, da origem da peitoral à origem da dorsal; nadadeiras amarelas. Jovens prateados, com duas faixas escuras e longitudinais e sem as faixas amarelas evidentes na lateral do corpo, até cerca de 3 cm (CT), quando passam a ser visíveis, assim como duas barras escuras na cabeça e a mancha negra sobre o pedúnculo caudal; nadadeiras amarelas. Atinge 40 cm (CT) e 1,5 kg (PT).

Adulto



Jovem



Hábitat e Comportamento

Comuns e costeiros, ocorrem em fundos de coral e rochas, entre 1 e 50 metros de profundidade. São observados solitários ou em cardumes; alimentam-se de crustáceos, ophiúros, poliquetas e outros invertebrados bentônicos durante a noite, sendo também ativos durante o dia. A reprodução acontece durante a primavera e o verão; os ovos e larvas são pelágicos, e estas se transformam em jovens com cerca de 8 mm (CT), quando abandonam a vida pelágica. Os jovens agem como limpadores, removendo e se alimentando de ectoparasitas, muco e tecido necrosado de outros peixes maiores.

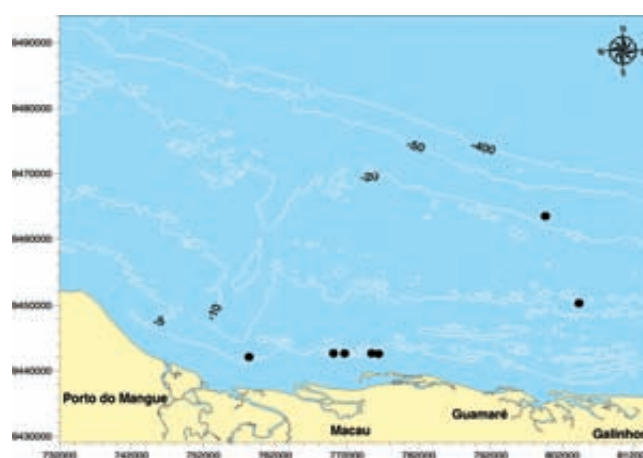
Distribuição Geográfica

Atlântico Ocidental, da Flórida (EUA) e Bermudas a Santa Catarina.

Material Coletado

11 exemplares; com comprimento padrão variando de 4,5 a 27 cm.

Ocorrência na Bacia Potiguar - RN



Literatura

Randall, 1967; Böhlke & Chaplin, 1968; Randall, 1968; Fernandes, 1982; Aguiar & Filomeno, 1995; Costa *et al.*, 1995; Verani & Vianna, 1997; Chaves, 1998; Carvalho-Filho, 1999; Rocha & Rosa, 1999; Chaves & Corrêa, 2000; Humann & Deloach, 2002; Lindeman & Toxey In: Carpenter, 2002; Vianna & Verani, 2002; Santos *et al.*, 2004; Barja & Andrade-Tubino, 2005; Mc Eachran & Fechhelm, 2005; Lindeman & Richards In: Richards, 2006; Froese & Pauly, 2006; Rocha In: Carvalho-Filho (in prep).

Conodon nobilis

(Linnaeus, 1758)

HAEMULIDAE

Nome Popular: Coró de listra

Diagnose

Nadadeira dorsal com 11 ou 12 espinhos (raramente 11) e 12 ou 13 raios; anal com 3 espinhos e 7 ou 8 raios (raramente 8); linha lateral com 50 a 54 escamas com poros. Corpo alongado e pouco comprimido; focinho cônico; boca pequena, maxilar quase alcança a borda anterior do olho; pré-opérculo com forte espinho no seu ângulo e outros espinhos menores acima e abaixo, sendo a única espécie da família em

nossas águas com esta característica; uma profunda incisão entre a dorsal dura e a mole. Cor prateada com reflexos amarelados ou oliváceos, mais escuro no dorso, cerca de oito faixas verticais escuras e evidentes na região superior; algumas linhas amareladas longitudinais no corpo; nadadeiras amareladas e a margem da caudal escurecida. Atinge 35 cm (CT) e 0,6 kg (PT).

Adulto



Jovem



Hábitat e Comportamento

Costeiros e abundantes, preferem águas turvas de baías, ao longo de praias, canais e estuários, de 2 a 100 metros de profundidade, sobre fundos de lodo, areia ou cascalho, raramente em rochas. Podem formar grandes cardumes e se alimentam de invertebrados bentônicos e pequenos peixes. Ativos durante o dia e a noite. Emitem fortes rancos, tanto sob a água como quando retirados para fora. A reprodução acontece da primavera ao verão com ovos e larvas pelágicos.

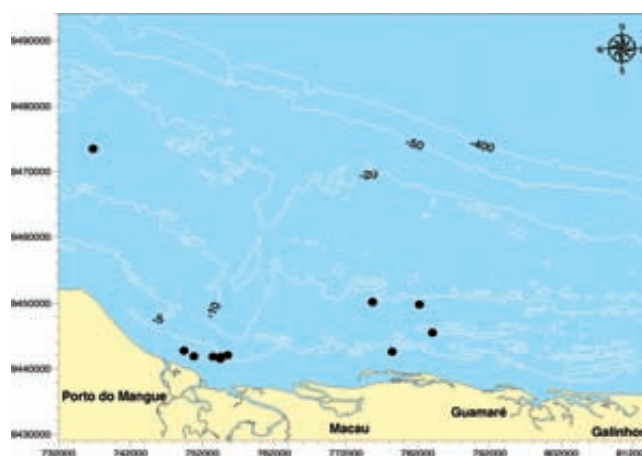
Distribuição Geográfica

Atlântico Ocidental, do Texas (EUA) ao Rio Grande do Sul.

Material Coletado

30 exemplares; com comprimento padrão variando de 5 a 12 cm.

Ocorrência na Bacia Potiguar - RN



Literatura

Randall, 1967; Böhlke & Chaplin, 1968; Randall, 1968; Fernandes, 1982; Aguiar & Filomeno, 1995; Costa *et al.*, 1995; Verani & Vianna, 1997; Chaves, 1998; Carvalho-Filho, 1999; Rocha & Rosa, 1999; Chaves & Corrêa, 2000; Humann & Deloach, 2002; Lindeman & Toxey In: Carpenter, 2002; Vianna & Verani, 2002; Santos *et al.*, 2004; Barja & Andrade-Tubino, 2005; Mc Eachran & Fechhelm, 2005; Lindeman & Richards In: Richards, 2006; Froese & Pauly, 2006; Rocha In: Carvalho-Filho (in prep).

Nome Popular: Sanhoá

Diagnose

Nadadeira dorsal com 13 espinhos e 12 raios; anal com 3 espinhos e 11 raios; linha lateral com 50 a 54 escamas. Corpo oblongo, moderadamente alto e comprimido; cabeça pequena e focinho curto; perfil anterior da cabeça com uma saliência na altura do olho e deste até a nuca quase reto; 2 poros no queixo, mas sem fenda mediana; pré-opérculo serrilhado, espinhos do ângulo mais desenvolvidos; escamas pequenas e ctenóides, em séries oblíquas acima e abaixo da linha lateral; dentes com pontas em forma de espátula e bases cônicas;

segundo espinho da anal alongado. Cor geral prateada com amarelo difuso por todo o corpo, dorso mais escuro e ventre mais claro; dorsal com espinhos prateados e parte distal da membrana entre os mesmos escura; anal marrom amarelada; demais nadadeiras pálidas ou amareladas, a pélvica e caudal com extremidades marrons; região sob os olhos escura. Jovens podem apresentar barras escuras verticais ao longo do corpo. Atinge 37 cm (CT) e 0,8 kg (PT).



Hábitat e Comportamento

Comuns e costeiros, em águas turvas de estuários e baías até cerca de 40 metros de profundidade. Seu comportamento é quase desconhecido, exceto por sua alimentação, que é extremamente variada, composta por invertebrados bentônicos diversos, vegetais e peixes.

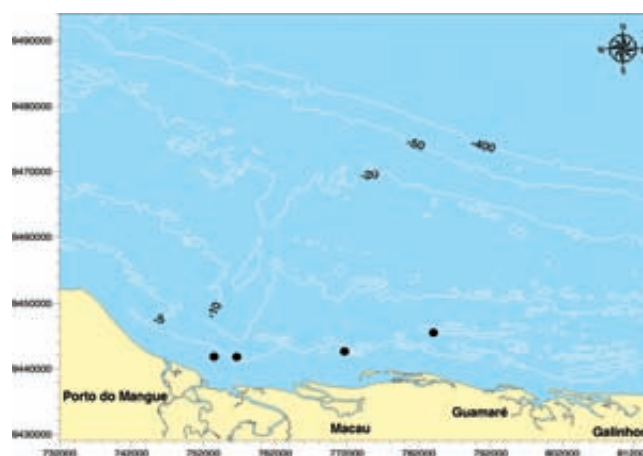
Distribuição Geográfica

Atlântico Ocidental, da Colômbia ao Paraná.

Material Coletado

28 exemplares; com comprimento padrão variando de 12,5 a 27 cm.

Ocorrência na Bacia Potiguar - RN



Literatura

Randall, 1967; Böhlke & Chaplin, 1968; Randall, 1968; Fernandes, 1982; Aguiar & Filomeno, 1995; Costa *et al.*, 1995; Verani & Vianna, 1997; Chaves, 1998; Carvalho-Filho, 1999; Rocha & Rosa, 1999; Chaves & Corrêa, 2000; Humann & Deloach, 2002; Lindeman & Toxey In: Carpenter, 2002; Vianna & Verani, 2002; Santos *et al.*, 2004; Barja & Andrade-Tubino, 2005; Mc Eachran & Fechhelm, 2005; Lindeman & Richards In: Richards, 2006; Froese & Pauly, 2006; Rocha In: Carvalho-Filho (in prep).

Nome Popular: Xira branca

Diagnose

Nadadeira dorsal com 13 espinhos e 14 a 16 raios (geralmente 15); anal com 3 espinhos e 7 a 9 raios (geralmente 9); linha lateral com 49 a 52 escamas com poros; 22 escamas ao redor do pedúnculo caudal, 24 a 28 rastros. Corpo alongado com cabeça grande; boca ampla; 2 poros e uma fenda mediana no queixo; dorsal e anal moles cobertas por escamas; séries de escamas abaixo da linha lateral paralelas ao eixo do corpo. Cor branca prateada, dorso mais escuro; alto da cabeça e focinho marrons; uma faixa amarelo dourada, nem

sempre distinta em sua porção anterior, da ponta do focinho à base da caudal, passando pelo olho e outra mais estreita no dorso acima da linha lateral; mancha redonda escura na base da caudal, mais acentuada nos jovens; boca de cor vermelha-brilhante; jovens similares com as faixas mais escuras, uma estria escura do olho à extremidade do canto superior do opérculo e com uma mancha circular negra na base da cauda. Atinge 35 cm (CT).



Hábitat e Comportamento

Muito comuns em fundos rochosos, coralinos, em áreas de areia ou cascalho próximas, até cerca de 100 metros de profundidade, desde às costa a ilhas afastadas. São ativos e curiosos; durante o dia formam cardumes numerosos em recifes, costões e naufrágios, dispersando para as áreas abertas adjacentes durante à noite, quando se alimentam de invertebrados e bentônicos, peixes a algumas algas. Podem migrar na época da reprodução, que ocorre nos meses mais quentes; os ovos e larvas são pelágicos e estas se transformam em jovens com cerca de 8 mm (CT). São ativos e curiosos. Emitem sons como roncões ao atritar os ossos da faringe que ressoam pela bexiga natatória. Vivem cerca de 11 anos.

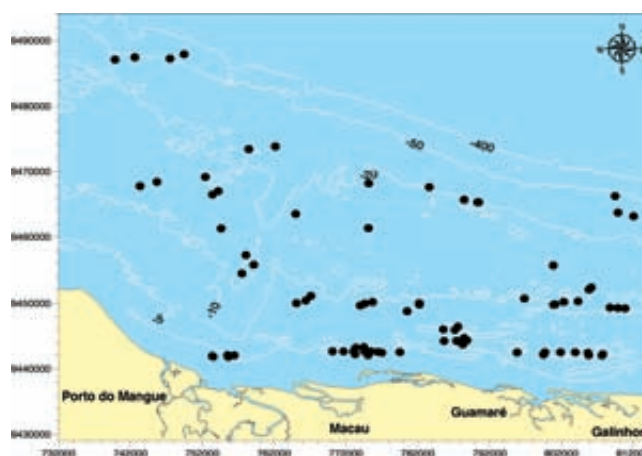
Distribuição Geográfica

Atlântico Ocidental, de Massachusetts (EUA) a Santa Catarina.

Material Coletado

3413 exemplares; com comprimento padrão variando de 0,5 a 28 cm.

Ocorrência na Bacia Potiguar - RN



Literatura

Randall, 1967; Böhlke & Chaplin, 1968; Randall, 1968; Fernandes, 1982; Aguiar & Filomeno, 1995; Costa *et al.*, 1995; Verani & Vianna, 1997; Chaves, 1998; Carvalho-Filho, 1999; Rocha & Rosa, 1999; Chaves & Corrêa, 2000; Humann & DeLoach, 2002; Lindeman & Toxey In: Carpenter, 2002; Vianna & Verani, 2002; Santos *et al.*, 2004; Barja & Andrade-Tubino, 2005; Mc Eachran & Fechhelm, 2005; Lindeman & Richards In: Richards, 2006; Froese & Pauly, 2006; Rocha In: Carvalho-Filho (in prep).

Haemulon parra

(Desmarest, 1823)

HAEMULIDAE

Nome Popular: Cambuba

Diagnose

Nadadeira dorsal com 12 espinhos e 16 a 19 raios (geralmente 17 ou 18); anal com 3 espinhos e 8 raios (raramente 9); linha lateral com 47 a 52 escamas com poros; 21 ou 22 (geralmente 22) escamas ao redor do pedúnculo caudal; 21 a 24 rastros. Corpo alongado e cabeça grande; boca ampla; 2 poros e uma fenda mediana no queixo; dorsal e anal moles cobertas por escamas; séries de escamas abaixo da linha lateral oblíquas; peitoral escamada. Cor prateada, com as escamas da

região superior escuras no centro, formando linhas oblíquas; olho amarelo; nadadeiras escuras; parte interna da boca vermelha; borda interna do pré-opérculo geralmente com área escura; uma estria escura longitudinal eventualmente presente, exceto em grandes adultos. Jovens com três faixas escuras no corpo, a do meio mais estreita e uma mancha negra redonda na base da caudal. Atinge 40 cm (CT).



Hábitat e Comportamento

Comuns em fundos rochosos, coralinos, em áreas de areia ou cascalho próximas, até cerca de 70 metros de profundidade, desde a costa às ilhas oceânicas. Jovens encontrados com maior frequência entre algas. São ativos e curiosos; cardumes numerosos, podendo migrar na época da reprodução, que ocorre nos meses mais quentes nas regiões tropicais e na primavera-verão nas zonas temperadas; os ovos e larvas são pelágicos e estas se transformam em jovens com cerca de 8 mm (CT). Alimentam-se de invertebrados bentônicos, peixes e algumas algas. São ativos e curiosos.

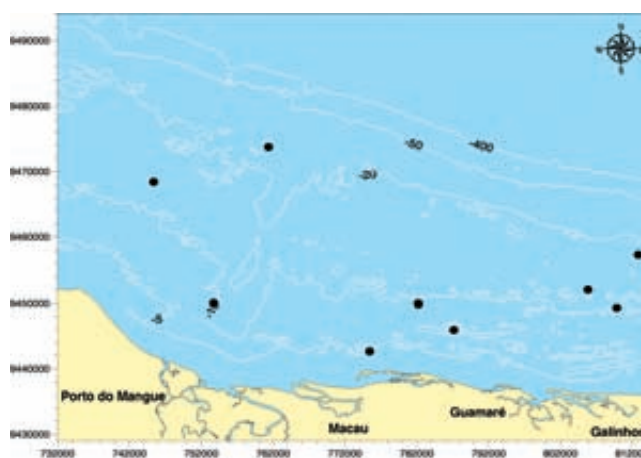
Distribuição Geográfica

Atlântico Ocidental, da Florida (EUA) a Santa Catarina, presente também nas ilhas oceânicas brasileiras.

Material Coletado

22 exemplares; com comprimento padrão variando de 14,5 a 33 cm.

Ocorrência na Bacia Potiguar - RN



Literatura

Randall, 1967; Böhlke & Chaplin, 1968; Randall, 1968; Fernandes, 1982; Aguiar & Filomeno, 1995; Costa *et al.*, 1995; Verani & Vianna, 1997; Chaves, 1998; Carvalho-Filho, 1999; Rocha & Rosa, 1999; Chaves & Corrêa, 2000; Humann & Deloach, 2002; Lindeman & Toxey In: Carpenter, 2002; Vianna & Verani, 2002; Santos *et al.*, 2004; Barja & Andrade-Tubino, 2005; Mc Eachran & Fechhelm, 2005; Lindeman & Richards In: Richards, 2006; Froese & Pauly, 2006; Rocha In: Carvalho-Filho (in prep).

Nome Popular: Biquara

Diagnose

Nadadeira dorsal com 12 espinhos e 15 a 17 raios (geralmente 16); anal com 3 espinhos e 8 ou 9 raios (raramente 9); linha lateral com 48 a 52 escamas com poros; 22 escamas ao redor do pedúnculo caudal; 21 a 27 rastros. Corpo alongado com cabeça grande; boca ampla; 2 poros e uma fenda mediana no queixo; dorsal e anal moles cobertas por escamas; séries de escamas abaixo da linha lateral oblíquas; escamas acima da linha lateral maiores que as abaixo; nadadeira dorsal e anal moles com escamas quase até suas margens distais. Cor variando do branco ou azul prateado, ao amarelo claro com tênues linhas azuis; dorso mais escuro e parte inferior da cabeça e do corpo pálidas;

cabeça cor de bronze a amarelo ouro com linhas azuis horizontais mais evidentes que as do corpo; uma área verde acinzentada freqüentemente aparente, por trás da nadadeira peitoral e abaixo da linha lateral; membrana da dorsal dura escura a amarelada; dorsal mole, anal e caudal marrons; pélvicas acinzentadas; nadadeiras peitorais escuras ou amareladas; uma mancha escura sob o pré-opérculo; boca vermelha internamente. Jovens semelhantes aos adultos, todavia sem a mesma intensidade do colorido com uma macha negra e circular no pedúnculo caudal. Atinge 53 cm (CT) e 4,4 kg (PT).

Adulto



Jovem



Hábitat e Comportamento

Comuns em fundos rochosos, coralinos, em áreas de areia ou cascalho próximas, até cerca de 100 metros de profundidade, desde a costa às ilhas afastadas, mas ausente das oceânicas. Comportamentos, alimentação e reprodução semelhantes à *Haemulon parra*.

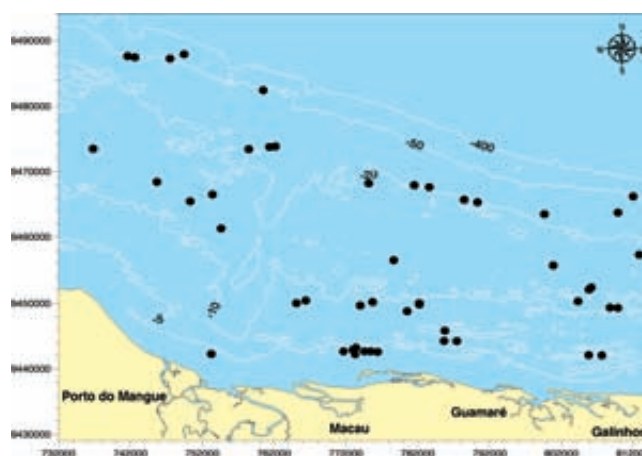
Distribuição Geográfica

Atlântico Ocidental, das Bermudas e Maryland (EUA) até Santa Catarina.

Material Coletado

526 exemplares; com comprimento padrão variando de 1,5 a 27 cm.

Ocorrência na Bacia Potiguar - RN



Literatura

Randall, 1967; Böhlke & Chaplin, 1968; Randall, 1968; Fernandes, 1982; Aguiar & Filomeno, 1995; Costa *et al.*, 1995; Verani & Vianna, 1997; Chaves, 1998; Carvalho-Filho, 1999; Rocha & Rosa, 1999; Chaves & Corrêa, 2000; Humann & Deloach, 2002; Lindeman & Toxey In: Carpenter, 2002; Vianna & Verani, 2002; Santos *et al.*, 2004; Barja & Andrade-Tubino, 2005; Mc Eachran & Fechhelm, 2005; Lindeman & Richards In: Richards, 2006; Froese & Pauly, 2006; Rocha In: Carvalho-Filho (in prep).

Nome Popular: Xira amarela

Diagnose

Semelhante à *Haemulon aurolineatum*, diferenciada por possuir a nadadeira dorsal com 12 espinhos e 14 a 16 raios (geralmente 15); anal com 3 espinhos e 9 raios (raramente 8); linha lateral com 51 a 54 escamas com poros; 21 ou 22 (raramente 23) escamas ao redor do pedúnculo caudal; 24 a 27 rastros. Corpo alongado com cabeça grande; boca ampla; 2 poros e uma fenda mediana no queixo; dorsal e anal moles cobertas por escamas; séries de escamas abaixo da linha lateral paralelas ao eixo do corpo, e a nadadeira peitoral escamada. Corpo branco prateado, com dez a 12 faixas amarelas

longitudinais, a mais larga do focinho, através do olho, à base da nadadeira caudal; nadadeiras amarelas, exceto a metade inferior das peitorais que é translúcida e os espinhos das pélvicas brancos; uma mancha negra sob a borda inferior do pré-opérculo; boca de cor vermelha brilhante. Jovens semelhantes ao *H. aurolineatum*, porém já possuem a faixa amarela mais larga ao longo do corpo, característica da espécie e uma mancha negra e circular no pedúnculo caudal. Atinge 20 cm (CT).



Hábitat e Comportamento

Abundantes em fundos rochosos, coralinos, em áreas de areia ou cascalho próximas, até cerca de 70 metros de profundidade, desde a costa às ilhas afastadas, mas ausente das oceânicas. São ativos, curiosos e formam cardumes com milhares de indivíduos, os adultos entre 10 e 40 metros de profundidade e os jovens em águas mais rasas, entre 2 e 6 metros com cardumes menores de até cerca de 100 indivíduos. Durante à noite quando se alimentam o cardume se dispersa; os ovos e larvas são pelágicos e estas se transformam em jovens com cerca de 8 mm (CT). Alimentam-se de invertebrados bentônicos, peixes e algumas algas. São ativos e curiosos.

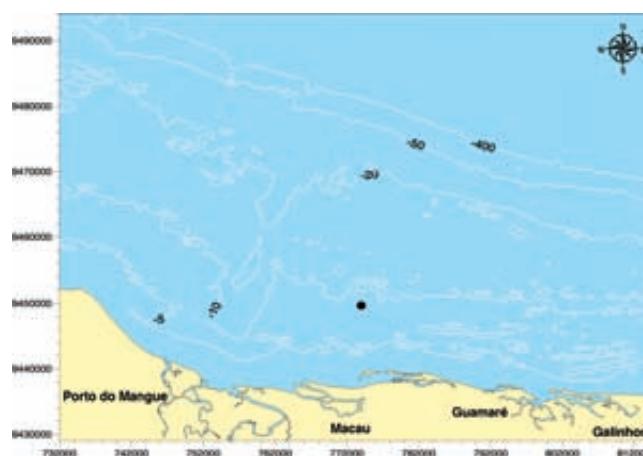
Distribuição Geográfica

Endêmica da plataforma continental do nordeste do Brasil, de Fortaleza (CE) ao Banco dos Abrolhos (BA).

Material Coletado

16 exemplares; com comprimento padrão variando de 5,5 a 11,5 cm.

Ocorrência na Bacia Potiguar - RN



Literatura

Randall, 1967; Böhlke & Chaplin, 1968; Randall, 1968; Fernandes, 1982; Aguiar & Filomeno, 1995; Costa *et al.*, 1995; Verani & Vianna, 1997; Chaves, 1998; Carvalho-Filho, 1999; Rocha & Rosa, 1999; Chaves & Corrêa, 2000; Humann & Deloach, 2002; Lindeman & Toxey In: Carpenter, 2002; Vianna & Verani, 2002; Santos *et al.*, 2004; Barja & Andrade-Tubino, 2005; Mc Eachran & Fechhelm, 2005; Lindeman & Richards In: Richards, 2006; Froese & Pauly, 2006; Rocha In: Carvalho-Filho (in prep).

Nome Popular: Sapuruna

Diagnose

Nadadeira dorsal com 12 espinhos e 15 a 17 raios (geralmente 16); anal com 3 espinhos e 8 ou 9 raios; linha lateral com 51 a 52 escamas com poros; 25 ou 26 escamas ao redor do pedúnculo caudal; 22 a 25 rastros. Corpo alongado com cabeça grande; boca ampla; 2 poros e uma fenda mediana no queixo; dorsal e anal moles cobertas por escamas; séries de escamas abaixo da linha lateral oblíquas. Cor cinza prateado, com dorso mais escuro até marrom; escamas

dos flancos com mancha escura no centro, formando linhas irregulares oblíquas; mancha negra redonda e evidente, na base da caudal; mancha negra sob a margem inferior do pré-opérculo; nadadeiras cinza; boca rosada internamente; jovens com uma faixa bronzeada ou marrom metálica, do olho à base da caudal, outra mais fina no dorso e uma mancha negra redonda na base da caudal. Atinge 40 cm (CT) e 0,5 kg (PT).



Hábitat e Comportamento

Comuns em fundos rochosos, coralinos ou em áreas de areia ou cascalho próximas, desde a costa às ilhas afastadas, até cerca de 60 metros de profundidade. Também são comuns em áreas de praias abertas, baías e lagoas salobras. Os jovens alimentam-se de zooplâncton; os adultos incluem em sua dieta, invertebrados bentônicos, peixes e algumas algas. São ativos e curiosos.

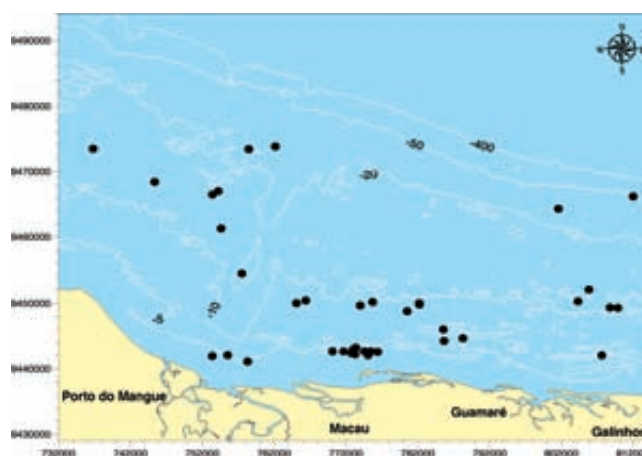
Distribuição Geográfica

Pacífico Oriental e Atlântico Ocidental, neste, desde o Panamá até Santa Catarina. Há dúvidas quanto à validade deste táxon para toda a região de ocorrência citada.

Material Coletado

430 exemplares; com comprimento padrão variando de 5 a 35 cm.

Ocorrência na Bacia Potiguar - RN



Literatura

Randall, 1967; Böhlke & Chaplin, 1968; Randall, 1968; Fernandes, 1982; Aguiar & Filomeno, 1995; Costa *et al.*, 1995; Verani & Vianna, 1997; Chaves, 1998; Carvalho-Filho, 1999; Rocha & Rosa, 1999; Chaves & Corrêa, 2000; Humann & Deloach, 2002; Lindeman & Toxey In: Carpenter, 2002; Vianna & Verani, 2002; Santos *et al.*, 2004; Barja & Andrade-Tubino, 2005; Mc Eachran & Fechhelm, 2005; Lindeman & Richards In: Richards, 2006; Froese & Pauly, 2006; Rocha In: Carvalho-Filho (in prep).

Orthopristis ruber

(Cuvier, 1830)

HAEMULIDAE

Nome Popular: Canguito

Diagnose

Nadadeira dorsal com 12 espinhos e 13 a 15 raios; anal com 3 espinhos e 9 a 11 raios; linha lateral com 52 a 55 escamas com poros; 20 a 23 rastros. Corpo alto e comprimido, sua altura variando entre 36 e 40 % do comprimento padrão; nadadeiras dorsal e anal sem escamas; boca pequena, ligeiramente inclinada; perfil superior da cabeça variável, desde arredondado à reto, do focinho a nuca; pré-opérculo com leve serrilha. Cor geral cinza, com região superior mais escura,

amarronzada, com reflexos violáceos; numerosas manchas pequenas azuladas, amarelas e bronzeadas na cabeça, corpo e nadadeira dorsal, alinhadas em faixa nesta última; uma área arredondada e escura freqüentemente presente no flanco, por trás da cabeça e acima da peitoral. Jovens com uma série longitudinal de manchas escuras ao longo da linha lateral e uma faixa mais escura no dorso. Atinge 40 cm (CT) e 0,9 kg (PT).



Hábitat e Comportamento

Comuns em águas rasas de baías, praias, lagoas salobras, estuários, canais, recifes e costões rochosos próximos, sobre fundos de areia, lama, cascalho até 70 metros de profundidade. Preferem águas turvas às mais claras. Formam cardumes não muito numerosos e os grandes adultos costumam ser solitários. São ativos e curiosos, predadores noturnos que se alimentam de invertebrados bentônicos e pequenos peixes. Emitem ronco distinto quando retirados da água. A variação do formato anterior da cabeça pode estar relacionada não só à sexo e/ou idade como também reprodução, que ocorre na primavera e verão. Os ovos e larvas são pelágicos; as larvas transformam-se em jovens por volta de 10 a 12 mm (CT).

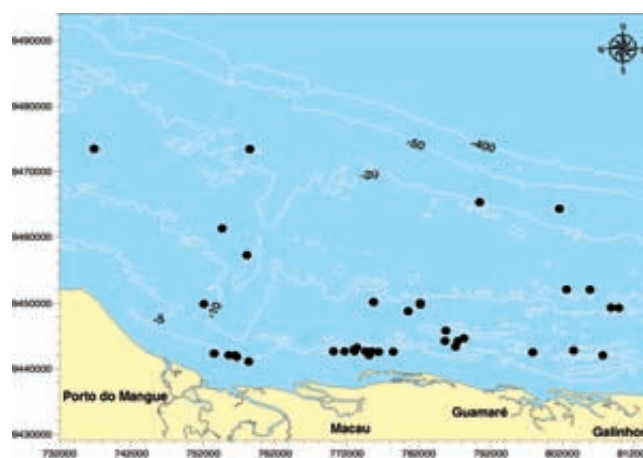
Distribuição Geográfica

Atlântico Ocidental, de Honduras ao Rio Grande do Sul.

Material Coletado

294 exemplares; com comprimento padrão variando de 6 a 21 cm.

Ocorrência na Bacia Potiguar - RN



Literatura

Randall, 1967; Böhlke & Chaplin, 1968; Randall, 1968; Fernandes, 1982; Aguiar & Filomeno, 1995; Costa *et al.*, 1995; Verani & Vianna, 1997; Chaves, 1998; Carvalho-Filho, 1999; Rocha & Rosa, 1999; Chaves & Corrêa, 2000; Humann & Deloach, 2002; Lindeman & Toxey In: Carpenter, 2002; Vianna & Verani, 2002; Santos *et al.*, 2004; Barja & Andrade-Tubino, 2005; Mc Eachran & Fechhelm, 2005; Lindeman & Richards In: Richards, 2006; Froese & Pauly, 2006; Rocha In: Carvalho-Filho (in prep).

Nome Popular: Coró branco

Diagnose

Nadadeira dorsal com 12 espinhos e 13 a 15 raios; anal com 3 espinhos e 6 a 8 raios (geralmente 7); linha lateral com 49 a 53 escamas com poros. Corpo alongado, pouco comprimido, sua altura variando entre 25 e 30 % do comprimento padrão; perfil dorsal muito mais curvo que o ventral e a região anterior da cabeça em curva suave; focinho cônico com boca pequena, o maxilar alcança a borda anterior do olho; pré-opérculo com serrilha evidente no ângulo; anal com o segundo espinho

de tamanho similar ao terceiro, ambos menores que os raios mais longos desta nadadeira; uma série de pequenas escamas na membrana entre os raios da nadadeira dorsal. Cor cinza prateado, mais escuro no dorso; estrias escuras longitudinais nos flancos e pálidos no ventre; margem do opérculo, próximo da peitoral, eventualmente com uma mancha escura alongada. Jovens semelhantes aos adultos, todavia mais claros. Atinge 25 cm (CT) e 0,3 kg (PT).



Hábitat e Comportamento

Muito abundantes em praias arenosas, estuários, lagoas salobras, baías, canais, recifes e costões rochosos próximos, até cerca de 50 metros de profundidade; entram em mangues e rios costeiros e preferem águas turvas. Alimentam-se de invertebrados bentônicos, peixes e algas; formam pequenos ou grandes cardumes. Os adultos são mais ativos à noite, enquanto que os jovens, aparentemente, são mais diurnos, preferindo a proteção de águas mais rasas.

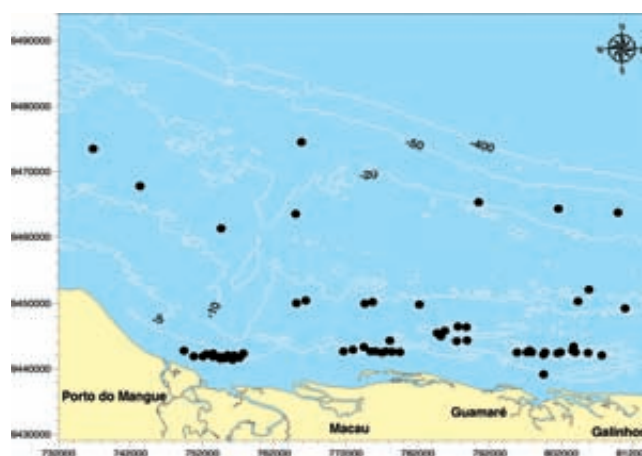
Distribuição Geográfica

Atlântico Ocidental, de Belize e Cuba ao Rio Grande do Sul.

Material Coletado

3130 exemplares; com comprimento padrão variando de 2,5 a 19 cm.

Ocorrência na Bacia Potiguar - RN



Literatura

Randall, 1967; Böhlke & Chaplin, 1968; Randall, 1968; Fernandes, 1982; Aguiar & Filomeno, 1995; Costa *et al.*, 1995; Verani & Vianna, 1997; Chaves, 1998; Carvalho-Filho, 1999; Rocha & Rosa, 1999; Chaves & Corrêa, 2000; Humann & Deloach, 2002; Lindeman & Toxey In: Carpenter, 2002; Vianna & Verani, 2002; Santos *et al.*, 2004; Barja & Andrade-Tubino, 2005; Mc Eachran & Fechhelm, 2005; Lindeman & Richards In: Richards, 2006; Froese & Pauly, 2006; Rocha In: Carvalho-Filho (in prep).

Nome Popular: Sargo de dente

Diagnose

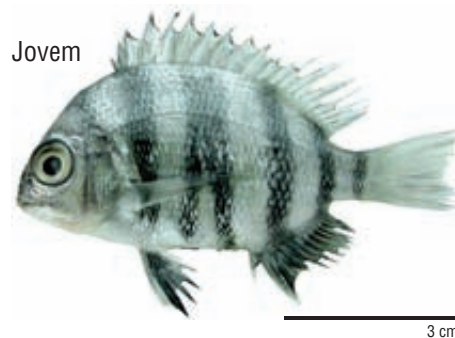
Nadadeira dorsal com 11 ou 12 espinhos e 10 ou 11 raios (geralmente 11), precedida por um pequeno espinho direcionado para frente e embebido na pele; anal com 3 espinhos e 10 ou 11 raios (geralmente 10); linha lateral com 45 a 49 escamas. Similar à *Archosargus rhomboidalis*, porém o perfil anterior da cabeça tem ângulo bem maior entre a ponta do focinho e a base da dorsal. Cor prateada, mais escuro

no dorso, com áreas amareladas ou esverdeadas no dorso e flancos; cinco a seis faixas evidentes, verticais e negras no corpo, e outra na nuca; região acima do olho escura; pélvicas, dorsal e anal, escuras; caudal e peitoral amareladas. Jovens semelhantes aos adultos, porém com as faixas verticais mais contrastantes. Atinge 91 cm (CT) e 9,7 kg (PT).

Adulto



Jovem



Hábitat e Comportamento

Pouco comuns, possuem certa preferência por fundos duros, costões rochosos e recifes costeiros com águas mais turvas, até cerca de 15 metros de profundidade. Vorazes, alimentam-se de crustáceos e moluscos, incluindo cracas e ostras, que quebram com os dentes anteriores; algas também fazem parte de sua dieta. São diurnos, ativos quando se alimentam e imóveis nas demais ocasiões; à noite buscam refúgio sob pedras, lajes, raízes de mangue e píers; são territoriais e agressivos com indivíduos da mesma espécie. A reprodução ocorre em águas costeiras, na primavera e nos meses em que há súbita elevação da temperatura nas zonas tropicais; os ovos e larvas planctônico; as faixas escuras surgem quando o jovem atinge cerca de 2 cm (CT), antes disso são basicamente, prateados. Com aproximadamente 5 cm (CT) permanecem em bancos de algas e dispersando com o passar do tempo se dispersam para outros ambientes costeiros.

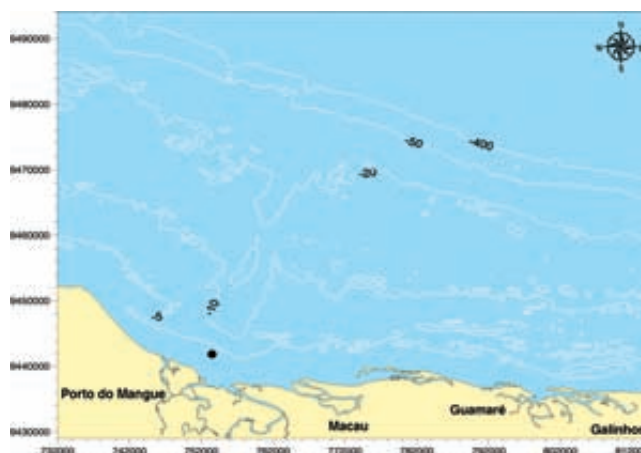
Distribuição Geográfica

Atlântico Ocidental, da Nova Escócia (Canadá) ao sul do Brasil.

Material Coletado

5 exemplares; com comprimento padrão variando de 3,5 a 13,5 cm.

Ocorrência na Bacia Potiguar - RN



Literatura

Randall, 1968; Carvalho-Filho, 1999; Carpenter In: Carpenter, 2002; McEachran & Fechhelm, 2005; Powell & Greene In: Richards, 2006; Rocha In: Carvalho-Filho (in prep).

Nome Popular: Salema

Diagnose

Nadadeira dorsal com 13 espinhos e 10 ou 11 raios (geralmente 11), precedida por um pequeno espinho apontado à frente e embebido na pele; anal com 3 espinhos e 10 ou 11 raios (geralmente 10); linha lateral com 46 a 49 escamas. Corpo oval, comprimido e alto; maxilares com uma série de dentes incisivos e largos com margem distal inteira

ou ligeiramente côncava; perfil superior da cabeça em ângulo suave, da ponta do focinho à base da dorsal. Cor prateada com faixas amarelas longitudinais e uma mancha negra evidente acima e atrás da base da peitoral, de tamanho da similar ao do olho; anal e pélvica alaranjadas. Atinge 40 cm (CT) e 1,2 kg (PT).

Adulto



Hábitat e Comportamento

Pouco comuns e costeiros, desde lagoas salobras a fundos rochosos e de cascalho, entre 1 e 30 metros de profundidade; toleram grandes alterações de salinidade, turbidez e temperatura, sendo a água marinha necessária apenas até cerca de 2 semanas de vida e para reprodução, o que os faz muito adaptáveis e frequentes em estuários, mangues, bancos de algas e mesmo rios. Alimentam-se de crustáceos e moluscos, incluindo cracas e ostras, que quebram com os dentes anteriores. São diurnos, territoriais e agressivos com indivíduos da mesma espécie. A reprodução ocorre em águas costeiras, na primavera e nos meses em que há súbita elevação da temperatura nas zonas tropicais; os ovos e larvas são planctônicos e estas se transformam em jovens com cerca de 16 mm (CT); os jovens são muito mais alongados que os adultos, aumentando a altura com a idade.

Distribuição Geográfica

Atlântico Ocidental, de New Jersey (EUA) a Santa Catarina.

Material Coletado

23 exemplares; com comprimento padrão variando de 16 a 32 cm.

Ocorrência na Bacia Potiguar - RN



Literatura

Randall, 1968; Carvalho-Filho, 1999; Carpenter In: Carpenter, 2002; McEachran & Fechhelm, 2005; Powell & Greene In: Richards, 2006; Rocha In: Carvalho-Filho (in prep).

Nome Popular: Peixe pena

Diagnose

Similar às demais espécies do gênero *Calamus*, diferindo visualmente pela cor e por possuir o terceiro, e eventualmente quarto dente caniniforme do maxilar superior maior que os demais e também por geralmente possuir 11 raios na nadadeira anal; perfil superior da cabeça com uma ligeira depressão sobre os olhos. Corpo prateado com reflexos azulados e pequenas manchas azuis; uma linha azul sob o olho; região sub-orbital com numerosas manchas

amarelas e redondas, frequentemente dando à região um aspecto rendilhado; lábios e *istmo* (união das brânquias sob a cabeça) alaranjados. Nadadeiras transparentes ou pálidas, a caudal eventualmente com faixas alternadas de claro e escuro e uma fase de cor com várias manchas escuras difusas no corpo. Jovens semelhantes aos adultos. Atinge 60 cm (CT) e 0,7 kg (PT).



Adulto

Hábitat e Comportamento

Comuns, ocorrem em fundos de rocha e de corais, e nas áreas próximas de areia, cascalho e algas, desde a costa às ilhas oceânicas, os jovens entre 1 e 15 metros de profundidade em pequenos cardumes, os adultos mais isolados e entre 10 e 90 m. À noite quando próximos ao substrato, exibem barras escuras verticais mais evidentes. Alimentam-se de crustáceos, moluscos, ouriços, algas e pequenos peixes. Diurnos e vorazes, mas desconfiados e ariscos, preferem águas claras. A reprodução ocorre em águas abertas durante o outono, e por todo o ano em águas tropicais.

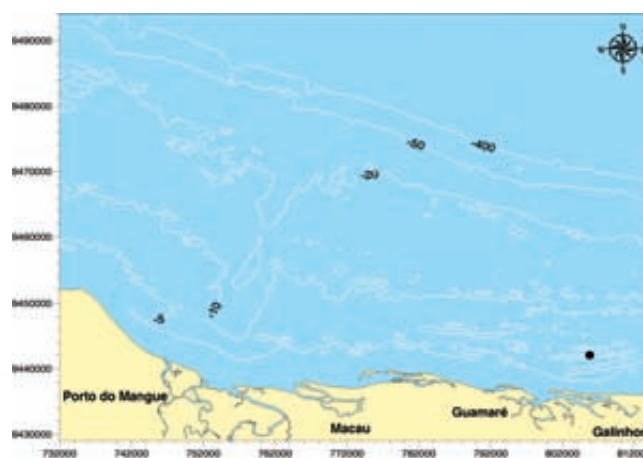
Distribuição Geográfica

Atlântico Ocidental, das Bermudas e Florida (EUA) ao Rio de Janeiro.

Material Coletado

1 exemplar; com comprimento padrão de 15 cm.

Ocorrência na Bacia Potiguar - RN



Literatura

Randall, 1968; Carvalho-Filho, 1999; Carpenter In: Carpenter, 2002; McEachran & Fechhelm, 2005; Powell & Greene In: Richards, 2006; Rocha In: Carvalho-Filho (in prep).

Nome Popular: Peixe pena

Diagnose

Muito similar à *Calamus pennatula*, diferindo pela coloração, alto da cabeça em curva suave, número de escamas da linha lateral (45 a 49) e nadadeira peitoral, geralmente com 15 raios e que não alcança a base da anal; o espaço sub-orbital é menor, contido de 7 a 12 vezes no comprimento padrão. Cor prateada em geral, com reflexos iridiscentes no corpo; uma faixa escura longitudinal pouco definida no

corpo e outras marcas escuras eventuais; uma linha cinza azulada sob o olho; barra escura da boca ao olho, nem sempre distinta; mancha negra pequena na parte superior da base da peitoral; nadadeiras pálidas, por vezes com faixas escuras, especialmente na caudal e durante à noite. Jovens com marcas escuras mais distintas, mas semelhantes aos adultos. Atinge 50 cm (CT) e 1 kg (PT).

Adulto



Hábitat e Comportamento

Possuem hábitos e comportamentos semelhantes à *Calamus calamus*.

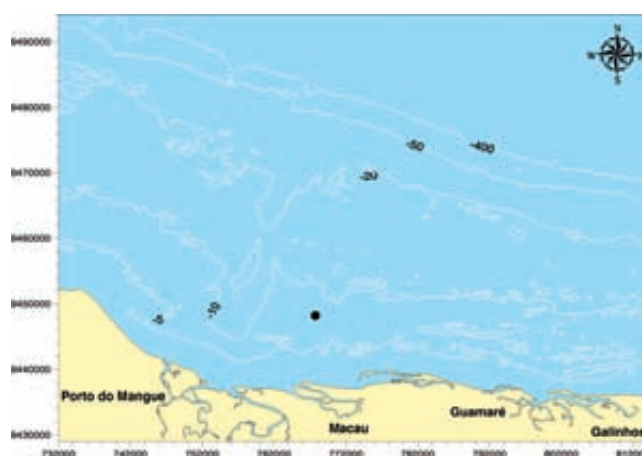
Distribuição Geográfica

Atlântico Ocidental, da Florida (EUA) a Santa Catarina.

Material Coletado

1 exemplar; com comprimento padrão de 10 cm.

Ocorrência na Bacia Potiguar - RN



Literatura

Randall, 1968; Carvalho-Filho, 1999; Carpenter In: Carpenter, 2002; McEachran & Fechhelm, 2005; Powell & Greene In: Richards, 2006; Rocha In: Carvalho-Filho (in prep).

Nome Popular: Peixe pena

Diagnose

Nadadeira dorsal com 12 espinhos (raramente 11) e 11 a 13 raios; anal com 3 espinhos e 9 a 11 raios (geralmente 10); nadadeira peitoral longa, atingindo a base da anal, com 13 a 15 raios (geralmente 14); linha lateral com 51 a 56 escamas. Corpo oval, alto e comprimido; cabeça grande, olho de tamanho moderado, boca ampla e inferior, muito distante do olho que é próximo ao alto da cabeça com um formato semelhante a uma corcova; dentes anteriores caniniformes, o quarto do maxilar superior maior que os demais e curvado para fora; espaço sub-

orbital grande, contido de 6,4 a 9,2 vezes do comprimento padrão. Cor prateada com reflexos róseos e as escamas do corpo com áreas amarelas e azuis; nuca e região anterior do dorso amareladas; faixa larga e azul acima do opérculo; linha azul evidente sob o olho e outras alternadas com linhas amarelas, na região sub-orbital; mancha avermelhada na base da peitoral; canto da boca amarelo. Podem ainda apresentar barras verticais difusas nos flancos, especialmente à noite. Jovens semelhantes aos adultos. Atinge 40 cm (CT) e 0,8 kg (PT).



Hábitat e Comportamento

Possuem hábitos e comportamentos semelhantes à *Calamus calamus*.

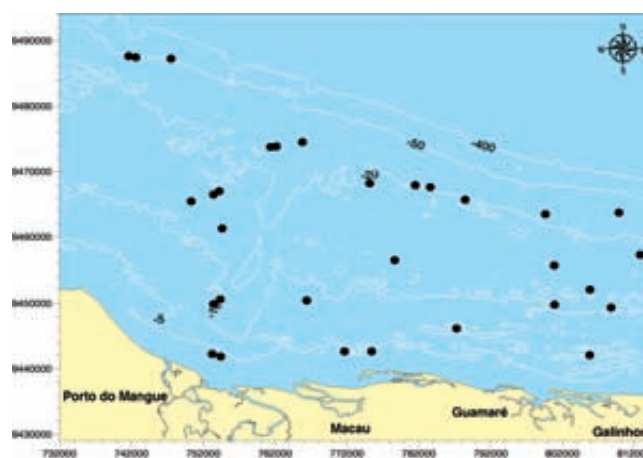
Distribuição Geográfica

Atlântico Ocidental, das Bahamas e Flórida (EUA) a Santa Catarina.

Material Coletado

88 exemplares; com comprimento padrão variando de 3 a 31,5 cm.

Ocorrência na Bacia Potiguar - RN



Literatura

Randall, 1968; Carvalho-Filho, 1999; Carpenter In: Carpenter, 2002; McEachran & Fechhelm, 2005; Powell & Greene In: Richards, 2006; Rocha In: Carvalho-Filho (in prep).

Polydactylus virginicus

(Linnaeus, 1758)

POLYNEMIDAE

Nome Popular: Barbudo

Diagnose

Nadadeira peitoral com 7 raios livres anteriores; 22 a 30 rastros no primeiro arco; linha lateral com 54 a 63 escamas; nadadeira anal com 11 a 14 raios, sua base contida de 4,7 a 6,2 vezes no comprimento padrão; margem posterior do maxilar truncada, por vezes com uma depressão. Cor escura

no dorso, olivácea a cinza azulado, flancos amarelados a pálidos; nadadeiras pálidas, peitoral e pélvica podem ter uma área escura no centro; focinho translúcido; jovens cor de areia. Atinge 32 cm (CT).



Hábitat e Comportamento

Abundantes, mais freqüentes em águas rasas nos meses quentes, até 55 metros de profundidade, em mangues, recifes e ilhas costeiras, sempre sobre fundos de areia ou cascalho, onde buscam suas presas, como poliquetas, crustáceos e pequenos peixes. Formam pequenos cardumes, geralmente misturados a outras espécies. Possuem hábitos tanto diurnos quanto noturnos, sendo muito ativos. A reprodução aparentemente ocorre em águas afastadas, entre o outono e a primavera e os ovos e larvas são pelágicos.

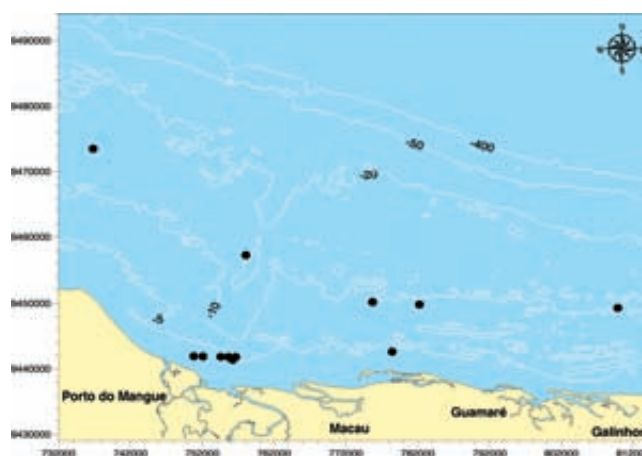
Distribuição Geográfica

Atlântico Ocidental, de New Jersey (EUA) ao norte da Argentina.

Material Coletado

25 exemplares; com comprimento padrão variando de 7 a 15,5 cm.

Ocorrência na Bacia Potiguar - RN



Literatura

Randall, 1996; Carvalho-Filho, 1999; Feltes In: Carpenter, 2002; Hillen & Ditty In: Richards, 2006; Carvalho-Filho In: Carvalho-Filho (in prep).

Cynoscion acoupa

(Lacepède, 1801)

SCIAENIDAE

Nome Popular: Pescada amarela

Diagnose

Nadadeira dorsal com 11 espinhos e 17 a 22 raios; anal com 2 espinhos e 7 ou 8 raios (raramente 9); linha lateral com 55 a 63 escamas com poros; 10 a 16 rastros longos no primeiro arco. Corpo alongado, subcilíndrico e pouco comprimido; cabeça moderada e sem barbilhão no queixo; boca inclinada, o maxilar inferior projetando-se um pouco à frente do superior; um par anterior de dentes caninos no maxilar superior maior que os demais; dorsal dura e mole com profundo entalhe entre elas e unidas na

base, segundo espinho da dorsal maior que os demais, característico da espécie; escamas ctenóides, de 80 a 90 séries transversais acima da linha lateral; caudal romboidal em adultos. Cor cinza prateado, dorso mais escuro e ventre pálido, amarelado ou mesmo alaranjado, incluindo os flancos e nadadeiras inferiores, margens das nadadeiras escuras, contrastantes. Jovens semelhantes aos adultos. Atinge 120 cm (CT) e 17 kg (PT).

Adulto



Hábitat e Comportamento

Comuns, em águas costeiras, desde lagoas salobras, estuários, mangues e baías abertas, da superfície ao fundo, em áreas de lodo, areia ou cascalho, entre 1 e 35 metros de profundidade; adentram em rios. Formam cardumes e aproximam-se de águas mais rasas à noite para se alimentar de peixes e crustáceos, sendo pouco ativos durante o dia. Reproduzem-se na primavera e verão, os ovos e larvas são planctônicos e estas se transformam em jovens com cerca de 9 mm (CT), que se desenvolvem em águas rasas e de baixa salinidade.

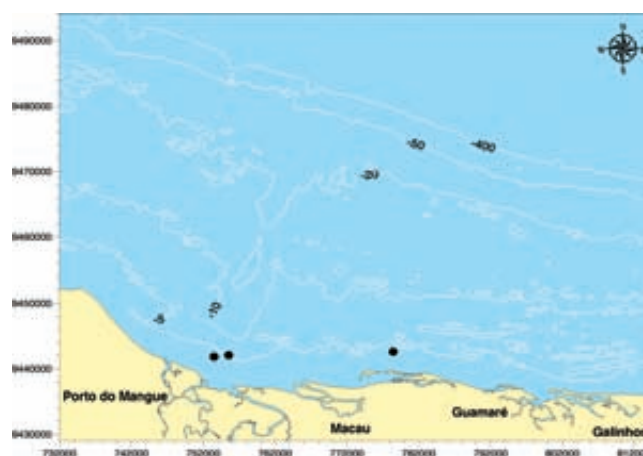
Distribuição Geográfica

Atlântico Ocidental, de Panamá a Argentina.

Material Coletado

12 exemplares; com comprimento padrão variando de 7 a 18 cm.

Ocorrência na Bacia Potiguar - RN



Literatura

Chao, 1978; Menezes & Figueiredo, 1980; Darovec Jr. & John, 1983; Alves & Fonteles, 1994; Cunningham & Diniz-Filho, 1995; Greenfield & Thomerson, 1997; Carvalho-Filho, 1999; Bastos, 1999; Soares & Vazzoler, 2001; Chao In: Carpenter, 2002; Farias *et al.*, 2003; Santos *et al.*, 2003; Leopold, 2004; Lewis & Fontoura, 2005; McEachran & Fechhelm, 2005; Ditty *et al.* In: Richards, 2006; Policarpo & Carvalho-Filho In: Carvalho-Filho (in prep).

Nome Popular: Pescada branca

Diagnose

Semelheante à *Cynoscion acoupa*, diferenciada pela nadadeira dorsal com 11 espinhos e 20 a 24 raios; anal com 2 espinhos e 8 a 10 raios; linha lateral com 56 a 63 escamas com poros; 8 a 11 rastros curtos no primeiro arco. Segundo espinho da dorsal de tamanho similar ao terceiro; escamas ciclóides, de 110 a 125

séries transversais acima da linha lateral; caudal truncada em adultos. Cor prateada com o dorso em tons de cinza a azul ou verde; nadadeiras claras, exceto a dorsal dura, escura; margens da dorsal mole e da caudal escuras; nadadeira anal e nadadeiras pélvicas amareladas. Jovens semelhantes aos adultos. Atinge 60 cm (CT) e 6,3 kg (PT).

Adulto



Hábitat e Comportamento

De maneira geral semelhante à *C. acoupa*, mas são frequentemente encontrado até cerca de 40 metros de profundidade e grandes adultos podem ocorrer até os 70 m. A alimentação é composta por crustáceos, peixes e moluscos. A maturação sexual das fêmeas ocorre com cerca de 35 cm (CT), e dos machos a partir de 50 cm (CT).

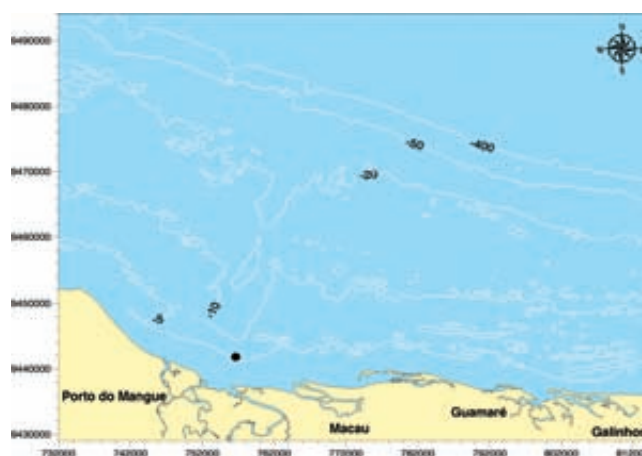
Distribuição Geográfica

Atlântico Ocidental, do Panamá ao sul do Brasil.

Material Coletado

1 exemplar; com comprimento padrão de 12,5 cm.

Ocorrência na Bacia Potiguar - RN



Literatura

Chao, 1978; Menezes & Figueiredo, 1980; Darovec Jr. & John, 1983; Alves & Fonteles, 1994; Cunningham & Diniz-Filho, 1995; Greenfield & Thomerson, 1997; Carvalho-Filho, 1999; Bastos, 1999; Soares & Vazzoler, 2001; Chao In: Carpenter, 2002; Farias *et al.*, 2003; Santos *et al.*, 2003; Leopold, 2004; Lewis & Fontoura, 2005; McEachran & Fechhelm, 2005; Ditty *et al.* In: Richards, 2006; Policarpo & Carvalho-Filho In: Carvalho-Filho (in prep).

Nome Popular: Boca mole

Diagnose

Nadadeira dorsal com 11 espinhos (raramente 10) e 26 a 29 raios; anal com 2 espinhos e 6 a 7 raios; 28 a 33 rastros no primeiro arco. Corpo alongado, robusto e comprimido anteriormente, a maior altura na região da origem da peitoral; cabeça curta e boca inclinada, quase vertical

e sem barbilhão no queixo; escamas ctenóides; cauda romboidal nos adultos. Coloração prateada com dorso mais escuro; pélvicas e anal amareladas; uma mancha escura na base da peitoral. Jovens semelhantes aos adultos. Atinge 31 cm (CT) e 0,5 kg (PT).

Jovem



Hábitat e Comportamento

Comuns e costeiros, de águas rasas, em fundos de lodo, areia ou cascalho, desde mangues, lagoas salobras e estuários, a baías abertas, até cerca de 60 metros de profundidade. Eventualmente formam grandes cardumes. Alimentam-se principalmente de crustáceos bentônicos e peixes. Emitem roncões baixos quando retirados da água e ao se alimentar. Reproduzem-se durante os meses mais quentes, a maturidade sexual ocorre por volta dos 9,5 cm (CT); ovos e larvas são pelágicos, estas se transformam em jovens por volta dos 9 mm (CT).

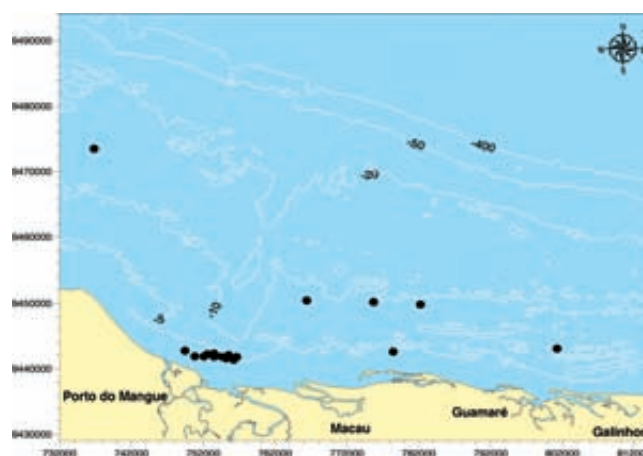
Distribuição Geográfica

Atlântico Ocidental, de Cuba e Costa Rica a Santa Catarina.

Material Coletado

220 exemplares; com comprimento padrão variando de 4 a 21 cm.

Ocorrência na Bacia Potiguar - RN



Literatura

Chao, 1978; Menezes & Figueiredo, 1980; Darovec Jr. & John, 1983; Alves & Fonteles, 1994; Cunningham & Diniz-Filho, 1995; Greenfield & Thomerson, 1997; Carvalho-Filho, 1999; Bastos, 1999; Soares & Vazzoler, 2001; Chao In: Carpenter, 2002; Farias *et al.*, 2003; Santos *et al.*, 2003; Leopold, 2004; Lewis & Fontoura, 2005; McEachran & Fechhelm, 2005; Ditty *et al.* In: Richards, 2006; Policarpo & Carvalho-Filho In: Carvalho-Filho (in prep).

Macrodon ancylodon

(Bloch & Schneider, 1801)

SCIAENIDAE

Nome Popular: Pescada foguete

Diagnose

Nadadeira dorsal com 11 espinhos e 27 a 29 raios; anal com 2 espinhos (o segundo flexível) e 8 a 9 raios. Similar à *Cynoscion leiarchus*, porém com dentes caninos alongados do maxilar superior são maiores e com nítida forma de flecha na ponta; caudal lanceolada. Cor geral prateada, com dorso

azul esverdeado e ventre pálido a amarelado; anal amarelada, caudal também, mas esta com a porção distal escura. Jovens semelhantes aos adultos, mas com nadadeiras pálidas. Atinge 45 cm (CT) e 0,8 kg (PT).



Hábitat e Comportamento

Comuns e costeiros, de águas rasas, em fundos de lodo, areia ou cascalho, desde mangues, lagoas salobras e estuários, a baías abertas, até cerca de 60 metros de profundidade. Formam grandes cardumes, e alimentam-se principalmente de crustáceos bentônicos, camarões e peixes. Emitem roncões baixos quando retirados da água e ao se alimentar. Reproduzem-se entre outubro e maio, em estuários e manguezais; milhares de ovos flutuantes dão origem à larvas planctônicas que migram para o mar.

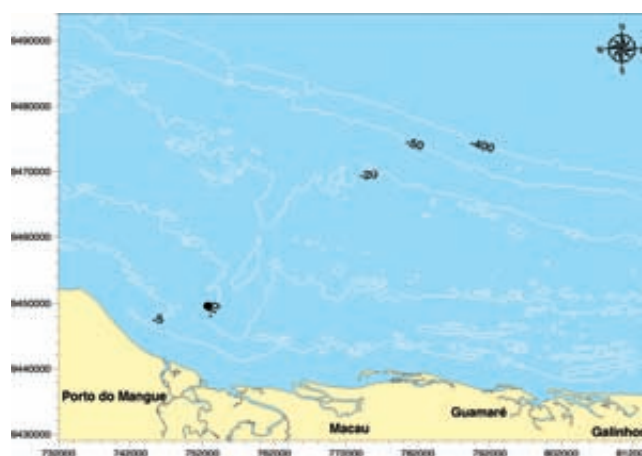
Distribuição Geográfica

Atlântico Ocidental, da Venezuela a Argentina. A população localizada entre o Rio de Janeiro e a Argentina é, provavelmente, de uma nova espécie, estando em processo de descrição.

Material Coletado

1 exemplar; com comprimento padrão de 13 cm.

Ocorrência na Bacia Potiguar - RN



Literatura

Chao, 1978; Menezes & Figueiredo, 1980; Darovec Jr. & John, 1983; Alves & Fonteles, 1994; Cunningham & Diniz-Filho, 1995; Greenfield & Thomerson, 1997; Carvalho-Filho, 1999; Bastos, 1999; Soares & Vazzoler, 2001; Chao In: Carpenter, 2002; Farias *et al.*, 2003; Santos *et al.*, 2003; Leopold, 2004; Lewis & Fontoura, 2005; McEachran & Fechhelm, 2005; Ditty *et al.* In: Richards, 2006; Policarpo & Carvalho-Filho In: Carvalho-Filho (in prep).

Nome Popular: Judeu mulato

Diagnose

Nadadeira dorsal com 10 (raramente 11) espinhos e 22 a 26 raios; anal com 1 espinho e 6 a 8 raios; 3 a 10 rastros no primeiro arco. Corpo alongado e cilíndrico pouco comprimido; cabeça moderada, olhos pequenos, focinho cônico e alongado, com a ponta à frente dos maxilares; boca ventral; presença de um barbilhão curto e rígido no queixo; dorsal com profundo entalhe, separando a dura da mole, mas unidas pela base; caudal com margem externa em forma de "s"; extremidade da peitoral atinge ou ultrapassa a ponta da pélvica; ventre com escamas ctenóides de tamanho uniforme

e similar ao restante do corpo; 70 a 82 séries transversais de escamas acima da linha lateral (geralmente mais de 80). Cor cinza prateada, pálida no ventre; manchas escuras, alongadas e oblíquas no dorso e flancos, nem sempre nítidas; dorsal mole, anal e pélvicas pálidas; dorsal dura escura; caudal com margem escura. Eventualmente com reflexos rosa metálicos no dorso e cabeça. Jovens semelhantes aos adultos. Atinge 50 cm (CT) e 2,2 kg (PT).



Hábitat e Comportamento

Comuns ao longo de praias, sobre a fundos de areia, lodo ou cascalho, da linha da maré até 40 metros de profundidade, mais freqüentes em águas rasas, incluindo lagoas salobras, mangues e estuários. Alimentam-se basicamente de invertebrados bentônicos como poliquetas e crustáceos (principalmente camarões); são ativos durante o dia. Emitem sons, atritando os dentes e ossos da faringe. Formam grandes cardumes e reproduzem-se da primavera ao outono, raramente em meses mais quentes; os ovos e larvas são pelágicos, estas se transformam em jovens com cerca de 10 mm (CT), encontrados na beira da praia.

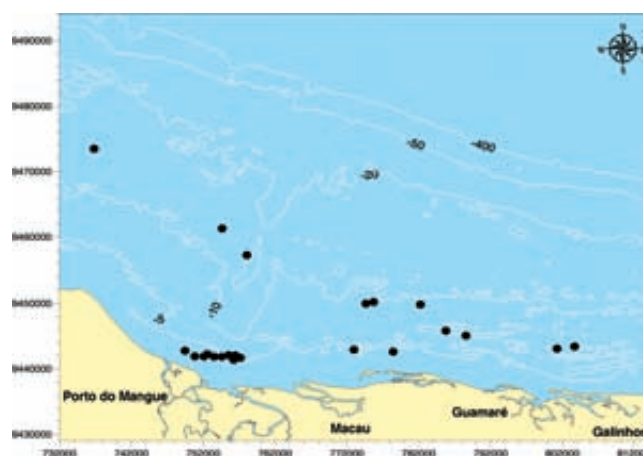
Distribuição Geográfica

Atlântico Ocidental, Massachusetts (EUA) a Argentina.

Material Coletado

298 exemplares; com comprimento padrão variando de 5 a 26 cm.

Ocorrência na Bacia Potiguar - RN



Literatura

Chao, 1978; Menezes & Figueiredo, 1980; Darovec Jr. & John, 1983; Alves & Fonteles, 1994; Cunningham & Diniz-Filho, 1995; Greenfield & Thomerson, 1997; Carvalho-Filho, 1999; Bastos, 1999; Soares & Vazzoler, 2001; Chao In: Carpenter, 2002; Farias *et al.*, 2003; Santos *et al.*, 2003; Leopold, 2004; Lewis & Fontoura, 2005; McEachran & Fechhelm, 2005; Ditty *et al.* In: Richards, 2006; Policarpo & Carvalho-Filho In: Carvalho-Filho (in prep).

Nome Popular: Cururuca

Diagnose

Nadadeira dorsal com 11 espinhos e 26 a 30 raios, anal com 2 espinhos e 7 a 8 raios (raramente 9); linha lateral com 50 a 54 escamas com poros; 21 a 25 rastros no primeiro arco. Corpo alongado e um pouco comprimido; cabeça moderada, focinho arredondado; pré-opérculo fortemente serrilhado; maxilar inferior com vários pares de barbilhões em sua borda interna; caudal rombóide; escamas ctenóides no corpo e alto da cabeça, escamas ciclóides na face e

opérculo. Cor prateada a marrom, com reflexos dourados a rosados; dorso mais escuro e ventre pálido, freqüentemente amarelo, estrias escuras e oblíquas no dorso e flancos, seguindo as séries de escamas e que se prolongam além da linha lateral; nadadeiras pálidas a amareladas, dorsal dura escurecida; ventre freqüentemente amarelo. Jovens semelhantes aos adultos, embora um pouco mais escuros. Atinge 90 cm (CT) e 4 kg (PT).

Adulto



Hábitat e Comportamento

Abundantes em vários tipos de ambientes, sobre fundos de areia, lodo e cascalho, em estuários, baías e ao longo da costa entre 1 e 100 metros de profundidade, mais comuns em menos de 30 m. Podem formar cardumes muito numerosos. Em certas épocas do ano apresentam algumas escamas inteiramente negras, tal alteração de cor pode ser associada ao ciclo reprodutivo. Emitem roncões, através de músculos ligados à bexiga natatória. Alimentam-se de invertebrados bentônicos como crustáceos, poliquetas e moluscos, além de pequenos peixes. A época de reprodução varia conforme a região, nesta, assumem a cor dourada a brônzea e o olho torna-se amarelo; formam então enormes concentrações em águas da plataforma continental e em estuários; ovos e larvas são planctônicos e estas se transformam em jovens com cerca de 10 mm (CT). Vivem cerca de 7 anos.

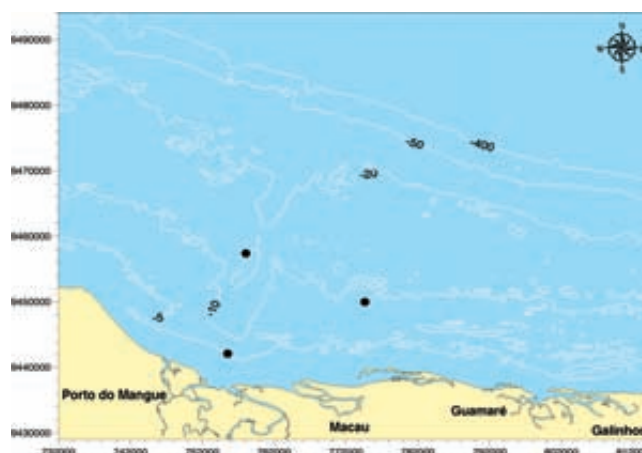
Distribuição Geográfica

Atlântico Ocidental, de Cuba e Costa Rica a Argentina.

Material Coletado

58 exemplares; com comprimento padrão variando de 10 a 29,5 cm.

Ocorrência na Bacia Potiguar - RN



Literatura

Chao, 1978; Menezes & Figueiredo, 1980; Darovec Jr. & John, 1983; Alves & Fonteles, 1994; Cunningham & Diniz-Filho, 1995; Greenfield & Thomerson, 1997; Carvalho-Filho, 1999; Bastos, 1999; Soares & Vazzoler, 2001; Chao In: Carpenter, 2002; Farias *et al.*, 2003; Santos *et al.*, 2003; Leopold, 2004; Lewis & Fontoura, 2005; McEachran & Fechhelm, 2005; Ditty *et al.* In: Richards, 2006; Policarpo & Carvalho-Filho In: Carvalho-Filho (in prep).

Nome Popular: Pescada de pedra

Diagnose

Nadadeira dorsal com 12 a 13 espinhos e 23 a 26 raios; nadadeira anal com 2 espinhos e 8 ou 9 raios (raramente 10); 19 a 25 rastros no primeiro arco branquial. Corpo elíptico, pouco comprimido lateralmente; boca grande, sub-terminal, pouco oblíqua, com dentes caniniformes afiados e um par de dentes maiores na ponta do maxilar inferior; olhos grandes; sem barbilhões no queixo; pré-opérculo ligeiramente serrilhado; nadadeira caudal truncada. Cor

prateada a marrom, frequentemente com reflexos dourados e o dorso mais escuro; nadadeiras amarelas; uma mancha negra evidente na base da peitoral; as escamas tendem a ter centros escuros no dorso, onde formam linhas. Eventualmente são observados exemplares de cor geral muito escura. Jovens semelhantes aos adultos. Atinge 30 cm (CT).



Hábitat e Comportamento

Comuns em águas costeiras e claras, especialmente sobre fundos rochosos e coralinos, entre 1 e 30 metros de profundidade. Geralmente em pequenos cardumes, eventualmente em grande número, permanecem na entrada de cavernas, em frestas e entre ramos de corais, nadando lentamente durante o dia. São mais ativos à noite, quando predam moluscos, crustáceos e pequenos peixes. Relativamente tímidos e mais associados à coluna d'água que as demais espécies recifais da família Sciaenidae. Os jovens formam cardumes numerosos e permanecem no fundo de cavernas durante o dia.

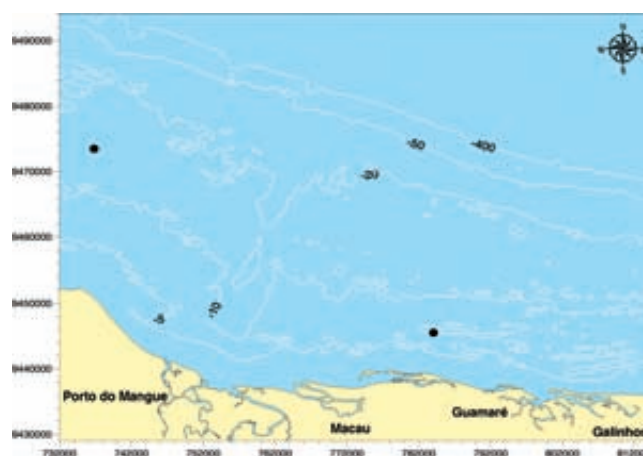
Distribuição Geográfica

Atlântico Ocidental, da Florida (EUA), Cuba e Costa Rica a Santa Catarina.

Material Coletado

2 exemplares; com comprimento padrão variando de 13 a 14,5 cm.

Ocorrência na Bacia Potiguar - RN



Literatura

Chao, 1978; Menezes & Figueiredo, 1980; Darovec Jr. & John, 1983; Alves & Fonteles, 1994; Cunningham & Diniz-Filho, 1995; Greenfield & Thomerson, 1997; Carvalho-Filho, 1999; Bastos, 1999; Soares & Vazzoler, 2001; Chao In: Carpenter, 2002; Farias *et al.*, 2003; Santos *et al.*, 2003; Leopold, 2004; Lewis & Fontoura, 2005; McEachran & Fechhelm, 2005; Ditty *et al.* In: Richards, 2006; Policarpo & Carvalho-Filho In: Carvalho-Filho (in prep).

Nome Popular: Maria mole

Diagnose

Nadadeira dorsal com 11 espinhos (raramente 10) e 28 a 32 raios; anal com 2 espinhos e 7 a 9 raios (geralmente 8); 10 a 14 rastros curtos e robustos no primeiro arco; linha lateral com 54 a 56 escamas. Corpo alongado e subcilíndrico; boca pequena e inferior com focinho pontudo; cabeça cônica, pequena e olhos idem; dorsal mole longa, caudal lanceolada; peitoral curta, não atinge à anal; um tufo de barbilhões no queixo e vários pares sob a parte interna do maxilar inferior.

Colorido variando do amarelo ao pálido, quase prateado, com dorso mais escuro e sete a nove (geralmente oito) barras oblíquas escuras no corpo, mancha escura, arredondada e evidente atrás do opérculo; nadadeiras caudal, pélvica e anal amareladas, as demais pálidas. Jovens semelhantes, porém, mais pálidos, com as barras oblíquas menos evidentes e as nadadeiras quase transparentes. Atinge 30 cm (CT).

Jovem



Hábitat e Comportamento

Comuns e costeiros, entre 2 e 100 metros de profundidade, mais abundantes até 50 m, sobre fundos de areia, lodo e cascalho. Alimentam-se de invertebrados bentônicos, principalmente poliquetas e crustáceos. Formam cardumes, especialmente durante a reprodução, que ocorre do início da primavera ao final verão em águas rasas de lagoas salobras, estuários e mangues. A maturidade sexual das fêmeas ocorre por volta do terceiro ano de idade, com cerca de 15 cm (CT).

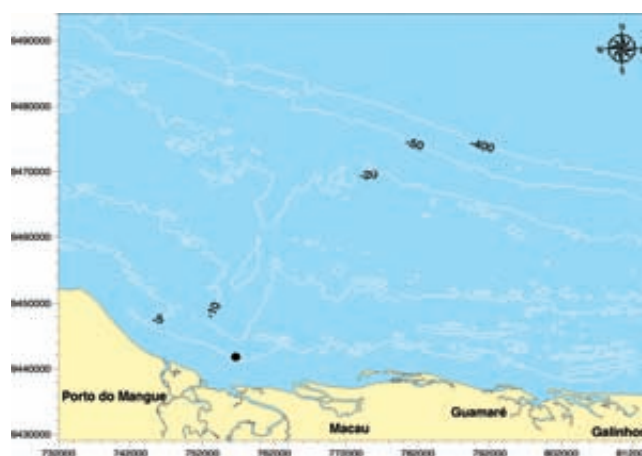
Distribuição Geográfica

Atlântico Ocidental, do Panamá ao sul do Brasil.

Material Coletado

1 exemplar; com comprimento padrão de 13,5 cm.

Ocorrência na Bacia Potiguar - RN



Literatura

Chao, 1978; Menezes & Figueiredo, 1980; Darovec Jr. & John, 1983; Alves & Fonteles, 1994; Cunningham & Diniz-Filho, 1995; Greenfield & Thomerson, 1997; Carvalho-Filho, 1999; Bastos, 1999; Soares & Vazzoler, 2001; Chao In: Carpenter, 2002; Farias *et al.*, 2003; Santos *et al.*, 2003; Leopold, 2004; Lewis & Fontoura, 2005; McEachran & Fechhelm, 2005; Ditty *et al.* In: Richards, 2006; Policarpo & Carvalho-Filho In: Carvalho-Filho (in prep).

Nome Popular: Canivete

Diagnose

Primeira nadadeira dorsal elevada, menor que o comprimento da cabeça nos adultos, variando de 8 a 10 espinhos, segunda dorsal longa, com 1 espinho e 37 a 41 raios. A primeira nadadeira dorsal, quando comprimida, alcança o sexto raio da segunda dorsal. Corpo alto e curto, comprimido lateralmente e elevado na altura da nuca; boca pequena, inferior, quase horizontal e com dentes viliformes; sem barbilhões no queixo; pré-opérculo macio; nadadeira caudal rombóide. A nadadeira

dorsal anterior é muito mais longa e filamentosa, nos jovens, encurtando com a idade. Cor pálida, com três a cinco faixas horizontais mais largas que a pupila, variando de marrom escuras a negras e com outras faixas mais estreitas entre elas. Nadadeiras escuras. Jovens com cores mais contrastantes e com uma barra reta e escura conectando os olhos pelo alto da cabeça, torna-se difusa com a idade. Atinge 25 cm (CT).



Adulto



Jovem

Hábitat e Comportamento

Comuns, e geralmente recifais, observados em águas claras, poças de maré, costões rochosos e recifes de coral, entre 1 e 30 metros de profundidade, também podem ser vistos em fundos de areia e lodo, até 60 m, geralmente em pequenos cardumes. São tímidos e possuem hábitos noturnos, durante o dia abrigam-se entre rochas e corais. Alimentam-se principalmente de poliquetas e crustáceos bentônicos, além de detritos orgânicos. A reprodução pode ocorrer por todo ao ano nas regiões tropicais, com picos na primavera e verão; ovos e larvas são pelágicos e estas se transformam em jovens com cerca de 5 mm (CT). Os jovens formam cardumes com até 15 indivíduos, na entrada de tocas do recife e sobre fundo de areia.

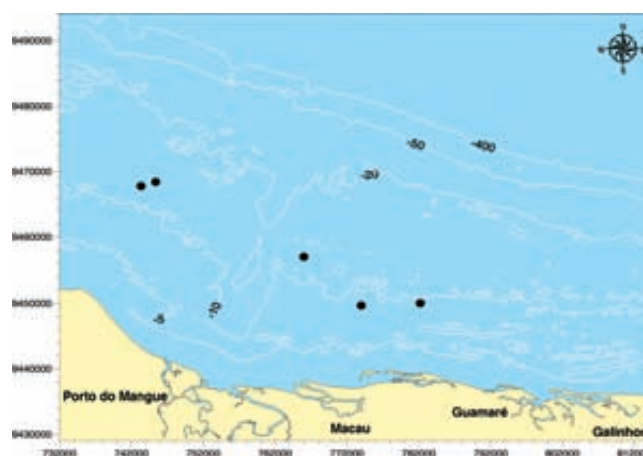
Distribuição Geográfica

Atlântico Ocidental, de Chesapeake Bay (EUA) e Bahamas a Santa Catarina.

Material Coletado

11 exemplares; com comprimento padrão variando de 4,5 a 13 cm.

Ocorrência na Bacia Potiguar - RN



Literatura

Chao, 1978; Menezes & Figueiredo, 1980; Darovec Jr. & John, 1983; Alves & Fonteles, 1994; Cunningham & Diniz-Filho, 1995; Greenfield & Thomerson, 1997; Carvalho-Filho, 1999; Bastos, 1999; Soares & Vazzoler, 2001; Chao In: Carpenter, 2002; Farias *et al.*, 2003; Santos *et al.*, 2003; Leopold, 2004; Lewis & Fontoura, 2005; McEachran & Fechhelm, 2005; Ditty *et al.* In: Richards, 2006; Policarpo & Carvalho-Filho In: Carvalho-Filho (in prep).

Nome Popular: Cangoá

Diagnose

Nadadeira dorsal anterior com 10 ou 11 espinhos, a posterior com 1 ou 2 espinhos (raramente 3) e 17 a 20 raios; anal com 2 espinhos e 8 (raramente 9) raios; linha lateral com 48 a 51 escamas com poros; 32 a 39 rastros no primeiro arco, longos e delgados. Corpo alongado, cabeça moderada e achatada entre os olhos, distância entre os mesmos contida no máximo 3,5 vezes no comprimento da cabeça; queixo sem barbilhão; pré-opérculo com 3

(raramente 4) espinhos distintos no ângulo; boca diagonal e ponta do focinho alinhada com ponta do maxilar inferior; caudal lanceolada. Cor cinza prateado com o dorso mais escuro, freqüentemente com reflexos dourados nos flancos; região anterior da dorsal escura, o restante e as demais nadadeiras amareladas, com margens escuras; céu da boca claro. Jovens semelhantes aos adultos, com nadadeiras pálidas ou mesmo transparentes. Atinge 15 cm (CT).



Hábitat e Comportamento

Comuns e costeiros, de águas rasas, em fundos de lodo, areia ou cascalho, desde rios costeiros, mangues, lagoas salobras e estuários a baías abertas, até cerca de 35 metros de profundidade. Formam grandes cardumes alimentam-se de invertebrados bentônicos. Emitem roncões baixos quando retirados da água e ao se alimentar. Reproduzem-se durante os meses mais quentes e a maturidade sexual ocorre por volta dos 9,5 cm (CT).

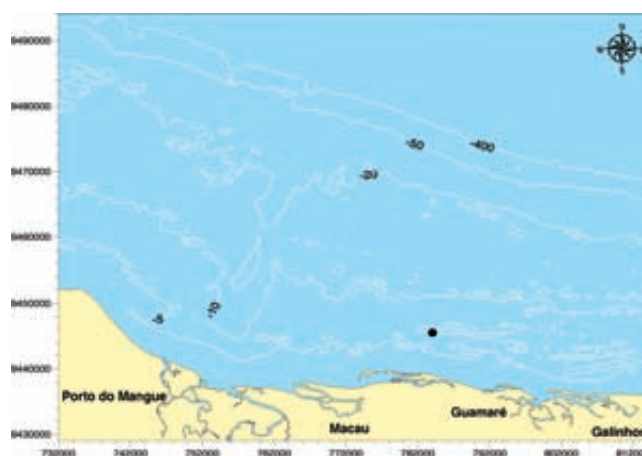
Distribuição Geográfica

Atlântico Ocidental, de Massachusetts (EUA) e Bermudas até Santa Catarina.

Material Coletado

1 exemplar; com comprimento padrão de 7 cm.

Ocorrência na Bacia Potiguar - RN



Literatura

Chao, 1978; Menezes & Figueiredo, 1980; Darovec Jr. & John, 1983; Alves & Fonteles, 1994; Cunningham & Diniz-Filho, 1995; Greenfield & Thomerson, 1997; Carvalho-Filho, 1999; Bastos, 1999; Soares & Vazzoler, 2001; Chao In: Carpenter, 2002; Farias *et al.*, 2003; Santos *et al.*, 2003; Leopold, 2004; Lewis & Fontoura, 2005; McEachran & Fechhelm, 2005; Ditty *et al.* In: Richards, 2006; Policarpo & Carvalho-Filho In: Carvalho-Filho (in prep).

Nome Popular: Saramunete

Diagnose

Duas nadadeiras dorsais, a primeira com 8 espinhos (o primeiro muito pequeno) e a segunda com 1 espinho e 8 raios; anal com 1 espinho e 6 a 7 raios; linha lateral com 27 a 31 escamas. Corpo alongado e subcilíndrico; cabeça moderada, com um par de longos barbilhões flexíveis no queixo; focinho longo, o perfil superior da cabeça formando um ângulo de quase 45° com o eixo do corpo; maxilar não alcança margem do olho; opérculo com espinho evidente; caudal furcada; escamas grandes e ctenóides. Cor variável,

do branco ao rosa choque ou marrom, com duas ou três manchas escuras e arredondadas no flanco; escamas do dorso com margem amarelada ou avermelhada e centro azulado; linhas azuis diagonais na cabeça; pode haver estrias amareladas no ventre; variam a cor conforme o ambiente; à noite ou durante o dia quando em repouso, são mais escuros e com grandes manchas vermelhas nas nadadeiras e no corpo. Atinge 30 cm (CT) e 0,6 kg (PT).

Adulto



Jovem



Hábitat e Comportamento

Comuns em fundos rochosos, coralinos, de areia e cascalho ou em bancos de algas, desde a costa à ilhas oceânicas, até 100 metros de profundidade. Formam pequenos cardumes, são ativos e alimentam-se de invertebrados bentônicos, com o auxílio dos barbilhões tácteis; Camuflados no substrato, podem emboscar presas em rápidos ataques. São curiosos e territoriais; freqüentemente observados sendo seguidos por indivíduos de outras espécies, especialmente dos gêneros *Halichoeres* e *Haemulon*, que se beneficiam das presas desalojadas do fundo. A reprodução ocorre no final do inverno e ao longo da primavera; ovos e larvas pelágicos, estas se transformam em jovens entre 40 e 60 mm (CT). Vivem cerca de 6 anos.

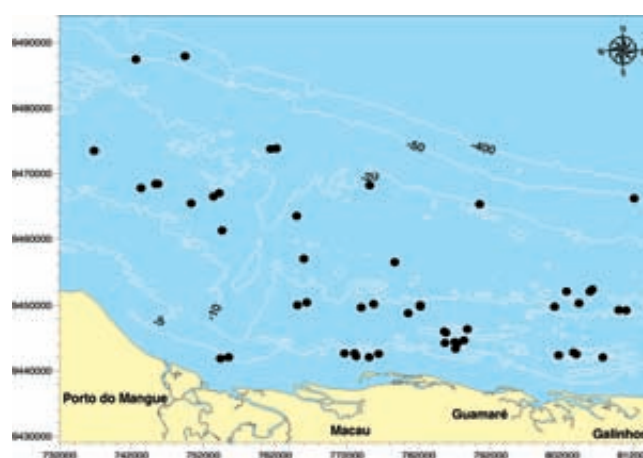
Distribuição Geográfica

Atlântico Ocidental, de Nova Jersey (EUA) e Bermudas a Santa Catarina, incluindo as ilhas oceânicas brasileiras.

Material Coletado

421 exemplares; com comprimento padrão variando de 4,5 a 20 cm.

Ocorrência na Bacia Potiguar - RN



Literatura

Carvalho-Filho, 1999; Randall In: Carpenter, 2002; McEachran & Fechhelm, 2005; Krajewski & Bonaldo, 2006; Krajewski *et al.*, 2006; Ditty *et al.* In: Richards, 2006.

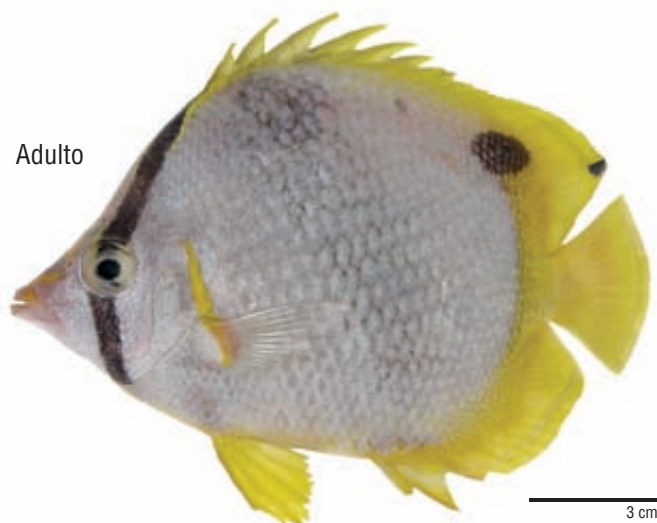
Nome Popular: Borboleta

Diagnose

Nadadeira dorsal com 12 ou 13 espinhos e 18 a 21 raios (raramente 21); anal com 3 espinhos e 15 a 18 raios (raramente 15 ou 18); linha lateral com 33 a 39 escamas. Corpo curto, muito comprimido e alto, com cabeça pequena, focinho longo e boca pequena terminal; perfil superior e anterior da cabeça reto do olho à nuca. Coloração branca com, nadadeiras

amarelas; listra negra e marginada de amarelo, na cabeça e passando pelo olho; mancha negra redonda na base da dorsal e outra pequena na ponta da mesma; jovens com uma segunda faixa negra da dorsal mole à anal, passando pelo pedúnculo caudal. Atinge 20 cm (CT) e 0,2 kg (PT).

Adulto



Jovem



Hábitat e Comportamento

Comuns sobre fundos de rocha e corais, de 1 a 70 metros de profundidade, em águas claras, desde a costa às ilhas oceânicas. Diurnos e curiosos, são dos primeiros a investigar alimento oferecido ou rochas reviradas por mergulhadores; alimentação restrita a pólipos de coral, anêmonas coloniais, ovos de peixes e poliquetas. Geralmente em pares, todavia, podem ocorrer em pequenos cardumes. Os jovens podem ser observados entre algas, frestas de pedras e ramos de coral. A mancha ocelada ilude o predador, pois, dá a impressão que a cabeça está do lado apostado do corpo. O casal é par constante e sua reprodução ocorre do final do inverno ao início do verão e quase por todo o ano nas áreas tropicais; os ovos são esféricos e flutuantes, as larvas planctônicas nascem em cerca de dois dias.

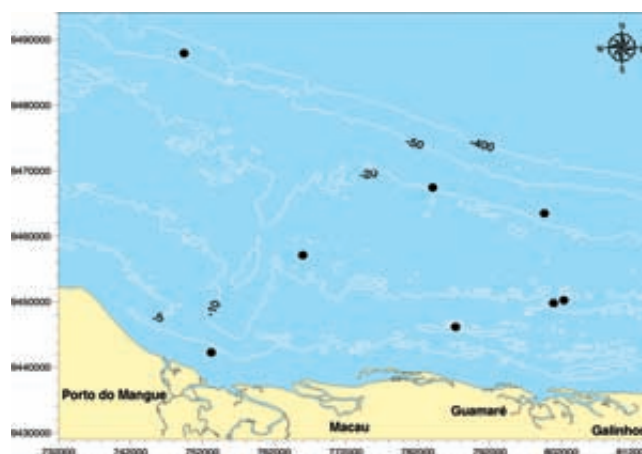
Distribuição Geográfica

Atlântico Ocidental, de Massachusetts (EUA) e Bahamas até Santa Catarina, incluindo as ilhas oceânicas do Atol das Rocas e Fernando de Noronha.

Material Coletado

31 exemplares; com comprimento padrão variando de 5 a 14 cm.

Ocorrência na Bacia Potiguar - RN



Literatura

Carvalho-Filho, 1999; Burgess In: Carpenter, 2002; McEachran & Fechhelm, 2005; Kelly In: Richards, 2006.

Nome Popular: Borboleta**Diagnose**

Nadadeira dorsal com 12 espinhos 19 a 22 raios (geralmente 21 ou 22); anal com 3 espinhos e 16 a 18 raios; linha lateral com 37 a 42 escamas. Corpo curto, muito comprimido e alto, cabeça pequena, focinho longo e boca pequena terminal; perfil superior e anterior da cabeça reto, do olho à nuca. Cor branca a amarela, com linhas escuras nos flancos que acompanham as séries laterais de escamas; quatro faixas negras verticais e evidentes, a primeira na cabeça, passando pelo olho, a segunda

do início da dorsal ao ventre, a terceira da dorsal mole à anal, com margens pálidas ou amareladas; caudal com base e margem externa pálidas ou amareladas, com uma faixa negra central; linhas azuladas no focinho e face; jovens com uma mancha ocelada e redonda na base da dorsal mole, semelhante a um olho, nadadeira caudal transparente. Atinge 17 cm (CT) e 0,2 kg (PT).

Adulto



Jovem

**Hábitat e Comportamento**

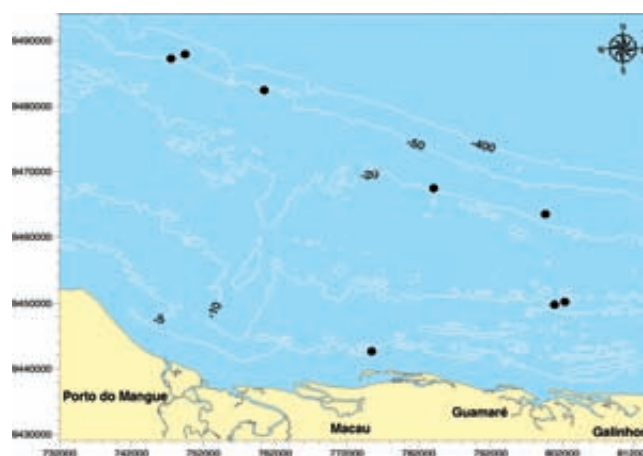
Muito comuns sobre fundos de rocha e corais, de 1 a 90 metros de profundidade, tanto em águas relativamente turvas, como em as claras, desde a costa às ilhas oceânicas. Jovens encontrados desde poças de maré a banco de algas e recifes de coral. Diurnos e curiosos, são dos primeiros a investigar alimento oferecido ou rochas reviradas; alimentação restrita a pólipos de coral, anêmonas coloniais, ovos de peixes e poliquetas. Geralmente em pares, todavia podem ocorrer em pequenos cardumes, especialmente quando se alimentam do zooplâncton. Podem apresentar o comportamento de limpador. A mancha ocelada ilude o predador, pois dá a impressão que sua cabeça está do lado oposto do corpo. Reprodução similar à *Chaetodon ocellatus*.

Distribuição Geográfica

Atlântico, no Ocidental desde Nova Jersey (EUA) a Santa Catarina, incluindo as ilhas oceânicas brasileiras.

Material Coletado

15 exemplares; com comprimento padrão variando de 5 a 13 cm.

Ocorrência na Bacia Potiguar - RN**Literatura**

Carvalho-Filho, 1999; Burgess In: Carpenter, 2002; McEachran & Fechhelm, 2005; Kelly In: Richards, 2006.

Nome Popular: Paru verde

Diagnose

Nadadeira dorsal com 14 espinhos e 19 a 21; anal com 3 espinhos e 20 ou 21 raios; linha lateral com 45 a 50 escamas. Corpo alto, muito comprimido e quase circular; caudal arredondada e com os raios da dorsal e anal moles muito alongados, ultrapassando a margem externa da caudal; os jovens também possuem tais raios alongados, que aumentam à medida que crescem. Cor geral amarelo ouro; dorsal e anal com margem azul e sub-margem laranja; peitoral amarela, sua base negra com linhas azuis; pélvica amarela; caudal amarelo vivo; face verde clara; ventre azulado; testa com uma grande

mancha negra marginada de azul, e com manchas azuis no centro; queixo, boca e região superior do pré-opérculo azuis; últimos raios da dorsal e anal com base negra. Os jovens são amarelo esverdeados com o peito e as nadadeiras pélvicas e caudal amarelas, margem da dorsal e anal azuis; cinco faixas verticais azul claras, duas indistintas, a primeira no focinho, a segunda da nuca à garganta e as demais no flanco. Atinge 45 cm (CT) e 1,6 kg (PT).

Adulto



Jovem



Hábitat e Comportamento

Comuns em, de fundos rochosos e coralinos, desde a costa às ilhas oceânicas, entre 1 e 70 metros de profundidade. São diurnos, e se deslocar pelo seu território aos pares, às vezes em pequenos cardumes; alimentam-se de invertebrados bentônicos e especialmente de esponjas. São pouco ariscos. Quando jovens podem ser limpadores, removendo e se alimentando de, retirando ectoparasitas, tecido necrosado e muco de peixes maiores. A reprodução ocorre por todo o ano, ao por do sol, em cardumes de um macho e 2 a 4 fêmeas, próximos da superfície. Os ovos e larvas são pelágicos, estas se transformam em jovens com cerca de 16 mm (CT), que recrutam o fundo rochoso com cerca de 20 mm (CT).

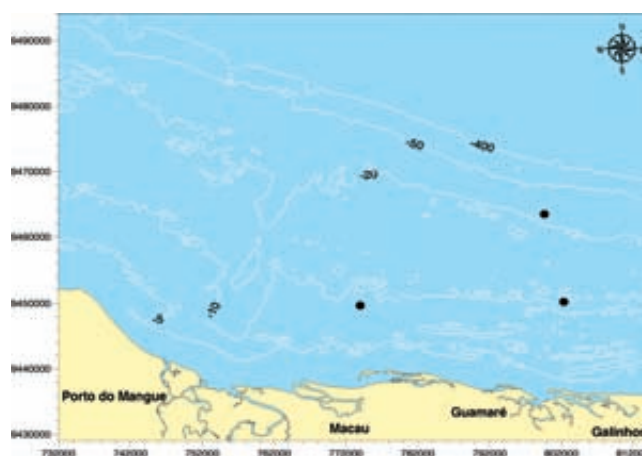
Distribuição Geográfica

Atlântico Ocidental, desde as Bermudas e Flórida até Santa Catarina, incluindo as ilhas oceânicas brasileiras.

Material Coletado

3 exemplares; com comprimento padrão variando de 19 a 25 cm.

Ocorrência na Bacia Potiguar - RN



Literatura

Carvalho-Filho, 199; Burgess In: Carpenter, 2002; McEachran & Fechhelm, 2005; Kelly In: Richards, 2006.

Holacanthus tricolor (Bloch, 1795)

POMACANTHIDAE

Nome Popular: Paru soldado

Diagnose

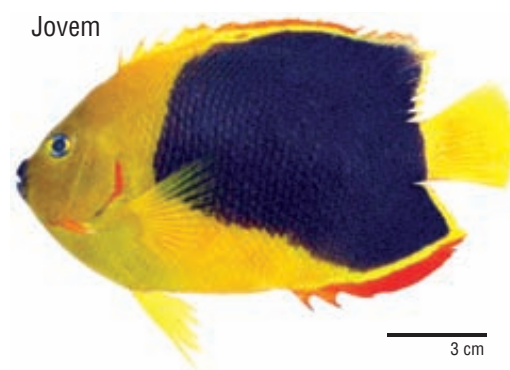
Nadadeira dorsal com 14 espinhos e 17 a 19 raios; anal com 3 espinhos e 18 a 20 raios; linha lateral com 43 a 46 escamas. Corpo similar ao de *Holacanthus ciliaris*; dorsal e anal com lobos pouco alongados, geralmente com um curto filamento na dorsal, eventualmente também na anal; caudal arredondada, com lobo superior e inferior alongados em grandes adultos, especialmente no superior. Cor amarelo vivo com a região posterior, a partir da peitoral, anal e

dorsal, absolutamente negra; dorsal anteriormente amarela; margens externas da dorsal e anal vermelho alaranjado; caudal amarelo vivo; olho com faixas azul acima e abaixo da pupila. Jovens totalmente amarelos com uma mancha preta marginada de azul sob a dorsal mole, que aos poucos vai se expandindo por quase todo o corpo; dorsal e caudal sem filamentos, arredondados. Atinge 40 cm (CT).

Adulto



Jovem



Hábitat e Comportamento

Semelhante à *H. ciliaris*, embora possa freqüentar águas mais profundas, até 92 metros. Os jovens são limpadores de outras espécies, removendo e se alimentando de ectoparasitas, tecido necrosado e muco. Os adultos alimentam-se preferencialmente de esponjas. A reprodução ocorre do final do inverno ao meio do verão, aos pares e próximos da superfície. Os ovos e larvas são pelágicos, estas recrutam o fundo rochoso com cerca de 15 mm (CT).

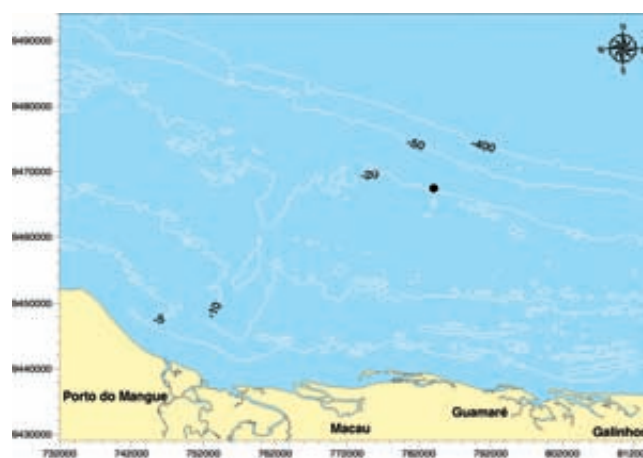
Distribuição Geográfica

Atlântico Ocidental, da Geórgia (EUA) e Bermudas a Santa Catarina. Há raros registros em Fernando de Noronha.

Material Coletado

1 exemplar; com comprimento padrão de 16 cm.

Ocorrência na Bacia Potiguar - RN



Literatura

Carvalho-Filho, 199; Burgess In: Carpenter, 2002; McEachran & Fechhelm, 2005; Kelly In: Richards, 2006.

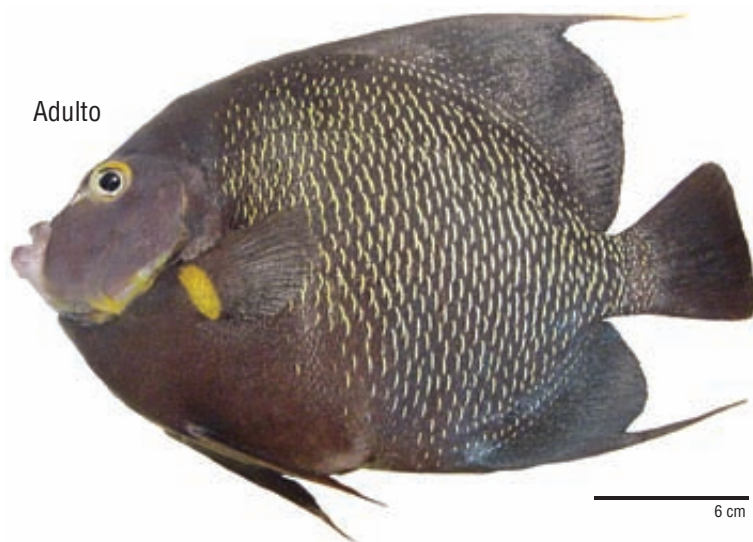
Nome Popular: Paru frade

Diagnose

Nadadeira dorsal com 10 espinhos e 29 a 31 raios; anal com 3 espinhos e 22 a 24 raios. Corpo alto, muito comprimido e circular; peitoral alongada; dorsal e anal com lobos muito alongados em filamento que ultrapassa a margem externa da caudal, que é arredondada; boca pequena e terminal; grande espinho no ângulo do pré-opérculo; jovens sem filamentos na dorsal e anal, que crescem com a idade. Cor geral azul

marinho escura a preta, com as escamas marginadas de amarelo; base da peitoral amarela. Jovens negros com cinco faixas amarelas verticais no corpo; pélvica azul e caudal quadrada, com margem posterior amarela; a área negra da cauda tem formato circular; uma estria amarela mediana na fronte, que atinge apenas o maxilar superior. Atinge 50 cm (CT).

Adulto



Jovem



Hábitat e Comportamento

Comuns em fundos rochosos e coralinos, desde a costa às ilhas oceânicas, até cerca de 100 metros de profundidade. Diurnos, transitam pelo seu território aos pares e eventualmente em pequenos cardumes, alimentando-se de invertebrados bentônicos, algas, esponjas e zooplâncton. Pouco ariscos; quando assustados refugiam-se sob lajes e em tocas, mas logo retornam para investigar; à noite dormem em tais refúgios. Os jovens vivem em poças de maré, frestas de rochas e corais, são solitários e frequentemente apresentam comportamento de limpadores. Reprodução semelhante à de *Holacanthus tricolor*, mas ocorrendo da primavera ao outono.

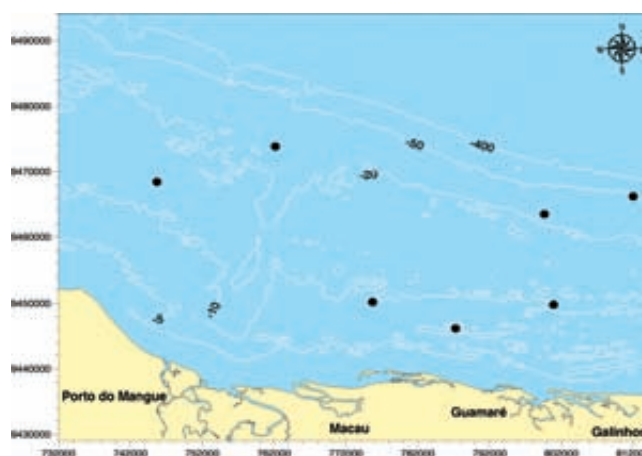
Distribuição Geográfica

Atlântico Central e Ocidental, neste da Flórida (EUA) e Bahamas a Santa Catarina, incluindo as ilhas oceânicas brasileiras.

Material Coletado

15 exemplares; com comprimento padrão variando de 6 a 29,5 cm.

Ocorrência na Bacia Potiguar - RN



Literatura

Carvalho-Filho, 199; Burgess In: Carpenter, 2002; McEachran & Fechhelm, 2005; Kelly In: Richards, 2006.

Nome Popular: Tesourinha

Diagnose

Nadadeira dorsal com 12 espinhos e 11 ou 12 (geralmente 12) raios; anal com 2 espinhos e 10 a 13 (raramente 10) raios; linha lateral com 19 ou 20 escamas. Corpo bastante alongado e pouco comprimido; caudal muito furcada; dentes cônicos em 2 a 4 séries. Cor marrom oliva a verde claro, mais escuro no dorso; margem da dorsal e pontas da caudal amarelas ou cor de laranja; sub-margem negra ao longo

do perfil externo dos dois lobos caudais; região central da caudal amarelada; uma mancha escura na base da peitoral e outra branca, raramente distinta em populações ao sul da Bahia, na base do último raio da dorsal; os jovens são de cor verde oliva mais brilhante que os adultos, a mancha branca no final da base da dorsal mole é mais evidente. Atinge 20 cm (CT).

Jovem



Hábitat e Comportamento

Comuns, em recifes e costões rochosos até 54 metros de profundidade; os jovens geralmente ocorrem até os 5 m. Vivem em cardumes, eventualmente aos pares, na meia água ou superfície, desde a costa às ilhas oceânicas. Alimentam-se de zooplâncton na coluna d'água e de algas; quando ameaçados buscam refúgio entre as pedras ou corais; jovens podem formar cardumes mistos com jovens dos gêneros *Haemulon*, *Anisotremus* e *Abudefduf*. Durante a reprodução, o macho define um território e freqüentemente sobe até o cardume para escolher (ou ser escolhido) por uma fêmea, ambos descem até o substrato, onde os ovos demersais são depositados e aderido em talos de algas, guardados e oxigenados pelo macho; as larvas são planctônicas e se transformam em jovens com cerca de 16 mm (CT).

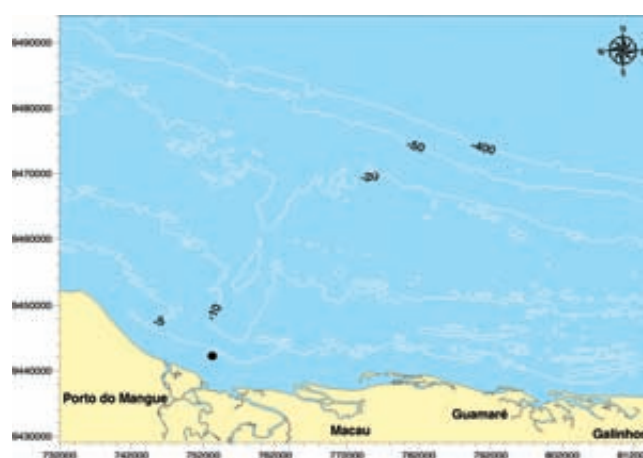
Distribuição Geográfica

Atlântico Ocidental, da Florida (EUA) e Bahamas a Santa Catarina, incluindo as ilhas oceânicas brasileiras.

Material Coletado

31 exemplares; com comprimento padrão variando de 7 a 10 cm.

Ocorrência na Bacia Potiguar - RN



Literatura

Carvalho-Filho, 199; Burgess In: Carpenter, 2002; McEachran & Feckhelm, 2005; Kelly In: Richards, 2006.

Stegastes fuscus

(Cuvier, 1830)

POMACENTRIDAE

Nome Popular: Donzela marrom

Diagnose

Nadadeira dorsal com 12 espinhos e 13 a 15 raios; anal com 2 espinhos e 13 a 15 raios; linha lateral com 18 a 21 escamas. Corpo mais curto e comprimido que o de *Chromis multilineata*; lobo da nadadeira dorsal curto (apenas alcança ou ultrapassa ligeiramente a base da nadadeira caudal) e 11 séries e meia de escamas entre a quarta escama da linha lateral e o ânus (10 séries e meia nas outras espécies do gênero). Cor marrom escuro uniforme com estrias verticais escuras nos flancos e uma mancha enegrecida pequena na axila peitoral.

Adultos podem apresentar a face azulada; nos jovens o corpo é mais claro, eventualmente com uma mancha alongada vermelho alaranjada na porção dura da nadadeira dorsal e linhas verticais azuis nas séries de escamas; uma mancha negra marginada de azul na base da nadadeira dorsal mole, e outra menor no topo do pedúnculo caudal, que tende a desaparecer nos adultos. As nadadeiras são escuras, com exceção das peitorais claras. Atinge 15 cm (CT).

Adulto



Jovem



Hábitat e Comportamento

Muito comuns junto a fundos rochosos ou coralinos, de poças de maré até pouco mais de 20 metros de profundidade, em águas claras, mas tolerando turvas. São territoriais e agressivos contra invasões de intrusos, da mesma espécie ou não, perseguindo e mordendo. Os territórios onde buscam alimentos (algas e zooplâncton) e refúgio são bem definidos. Reproduzem-se ao longo do ano, com picos no verão; depositam os ovos em superfícies lisas e limpas totalmente antes da postura; os ovos são mantidos oxigenados e sob a guarda do macho. Os jovens são muito coloridos, e habitam a mesma área dos adultos. Vivem cerca de 15 anos.

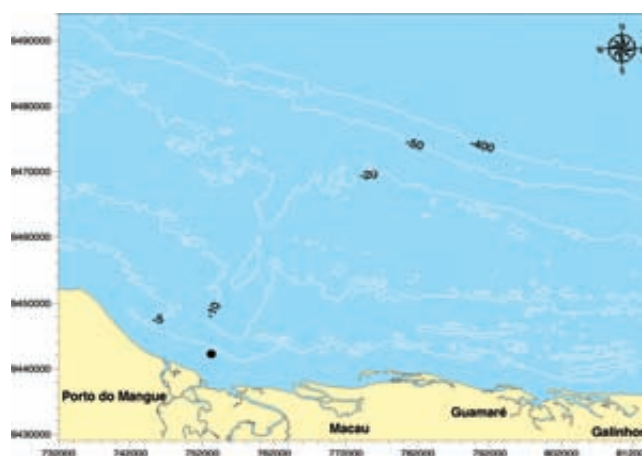
Distribuição Geográfica

Atlântico Ocidental, endêmicos do Brasil, desde o Parcel de Manuel Luiz (MA) até Santa Catarina.

Material Coletado

1 exemplar; com comprimento padrão de 10 cm.

Ocorrência na Bacia Potiguar - RN



Literatura

Carvalho-Filho, 199; Burgess In: Carpenter, 2002; McEachran & Fechhelm, 2005; Kelly In: Richards, 2006.

Nome Popular: Budião bispo

Diagnose

Nadadeira dorsal com 9 espinhos e 11 raios; anal com 3 espinhos e 12 raios; peitorais com 13 raios; 17 a 20 rastros no primeiro arco; linha lateral com 72 escamas com poros; as anteriores com 2 a 3 poros. Corpo alongado e comprimido, linha lateral contínua e com curva abrupta para baixo sob a dorsal mole; cabeça moderada e focinho arredondado, pré-opérculo macio; boca moderada, terminal e com dois dentes caninos maiores na parte anterior do maxilar superior e quatro no inferior; cauda ligeiramente arredondada. Há três fases de cor: macho terminal de cor marrom púrpura ao verde escuro, as escamas da parte superior com centro laranja, que pode se fundir em barras oblíquas, especialmente na cabeça;

caudal com faixa mediana e duas outras oblíquas que se fundem posteriormente, róseas e marginadas de azul; uma mancha negra e evidente atrás do olho, outra sob o último raio da dorsal e uma estria escura na base da peitoral; fêmeas e imaturos com coloração verde bandeira, e ventre mais claro, eventualmente com áreas azuis; manchas negras como as do macho terminal, inclusive na base da peitoral; jovens similares às fêmeas, com cor mais pálida ou amarelo esverdeado, com uma ou duas faixas irregulares longitudinais no tronco, ao nível da base da peitoral, cruzadas por algumas barras estreitas inclinadas; nadadeira dorsal pode ter uma ou duas manchas escuras na região mediana. Atinge 23 cm (CT).

Adulto



Hábitat e Comportamento

Comuns em águas claras e rasas, sobre fundos de rocha ou coral, desde a costa às ilhas oceânicas, eventualmente em bancos de algas, até 60 metros de profundidade. São muito ativos e curiosos; os machos são solitários, as fêmeas solitárias ou em pares, freqüentemente, vários exemplares são encontrados em uma mesma área de poucos metros quadrados. Os jovens podem ser limpadores facultativos, e os adultos seguidores (quando seguem peixes de outras espécies em busca de presas desalojadas pela peixes seguidos). A reprodução ocorre ao longo do ano, com os ovos e larvas pelágicos. É uma das espécies do gênero mais comuns no litoral brasileiro.

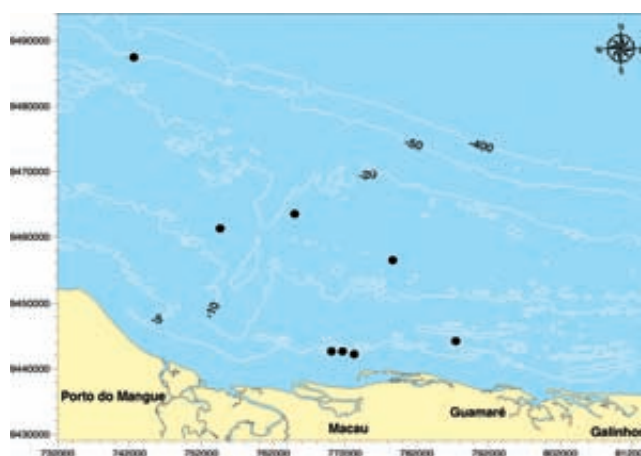
Distribuição Geográfica

Atlântico Ocidental, da Florida (EUA) e Bahamas a Santa Catarina.

Material Coletado

8 exemplares; com comprimento padrão variando de 9 a 14 cm.

Ocorrência na Bacia Potiguar - RN



Literatura

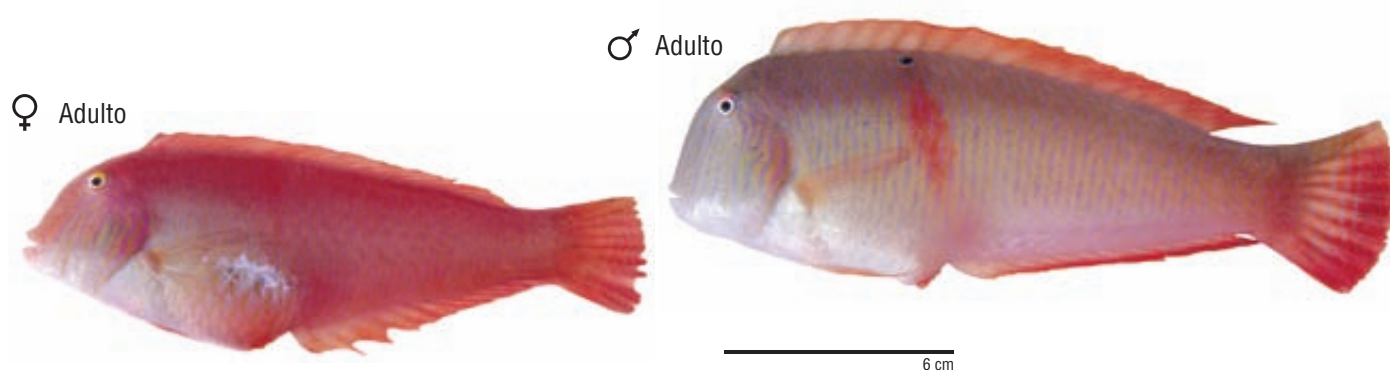
Carvalho-Filho, 1999; Westneat In: Carpenter, 2002; McEachran & Fechhelm, 2005; Jones *et al.* In: Richards, 2006.

Nome Popular: Budião de areia

Diagnose

Nadadeira dorsal com 9 espinhos e 12 raios; anal com 3 espinhos e 12 raios (raramente 13); peitorais com 12 raios; 18 a 21 rastros no primeiro arco; linha lateral anterior posicionada no alto do flanco e interrompida sob os últimos raios da dorsal, tendo sequência na região do pedúnculo caudal, com 5 ou 6 escamas com poros. Corpo alongado e lateralmente comprimido, boca pequena e terminal, sendo maior nos machos; perfil anterior da cabeça quase reto; olhos em posição alta na cabeça; pélvica curta, peitoral moderada, primeiros dois espinhos flexíveis, alongados nos jovens, os demais rígidos; um par de caninos na região anterior

de cada maxilar; caudal ligeiramente arredondada. Machos de cor verde escura no dorso, rosa ao alaranjado no restante do corpo, com uma barra larga e vermelha no flanco; escamas do corpo com uma linha vertical azul; linhas alternadas de cinza e pérola, verticais, sob o olho; margens da dorsal, anal e caudal vermelhas. Fêmeas com uma região branca perolada na região do abdômen. Jovens variam de bege a marrom avermelhado ou verde, com quatro barras escuras verticais difusas e outra sob o olho; os espécimes do Brasil freqüentemente apresentam uma mancha negra ocelada, na base da dorsal dura. Atinge 38 cm (CT).



Hábitat e Comportamento

Comuns em fundos de areia, em águas claras e rasas, entre 1 e 90 metros de profundidade, próximos a costões rochosos e recifes. Alimentam-se basicamente de moluscos. Ariscos, mergulham na areia com a cabeça, em busca de refúgio ao menor risco. Os machos constroem ninhos com fragmentos de corais, conchas e rochas, no qual se escondem, quando assustados, sendo capazes de percorrer vários metros sob a areia, emergindo longe da ameaça. Durante a reprodução formam haréns; os machos permanecem próximos aos ninhos, defendendo e utilizando como local para apresentações; copulam em pares por todo o ano; os ovos e larvas são pelágicos; com poucos centímetros os jovens já definem territórios, escondendo-se entre algas, conchas e esponjas. Embora comuns, são difíceis de serem observados devido seu comportamento tímido.

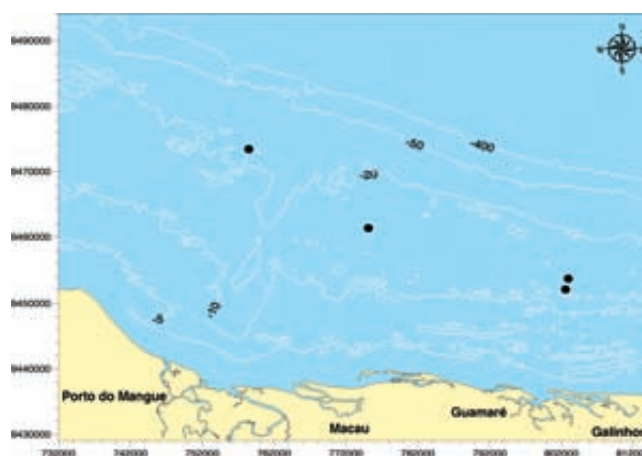
Distribuição Geográfica

Atlântico Ocidental, Carolina do Norte (EUA) a Santa Catarina.

Material Coletado

8 exemplares; com comprimento padrão variando de 9,5 a 16,5 cm.

Ocorrência na Bacia Potiguar - RN



Literatura

Carvalho-Filho, 1999; Westneat In: Carpenter, 2002; McEachran & Fechhelm, 2005; Jones *et al.* In: Richards, 2006.

Nome Popular: sem nome popular

Diagnose

Dorsal com 9 espinhos e 10 raios; anal com 2 espinhos e 9 raios; dentes da mandíbula fundidos somente na base; narina anterior sem aba membranosa; Macho de cor verde oliva no dorso com pequenos pontos cor de rosa; faixa salmão

ao longo dos flancos com uma linha de pontos verdes; corpo abaixo da listra verde claro com algumas marcas salmão nas escamas. Atinge 13 cm (CT).



Hábitat e Comportamento

Comuns em ambientes recifais e áreas adjacentes, como bancos de fanerógamas marinhas, fundos de areia e cascalho ou mesmo algas, entre 1 e 60 metros de profundidade; solitários ou em pequenos cardumes de 5 a 6 indivíduos; enterram-se na areia para dormir envolvidos por um casulo de muco.

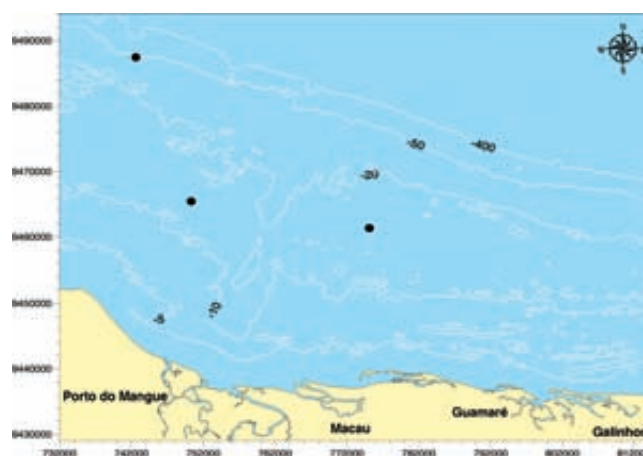
Distribuição Geográfica

Atlântico Ocidental, do sul da Flórida (EUA), Bermudas e Bahamas ao sudeste do Brasil, incluindo o Atol das Rocas e Fernando de Noronha.

Material Coletado

7 exemplares; com comprimento padrão variando de 2,5 a 7,5 cm.

Ocorrência na Bacia Potiguar - RN



Literatura

Carvalho Filho, 1999; Moura *et al.*, 2001; Humann & Deloach, 2002; Feitoza *et al.*, 2005; Froese & Pauly, 2006.

Nome Popular: Budião de listra

Diagnose

Dorsal com 9 espinhos e 10 raios; anal com 3 espinhos e 9 raios; peitorais com 13 raios; 12 a 13 rastros no primeiro arco; dentes fundidos em placa única apenas em sua base, distintamente separados na parte distal, similares a pequenos caninos; narina anterior com aba membranosa; focinho e corpo alongados; uma série de escamas nas faces; 4 a 5 escamas pré-dorsais medianas; caudal ligeiramente arredondada. Jovens e fêmeas de cor geral mosqueada de marrom rosado podendo ainda variar do cinza escuro

ao claro com ventre pálido; cabeça avermelhada; machos terminais de cor geral verde esmeralda com as escamas dos flancos de bordas avermelhadas e centros azul claros; parte inferior da cabeça amarelada, a superior verde; duas linhas diagonais avermelhadas na face; nadadeira dorsal avermelhada com uma mancha escura anterior. Os exemplares examinados possuíam um padrão de faixas verticais escuras no dorso. Atinge 30 cm (CT).

Adulto



Hábitat e Comportamento

Raros no nordeste brasileiro; costeiros, em fundos de areia e algas, adjacentes às áreas recifais e em ilhas, entre 5 e 80 metros de profundidade, os adultos em regiões mais profundas. Herbívoros, alimentam-se principalmente de epífitas e de gramíneas marinhas, e também de pequenos invertebrados bentônicos. Quando afugentados escondem-se entre a vegetação marinha. A reprodução ocorre aos pares; o macho territorial copula com uma fêmea residente por vez; os ovos e larvas são pelágicos e estas se transformam em jovens com cerca de 9 mm (CT).

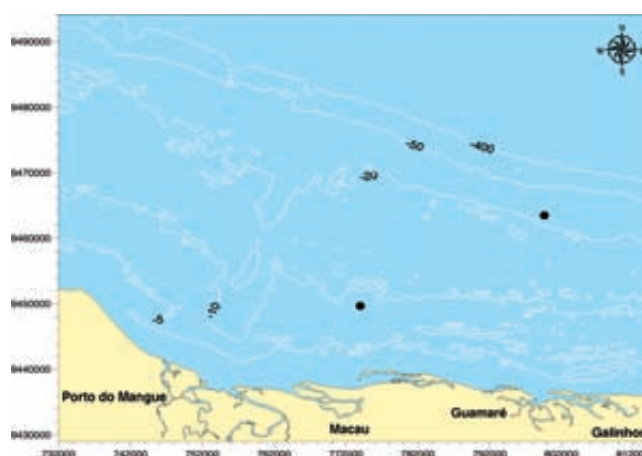
Distribuição Geográfica

Atlântico Ocidental, da Flórida (EUA), Bermudas e Bahamas ao sudeste do Brasil.

Material Coletado

3 exemplares; com comprimento padrão variando de 13 a 22 cm.

Ocorrência na Bacia Potiguar - RN



Literatura

Carvalho Filho, 1999; Moura *et al.*, 2001; Humann & Deloach, 2002; Feitoza *et al.*, 2005; Froese & Pauly, 2006.

Sparisoma frondosum

(Agassiz, 1831)

SCARIDAE

Nome Popular: Budião batata

Diagnose

Há pouco tempo identificada como *Sparisoma chrysopteron*, uma espécie restrita à região caribenha, entretanto o padrão de colorido diferencia as duas espécies. Indivíduos na fase terminal não possuem marca escura crescente na margem da nadadeira caudal, nem a área turquesa adjacente à nadadeira peitoral, e a área amarela

clara na axila, presentes em *S. chrysopteron*. Indivíduos vivos de *S. frondosum* possuem uma mancha clara na parte superior do pedúnculo caudal, tanto da fase terminal quanto na inicial; nadadeiras dorsal, caudal, anal e pélvicas avermelhadas na fase inicial. Atinge 50 cm (CT).

♀ Adulto



♂ Adulto



Hábitat e Comportamento

Comuns, habitam áreas recifais em geral e bancos de fanerógamas marinhas, entre 5 e 45 metros de profundidade. Solitários ou em pequenos cardumes, incluindo peixes herbívoros, especialmente dos gêneros *Sparisoma* e *Acanthurus*.

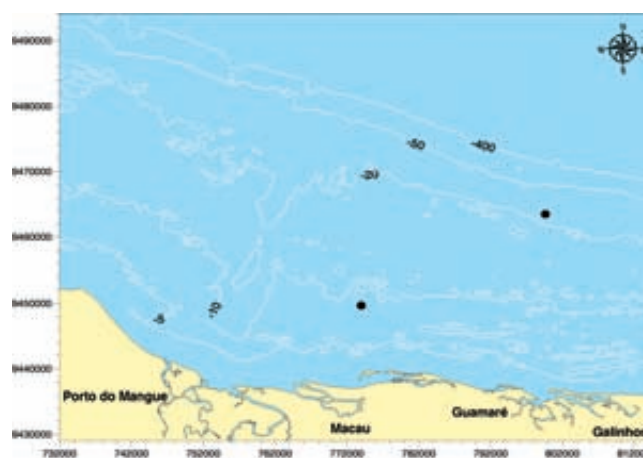
Distribuição Geográfica

Atlântico Ocidental, no Brasil, do Parcel de Manuel Luís (MA) a Santa Catarina, incluindo as ilhas oceânicas brasileiras.

Material Coletado

4 exemplares; com comprimento padrão variando de 20,5 a 32,5 cm.

Ocorrência na Bacia Potiguar - RN



Literatura

Carvalho Filho, 1999; Moura *et al.*, 2001; Humann & Deloach, 2002; Feitoza *et al.*, 2005; Froese & Pauly, 2006.

Nome Popular: Budião de alga

Diagnose

Nadadeira dorsal com 9 espinhos e 10 raios; anal com 3 espinhos e 9 raios; maxila superior com caninos horizontais na parte anterior; 2 escamas entre as bases das nadadeiras pélvicas. Coloração da fase inicial verde oliva a marrom amarelado salpicado com manchas pálidas; base das axilas azul esverdeada; machos

terminais são marrons esverdeados com manchas pálidas, algumas escamas com extremidades avermelhadas; marcas irregulares laranja avermelhadas no opérculo; barra escura na base da peitoral; borda posterior da caudal fortemente enegrecida; nadadeiras pélvica e anal avermelhadas. Atinge 20 cm (CT).

Adulto



Hábitat e Comportamento

Comuns, ocorrem desde águas costeiras rasas até cerca de 50 metros de profundidade, em recifes, costões rochosos, bancos de fanerógamas marinhas e áreas adjacentes, desde a costa às ilhas oceânicas. São herbívoros e alimentam-se principalmente de epífitas e gramíneas marinhas. Jovens geralmente formam cardumes freqüentemente misturados a peixes de outras espécies como *Acanthurus* spp. Quando assustados escondem-se entre gramíneas marinhas e algas.

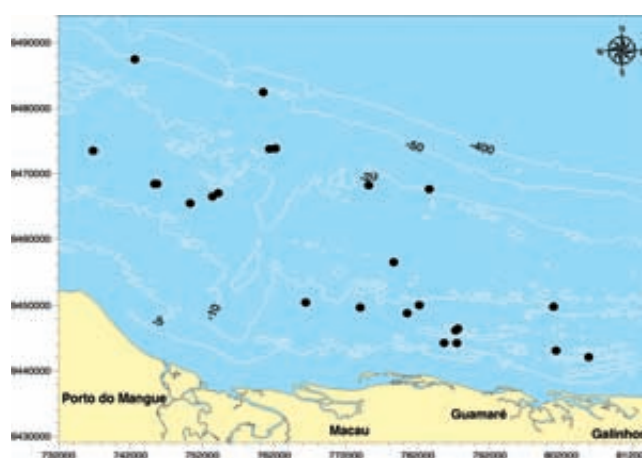
Distribuição Geográfica

Atlântico Ocidental, da Flórida (EUA), Bermudas e Bahamas ao sudeste do Brasil, incluindo Atol das Rocas e Fernando de Noronha.

Material Coletado

168 exemplares; com comprimento padrão variando de 3 a 35 cm.

Ocorrência na Bacia Potiguar - RN



Literatura

Carvalho Filho, 1999; Moura *et al.*, 2001; Humann & Deloach, 2002; Feitoza *et al.*, 2005; Froese & Pauly, 2006.

Nome Popular: Moré quatro olho

Diagnose

Nadadeira dorsal com 17 a 20 espinhos e 10 a 13 raios; anal com 2 espinhos e 17 a 19 raios; pélvicas com 1 espinho e 3 raios; linha lateral 64 a 69 escamas; 10 a 13 rastros no primeiro arco. Corpo alongado e um pouco comprimido, maior e mais largo na altura da nuca, afilando em direção à cauda; dorsal e anal longas, contínuas; pélvicas à frente das peitorais; boca grande com maxilar exposto, além do centro ocular; uma série oblíqua de cirros em cada lado da nuca; presença de cirros nas narinas anteriores e entre os olhos. Espinhos anteriores da nadadeira dorsal ligeiramente menores que os espinhos centrais. Cor variável, de oliva

a verde cinza com quatro a seis barras escuras verticais, algumas mais pálidas; as fêmeas possuem um padrão reticulado ou pintado nos flancos; os machos são geralmente de cor mais uniforme; uma mancha negra evidente e marginada de branco no opérculo; mancha escura nem sempre evidente, na região anterior da dorsal; machos com ventre vermelho rosado; os machos reprodutivos assumem cor de fundo pálida, com barras negras verticais, cabeça e ventre vermelhos, quase laranja, capazes de alternar o colorido para se camuflar. Atinge 23 cm (CT).

♀ Adulto



♂ Adulto



Hábitat e Comportamento

Comuns em águas rasas sobre o fundo de rochas, corais e algas, entre 1 e 60 metros de profundidade, desde a costa às ilhas oceânicas; sempre em contato com o substrato, camuflados ou entre ramos de coral, algas, frestas de pedras e corais, predando crustáceos, gastrópodes e peixes menores ou mesmo seus ovos. Diurnos e solitários. Os grandes machos são menos freqüentes e mais ariscos, territoriais e defendem seu espaço contra peixes da mesma espécie de forma agressiva; as fêmeas são menos agressivas. Reproduzem-se por todo ano, com picos no verão; machos reprodutivos exibem uma coloração distinta e tornam-se mais agressivos, mantendo uma fêmea por vez no local escolhido para o acasalamento; onde os ovos são depositados e fixados, guardados pelo macho até a eclosão; as larvas são pelágicas.

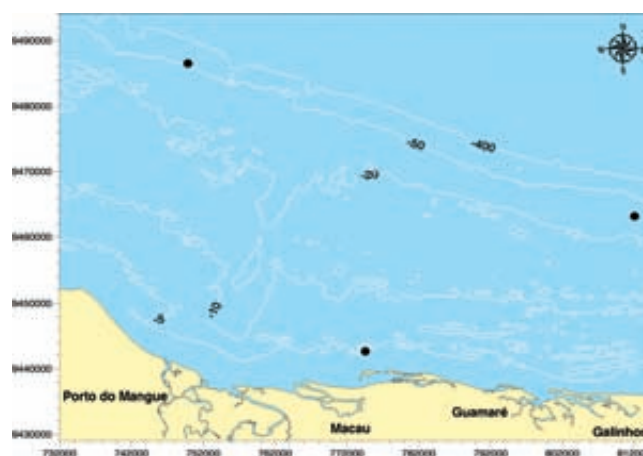
Distribuição Geográfica

Atlântico Tropical; no Ocidental, da Flórida (EUA) e Bermudas a Santa Catarina.

Material Coletado

3 exemplares; com comprimento padrão variando de 2 a 9 cm.

Ocorrência na Bacia Potiguar - RN



Literatura

Carvalho Filho, 1999; Moura *et al.*, 2001; Humann & Deloach, 2002; Feitoza *et al.*, 2005; Froese & Pauly, 2006.

Nome Popular: Dragãozinho

Diagnose

Nadadeira dorsal com 4 espinhos e 9 raios; machos com dorsal mais alta; espinho no pré-opérculo voltado à frente na parte inferior e 3 a 9 espinhos na parte superior. Cor varia de bege a marrom mosqueado com verde, vermelho, cinza ou marrom escuro, sem padrão definido; algumas manchas

escuras no dorso e muitas manchas pequenas na cabeça, flanco e base da dorsal e anal; dorsal amarelo viva a laranja nos machos, com bordas negras. Os machos possuem a primeira nadadeira dorsal maior e mais colorida em relação a das fêmeas. Atinge 12 cm (CT).



Hábitat e Comportamento

Comuns, geralmente em águas rasas entre 1 a 25 metros de profundidade, podendo ser encontrados em até 100 metros, sobre fundos de areia, cascalho ou algas, próximos a recifes. Observados aos pares ou em pequenos cardumes liderados por um só macho; alimentam-se de pequenos invertebrados. Nadam na coluna d'água, principalmente durante a reprodução que ocorre por todo o ano, quando o casal libera gametas a uma certa distância do substrato; os ovos e larvas são pelágicos. Ariscos, raramente são avistados devido a sua eficiente camuflagem e pequeno porte.

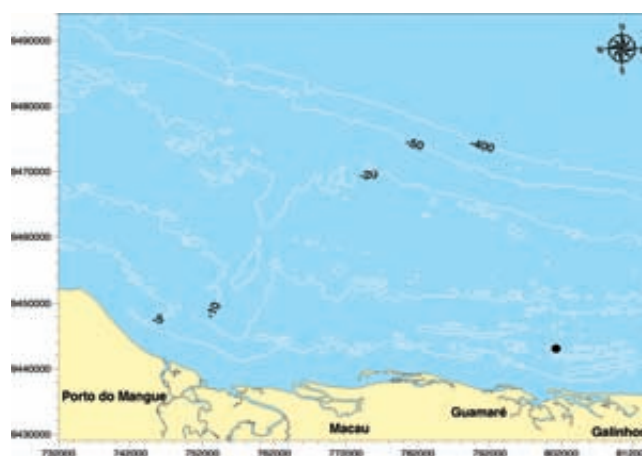
Distribuição Geográfica

Atlântico Ocidental, das Bermudas e da Florida (EUA) a Santa Catarina.

Material Coletado

2 exemplares; com comprimento padrão variando de 3 a 4 cm.

Ocorrência na Bacia Potiguar - RN



Literatura

Davis, 1966; Fricke, 1982; Olney & Sedberry, 1983; Randall, 1996; Carvalho-Filho, 1999; Fricke, 2002; Hartel, 2002; Fricke In: Fishbase, 2006; Carvalho-Filho & Gasparini In: Carvalho-Filho (in prep).

Nome Popular: Moré de vidro

Diagnose

Primeira nadadeira dorsal com 6 espinhos, a segunda com 1 espinho e 11 raios (raramente 12); anal com 1 espinho e 12 raios (raramente 13); peitorais com 15 a 17 raios; escamas em 29 a 34 séries; terceiro espinho da dorsal alongado nos machos, raramente nas fêmeas. Corpo alongado e sub-cilíndrico; boca terminal; presença de uma quilha, larga e baixa, à frente da nadadeira dorsal; pélvicas unidas, formando uma ventosa. Cinza

claro no dorso e bege no ventre; flancos com cinco manchas negras alongadas e horizontais, freqüentemente alternadas com pequenos pontos também escuros; uma mancha preta e vertical que passa através do olho, atravessa a face e tem forma de vírgula; presença de um ponto preto no opérculo à frente da peitoral. Atinge 8 cm (CT).

Jovem



1 cm

Hábitat e Comportamento

De águas costeiras, em fundos de areia e lodo, eventualmente de cascalho, até cerca de 60 metros de profundidade, mais comuns até os 20 m; freqüentam mangues, estuários, áreas de recifes, poças de maré e praias abertas, aos pares ou em pequenos cardumes. Podem escavar o fundo, criando pequenas galerias onde se abrigam ao menor sinal de perigo.

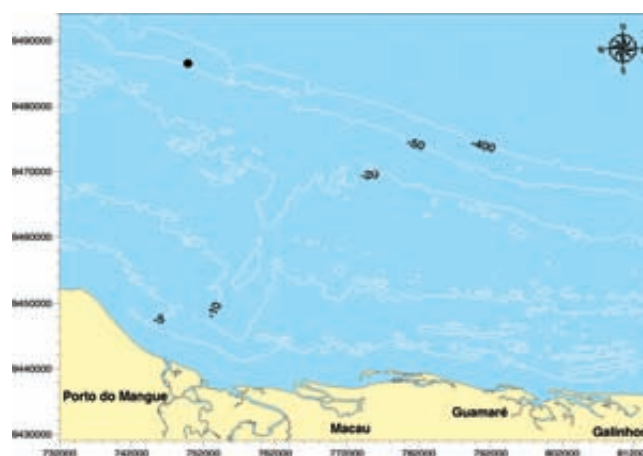
Distribuição Geográfica

Atlântico Ocidental, da Carolina do Norte (EUA) e Bahamas até Santa Catarina.

Material Coletado

1 exemplar; com comprimento padrão de 1,5 cm.

Ocorrência na Bacia Potiguar - RN



Literatura

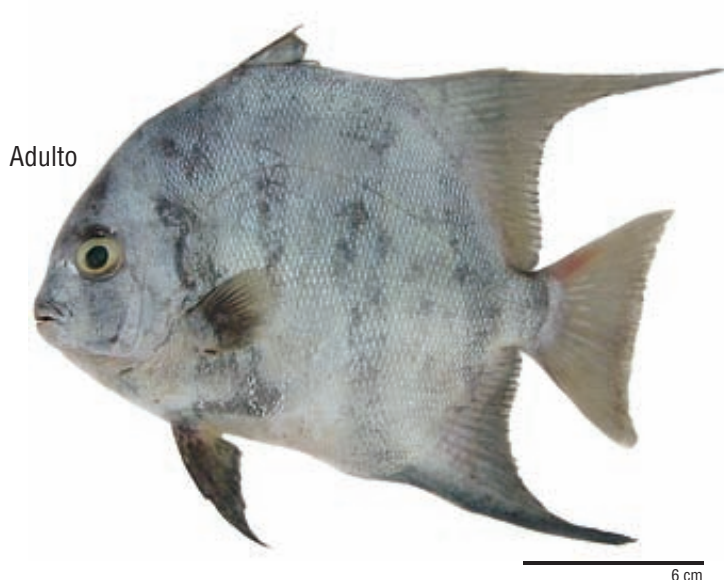
Böhlke & Chaplin, 1968; Robins *et. al.*, 1986; Karplus, 1992; Cervigón, 1994; Randall, 1996; Guimarães, 1996; Rocha, 1999; Murdy & Hoese In: Carpenter, 2002; Pezold, 2004; McEachran & Fechhelm, 2005; Jackson In: Richards, 2006.

Nome Popular: Enxada

Diagnose

Nadadeira dorsal com 9 espinhos e 21 a 23 raios; anal com 3 espinhos e 18 ou 19 raios; lobos da dorsal e anal prolongados, atingindo ou ultrapassando a cauda. Cor cinza prateado com faixas verticais escuras, mais nítidas no período reprodutivo;

jovens marrons avermelhados a quase negros, com manchas irregulares pálidas; margens das nadadeiras, exceto as pélvicas, amareladas a translúcidas. Atinge 90 cm (CT) e 9 kg (PT).



Hábitat e Comportamento

Comuns em águas costeiras, entre 1 e 40 metros de profundidade, próximos a costões, recifes, baías, estuários, manguezais, rios costeiros e sob fundos de areia e cascalho. Os adultos formam cardumes e freqüentemente aproximam-se de mergulhadores. Preferem águas quentes, migrando nos meses frios. Os jovens são muito semelhantes a folhas de mangue ou detritos, permanecendo próximos à superfície, de lado, especialmente em regiões estuarinas, manguezais e beira de praia. Alimentam-se de crustáceos, moluscos, esponjas, gorgônias, poliquetas, algas e tunicados. A reprodução ocorre em águas abertas, na coluna d'água, especialmente no crepúsculo e durante o verão, quando são formados pequenos cardumes; os ovos pelágicos eclodem em cerca de 24 horas e as larvas são impulsionadas pelo vento e correntes para perto da costa; os jovens se desenvolvem rápido, com três meses já têm cerca de 8 cm (CT).

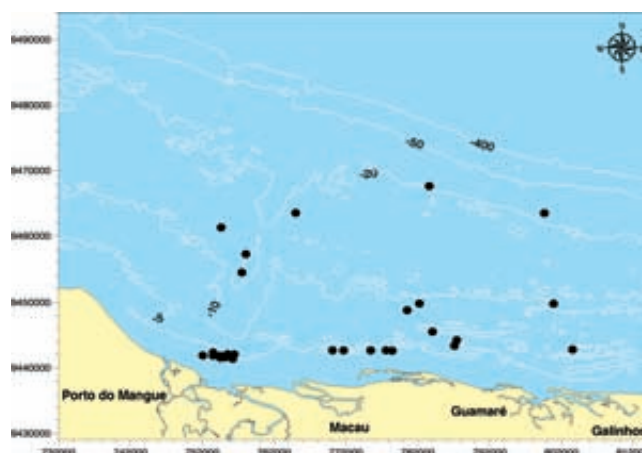
Distribuição Geográfica

Atlântico Ocidental, de Massachusetts (EUA) ao sul do Brasil.

Material Coletado

73 exemplares; com comprimento padrão variando de 3 a 29 cm.

Ocorrência na Bacia Potiguar - RN



Literatura

Burgess In: Carpenter, 2002; Carvalho-Filho, 1999; Carvalho-Filho In: Carvalho-filho (in prep).

Nome Popular: Caraúna

Diagnose

Nadadeira dorsal com 9 espinhos e 23 a 26 raios; anal com 3 espinhos e 21 a 23 raios. Corpo ovalado, e comprimido; focinho curto e olho distante da boca, que é pequena e terminal; nadadeiras dorsal e anal únicas, caudal lunada; um espinho móvel em forma de lâmina, nos dois lados do pedúnculo caudal, encaixado em um sulco longitudinal, com margens azul escuro.

Cor variando do bege ao marrom uniforme; flancos com finas estrias irregulares, sem faixas verticais escuras distintas; pedúnculo caudal pálido, contrastante; margem posterior da caudal amarelada, exclusiva da população do Atlântico Sul. Jovens semelhantes aos adultos, embora mais pálidos. Atinge 40 cm (CT) e 1,5 kg (PT).

Adulto



Hábitat e Comportamento

Comuns em águas rasas, entre 1 e 45 metros de profundidade, em recifes, costões rochosos e áreas adjacentes, desde a costa às ilhas oceânicas. Jovens frequentam poças de maré. São herbívoros e alimentam-se principalmente de algas que arrancam do substrato, com seus dentes espatulados e muito unidos. O espinho móvel do pedúnculo caudal é uma poderosa arma de defesa. Frequentemente formam cardumes misturados com outras espécies do gênero ou mesmo com outros peixes herbívoros. Reproduzem-se durante quase todo o ano com picos no final do inverno e início da primavera; os ovos são esféricos e flutuantes e as larvas são planctônicas; e com longa duração, o que permite sua dispersão por correntes marinhas a grandes distâncias.

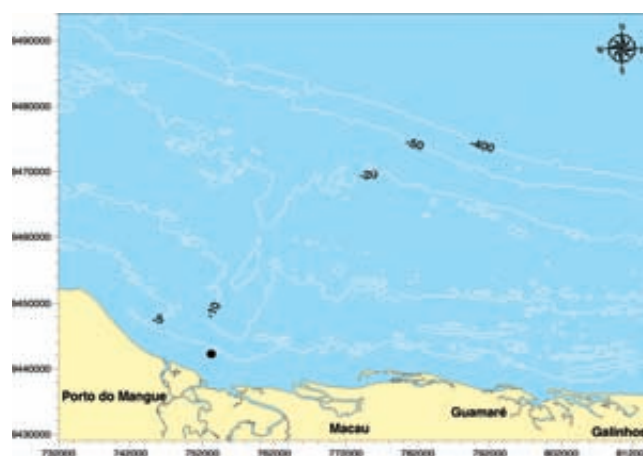
Distribuição Geográfica

Atlântico Ocidental, de Massachusetts (EUA) e Bermudas até Santa Catarina, incluindo as ilhas oceânicas brasileiras.

Material Coletado

1 exemplar; com comprimento padrão de 16,5 cm.

Ocorrência na Bacia Potiguar - RN



Literatura

Edwards, 1990; Cervigón, 1994; Carvalho-Filho, 1999; Kuitert, 2001; Randall In: Carpenter, 2002; Humann & DeLoach, 2002; McEachram & Fechhelm, 2005; Randall In: Fishbase, 2006; Jackson In: Richards, 2006.

Nome Popular: Caraúna

Diagnose

Nadadeira dorsal com 9 espinhos e 24 ou 25 raios; anal com 3 espinhos e 22 ou 23 raios. Corpo ovalado, comprimido; focinho curto, olho distante da boca, que é pequena e terminal; nadadeiras dorsal e anal únicas, caudal emarginada; um espinho móvel em forma de lâmina, nos dois lados do pedúnculo caudal, encaixado em um sulco

longitudinal e com uma bainha azul escura. Cor variando do cinza ao marrom escuro; flancos com 8 a 12 barras verticais escuras evidentes; pedúnculo caudal pálido contrastante; margem posterior da cauda com uma estreita borda azulada. Jovens semelhantes aos adultos, embora mais pálidos. Atinge 41 cm (CT) e 5 kg (PT).

Adulto



Jovem



Hábitat e Comportamento

Comuns em águas rasas, entre 1 e 70 metros de profundidade, em recifes, costões rochosos e áreas adjacentes, desde a costa às ilhas oceânicas. Jovens freqüentam poças de maré. Ainda que herbívoros e alimentando-se de algas misturadas a sedimento, já foram observados consumindo restos de peixes mortos. O espinho móvel do pedúnculo caudal é uma poderosa arma de defesa e sua simples ereção afugenta possíveis predadores. Frequentemente formam cardumes misturados com outras espécies do gênero ou mesmo com outros peixes herbívoros. Reprodução provavelmente similar a *Acanthurus bahianus*.

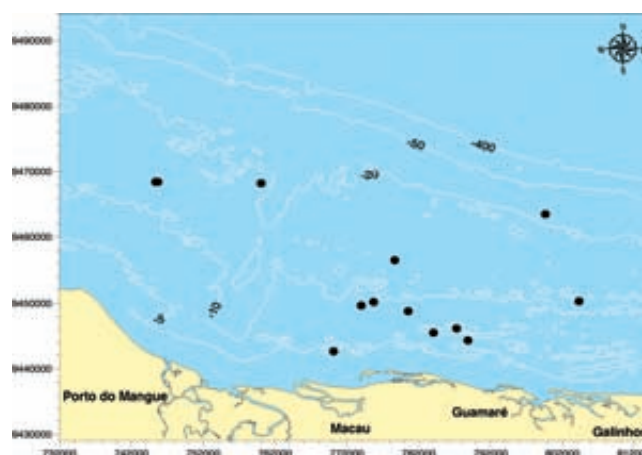
Distribuição Geográfica

Oceano Atlântico, no Ocidental, de Massachusetts (EUA) e Bermudas até Santa Catarina, incluindo as ilhas oceânicas brasileiras; registrada também para a costa oeste da África.

Material Coletado

31 exemplares; com comprimento padrão variando de 2,5 a 24,5 cm.

Ocorrência na Bacia Potiguar - RN



Literatura

Cervigón, 1994; Carvalho-Filho, 1999; Kuitert, 2001; Humann & DeLoach, 2002; Randall In: Carpenter, 2002; McEachram & Fechhelm, 2005; Feitoza *et al.*, 2005; Randall In: Froese & Pauly, 2006; Jackson In: Richards, 2006.

Nome Popular: Bicuda

Diagnose

Primeira nadadeira dorsal com 5 espinhos, a segunda com 1 espinho e 8 a 10 raios; nadadeira anal com 2 espinhos e 7 a 8 raios. Extremidade da nadadeira peitoral se estende além da origem da pélvica; origem da primeira dorsal atrás da origem da pélvica; último raio da segunda dorsal e da anal, maiores que o penúltimo. Cor olivácea a acinzentada, dorso

mais escuro, flancos prateados, frequentemente com uma faixa longitudinal mediana amarela ou dourada. Nadadeiras pélvica, anal e área central da nadadeira caudal escuras. Jovens pálidos com duas séries iguais de três manchas negras alongadas horizontalmente e retangulares, da dorsal dura ao pedúnculo caudal. Atinge 100 cm (CT) e 2,5 kg (PT).



Hábitat e Comportamento

Comuns e costeiros, entre 2 e 100 metros de profundidade, sempre próximos da superfície ou em meia água. Formam cardumes em uma grande variedade de ambientes, incluindo baías, costões, ilhas, recifes de corais, mangues e águas abertas. Alimentam-se de peixes e camarões. A reprodução acontece no verão, quando formam grandes cardumes; ovos e larvas são pelágicos, estas se transformam em jovens por volta dos 13 mm (CT).

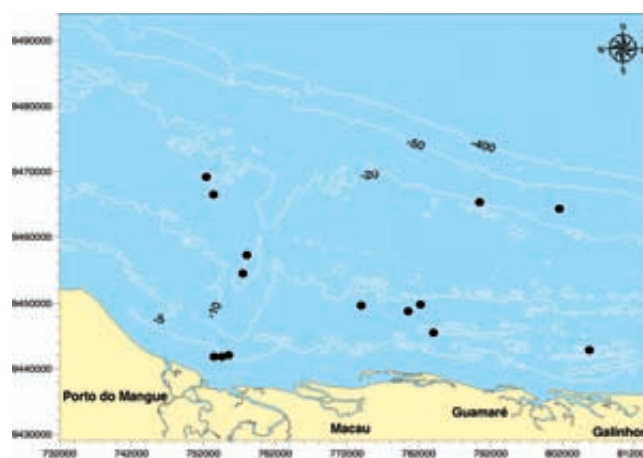
Distribuição Geográfica

Atlântico, no Ocidental da Nova Inglaterra a Argentina, incluído o Atol das Rocas e Fernando de Noronha; no Oriental, do Senegal a Angola.

Material Coletado

36 exemplares; com comprimento padrão variando de 5 a 33 cm.

Ocorrência na Bacia Potiguar - RN



Literatura

Menezes. & Figueiredo, 1985; Carvalho-Filho, 1999; Nion *et al.*, 2002; Russell In: Carpenter, 2002; McEachram & Fechhlem, 2005; Ditty *et al.* In: Richards, 2006; Krajewsky *et al.* In: Carvalho-Filho (in prep).

Nome Popular: Serra

Diagnose

Nadadeira dorsal dupla, a primeira com 17 a 18 espinhos e a segunda com 15 a 19 raios, seguida por 8 a 10 pínulas; anal com 2 espinhos, 15 a 16 raios e 8 a 10 pínulas; 11 a 16 rastros no primeiro arco. Corpo bastante alongado, moderadamente comprimido e elíptico; dorsais muito próximas, a região anterior mais alta; anal similar à segunda dorsal; peitoral maior que a pélvica, mas ambas curtas; cabeça afilada; focinho cônico e pontudo com boca grande, ampla, com cerca de 32 dentes triangulares e afiados em cada maxilar; quilha mediana presente

no pedúnculo caudal; corpo coberto por escamas, ausentes nas nadadeiras peitorais; a linha lateral em curva suave para baixo sob a origem da segunda dorsal. Dorso azul esverdeado a cinza escuro, a metade inferior branco prateada; nos flancos várias séries longitudinais de manchas arredondadas de cor amarela, dourada ou brônzea, que perdem seu brilho quando o peixe morre; dorsal dura pálida com região anterior negra, contrastante. Atinge 125 cm (CT) e 7 kg (PT).



Hábitat e Comportamento

Comuns em águas costeiras, desde a superfície até 60 metros de profundidade; pelágicos, os grandes exemplares são solitários, enquanto que os jovens formam pequenos cardumes. Ocorrem ainda próximos de bancos de algas calcárias, recifes, costões rochosos e ao longo de praias e estuários. Preferem águas limpas e são diurnos. Ativos e vorazes, alimentam-se de peixes das famílias Clupeidae, Hemiramphidae e outros pequenos pelágicos, não dispensando lulas e crustáceos bentônicos. Formam grandes cardumes durante a reprodução, que ocorre nos meses quentes, época que realizam migração no sentido sul - norte - sul, retornando por águas mais afastadas da costa, todavia são raramente observados em águas oceânicas. Vivem cerca de 8 anos.

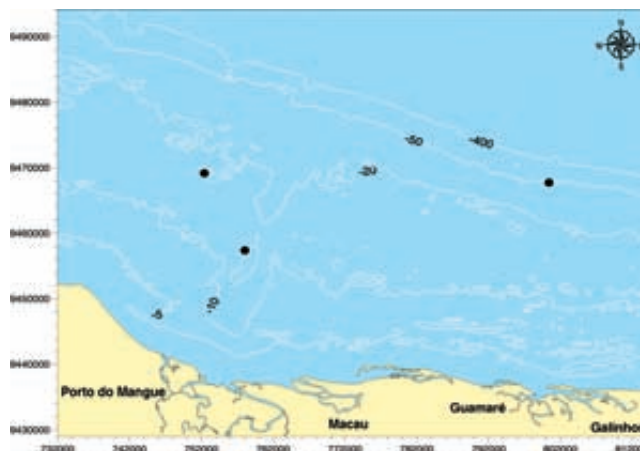
Distribuição Geográfica

Atlântico Ocidental, de Belize ao Rio Grande do Sul.

Material Coletado

3 exemplares; com comprimento padrão variando de 27 a 37 cm.

Ocorrência na Bacia Potiguar - RN



Literatura

Carvalho-Filho, 1999; Menezes & Figueiredo, 2000; Collette In: Carpenter, 2002.

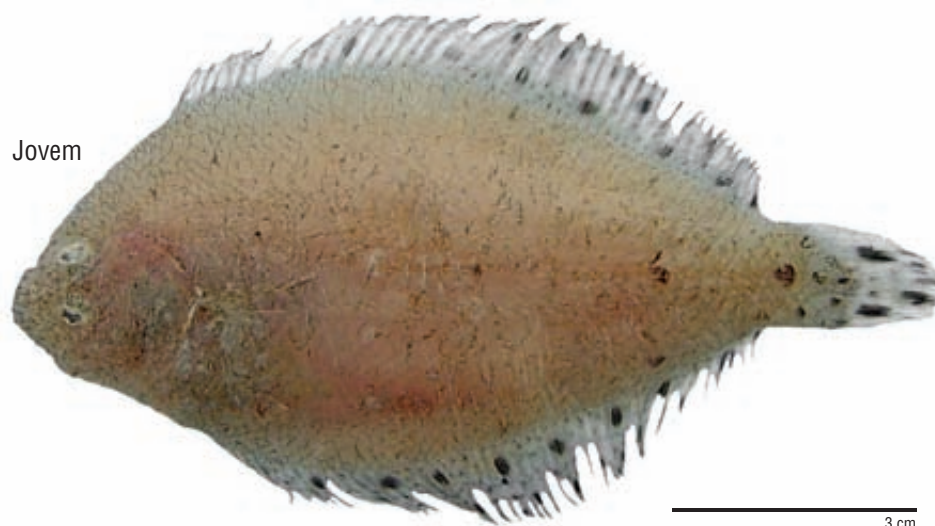
Nome Popular: Solha

Diagnose

Nadadeira dorsal com 79 a 85 raios, anal com 56 a 64 raios; nadadeira peitoral do lado oculado com 9 a 12 raios; linha lateral sem arco pronunciado acima da peitoral, com 37 a 44 escamas; 13 a 16 rastros no ramo inferior do primeiro arco, longos e estreitos. Corpo elíptico, sua altura entre 50 e 53 % do comprimento padrão; olhos do lado esquerdo do corpo moderados e equidistantes do focinho; escamas ctenóides; boca grande com uma única fileira de dentes

fixos em ambos maxilares, alguns visíveis externamente, o maxilar mal atingindo o centro do olho. Cor geral bege ao marrom escuro ou acinzentado, com numerosas manchas arredondadas escuras sobre o corpo, mais visíveis sobre as nadadeiras dorsal, anal e caudal; nadadeira caudal com três a cinco grandes manchas negras, arredondadas e muito evidentes. Atinge 25 cm (CT).

Jovem



Hábitat e Comportamento

Comuns em águas costeiras, em fundos de areia, cascalho e banco de algas, geralmente mais afastadas de estuários, desde 1 a 100 metros de profundidade, preferencialmente em menos de 40 m. Frequentemente encontrados em áreas adjacentes a recifes de coral. Em certas regiões preferem águas com temperatura superficial em torno dos 25° C. Alimentam-se principalmente de crustáceos. A reprodução aparentemente ocorre do outono ao inverno.

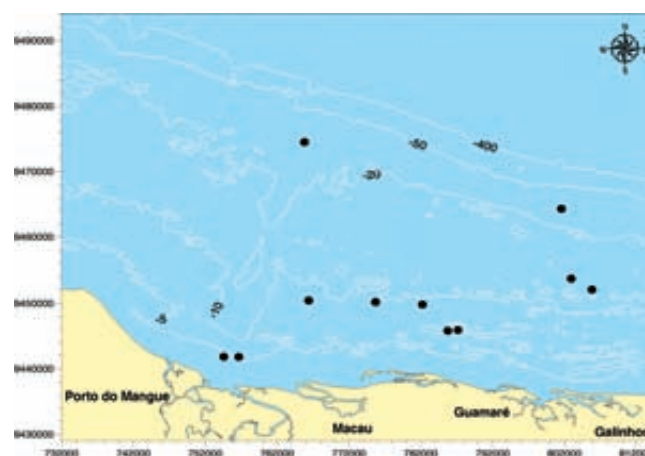
Distribuição Geográfica

Atlântico Ocidental, da Carolina do Norte (EUA) a Santa Catarina.

Material Coletado

19 exemplares; com comprimento padrão variando de 6 a 19 cm.

Ocorrência na Bacia Potiguar - RN



Literatura

Carvalho-Filho, 1999; Figueiredo & Menezes, 2000; Munroe In: Carpenter, 2002; Lunardon-Branco & Branco, 2003; McEachran & Fechhelm, 2005; Lyczkowski-Shultz & Bond In: Richards, 2006; Rangel & Ramos In: Carvalho-Filho (in prep).

Nome Popular: Linguado

Diagnose

Nadadeira dorsal com 78 a 87 raios, anal com 59 a 67 raios; nadadeira peitoral do lado oculado com margem posterior truncada e com 11 ou 12 raios; linha lateral sem arco pronunciado acima da nadadeira peitoral e com 65 a 75 escamas; 9 ou 10 rastros largos e curtos no ramo inferior. Corpo elíptico e olhos do lado esquerdo do corpo, muito próximos e relativamente grandes; escamas ciclóides; boca grande, o maxilar ultrapassa

a margem posterior do olho inferior; margem posterior da nadadeira caudal em ângulo fechado; origem da dorsal à frente do olho. Bege ao marrom escuro com uma mancha grande e negra no centro da caudal. Nadadeira dorsal e anal com manchas arredondadas negras, em geral formando ocelo; uma grande mancha negra na margem posterior da nadadeira peitoral. Atinge 33 cm (CT).

Adulto



Hábitat e Comportamento

Raros no litoral nordeste do Brasil, são encontrados em águas da plataforma e do talude continental, de 1 a 230 metros de profundidade, sendo mais comuns abaixo dos 20 m. Alimentam-se de peixes e crustáceos. Durante à noite podem ser observados em águas muito rasas nos recifes, onde provavelmente buscam refúgio para passar a noite.

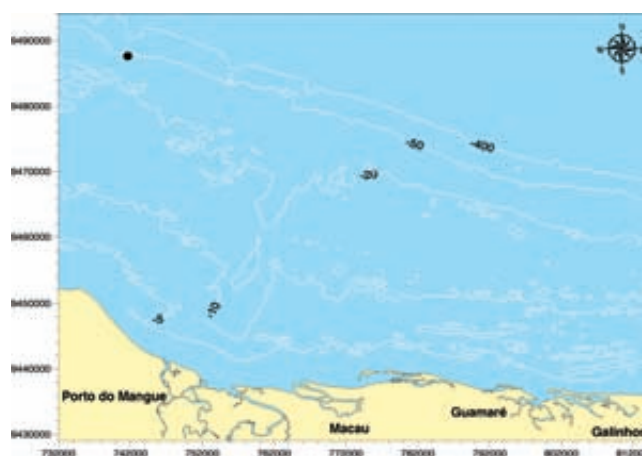
Distribuição Geográfica

Atlântico Ocidental, da Carolina do Norte (EUA) a São Paulo.

Material Coletado

1 exemplar; com comprimento padrão de 18 cm.

Ocorrência na Bacia Potiguar - RN



Literatura

Carvalho-Filho, 1999; Figueiredo & Menezes, 2000; Munroe In: Carpenter, 2002; Lunardon-Branco & Branco, 2003; McEachran & Fechhelm, 2005; Lyczkowski-Shultz & Bond In: Richards, 2006; Rangel & Ramos In: Carvalho-Filho (in prep).

Nome Popular: Solha**Diagnose**

Nadadeira dorsal com 73 a 87 raios, anal com 58 a 68 raios; nadadeira peitoral do lado oculado com 14 a 16 % do comprimento padrão e com 8 a 10 raios; linha lateral sem arco pronunciado acima da peitoral e com 38 a 45 escamas; 6 a 9 rastros (geralmente 7 ou 8) largos e curtos no ramo inferior. Corpo elíptico, com altura entre 50 e 58 % do comprimento padrão; olhos do lado esquerdo do corpo muito próximos e pequenos; escamas ctenóides; boca pequena e sem dentes visíveis externamente, o maxilar mal ultrapassa a margem

anterior do olho inferior. Cor geral marrom acinzentado ao oliváceo, com muitas manchas pequenas nas nadadeiras dorsal e anal; uma pequena mancha branca, nem sempre presente, próxima à linha lateral e pouco acima da ponta da nadadeira peitoral; pequenas manchas escuras no corpo e outras e pálidas e esparsas, no corpo e nadadeiras; uma mancha escura e difusa, nem sempre presente, na base da nadadeira caudal. Atinge 20 cm (CT).

**Hábitat e Comportamento**

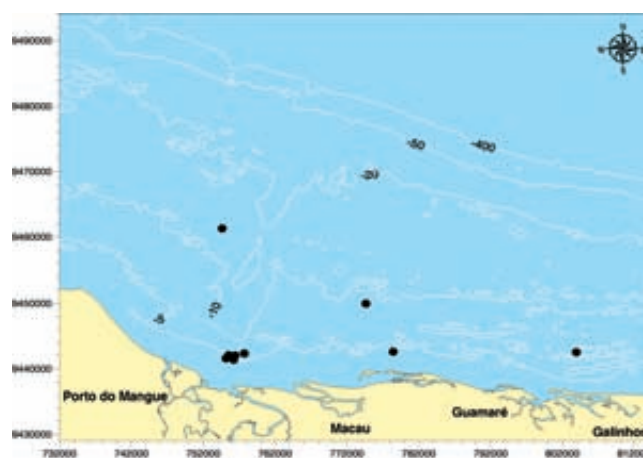
Comuns em águas costeiras, desde águas rasas, com menos de 1 metro, de baías e estuários até 65 metros de profundidade, sobre fundos de areia, banco de algas, lodo ou cascalho. Alimentam-se de pequenos invertebrados bentônicos, especialmente de poliquetas e crustáceos. A reprodução parece ocorrer da primavera ao início do verão, ovos e larvas são pelágicos, estas se transformam em jovens com cerca de 10 mm (CT). Vivem cerca de 1 ano.

Distribuição Geográfica

Atlântico Ocidental, da Virgínia (EUA) ao Rio Grande do Sul.

Material Coletado

21 exemplares; com comprimento padrão variando de 7 a 11 cm.

Ocorrência na Bacia Potiguar - RN**Literatura**

Carvalho-Filho, 1999; Figueiredo & Menezes, 2000; Munroe In: Carpenter, 2002; Lunardon-Branco & Branco, 2003; McEachran & Fechhelm, 2005; Lyczkowski-Shultz & Bond In: Richards, 2006; Rangel & Ramos In: Carvalho-Filho (in prep).

Nome Popular: Linguado

Diagnose

Nadadeira dorsal com 68 a 72 raios, anal com 52 a 54 raios; linha lateral com arco pronunciado acima da peitoral e 49 a 54 escamas em sua parte reta; 13 a 15 rastros no primeiro arco. Corpo elíptico com olhos do lado esquerdo do corpo, moderados e quase equidistantes do focinho, contidos mais de 6 vezes no comprimento da cabeça; região inter-orbital moderada; escamas ciclóides; boca grande, com dentes bem desenvolvidos nos maxilares, vários caniniformes, o maxilar

ultrapassando a margem posterior do olho inferior. Cor geral marrom, as nadadeiras com manchas escuras e redondas, pouco evidentes, as da base da anal e da dorsal maiores que as demais; nadadeira peitoral com faixas transversais, escuras e curvas. Jovens de cor geral mais clara, de bege a oliva, com manchas negras e várias manchas brancas esparsas e geralmente simétricas. Jovens semelhantes aos adultos. Atinge 100 cm (CT) e 12 kg (PT).



Hábitat e Comportamento

Pouco comuns, freqüentam fundos de areia, cascalho, lodo, banco de algas e áreas adjacentes aos recifes e costões rochosos; entre 1 e 40 metros de profundidade. Alimentam-se de peixes e crustáceos. A reprodução aparentemente ocorre durante o verão, em pequenos cardumes de 3 a 15 indivíduos; os ovos e larvas são planctônicos. Os adultos são normalmente solitários, eventualmente observados aos pares.

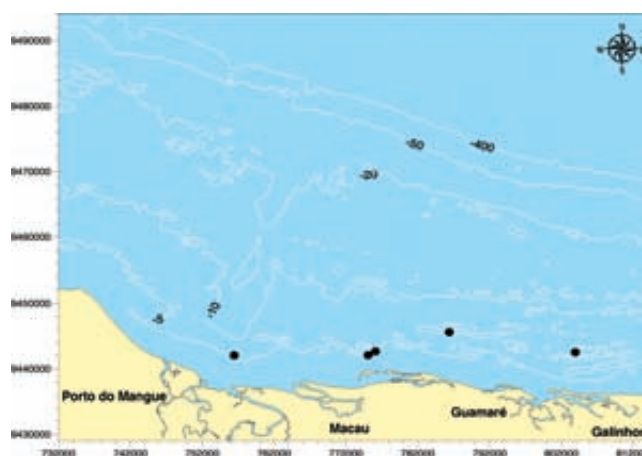
Distribuição Geográfica

Espécie endêmica do Brasil, ocorrendo no Atlântico Ocidental do Maranhão a São Paulo.

Material Coletado

6 exemplares; com comprimento padrão variando de 6,5 a 45 cm.

Ocorrência na Bacia Potiguar - RN



Literatura

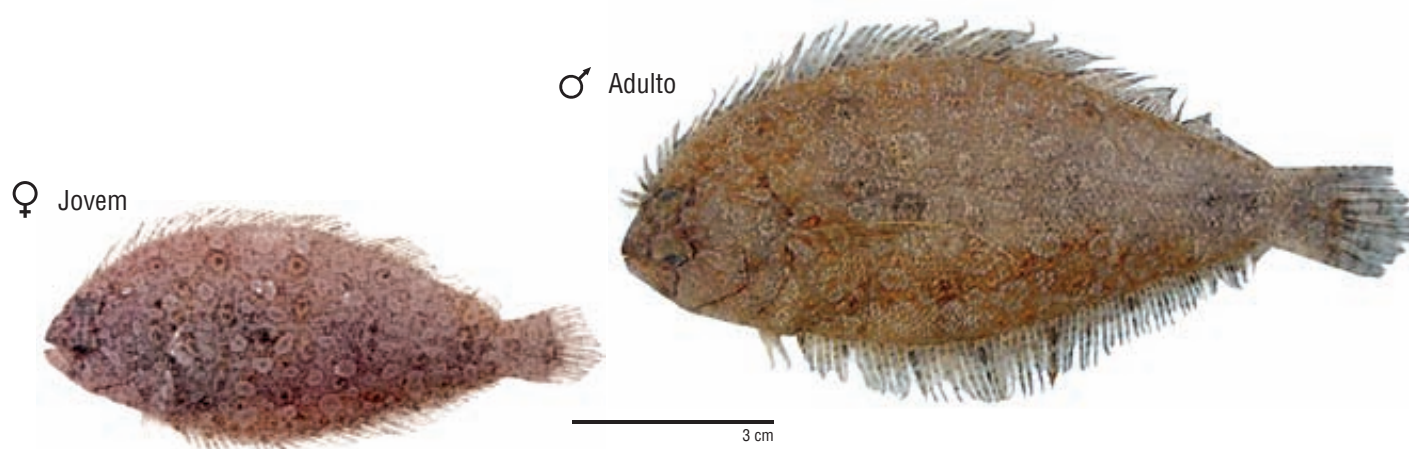
Carvalho-Filho, 1999; Figueiredo & Menezes, 2000; Munroe In: Carpenter, 2002; Lunardon-Branco & Branco, 2003; McEachran & Fechhelm, 2005; Lyczkowski-Shultz & Bond In: Richards, 2006; Rangel & Ramos In: Carvalho-Filho (in prep).

Nome Popular: Linguado

Diagnose

Nadadeira dorsal com 83 a 92 raios, anal com 64 a 74 raios; nadadeira peitoral do lado oculado 10 ou 11 raios, os superiores muito alongados nos machos a partir de 18 cm (CT); linha lateral sem arco pronunciado acima da peitoral, com 57 a 68 escamas; 8 a 11 rastros no primeiro arco. Corpo elíptico, com altura entre 38 e 42 % do comprimento padrão; olhos grandes do lado esquerdo do corpo, e quase eqüidistantes do focinho, o superior geralmente não deslocado ou pouco

deslocado para trás, região inter-orbital maior nos machos; escamas ctenóides; boca grande com duas fileiras de dentes fixos no maxilar superior, alguns visíveis externamente, o maxilar ultrapassando a margem posterior do olho inferior. Cor geral marrom ao oliváceo, eventualmente acinzentados com muitas manchas arredondadas escuras e ocelos claros. Atinge 40 cm (CT) e 0,5 kg (PT).



Hábitat e Comportamento

Comuns e costeiros, registrados em águas rasas, entre 1 e 400 metros de profundidade, geralmente acima dos de 90 m. São encontrados também em fundos de areia próximos a recifes e bancos de algas. Alimentam-se de peixes, crustáceos e poliquetas. A reprodução aparentemente ocorre da primavera ao verão, ovos e larvas são planctônicos, estas se transformam em jovens por volta dos 15 mm (CT).

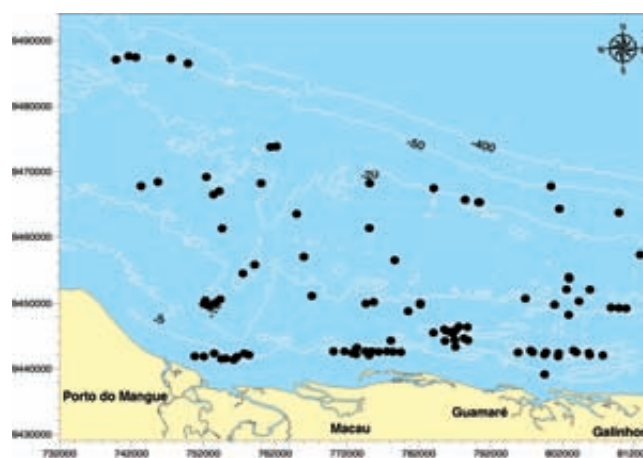
Distribuição Geográfica

Atlântico Ocidental, da Florida (EUA) a Santa Catarina.

Material Coletado

1218 exemplares; com comprimento padrão variando de 2 a 23 cm.

Ocorrência na Bacia Potiguar - RN



Literatura

Carvalho-Filho, 1999; Figueiredo & Menezes, 2000; Munroe In: Carpenter, 2002; Lunardon-Branco & Branco, 2003; McEachran & Fechhelm, 2005; Lyczkowski-Shultz & Bond In: Richards, 2006; Rangel & Ramos In: Carvalho-Filho (in prep).

Syacium papillosum

(Linnaeus, 1758)

PARALICHTHYIDAE

Nome Popular: Linguado

Diagnose

Extremamente similar à *Syacium micrurum*, diferenciando-se pela posição dos olhos, o superior bastante deslocado para trás em relação ao inferior, e pela presença de linhas negras, duas unindo os raios anteriores

da nadadeira dorsal ao olho superior, e uma outra no perfil superior da cabeça. Assim como *S. micrurum*, apresenta dimorfismo sexual, onde os machos possuem longos raios na nadadeira peitoral. Atinge 30 cm (CT).

♂ Adulto



Hábitat e Comportamento

Possuem hábitos e comportamentos semelhantes à *Syacium micrurum*.

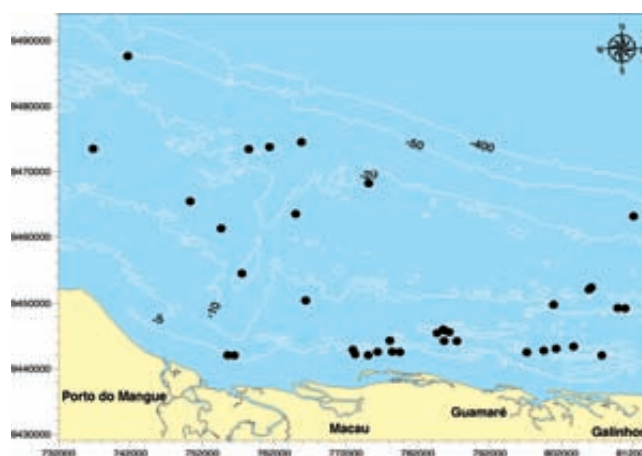
Distribuição Geográfica

Atlântico Ocidental, da Florida (EUA) ao Rio Grande do Sul.

Material Coletado

241 exemplares; com comprimento padrão variando de 2 a 30 cm.

Ocorrência na Bacia Potiguar - RN



Literatura

Carvalho-Filho, 1999; Figueiredo & Menezes, 2000; Munroe In: Carpenter, 2002; Lunardon-Branco & Branco, 2003; McEachran & Fechhelm, 2005; Lyczkowski-Shultz & Bond In: Richards, 2006; Rangel & Ramos In: Carvalho-Filho (in prep).

Bothus lunatus

(Linnaeus, 1758)

BOTHIDAE

Nome Popular: Solha

Diagnose

Nadadeira dorsal com 91 a 99 raios; anal com 70 a 76 raios; peitorais com 11 a 12 raios no lado oculado; linha lateral com 83 a 95 escamas; rastros no ramo inferior do primeiro arco com 8 a 10 (geralmente 9). Corpo oval com altura variando entre 54 e 59 % do comprimento padrão; olhos do lado esquerdo do corpo separados por uma distância maior que seu diâmetro, tal distância muito maior nos machos; perfil superior do focinho com uma distinta depressão; presença de espinho agudo no focinho dos machos e obtuso nas fêmeas; raios superiores da peitoral alongados nos machos, similares

entre si nas fêmeas. Cor cinza a marrom, por vezes esverdeado com manchas curvas e anéis azuis bem evidentes, alguns incompletos, em todo o corpo; pequenas manchas brancas principalmente nas margens dorsal e anal e, maiores na caudal, que não tem manchas negras; duas ou três manchas escuras e difusas ao longo da linha lateral, a central perto do meio do corpo e mais evidente; nadadeira peitoral do lado oculado e com faixas escuras em exemplares grandes. Jovens semelhantes aos adultos, embora mais pálidos. Atinge 46 cm (CT) e 1,5 kg (PT).

Jovem



Hábitat e Comportamento

Comuns em áreas adjacentes a recifes rochosos e coralinos, especialmente em bolsões de areia e bancos de algas, em águas rasas e claras até 100 metros de profundidade; eventualmente observados nas proximidades de mangues e estuários. Alimentam-se principalmente de peixes e complementam sua dieta com crustáceos e moluscos. Capazes de alterar sua coloração com rapidez conforme o substrato, ou quando enterrados, somente com os olhos expostos. Os machos formam haréns e são territoriais; a reprodução ocorre aos pares, geralmente no crepúsculo, por todo o ano e com picos no verão; ovos e larvas são pelágicos e estas se transformam em jovens com aproximadamente 16 mm (CT).

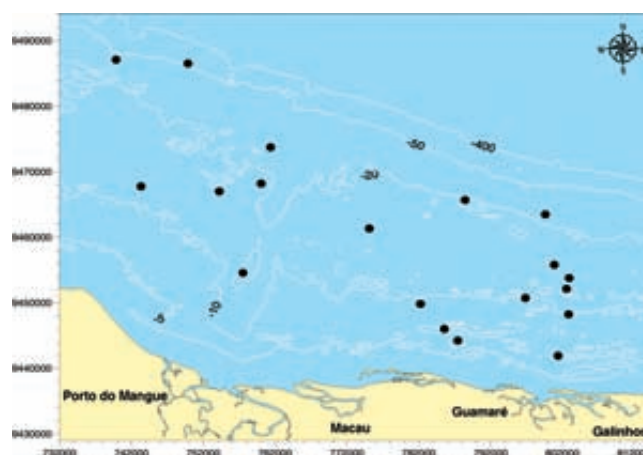
Distribuição Geográfica

Atlântico Ocidental Tropical, das Bermudas e da Florida (EUA) a Bahia, incluindo o Atol das Rocas e Fernando de Noronha, eventualmente chegando a São Paulo.

Material Coletado

148 exemplares; com comprimento padrão variando de 4 a 16,5 cm.

Ocorrência na Bacia Potiguar - RN



Literatura

Carvalho-Filho, 1999; Figueiredo & Menezes, 2000; Munroe In: Carpenter, 2002; McEachran & Fechhelm, 2005; Lara In: Richards, 2006; Rangel & Ramos In: Carvalho-Filho (in prep).

Nome Popular: Solha

Diagnose

Semelhante à *Bothus lunatus*, da qual se diferencia por pela nadadeira dorsal com 76 a 91 raios; anal com 58 a 68 raios; peitorais com 8 a 10 raios no lado oculado; linha lateral com 70 a 78 escamas; 7 a 10 rastros no ramo inferior do primeiro arco. Corpo oval, com altura variando entre 61 e 67 % do comprimento padrão; olhos do lado esquerdo do corpo, separados por uma distância igual a seu diâmetro, tal distância muito maior nos machos; perfil superior do focinho reto ou com uma modesta depressão; presença de espinho agudo no focinho dos machos e obtuso nas fêmeas; o raio

mais superior da peitoral é mais alongado que os demais nos machos, similar aos demais nas fêmeas. Bege a cinza claro com muitas rosetas e círculos imperfeitos pálidos, de brancos a azulados, vários com margens escuras; várias manchas pequenas e escuras por todo o corpo e nadadeiras; três manchas pretas maiores, em série, ao longo da linha lateral, a do centro mais bem definida que as demais; cauda com duas manchas escuras, uma acima da outra, mal definidas e nem sempre presentes. Jovens semelhantes aos adultos, embora mais pálidos. Atinge 18 cm (CT).

Jovem



Hábitat e Comportamento

Comuns em bolsões de areias entre rochas e corais, e em fundos de areia ou cascalho próximos a recifes, costões, parcéis, ilhas; geralmente em águas claras, até 110 metros de profundidade. Alimentação e reprodução semelhante à *B. lunatus*.

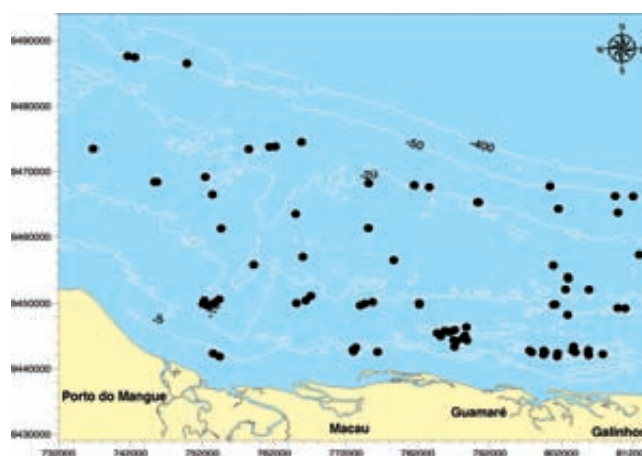
Distribuição Geográfica

Atlântico Ocidental, de Nova Iorque (EUA) a Santa Catarina.

Material Coletado

2167 exemplares; com comprimento padrão variando de 2 a 17 cm.

Ocorrência na Bacia Potiguar - RN



Literatura

Carvalho-Filho, 1999; Figueiredo & Menezes, 2000; Munroe In: Carpenter, 2002; McEachran & Fechhelm, 2005; Lara In: Richards, 2006; Rangel & Ramos In: Carvalho-Filho (in prep).

Nome Popular: Solha

Diagnose

Muito similar à *Bothus ocellatus*, com altura um pouco maior, variando entre 65 e 76 % do comprimento padrão, a nadadeira caudal é mais pontuda, e a coloração é também diversa: as manchas negras do corpo são menos distintas,

na cauda há uma ou duas manchas negras grandes, muito evidentes e características, alinhadas uma ao lado da outra. Jovens semelhantes aos adultos, embora mais pálidos. Atinge 25 cm (CT).

Jovem



Hábitat e Comportamento

Comuns em fundos de areia ou cascalho adjacentes a recifes rochosos ou coralinos, inclusive em ilhas ou bancos de algas, geralmente em águas claras com até 90 metros de profundidade. Alimentação e reprodução semelhante à *B. lunatus*.

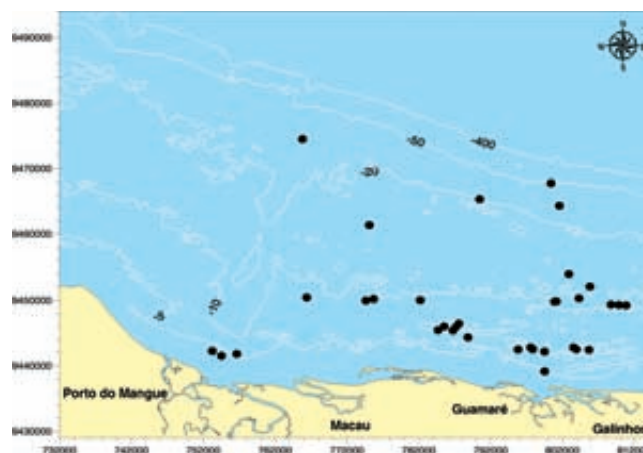
Distribuição Geográfica

Atlântico Ocidental, da Carolina do Norte (EUA) ao Rio Grande do Sul.

Material Coletado

107 exemplares; com comprimento padrão variando de 3 a 19 cm.

Ocorrência na Bacia Potiguar - RN



Literatura

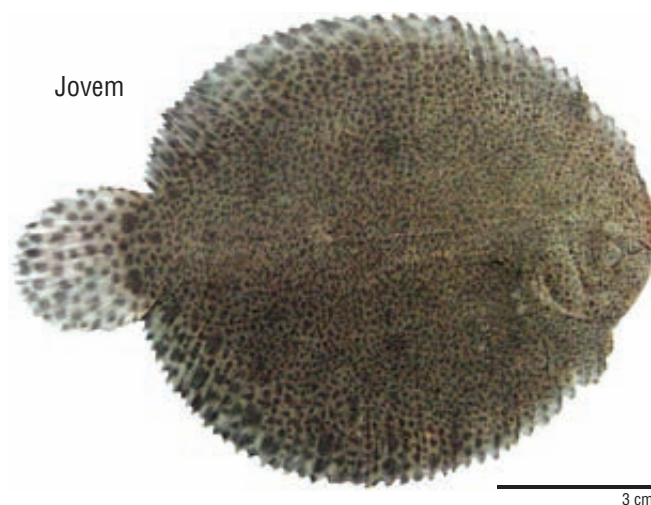
Carvalho-Filho, 1999; Figueiredo & Menezes, 2000; Munroe In: Carpenter, 2002; McEachran & Fechhelm, 2005; Lara In: Richards, 2006; Rangel & Ramos In: Carvalho-Filho (in prep).

Nome Popular: Solha

Diagnose

Nadadeira dorsal com 49 a 60 raios (geralmente menos de 55); anal com 38 a 48 raios (geralmente menos de 45); nadadeiras peitorais do lado oculado com 3 a 8 raios (geralmente 5 ou 6). Corpo quase circular com olhos do lado direito, pequenos e próximos, maiores que o espaço interorbital, contidos de 1,5 a 2,0 vezes no comprimento do focinho e 4,5 a 6,5 vezes no comprimento da cabeça; linha lateral com arco em sua parte anterior. Presença de escamas

ctenóides e vários tufo de cirros negros no lado oculado. Septo que separa uma câmara branquial da outra com orifício bem visível e localizado dorso-posteriormente. Cor variando do oliva ao marrom escuro, com oito a dez linhas negras verticais, que tendem a desaparecer em exemplares maiores e manchas negras arredondadas de diversos tamanhos, as mais evidentes nas nadadeiras dorsal, anal e caudal. Jovens semelhantes aos adultos, embora mais pálidos. Atinge 23 cm (CT).



Hábitat e Comportamento

Comuns em águas rasas de mangues, baías e recifes, sobre fundos de areia, lodo ou cascalho, entre 0,5 e 50 metros de profundidade. Embora prefiram águas com salinidade baixa, são comuns em rios costeiros de água doce e também toleram águas marinhas, onde parece ocorrer a reprodução. Alimentam-se especialmente de crustáceos, poliquetas e pequenos peixes. Podem passar parte do tempo enterrados no sedimento, seja para surpreender possíveis presas ou quando ameaçados. A reprodução pode ocorrer por todo ano em regiões tropicais, com a temperatura mínima da água de 20° C; os ovos são flutuantes.

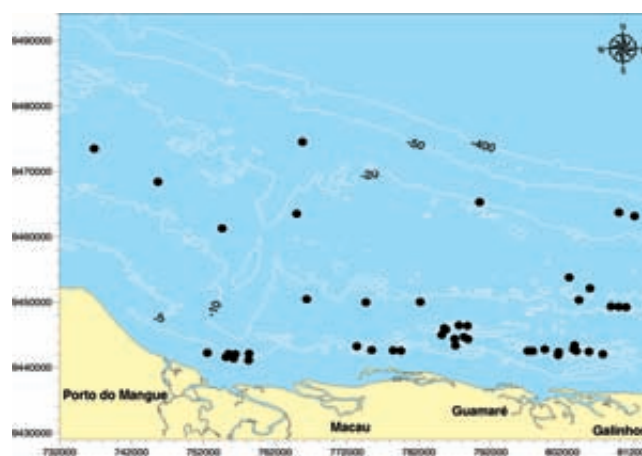
Distribuição Geográfica

Atlântico Ocidental, da Carolina do Sul (EUA) e Flórida ao norte da Argentina.

Material Coletado

142 exemplares; com comprimento padrão variando de 3 a 17 cm.

Ocorrência na Bacia Potiguar - RN



Literatura

Cervigón, 1995; Almeida *et al.*, 1997; Carvalho-filho, 1999; Figueiredo & Menezes, 2000; Munroe In: Carpenter, 2002; McEachram & Fechhelm, 2005; Ramos In: Froese & Pauly, 2006; Zapfe In: Richards, 2006.

Nome Popular: Solha

Diagnose

Nadadeira dorsal com 54 a 60 raios, anal com 40 a 45 raios. Corpo de formato menos circular que *Achirus lineatus*, em forma de elipse; peitoral ausente ou composta por 1 ou 2 raios rudimentares. Olhos do lado direito contidos de 1,5 a 2,5 vezes no comprimento do focinho.

Cor geral marrom uniforme com cerca de dez linhas verticais escuras, eventualmente com manchas mais escuras no corpo e nadadeiras. Jovens semelhantes aos adultos, embora sejam mais pálidos. Atinge 21 cm (CT).

Jovem



Hábitat e Comportamento

Comuns em águas rasas de mangues e estuários, eventualmente em baías e praias, sobre fundos de areia, lodo ou cascalho, até 50 metros de profundidade. Alimentação, comportamento e reprodução provavelmente similares à *Achirus lineatus*. É a espécie mais comum do gênero no Brasil.

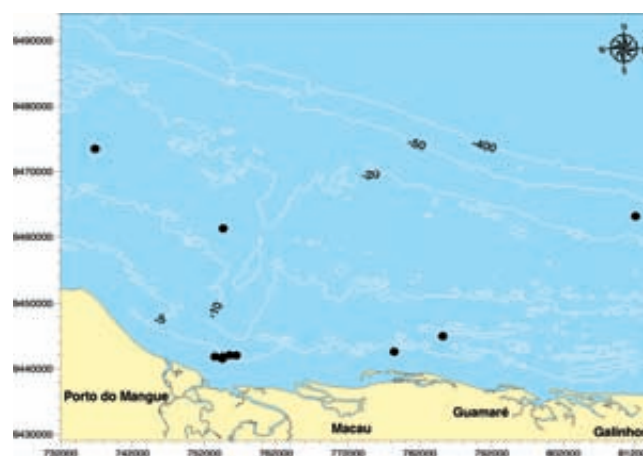
Distribuição Geográfica

Atlântico Ocidental, da Colômbia a Santa Catarina.

Material Coletado

15 exemplares; com comprimento padrão variando de 6,5 a 11 cm.

Ocorrência na Bacia Potiguar - RN



Literatura

Cervigón, 1995; Almeida *et al.*, 1997; Carvalho-filho, 1999; Figueiredo & Menezes, 2000; Munroe In: Carpenter, 2002; McEachram & Fechhelm, 2005; Ramos In: Froese & Pauly, 2006; Zapfe In: Richards, 2006.

Nome Popular: Solha

Diagnose

Nadadeira dorsal com 86 a 96 raios, anal com 69 a 80 raios; caudal geralmente com 10 raios; 79 a 96 séries longitudinais de escamas. Corpo muito alongado e lanceolado; olhos no lado esquerdo do corpo com o inferior relativamente grande. Coloração característica, de amarelado a marrom escuro em geral, com faixas mais escuras verticais nem

sempre visíveis e geralmente incompletas; nadadeiras dorsal e anal com porção anterior clara, mais escura posteriormente e com uma a cinco manchas negras ou marrons redondas e muito evidentes, na porção posterior; lado cego do corpo de cor pálida a amarelada, sem manchas escuras. Atinge 22 cm (CT).

Adulto



Hábitat e Comportamento

Comuns, ocorrem em fundos de areia grossa e cascalho com elevada composição de fragmentos de conchas, entre 1 e 183 metros de profundidade, sendo mais comuns entre 20 e 80 m; freqüentemente observados também em áreas de recifes e costões rochosos. Aparentemente preferem salinidades entre 32,3 e 36,7 e temperaturas entre 17 e 28°C. Alimentam-se de invertebrados bentônicos como pequenos crustáceos, poliquetas e moluscos. Ovos e larvas são planctônicos.

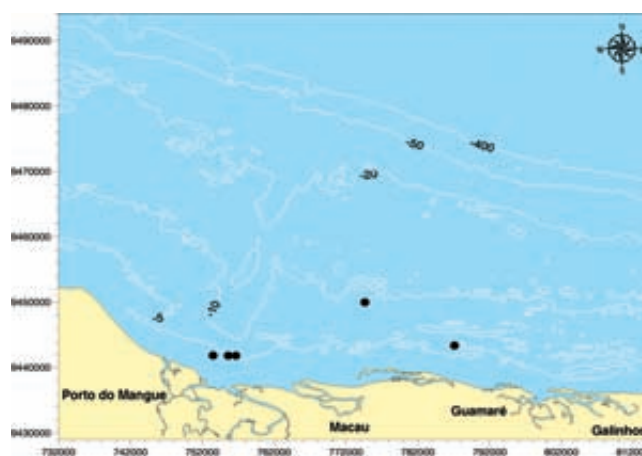
Distribuição Geográfica

Atlântico Ocidental, da Carolina do Norte (EUA) ao Uruguai.

Material Coletado

20 exemplares; com comprimento padrão variando de 9 a 20 cm.

Ocorrência na Bacia Potiguar - RN



Literatura

Carvalho-Filho, 1999; Figueiredo & Menezes, 2000; Munroe In: Carpenter, 2002; McEachran & Fechhelm, 2005; Farooqi *et al.* In: Richards, 2006; Rangel & Ramos In: Carvalho-Filho (in prep).

Nome Popular: Solha

Diagnose

Nadadeira dorsal com 89 a 97 raios, anal com 73 a 81 raios; caudal geralmente com 12 raios; 79 a 89 séries longitudinais de escamas. Corpo muito alongado e lanceolado; olhos no lado esquerdo do corpo, ambos pequenos e próximos; focinho evidente e maior que o diâmetro ocular, de formato sub-quadrado; uma saliência carnosa na margem superior da mandíbula no lado oculado do corpo; escamas ctenóides.

Cor bege a marrom oliváceo com oito a 14 faixas escuras verticais pouco distintas, mais evidentes na parte anterior do corpo; nadadeiras dorsal e anal pálidas, com alguns raios mais escuros que os demais; caudal escurecida; opérculo do lado oculado muito mais escuro que o resto do corpo, assim como a área imediatamente posterior ao mesmo. Atinge 25 cm (CT).

Adulto



Hábitat e Comportamento

Dentro da família é a espécie mais abundante do litoral brasileiro, costeira, de águas entre 1 e 75 metros de profundidade, desde estuários, praias e baías abertas, sobre fundos de areia, lodo ou cascalho. Alimentam-se de pequenos invertebrados bentônicos. Ovos e larvas são pelágicos e aparentemente sua reprodução acontece no verão.

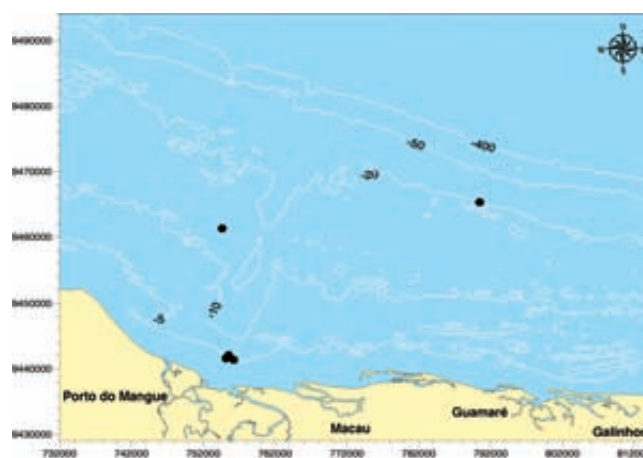
Distribuição Geográfica

Atlântico Ocidental, de Porto Rico, Cuba e Belize a Santa Catarina.

Material Coletado

6 exemplares; com comprimento padrão variando de 10 a 13 cm.

Ocorrência na Bacia Potiguar - RN



Literatura

Carvalho-Filho, 1999; Figueiredo & Menezes, 2000; Munroe In: Carpenter, 2002; McEachran & Fechhelm, 2005; Farooqi *et al.* In: Richards, 2006; Rangel & Ramos In: Carvalho-Filho (in prep).

Nome Popular: Cangulo rei

Diagnose

Nadadeira dorsal com 29 a 31 raios (geralmente 30) e a anal com 26 a 28 raios; escamas acima da base da peitoral e imediatamente após a fenda branquial, muito maiores que as demais, evidentes; sem quilhas longitudinais na parte posterior do corpo; nadadeira caudal lunada, com lobos muito prolongados nos adultos e emarginada nos jovens. Cor verde azulada a amarelo cinza ou marrom esverdeada; face, peito e ventre amarelo alaranjado; uma faixa curva e larga, azul, do

focinho à base da peitoral; um círculo azul em volta da boca, com ramo para trás; estrias amarelas com centro azul irradiam-se do olho; barra azul na base da caudal; estrias escuras no dorso, diagonais; nadadeira dorsal flexível, anal e caudal com margens azuis sobre fundo esverdeado. Jovens semelhantes, todavia sem os filamentos das nadadeiras e mais pálidos que os adultos. Atinge 60 cm (CT) e 5,5 kg (PT).



Hábitat e Comportamento

Comuns em fundos rochosos, coralinos e em regiões de cascalho, areia ou algas, entre 1 e 275 metros de profundidade. Geralmente solitários, mas podem formar cardumes com centenas de indivíduos em determinadas épocas. Alimentam-se de invertebrados como crustáceos e ouriços. A reprodução ocorre nos meses mais quentes, o macho forma um harém que defende vigorosamente; as fêmeas cavam um ninho raso no sedimento onde depositam os ovos, que são fertilizados pelo macho, em uma massa quase circular entremeada de sedimento, estes eclodem entre 12 e 24 horas e são guardados pelo casal; as larvas são planctônicas, geralmente associadas a objetos flutuantes. São diurnos e nadam movendo lateralmente as nadadeiras dorsal e anal.

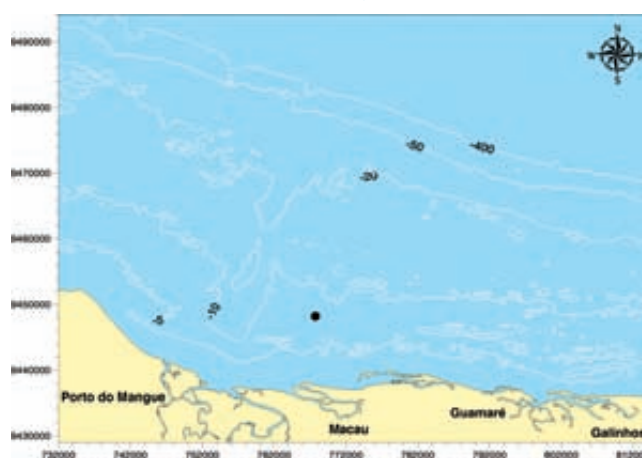
Distribuição Geográfica

Atlântico, no Ocidental da Nova Inglaterra (EUA) a Santa Catarina, incluindo as ilhas oceânicas brasileiras; no Oriental, de Cabo Verde e Ascensão a Angola.

Material Coletado

1 exemplar; com comprimento padrão de 8 cm.

Ocorrência na Bacia Potiguar - RN



Literatura

Moore, 1967; Randall, 1996; Carvalho-Filho, 1999; Matsuura In: Carpenter, 2002; McEachran & Fechhlem, 2005; Feitoza *et al.*, 2005; Lyczkowski-shultz & Ingram Jr In: Richards, 2006; Matsuura In: Froese & Pauly, 2006; Carvalho-Filho & Gasparini In: Carvalho-Filho (in prep).

Nome Popular: Cangulo**Diagnose**

Nadadeira dorsal com 2 espinhos e 36 a 41 raios, anal com 39 a 44 raios; nadadeira peitoral com 12 ou 13 raios; nadadeira caudal moderada e arredondada; nadadeira pélvica ausente e extremidade da pelve sem espinho visível. Corpo moderadamente alongado, altura entre a origem da segunda dorsal e da anal contida entre 2,1 e 3,6 vezes no comprimento

padrão. Perfis superior e inferior do focinho, côncavos; distância do olho ao espinho da dorsal relativamente curta, entre 4,6 e 6,6 % do comprimento padrão, em exemplares com mais de 10 cm (CT). Coloração variando do cinza chumbo ao azul, com muitas manchas irregulares que por vezes formam linhas azuis. Atinge 45 cm (CT).

**Hábitat e Comportamento**

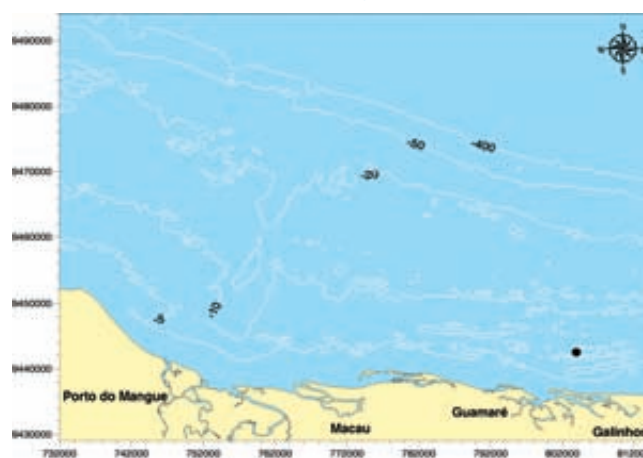
Pouco comuns, frequentam águas costeiras e oceânicas, entre 2 e 500 metros de profundidade, incluindo fundos recifais, lodo e bancos de algas. Solitários, eventualmente aos pares, são observados em natação lenta, mas capazes de nado vigoroso se ameaçados; também são vistos acompanhando sargassos e detritos flutuantes à deriva. Comem algas, esponjas, anêmonas, tunicados e eventualmente zooplâncton. De hábitos diurnos, à noite podem buscar fendas para se esconder ou agarram-se com a boca a organismos sésseis, principalmente esponjas. A reprodução ocorre aos pares, da primavera ao outono em águas afastadas; os ovos são adesivos e as larvas planctônicas, muito diversas dos adultos até 24 mm (CT).

Distribuição Geográfica

Atlântico, no Ocidental, da Nova Inglaterra (EUA) até Santa Catarina, no Oriental da Mauritânia a Angola.

Material Coletado

1 exemplar; com comprimento padrão de 28 cm.

Ocorrência na Bacia Potiguar - RN**Literatura**

Randall, 1996; Carvalho-Filho, 1999; Figueiredo & Menezes, 2000; Matsuura, 2002 In: Carpenter, 2002; McEachran & Fechtlem, 2005; Feitoza *et al.*, 2005; Zapfe & Lyczkowski-Shultz 2006 In: Richards, 2006; Matsuura, 2006 In: FishBase, 2006; Carvalho-Filho *et al.* (in prep).

Aluterus monoceros

(Linnaeus, 1758)

MONACANTHIDAE

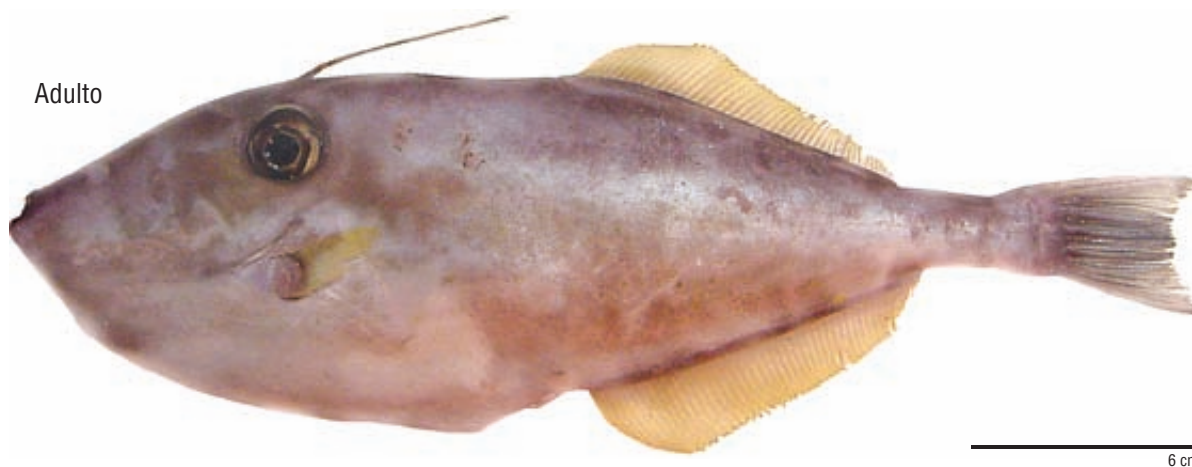
Nome Popular: Cangulo patriota

Diagnose

Nadadeira dorsal com 2 espinhos e 46 a 50 raios, anal com 47 a 52 raios; nadadeira peitoral com 14 ou 15 raios (geralmente 14); nadadeira caudal curta, não mais que 26 % do comprimento padrão, emarginada, arredondada nos jovens; nadadeira pélvica ausente, extremidade da pelve sem espinho visível. Corpo alongado com altura entre a origem da segunda dorsal e da anal, contida de 2,3 a 2,9

vezes no comprimento padrão; pedúnculo caudal mais longo do que alto; perfil superior do focinho, convexo, e o ventral côncavo sob o queixo e convexo logo a seguir. Cor cinza claro a marrom, manchado de escuro, e com manchas negras esparsas; grandes adultos prateados; jovens pálidos com manchas escuras irregulares e próximas, em todo o corpo. Atinge 73 cm (CT) e 3 kg (PT).

Adulto



Hábitat e Comportamento

Comuns em águas costeiras e em mar aberto, da superfície a cerca de 150 metros de profundidade. Pelágicos, solitários, aos pares ou em cardumes de até 30 indivíduos, são frequentemente observados junto a recifes, ilhas afastadas e entre algas. Os jovens acompanham sargassos e detritos flutuantes à deriva. Alimentam-se de algas, celenterados, esponjas, tunicados e zooplâncton, estes últimos durante à noite, quando próximos à superfície. A reprodução ocorre aos pares, da primavera ao outono em águas afastadas; os ovos são adesivos e as larvas planctônicas, muito diversas dos adultos até aproximadamente 60 mm (CT).

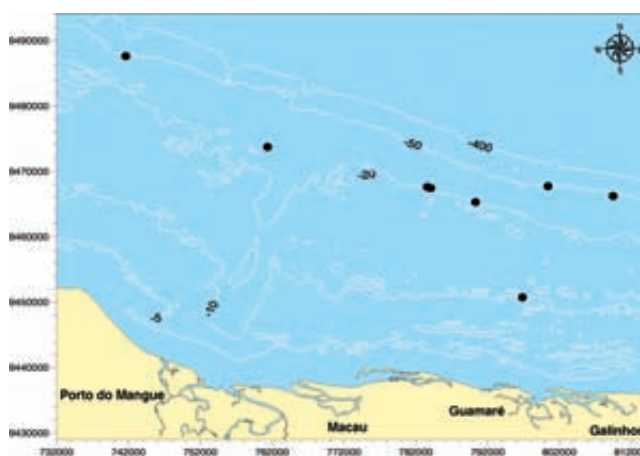
Distribuição Geográfica

Circuntropical, no Atlântico Ocidental, de Massachusetts (EUA) ao sudeste do Brasil.

Material Coletado

33 exemplares; com comprimento padrão variando de 22 a 41 cm.

Ocorrência na Bacia Potiguar - RN



Literatura

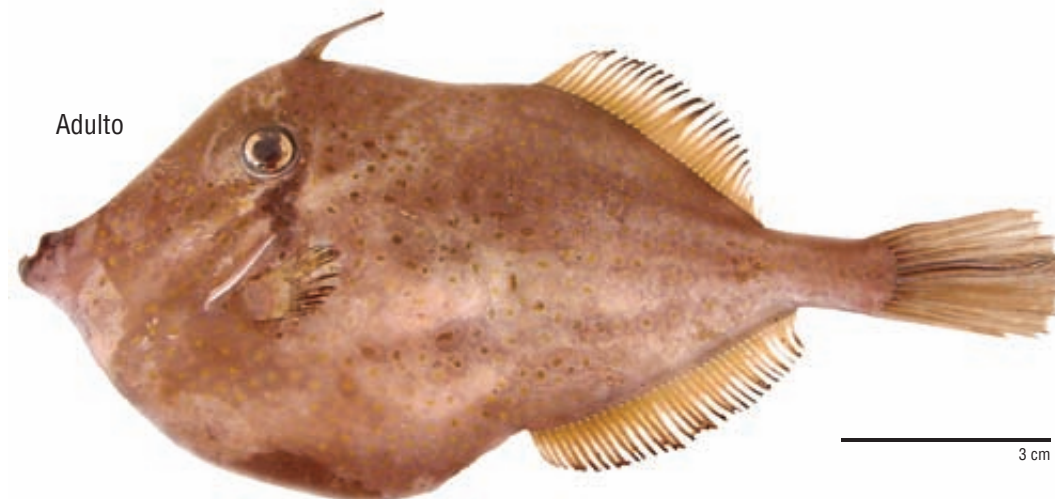
Randall, 1996; Carvalho-Filho, 1999; Figueiredo & Menezes, 2000; Matsuura, 2002 In: Carpenter, 2002; McEachran & Fechhlem, 2005; Feitoza *et al.*, 2005; Zapfe & Lyczkowski-Shultz 2006 In: Richards, 2006; Matsuura, 2006 In: FishBase, 2006; Carvalho-Filho *et al.* (in prep).

Nome Vulga: Cangulo

Diagnose

Nadadeira dorsal com 2 espinhos e 32 a 39 raios, anal com 35 a 41 raios; nadadeira peitoral com 11 ou 14 raios (geralmente 13 ou 14); nadadeira caudal moderada e ligeiramente arredondada; nadadeira pélvica ausente e extremidade da pelve sem espinho visível. Corpo moderadamente alongado e altura entre a origem da segunda dorsal e da anal contida entre 2,1 e 5,3 vezes no comprimento padrão; perfil superior

do focinho côncavo, o inferior convexo; distância do olho ao espinho da dorsal relativamente grande, entre 7,3 e 13,5 % do comprimento padrão, em exemplares com mais de 10 cm (CT). Cor cinza metálico ao marrom, com grandes e irregulares manchas pálidas ou amarelo alaranjadas por todo o corpo. Atinge 61 cm (CT).



Hábitat e Comportamento

Pouco comuns, frequentam águas costeiras, entre 3 e 50 metros de profundidade, incluindo fundos recifais, de lodo e bancos de algas. Já foram registrados a 900 m de profundidade. Alimentação, reprodução e comportamentos semelhantes à *Aluterus heudeloti*.

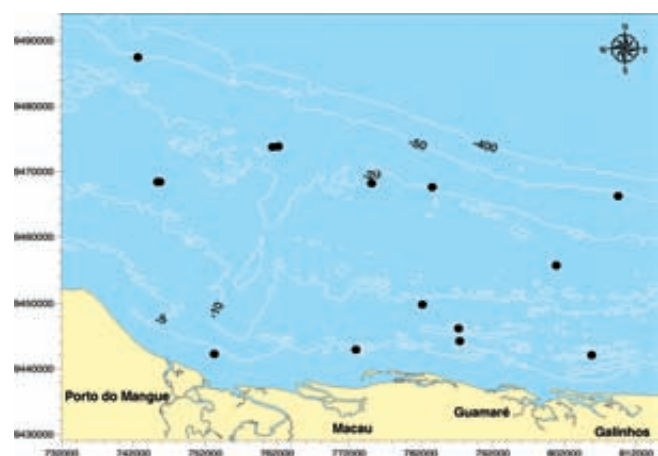
Distribuição Geográfica

Atlântico Ocidental, da Nova Escócia (Canadá) até Santa Catarina.

Material Coletado

38 exemplares; com comprimento padrão variando de 14,5 a 29 cm.

Ocorrência na Bacia Potiguar - RN



Literatura

Randall, 1996; Carvalho-Filho, 1999; Figueiredo & Menezes, 2000; Matsuura, 2002 In: Carpenter, 2002; McEachran & Feuchtmayr, 2005; Feitoza *et al.*, 2005; Zapfe & Lyczkowski-Shultz 2006 In: Richards, 2006; Matsuura, 2006 In: FishBase, 2006; Carvalho-Filho *et al.* (in prep).

Nome Popular: Cangulo

Diagnose

Nadadeira dorsal com 2 espinhos e 43 a 49 raios, anal com 46 a 52 raios; nadadeira peitoral com 14 ou 15 raios (geralmente 14); nadadeira caudal longa e arredondada, entre 33 e 61 % do comprimento padrão; nadadeira pélvica ausente e extremidade da pelve sem espinho visível. Corpo bastante alongado com altura entre a origem da segunda dorsal e da

anal contida entre 2,9 e 4,6 vezes no comprimento padrão. Pedúnculo caudal mais alto do que longo; perfil superior do focinho côncavo, o ventral quase retilíneo da boca ao ventre. Cor azul, cinza claro, a oliva ou marrom; corpo e cabeça com numerosas estrias e manchas azuis, verdes ou escuras esparsas. Atinge 110 cm (CT) e 2,5 kg (PT).



Hábitat e Comportamento

Pouco comuns, frequentam águas costeiras e recifais, desde a superfície até cerca de 120 metros de profundidade. Alimentação, reprodução e comportamentos semelhantes à *Aluterus heudeloti*.

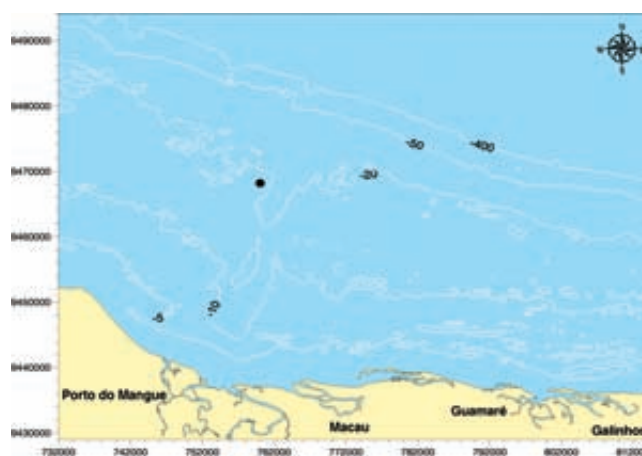
Distribuição Geográfica

Circuntropical, no Atlântico Ocidental, da Nova Escócia (Canadá) até Santa Catarina, incluindo as ilhas oceânicas brasileiras.

Material Coletado

1 exemplar; com comprimento padrão de 33,5 cm.

Ocorrência na Bacia Potiguar - RN



Literatura

Randall, 1996; Carvalho-Filho, 1999; Figueiredo & Menezes, 2000; Matsuura, 2002 In: Carpenter, 2002; McEachran & Fechhlem, 2005; Feitoza *et al.*, 2005; Zapfe & Lyczkowski-Shultz 2006 In: Richards, 2006; Matsuura, 2006 In: FishBase, 2006; Carvalho-Filho *et al.* (in prep).

Monacanthus ciliatus

(Mitchill, 1818)

MONACANTHIDAE

Nome Popular: Peixe porco

Diagnose

Nadadeira dorsal com 2 espinhos e 29 a 37 raios, anal com 28 a 36 raios; nadadeira peitoral geralmente com 11 raios; sem fenda após os espinhos da nadadeira dorsal; primeiro espinho da dorsal situado acima da parte posterior do olho; nadadeira pélvica rudimentar, extremidade da pelve com espinho visível. Corpo alto, a distância entre a origem da segunda dorsal e da anal, contida entre 1,8 e 2,5 vezes no comprimento padrão. Aba dérmica, entre o espinho pélvico e o ânus, grande e flexível. Pedúnculo caudal

com 2 a 4 pares de espinhos, mais desenvolvidos nos machos. Sem filamento no segundo raio da dorsal. Cor geral variando com o ambiente, de verde claro a marrom escuro ou cinza; várias bandas verticais e faixas longitudinais escuras nos flancos, por vezes ausentes; extremidade da aba dérmica com uma macha escura marginada de amarelo vivo nos machos e pouco nítida e verde amarelada nas fêmeas. Atinge 20 cm (CT).



Hábitat e Comportamento

Comuns em águas costeiras até cerca de 50 metros de profundidade, em áreas de recifes, fundos de areia, cascalho e freqüentemente em bancos de grama marinha. Geralmente de águas rasas, costumam ficar em posição vertical, de cabeça para baixo entre corais, gorgônias e algas. Alimentam-se de algas e pequenos crustáceos do zooplâncton. São capazes de rápidas alterações de tons da coloração. A reprodução parece ocorrer por todo o ano, com picos entre a primavera e o outono; os ovos são adesivos e as larvas pelágicas e que se transformam em jovens entre 6 e 8 mm (CT). Os jovens freqüentemente acompanham algas e detritos flutuantes na superfície.

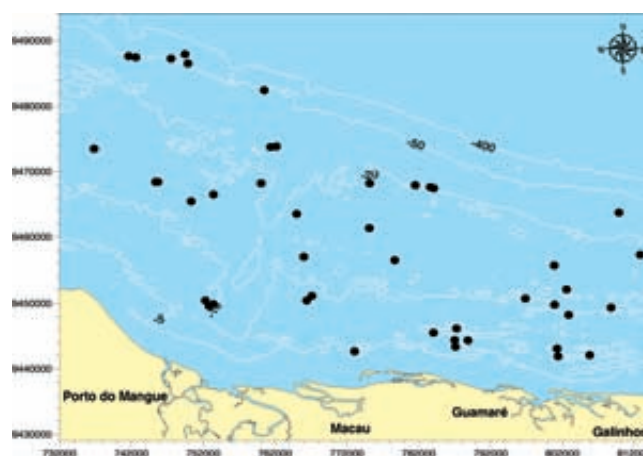
Distribuição Geográfica

Atlântico Ocidental, do Canadá a Argentina.

Material Coletado

565 exemplares; com comprimento padrão variando de 1,5 a 17 cm.

Ocorrência na Bacia Potiguar - RN



Literatura

Randall, 1996; Carvalho-Filho, 1999; Figueiredo & Menezes, 2000; Matsuura, 2002 In: Carpenter, 2002; McEachran & Fechtlem, 2005; Feitoza *et al.*, 2005; Zapfe & Lyczkowski-Shultz 2006 In: Richards, 2006; Matsuura, 2006 In: FishBase, 2006; Carvalho-Filho *et al.* (in prep).

Nome Popular: Peixe porco

Diagnose

Nadadeira dorsal com 2 espinhos e 29 a 35 raios, geralmente 31 a 34, anal com 30 a 35 raios (geralmente 31 a 34); nadadeira peitoral com 11 a 13 raios; nadadeira pélvica rudimentar, extremidade da pelve com espinho visível. Corpo muito alto, a distância entre a origem da segunda dorsal e da anal, contida entre 1,7 e 2,1 vezes no comprimento padrão. Sem fenda após os espinhos da nadadeira dorsal; primeiro espinho da dorsal situado acima da parte posterior do olho.

Pedúnculo caudal sem espinhos, os machos adultos com uma grande área de espínulas bastante evidentes e longo filamento no segundo raio da dorsal. Cor geral cinza, bege ou marrom, com manchas mais escuras ou mais pálidas, irregulares; pequenas manchas esparsas negras por todo o corpo, ausentes na parte inferior da cabeça e do dorso. Atinge 28 cm (CT).



Hábitat e Comportamento

Pouco comuns, costeiros, sobre fundos de algas, areia, lodo e recifes, entre 3 e 80 metros de profundidade. Solitários, em pares ou cardumes, os adultos mais isolados e os jovens abundantes. Alimentam-se de invertebrados bentônicos, algas e zooplâncton. De hábitos diurnos, à noite buscam proteção entre algas e fendas de recifes; os jovens acompanham algas e detritos flutuantes da superfície. São capazes de rápidas alterações de tons de coloração. A reprodução parece ocorrer por todo o ano, com picos entre a primavera e o outono; os ovos são adesivos e as larvas pelágicas que se transformam em jovens entre 6 e 8 mm (CT), estes com até cerca de 2 cm (CT).

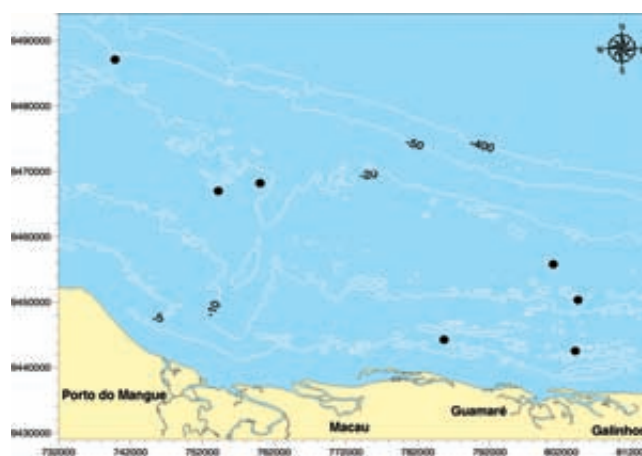
Distribuição Geográfica

Atlântico, no Ocidental, da Nova Escócia (Canadá) a Santa Catarina; no Oriental, nas Ilhas Canárias e Angola.

Material Coletado

42 exemplares; com comprimento padrão variando de 3 a 13,5 cm.

Ocorrência na Bacia Potiguar - RN



Literatura

Randall, 1996; Carvalho-Filho, 1999; Figueiredo & Menezes, 2000; Matsuura, 2002 In: Carpenter, 2002; McEachran & Fechhlem, 2005; Feitoza *et al.*, 2005; Zapfe & Lyczkowski-Shultz 2006 In: Richards, 2006; Matsuura, 2006 In: FishBase, 2006; Carvalho-Filho *et al.* (in prep).

Stephanolepis setifer

(Bennett, 1831)

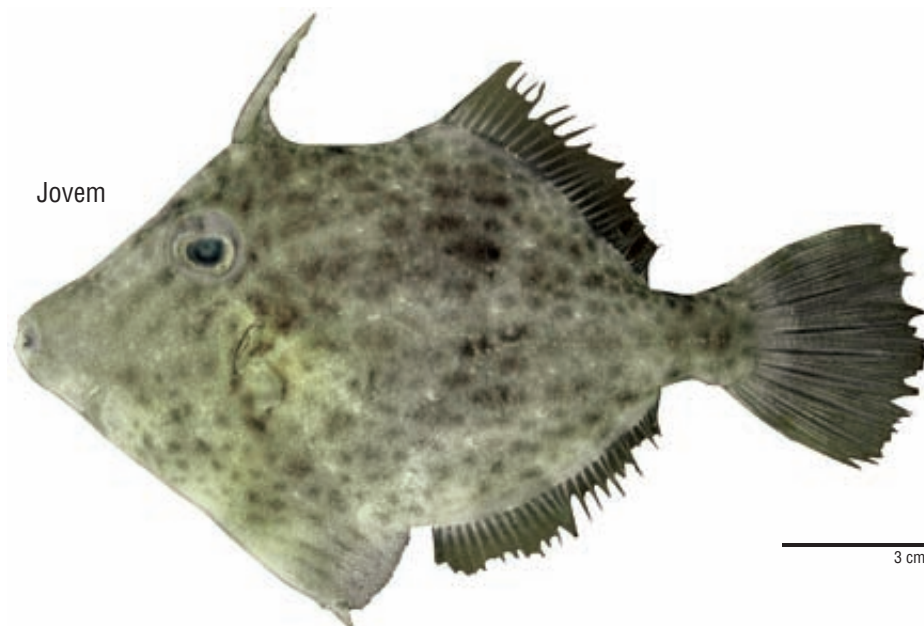
MONACANTHIDAE

Nome Popular: Peixe porco

Diagnose

Muito similar a *Stephanolepis hispidus*, difere pela dorsal com 27 a 30 raios (geralmente 27 a 29) e a anal com 26 a 30 raios (geralmente 27 a 29). Sua coloração é

semelhante à de *S. hispidus*, embora com tons mais escuros e manchas negras evidentes na porção inferior da cabeça e dorso. Atinge 20 cm (CT).



Hábitat e Comportamento

Pouco comuns, habitam águas abertas e frequentemente acompanham algas e detritos flutuantes, são encontrados também junto à ilhas e recifes afastados, até cerca de 80 metros de profundidade. Alimentam-se de algas e zooplâncton. São capazes de rápidas alterações de tons da coloração.

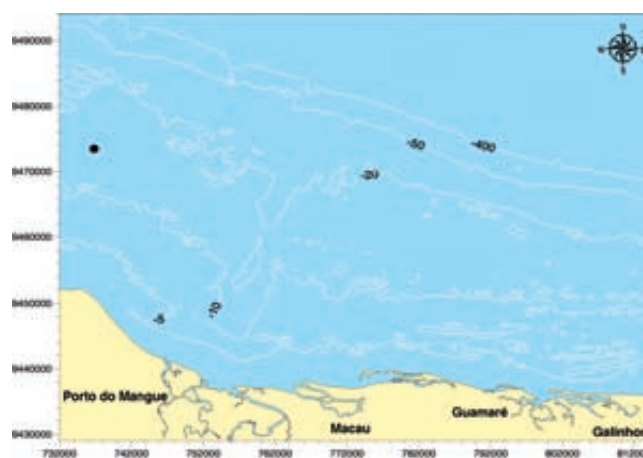
Distribuição Geográfica

Atlântico Ocidental, da Carolina do Norte (EUA) a Santa Catarina.

Material Coletado

1 exemplar; com comprimento padrão de 10 cm.

Ocorrência na Bacia Potiguar - RN



Literatura

Randall, 1996; Carvalho-Filho, 1999; Figueiredo & Menezes, 2000; Matsuura, 2002 In: Carpenter, 2002; McEachran & Fechhlem, 2005; Feitoza *et al.*, 2005; Zapfe & Lyczkowski-Shultz 2006 In: Richards, 2006; Matsuura, 2006 In: FishBase, 2006; Carvalho-Filho *et al.* (in prep).

Nome Popular: Cofre

Diagnose

Nadadeiras peitorais com 12 raios (raramente 11). Corpo contido em uma carapaça óssea composta por placas hexagonais fundidas que deixam livres espaços para a boca, olhos, abertura branquial, ânus e nadadeiras; olho alto; boca pequena, terminal e inferior; pedúnculo caudal longo; nadadeiras dorsal e anal similares, opostas e posteriores; espinhos laterais presentes à frente dos olhos e na região inferior antes do ânus, um de cada lado; carapaça completa após a nadadeira dorsal; terceira placa dérmica anterior

à nadadeira dorsal, emarginada com um espinho pouco desenvolvido nos jovens e ocasionalmente em exemplares maiores. Cor oliva ao azulado com hexágonos bem definidos e negros, em cada placa do corpo, separados por linhas claras e freqüentemente com o centro amarelado; linhas reticuladas escuras nas faces; os jovens são de cor amarelo brilhante, geralmente com manchas negras alongadas. Atinge 50 cm (CT) e 1,0 kg (PT).

Adulto



Hábitat e Comportamento

Comuns e costeiros, observados em recifes e costões rochosos, até 90 metros de profundidade. Não formam cardumes, são territoriais e o macho guarda área que abrange os territórios de algumas fêmeas, que desovam por todo o ano; os ovos e as larvas são flutuantes, estas com cerca de 5 dias já têm a carapaça definida, habitando águas rasas cobertas por vegetação marinha. Alimentam-se de invertebrados bentônicos, especialmente de esponjas e pequenos crustáceos, que são desalojados do sedimento através de jatos d'água. Em geral a armadura é suficiente para desencorajar predadores, em compensação deslocam-se lentamente, apenas movendo lateralmente a dorsal e anal, usando pouco a caudal. Quando assustados expelem uma toxina específica, letal para outros os peixes e também para si mesmo.

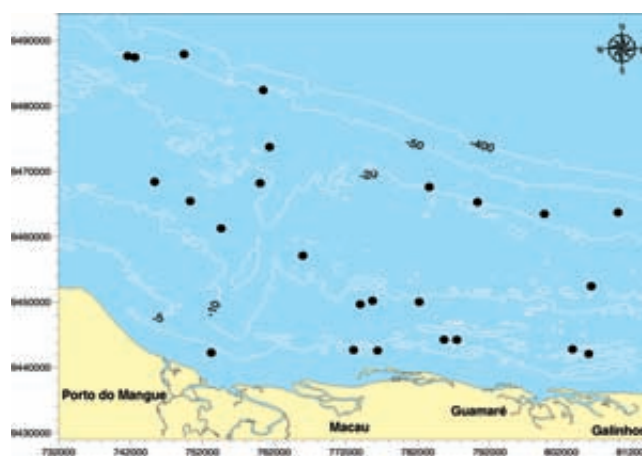
Distribuição Geográfica

Atlântico Ocidental, de Nova Jersey (EUA) e Bermudas ao Uruguai, incluindo as ilhas oceânicas brasileiras.

Material Coletado

94 exemplares; com comprimento padrão variando de 2,5 a 33 cm.

Ocorrência na Bacia Potiguar - RN



Literatura

Cervigon, 1996; Carvalho-Filho, 1999; Ruiz *et al.*, 1999; Menezes & Figueiredo, 2000; Matsuura In: Carpenter, 2002; Humann & Deloach, 2002; McEachran & Fechtelm, 2005; Lyczkowsky-shultz *et al.* In: Richards, 2006.

Acanthostracion quadricornis

(Linnaeus, 1758)

OSTRACIIDAE

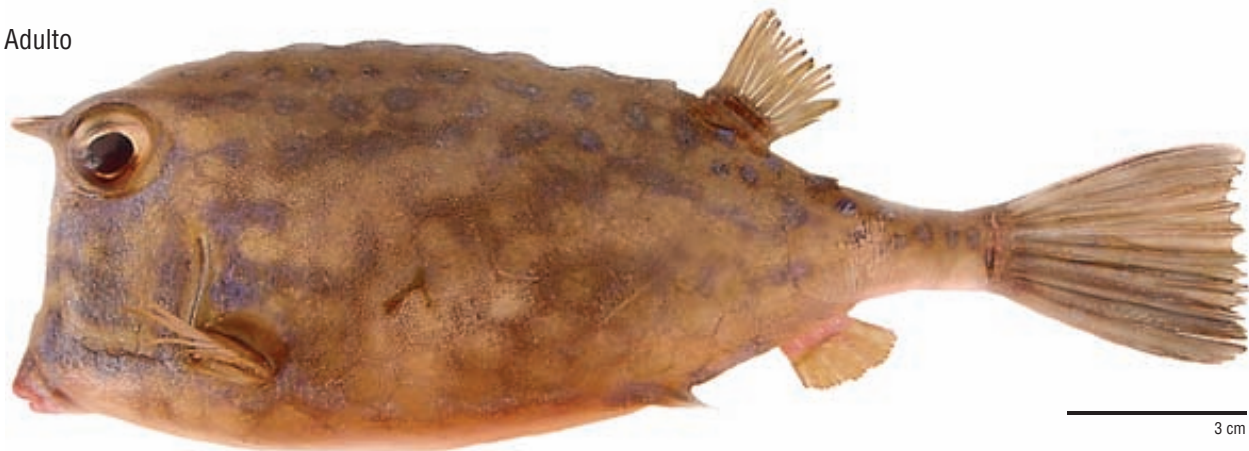
Nome Popular: Cofre

Diagnose

Similar à *Acanthostracion polygonius*, diferencia-se pelo número de raios nas peitorais, geralmente 11 (raramente 10 ou 12), por ter geralmente uma placa dérmica pequena isolada a cima ou abaixo no pedúnculo caudal, carapaça freqüentemente terminando em espinho acima e/ou abaixo do pedúnculo caudal, e coloração amarela a

marrom acinzentado, com manchas e marcas irregulares azuis também na nadadeira caudal; duas a quatro faixas horizontais azuis, nas faces; ventre branco; uma região azulada indistinta nos flancos; eventualmente de cor geral pálida ou escura, sem marcas distintas; jovens laranja com manchas negras. Atinge 55 cm (CT) e 1,0 kg (PT).

Adulto



Hábitat e Comportamento

Similar à *Acanthostracion polygonius*, preferindo regiões de vegetação marinha mais densa, os grandes adultos podem freqüentar áreas de areia e cascalho afastadas dos recifes, até 80 metros de profundidade. Alimentação, reprodução e comportamentos semelhantes à *A. polygonius*.

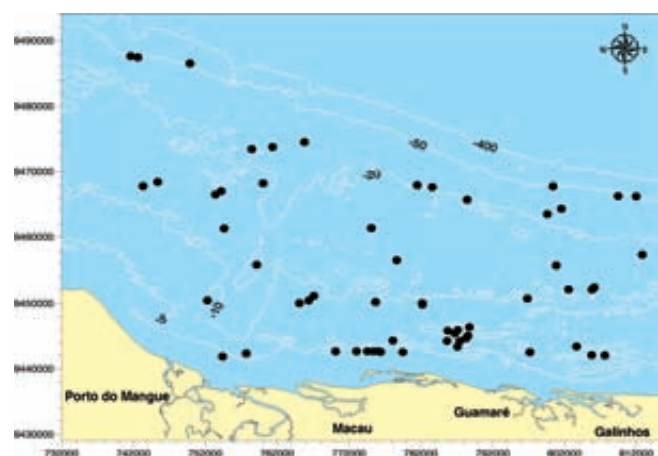
Distribuição Geográfica

Atlântico Tropical, no Ocidental, de Massachusetts (EUA) a Argentina.

Material Coletado

230 exemplares; com comprimento padrão variando de 2 a 30,5 cm.

Ocorrência na Bacia Potiguar - RN



Literatura

Cervigon, 1996; Carvalho-Filho, 1999; Ruiz *et al.*, 1999; Menezes & Figueiredo, 2000; Matsuura In: Carpenter, 2002; Humann & Deloach, 2002; McEachran & Fechhelm, 2005; Lyczkowsky-shultz *et al.* In: Richards, 2006.

Nome Popular: Cofre

Diagnose

Nadadeiras peitorais com 11 a 13 raios (geralmente 12). Corpo similar ao de *Acanthostracion polygonius* e *A. quadricornis*, porém sem espinhos à frente dos olhos; espinhos laterais na carapaça presentes apenas na região inferior antes do ânus, um de cada lado; uma corcova na região mediana do corpo; carapaça com abertura após a dorsal, seguida por uma ou duas placas pequenas e isoladas, jamais formando espinhos. Coloração muito variável, geralmente oliva no dorso, bege no flanco e ventre com duas

manchas poligonais escuras, irregulares e interrompidas, uma sob a peitoral e outra no centro do corpo; numerosas manchas brancas, verde claras ou azuladas no centro das placas dérmicas, por todo o corpo; grandes adultos ficam azulados com um padrão rendilhado de linhas pretas no corpo. Jovens amarelo laranja com pequenas manchas negras. Atinge 55 cm (CT) e 3,3 kg (PT).

Adulto



Hábitat e Comportamento

No geral como *Acanthostracion polygonius*, ocorre entre 1 e 100 metros de profundidade e preferem regiões de vegetação marinha; grandes adultos são solitários e freqüentam áreas de areia, algas e cascalho mais afastadas de recifes.

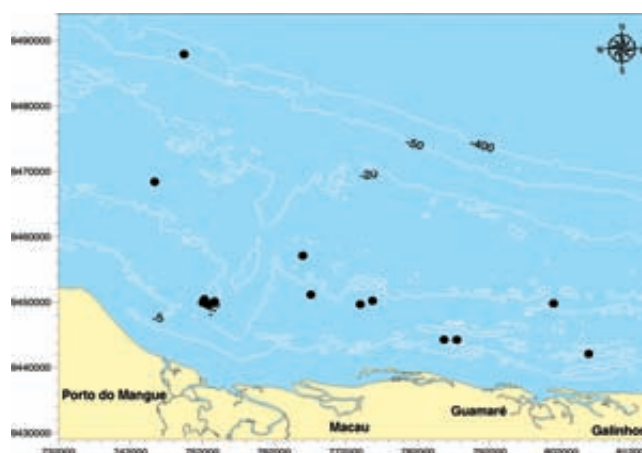
Distribuição Geográfica

Atlântico Ocidental, de Massachusetts (EUA) a Santa Catarina, incluindo as ilhas oceânicas brasileiras.

Material Coletado

24 exemplares; com comprimento padrão variando de 2 a 39 cm.

Ocorrência na Bacia Potiguar - RN



Literatura

Cervigon, 1996; Carvalho-Filho, 1999; Ruiz *et al.*, 1999; Menezes & Figueiredo, 2000; Matsuura In: Carpenter, 2002; Humann & Deloach, 2002; McEachran & Fechtelm, 2005; Lyczkowsky-shultz *et al.* In: Richards, 2006.

Nome Popular: Baiacú mirim

Diagnose

Nadadeira dorsal com 9 ou 10 raios, anal com 9 raios, peitorais com 15 ou 16 raios. Corpo similar aos demais baiacús de corpo liso, mas com focinho mais longo e cônico, narinas localizadas na ponta do focinho, pequenas e pouco visíveis. Cor variando do bege pálido ao escuro; região dorsal e da cabeça marrom amarelada; duas faixas horizontais

características negras e evidentes nos flancos, a superior contínua e a inferior às vezes interrompida. Estrias azuis irradiando a boca e os olhos; caudal clara, eventualmente com algumas manchas escuras e com as margens externas dos lobos escurecidos. Atinge 12 cm (CT).

Jovem



Hábitat e Comportamento

Comuns em águas rasas de recifes e claras e costões rochosos, entre 1 e 54 metros de profundidade. Vivem geralmente em pares, mas também são observados solitários, próximos ao substrato em nado lento e calmo. Alimentam-se de invertebrados bentônicos, preferencialmente poliquetas. Durante à noite escondem-se em frestas do recife. A reprodução deve ser semelhante à da espécie similar do Caribe, *Canthigaster rostrata*, que se reproduz por todo o ano; os ovos, cerca de mil, são aderentes e fixados a algas, aparentemente são tóxicos a predadores; jovens com cerca de 11 mm (CT) são eventualmente observados entre sargassos na superfície do mar.

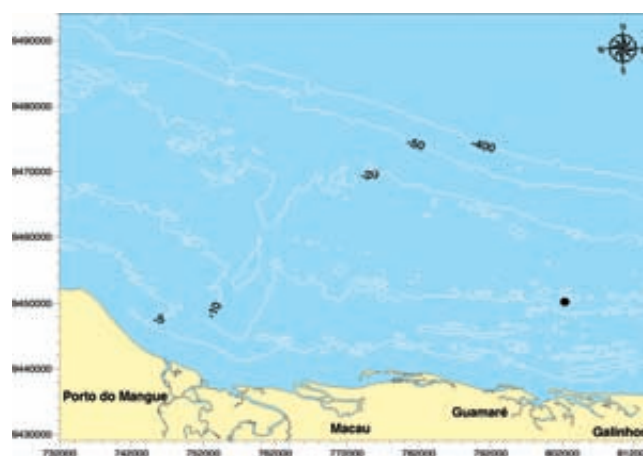
Distribuição Geográfica

Atlântico Ocidental, do sul do Caribe a Santa Catarina, incluindo as ilhas oceânicas do Atol das Rocas e Fernando de Noronha.

Material Coletado

2 exemplares; com comprimento padrão variando de 5 a 6 cm.

Ocorrência na Bacia Potiguar - RN



Literatura

Cervigon, 1996; Oliveira & Freitas, 1998; Vasconcelos-Filho *et al.*, 1998; Carvalho-Filho, 1999; Menezes & Figueiredo, 2000; Humann & Deloach, 2002; Rocha *et al.*, 2002; Schultz *et al.*, 2002; Leis In: Carpenter, 2002; Moura & Castro, 2002; McEachran & Fechhelm, 2005; Feitoza *et al.*, 2005; Lyczkowsky-shultz *et al.* In: Richards, 2006; Gasparini & Floeter In: Carvalho-Filho (in prep).

Nome Popular: Baiacú guarajuba

Diagnose

Nadadeira dorsal com 13 a 15 raios (geralmente 13 a 14); anal com 12 a 15 raios (geralmente 12 ou 13); nadadeira peitoral com 17 a 18 (raramente 15, 16 ou 19) raios. Corpo alongado e capaz de inflar e aumentar muito seu tamanho; cabeça grande, boca pequena, terminal com duas placas dentais em cada maxilar, fundidas medianamente, muito afiadas fortes e evidentes; narinas localizadas à frente dos olhos, facilmente visíveis; ventre, do queixo ao ânus, coberto por pequenos espinhos que se distendem quando infla o ventre; dorso e flancos lisos; dorsal

e anal similares, opostas, posteriores; peitoral moderada; pélvica ausente; caudal lunada, o lobo inferior menor que o superior em adultos. Cor verde amarelado, azulado ou mesmo acinzentado, flancos branco prateados ou dourados; ventre branco com cinco ou oito faixas escuras no dorso, mas evidentes nos jovens; dorsal escura e anal branca; caudal escura com lobos brancos, jovens com dorso e flancos frequentemente manchados de dourado. Atinge 100 cm (CT) e 5 kg (PT).

Adulto



Jovem



Hábitat e Comportamento

Comuns em águas costeiras, desde mangues, baías, estuários e praias arenosas, como também, próximos de recifes e costões rochosos, da superfície até 180 metros de profundidade. Os jovens são mais comuns em regiões costeiras e estuarinas, e os adultos costumam ser epipelágicos, da costa às bordas da plataforma continental. Vorazes, alimentam-se de invertebrados variados e de pequenos peixes. Quando assustados engolem água ou ar, inflando o corpo, e eriçando os espinhos ventrais. Geralmente solitários, mas formam cardumes no verão durante a época de reprodução. São frequentemente predados por grandes peixes pelágicos.

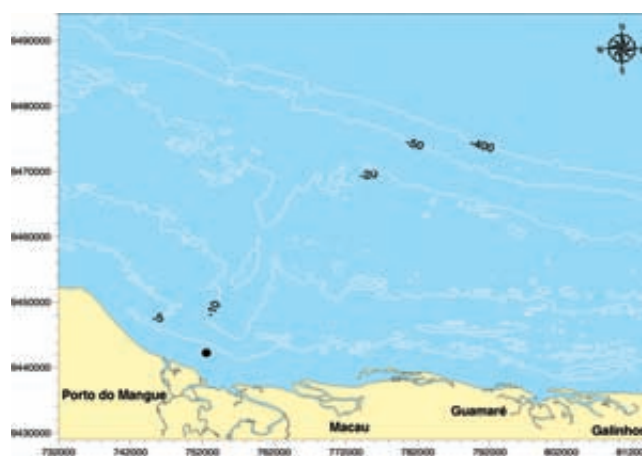
Distribuição Geográfica

Atlântico, no Ocidental, de Massachusetts (EUA) a Argentina.

Material Coletado

1 exemplar; com comprimento padrão de 5 cm.

Ocorrência na Bacia Potiguar - RN



Literatura

Cervigon, 1996; Oliveira & Freitas, 1998; Vasconcelos-Filho *et al.*, 1998; Carvalho-Filho, 1999; Menezes & Figueiredo, 2000; Humann & Deloach, 2002; Rocha *et al.*, 2002; Schultz *et al.*, 2002; Leis In: Carpenter, 2002; Moura & Castro, 2002; McEachran & Fechhelm, 2005; Feitoza *et al.*, 2005; Lyczkowsky-shultz *et al.* In: Richards, 2006; Gasparini & Floeter In: Carvalho-Filho (in prep).

Nome Popular: Baiacú mirim

Diagnose

Nadadeira dorsal com 8 raios, anal com 7 raios e peitoral com 15 a 17 raios (geralmente 16). Corpo similar à *Sphoeroides greeleyi*, mas com focinho maior e mais alongado; presença de um par de abas dérmicas negras no dorso, nem sempre distintas, localizada à meia distância entre o olho e a nadadeira dorsal; espículas presentes no dorso até próxima da base da nadadeira dorsal; nadadeira caudal truncada a ligeiramente emarginada.

Cor do fundo variando de cinza a marrom uniforme com algumas manchas escuras e difusas nos flancos, freqüentemente arredondadas e/ou alongadas; ventre mais claro; nos machos as faces apresentam um rendilhado característico de linhas claras e contrastantes, menos evidentes nas fêmeas. Atinge 20 cm (CT).

Jovem



Hábitat e Comportamento

De águas costeiras entre 2 e 100 metros de profundidade, geralmente sobre fundos não consolidados. Não são comuns em águas brasileiras e seus hábitos e comportamentos não são conhecidos.

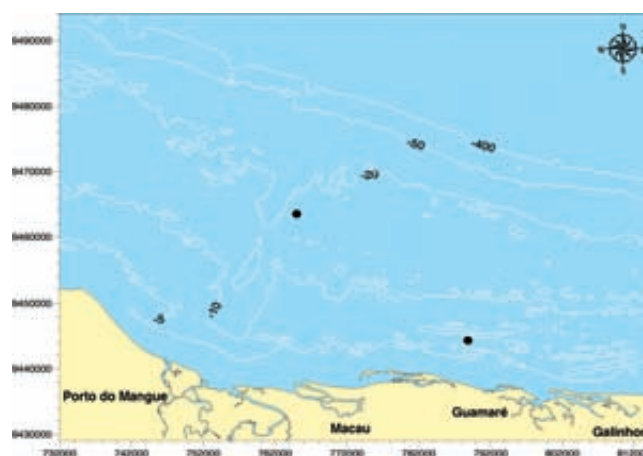
Distribuição Geográfica

Atlântico Ocidental, da Carolina do Norte (EUA) ao Rio de Janeiro.

Material Coletado

2 exemplares; com comprimento padrão variando de 8 a 8,5 cm.

Ocorrência na Bacia Potiguar - RN



Literatura

Cervigon, 1996; Oliveira & Freitas, 1998; Vasconcelos-Filho *et al.*, 1998; Carvalho-Filho, 1999; Menezes & Figueiredo, 2000; Humann & Deloach, 2002; Rocha *et al.*, 2002; Schultz *et al.*, 2002; Leis In: Carpenter, 2002; Moura & Castro, 2002; McEachran & Fechhelm, 2005; Feitoza *et al.*, 2005; Lyczkowsky-shultz *et al.* In: Richards, 2006; Gasparini & Floeter In: Carvalho-Filho (in prep).

Nome Popular: Baiacú mirim

Diagnose

Nadadeira dorsal com 8 raios, anal com 7 raios; nadadeira peitoral com 14 ou 15 raios (raramente 13 ou 16). Corpo similar à *Sphoeroides dorsalis*, com a cabeça mais curta; espículas no dorso, do focinho à nadadeira dorsal e ventralmente, do queixo ao ânus; algumas poucas e pequenas abas dérmicas pálidas, geralmente na parte látero-inferior do corpo, eventualmente ausentes; nadadeira caudal truncada.

Dorso e flancos superiores de cor creme com muitas manchas pequenas, escuras, de formatos variados e de cor marrom a cinza; flancos inferiores com as mesmas manchas acima, mas pouco distintas; ventre pálido; caudal escura ou com barra vertical pálida pouco distinta. Atinge 25 cm (CT).

Adulto



Hábitat e Comportamento

Comuns em águas rasas a cerca de 30 metros de profundidade, solitários e eventualmente em pequenos cardumes; habitam desde mangues, estuários e bancos de algas, a fundos rochosos e coralinos, preferencialmente em águas mais turvas. Como as demais espécies da família, o nado é lento. Vorazes, alimentam-se de invertebrados variados, especialmente equinodermos, moluscos com conchas, além de pequenos peixes e algas. Diurnos, curiosos e ativos, durante à noite repousam no fundo entre algas e em frestas, eventualmente enterrados no sedimento. A reprodução ocorre de outubro a janeiro no sudeste do Brasil; os ovos são demersais e aderentes e as larvas se transformam em jovens com cerca de 5 ou 6 mm (CT).

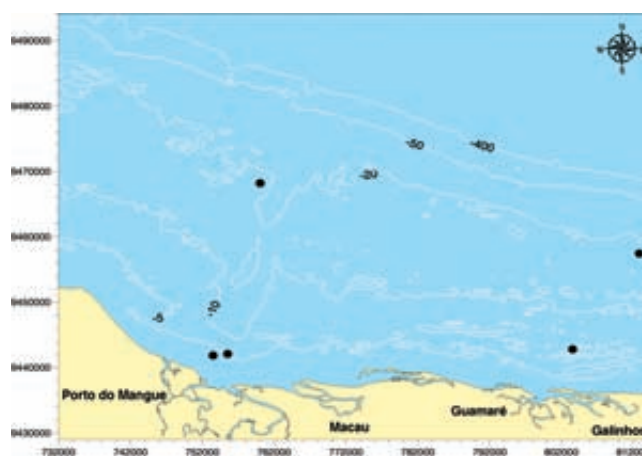
Distribuição Geográfica

Atlântico Ocidental, de Belize, na América Central e Jamaica, no Caribe, a Santa Catarina.

Material Coletado

7 exemplares; com comprimento padrão variando de 5,5 a 20,5 cm.

Ocorrência na Bacia Potiguar - RN



Literatura

Cervigon, 1996; Oliveira & Freitas, 1998; Vasconcelos-Filho *et al.*, 1998; Carvalho-Filho, 1999; Menezes & Figueiredo, 2000; Humann & Deloach, 2002; Rocha *et al.*, 2002; Schultz *et al.*, 2002; Leis In: Carpenter, 2002; Moura & Castro, 2002; McEachran & Feckhelm, 2005; Feitoza *et al.*, 2005; Lyczkowsky-shultz *et al.* In: Richards, 2006; Gasparini & Floeter In: Carvalho-Filho (in prep).

Sphoeroides spengleri

(Bloch, 1785)

TETRAODONTIDAE

Nome Popular: Baiacú pinima

Diagnose

Nadadeira dorsal com 8 raios, anal com 7 raios, peitoral com 13 a 15 raios (geralmente 13). Similar à *Sphoeroides greeleyi* diferenciando-se pela presença de espículas apenas em pequena área no dorso e por todo ventre, pelas numerosas abas dérmicas pálidas na parte posterior dos flancos e dorso, e pela cor: dorso marrom a cinza, com algumas grandes

manchas negras; ventre branco ou amarelado; parte inferior dos flancos com uma série de 11 a 14 manchas negras arredondadas muito distintas, do queixo à base da cauda; freqüentemente com pequenas manchas azuis no dorso. Atinge 30 cm (CT) e 0,1 kg (PT).

Jovem



3 cm

Hábitat e Comportamento

Semelhantes à *Sphoeroides greeleyi*, todavia são mais comuns em regiões de recifes e bancos de algas, entre 2 e 70 metros de profundidade. Geralmente de hábitos solitários, não são ariscos e são muito comuns no sudeste do Brasil e mais raros no nordeste. Alimentam-se de invertebrados bentônicos, especialmente de moluscos e equinodermos. A reprodução é aparentemente semelhante à *Sphoeroides greeleyi*.

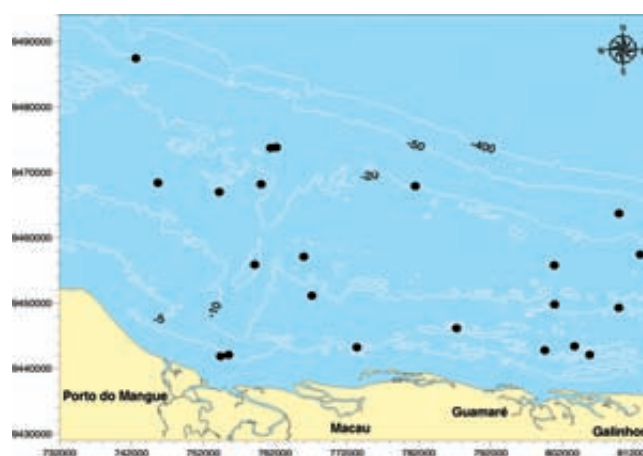
Distribuição Geográfica

Atlântico Ocidental, de Massachusetts (EUA) e Bermudas a Santa Catarina.

Material Coletado

130 exemplares; com comprimento padrão variando de 3 a 20,5 cm.

Ocorrência na Bacia Potiguar - RN



Literatura

Cervigon, 1996; Oliveira & Freitas, 1998; Vasconcelos-Filho *et al.*, 1998; Carvalho-Filho, 1999; Menezes & Figueiredo, 2000; Humann & Deloach, 2002; Rocha *et al.*, 2002; Schultz *et al.*, 2002; Leis In: Carpenter, 2002; Moura & Castro, 2002; McEachran & Fechhelm, 2005; Feitoza *et al.*, 2005; Lyczkowsky-shultz *et al.* In: Richards, 2006; Gasparini & Floeter In: Carvalho-Filho (in prep).

Sphoeroides testudineus (Linnaeus, 1758)

TETRAODONTIDAE

Nome Popular: Baiacú pintado

Diagnose

Nadadeira dorsal com 8 raios, anal com 7 raios e peitoral geralmente com 15 raios. Semelhante à *Sphoeroides greeleyi*, mas com pequenos espinhos em volta da peitoral e sem abas dérmicas; espículas presentes por todo o corpo, mas geralmente embebidas na pele e não aparentes. Cor da porção superior variando de verde escuro a marrom ou negro, com linhas amareladas ou brancas formando

malhas poligonais; uma ou duas linhas claras transversais entre os olhos; pequenas manchas arredondadas negras, nas áreas escuras do dorso e espalhadas nos flancos inferiores, irregulares no tamanho e posição; ventre branco a amarelado; nadadeira caudal escura com uma faixa clara vertical mediana. Atinge 39 cm (CT) e 0,4 kg (PT).

Adulto



Hábitat e Comportamento

Semelhante à *Sphoeroides greeleyi*, mas ocorrendo também em rios. Provavelmente é a espécie mais comum do gênero do litoral brasileiro. Formam pequenos cardumes. Alimentam-se principalmente de equinodermos, moluscos e em menor escala, de crustáceos, poliquetas, algas e restos de fragmentos vegetais. No crepúsculo enterram-se quase totalmente na areia fina, próximos às formações rochosas ou raízes de mangue, onde pernoitam apenas com os olhos de fora.

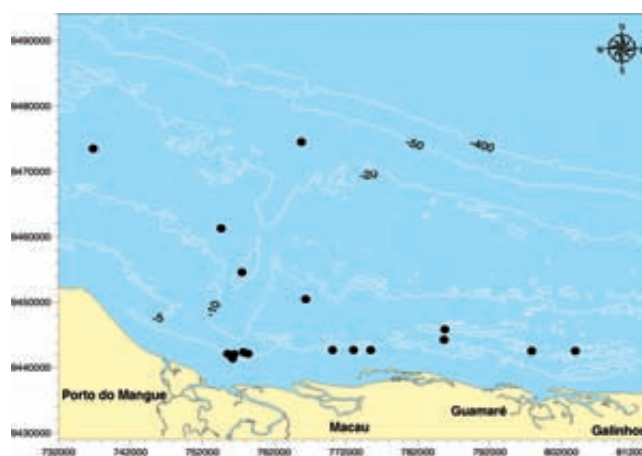
Distribuição Geográfica

Atlântico Ocidental, de Nova Jersey (EUA) a Santa Catarina.

Material Coletado

30 exemplares; com comprimento padrão variando de 7 a 17 cm.

Ocorrência na Bacia Potiguar - RN



Literatura

Cervigon, 1996; Oliveira & Freitas, 1998; Vasconcelos-Filho *et al.*, 1998; Carvalho-Filho, 1999; Menezes & Figueiredo, 2000; Humann & Deloach, 2002; Rocha *et al.*, 2002; Schultz *et al.*, 2002; Leis In: Carpenter, 2002; Moura & Castro, 2002; McEachran & Fechhelm, 2005; Feitoza *et al.*, 2005; Lyczkowsky-shultz *et al.* In: Richards, 2006; Gasparini & Floeter In: Carvalho-Filho (in prep).

Nome Popular: Baiacú mirim

Diagnose

Nadadeira dorsal com 8 raios, anal com 7 raios, peitoral com 14 a 16 raios (geralmente 15 ou 16). Similar à *Sphoeroides greeleyi*, mas além das espículas no dorso, desde o focinho até a região próxima da nadadeira dorsal e no ventre, também nos flancos, das faces até a região próxima da nadadeira anal; abas dérmicas presentes e pálidas na porção posterior e inferior da região colorida

do corpo. Cor cinza claro a bege, com algumas manchas escuras, freqüentemente interligadas por linhas estreitas, manchas pálidas no dorso e parte superior dos flancos; manchas escuras indistintas, eventualmente formam uma série irregular ao longo da parte inferior do flanco; queixo com laterais negras e uma região mediana pálida; ventre pálido. Atinge 15 cm (CT).

Jovem



3 cm

Hábitat e Comportamento

Raros, de águas costeiras, em fundos de cascalho, esponjas, entre 5 e 80 metros de profundidade. Alimentam-se de crustáceos, moluscos e equinodermos. Outros hábitos e comportamentos são desconhecidos.

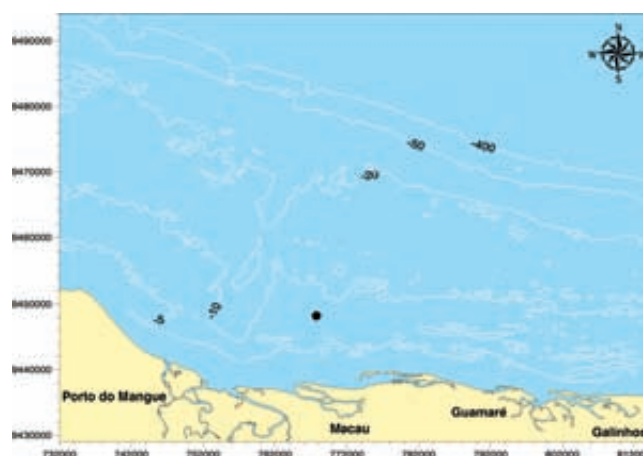
Distribuição Geográfica

Atlântico Ocidental, da Colômbia a Santa Catarina.

Material Coletado

1 exemplar; com comprimento padrão de 11 cm.

Ocorrência na Bacia Potiguar - RN



Literatura

Cervigon, 1996; Oliveira & Freitas, 1998; Vasconcelos-Filho *et al.*, 1998; Carvalho-Filho, 1999; Menezes & Figueiredo, 2000; Humann & Deloach, 2002; Rocha *et al.*, 2002; Schultz *et al.*, 2002; Leis In: Carpenter, 2002; Moura & Castro, 2002; McEachran & Fechhelm, 2005; Feitoza *et al.*, 2005; Lyczkowsky-shultz *et al.* In: Richards, 2006; Gasparini & Floeter In: Carvalho-Filho (in prep).

Chilomycterus spinosus (Linnaeus, 1758)

DIODONTIDAE

Nome Popular: Baiacú de espinho

Diagnose

Nadadeira dorsal com 10 a 12 raios; anal com 10 a 11 raios; peitoral com 21 a 23 raios; caudal geralmente com 9 raios. Corpo robusto, capaz de inflar e aumentar de tamanho, recoberto por espinhos eretos, fixos e com 3 raízes; ausência de espinho no pedúnculo caudal; tentáculos acima dos olhos ausentes ou pequenos, menores que o olho; presença de 4 a 10 cirros dérmicos no maxilar inferior.

Cor cinza no dorso e com manchas amarelas difusas, mais evidentes na parte inferior do corpo; três manchas negras, marginadas de pálido, uma acima da peitoral, uma sob esta e a terceira na base da dorsal; uma mancha escura e alongada sob o olho (raramente duas); nadadeiras sem machas. Jovens praticamente negros com manchas amarelas muito evidentes. Atinge 30 cm (CT).

Adulto



Hábitat e Comportamento

Comuns em águas rasas e costeiras, da superfície a 190 metros de profundidade, em fundos variados desde mangues e estuários a praias abertas, ilhas, recifes rochosos, coralinos e bancos de algas. Alimentam-se invertebrados bentônicos como crustáceos e ouriços. Hábitos diurnos. Reproduzem-se ao longo do ano com picos no verão e inverno; os ovos são demersais e se espalham pelo fundo sem grandes cuidados; a eclosão é rápida, as larvas integram o zooplâncton; com cerca de 1 cm (CT). Com poucos meses de vida os jovens assentam próximos ao substrato. Possuem projeções dérmicas nas pontas dos espinhos anteriores e quando assustados inflam o corpo com água ou mesmo ar, afastando os predadores pelo aumento de tamanho e exposição dos espinhos.

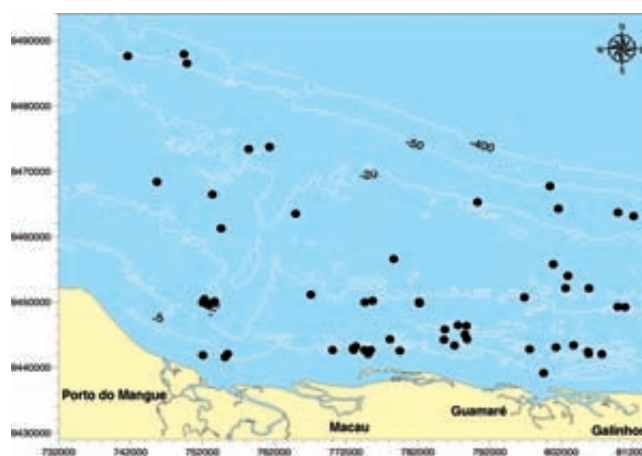
Distribuição Geográfica

Atlântico, no Ocidental desde o Ceará a Argentina.

Material Coletado

102 exemplares; com comprimento padrão variando de 5 a 26 cm.

Ocorrência na Bacia Potiguar - RN



Literatura

Cervigon, 1996; Carvalho-Filho, 1999; Menezes & Figueiredo, 2000; Humann & Deloach, 2002; Leis In: Carpenter, 2002; McEachran & Fechhelm, 2005; Lyczkowsky-shultz *et al.* In: Richards, 2006.

Nome Popular: Baiacú de espinho

Diagnose

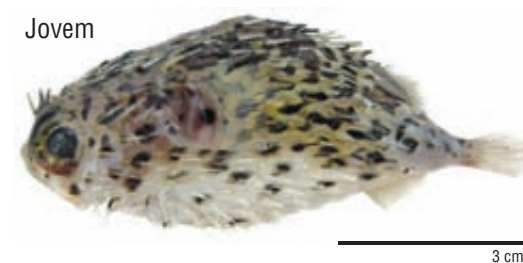
Nadadeira dorsal e anal com 13 a 15 espinhos; peitoral com 20 a 24 raios. Similar em formato à *Chilomycterus spinosus*, mas com espinhos longos e móveis, eretos apenas com o corpo inflado, e com 2 raízes; 12 a 15 espinhos do maxilar ao ânus; sem espinhos no pedúnculo caudal; espinhos do alto da cabeça mais longos que os do corpo. Cor cinza ao marrom com grandes manchas irregulares escuras na base

da dorsal, na porção superior, entre a base da peitoral e da dorsal, acima da peitoral e acima e abaixo do olho, por vezes no espaço inter-orbital; flanco mais claro, com pequenas manchas negras; ventre branco a amarelado; nadadeiras transparentes. Jovens semelhantes aos adultos, com as manchas mais numerosas e escuras. Atinge 50 cm (CT).

Adulto



Jovem



Hábitat e Comportamento

De maneira geral como *Chilomycterus spinosus*, mas com preferência por áreas recifais, sendo também observados nas ilhas oceânicas. Geralmente solitários, raramente em pequenos cardumes. Alimentam-se principalmente de crustáceos. Quando ainda pelágicos com aproximadamente 9 cm (CT) formam enormes cardumes, sendo presas de muitas espécies de peixes oceânicos.

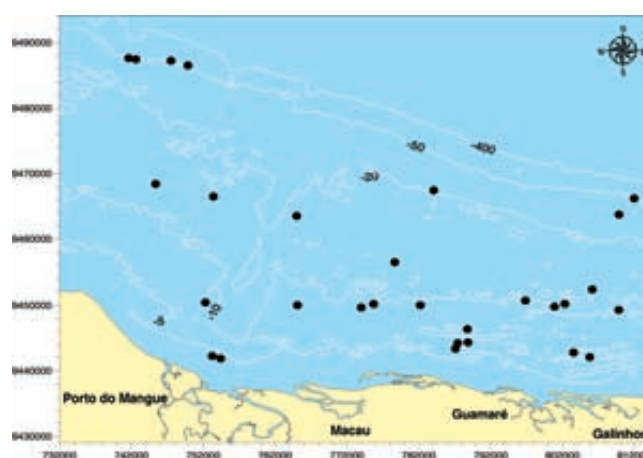
Distribuição Geográfica

Circuntropical, no Atlântico Ocidental de Nova Jersey (EUA) ao sul do Brasil, incluindo as ilhas oceânicas brasileiras.

Material Coletado

144 exemplares; com comprimento padrão variando de 5 a 20 cm.

Ocorrência na Bacia Potiguar - RN



Literatura

Cervigon, 1996; Carvalho-Filho, 1999; Menezes & Figueiredo, 2000; Humann & Deloach, 2002; Leis In: Carpenter, 2002; McEachran & Fechhelm, 2005; Lyczkowsky-shultz *et al.* In: Richards, 2006.



Número de indivíduos das espécies de peixes coletados durante o projeto “Caracterização e Monitoramento Ambiental da Bacia Potiguar”.

Família	Espécie	Campanha 1	Campanha 2	Campanha 3	Campanha 4	Total
Carcharhinidae	<i>Rhizoprionodon porosus</i>				1	1
Narcinidae	<i>Narcine bancrofti</i>		2	12	6	20
Narcinidae	<i>Narcine</i> sp.				1	1
Rhinobatidae	<i>Rhinobatos percellens</i>	4	13	26	9	52
Dasyatidae	<i>Dasyatis guttata</i>	6	1	18	7	32
Dasyatidae	<i>Dasyatis marianae</i>	10	34	14	11	69
Gymnuridae	<i>Gymnura micrura</i>	2	1	10	1	14
Albulidae	<i>Albula vulpes</i>			6	13	19
Muraenidae	<i>Channomuraena vittata</i>			1		1
Muraenidae	<i>Gymnothorax moringa</i>	1	1	2	2	6
Muraenidae	<i>Gymnothorax vicinus</i>	1	5	9	9	24
Engraulidae	<i>Lycengraulis grossidens</i>	4	17	11	72	104
Pristigasteridae	<i>Chirocentrodon bleekermanus</i>			5	1	6
Pristigasteridae	<i>Pellona harroweri</i>				1	1
Clupeidae	<i>Opisthonema oglinum</i>	1	422	72	32	527
Ariidae	<i>Aspistor luniscutis</i>		5			5
Ariidae	<i>Bagre bagre</i>		4			4
Ariidae	<i>Bagre marinus</i>	1	39	29		69
Synodontidae	<i>Synodus foetens</i>	7	32	6	27	72
Synodontidae	<i>Synodus intermedius</i>		12	2	10	24
Synodontidae	<i>Trachinocephalus myops</i>	46	49	28	74	197
Ophidiidae	<i>Lepophidium</i> cf. <i>brevibarbe</i>				1	1
Ophidiidae	<i>Ophidion</i> cf. <i>holbrookii</i>			1	3	4
Batrachoididae	<i>Porichthys plectrodon</i>				1	1
Batrachoididae	<i>Thalassophryne nattereri</i>		1	1	8	10
Antennariidae	<i>Antennarius multiocellatus</i>		2	2		4
Antennariidae	<i>Antennarius striatus</i>	1				1
Ogcocephalidae	<i>Ogcocephalus vespertilio</i>	1	7	2	5	15
Exocoetidae	<i>Cheilopogon cyanopterus</i>				1	1
Exocoetidae	<i>Cheilopogon melanurus</i>		1			1
Holocentridae	<i>Holocentrus ascensionis</i>		32	42	16	90
Holocentridae	<i>Myripristis jacobus</i>		2			2
Syngnathidae	<i>Hippocampus</i> aff. <i>erectus</i>			2	6	8
Syngnathidae	<i>Hippocampus reidi</i>		2		3	5
Syngnathidae	<i>Micrognathus</i> sp.			1		1
Fistulariidae	<i>Fistularia tabacaria</i>	1	8	3	4	16
Dactylopteridae	<i>Dactylopterus volitans</i>	189	8	21	335	553

Família	Espécie	Campanha 1	Campanha 2	Campanha 3	Campanha 4	Total
Scorpaenidae	<i>Scorpaena brasiliensis</i>	1	4	6	50	61
Scorpaenidae	<i>Scorpaena isthmensis</i>		8	16	41	65
Scorpaenidae	<i>Scorpaena plumieri</i>	1	4	1	7	13
Triglidae	<i>Prionotus punctatus</i>	6	58	26	91	181
Centropomidae	<i>Centropomus undecimalis</i>		1			1
Serranidae	<i>Alphestes afer</i>		4	3	23	30
Serranidae	<i>Cephalopholis fulva</i>		2		5	7
Serranidae	<i>Diplectrum formosum</i>	18	25	22	54	119
Serranidae	<i>Paralabrax dewegeri</i>	1				1
Serranidae	<i>Serranus annularis</i>			1	1	2
Serranidae	<i>Serranus baldwini</i>				1	1
Serranidae	<i>Serranus flaviventris</i>		1	1		2
Priacanthidae	<i>Heteropriacanthus cruentatus</i>		10	1		11
Priacanthidae	<i>Pristigenys alta</i>			1		1
Apogonidae	<i>Apogon quadrisquamatus</i>		15	1	4	20
Apogonidae	<i>Phaeoptyx pigmentaria</i>			7	3	10
Echeneidae	<i>Echeneis naucrates</i>	1	1	1	2	5
Carangidae	<i>Carangoides bartholomaei</i>	1	10		7	18
Carangidae	<i>Caranx latus</i>		7		1	8
Carangidae	<i>Chloroscombrus chrysurus</i>	12	33	2	77	124
Carangidae	<i>Decapterus punctatus</i>		18	4	2	24
Carangidae	<i>Selar crumenophthalmus</i>		2			2
Carangidae	<i>Selene brownii</i>		5	10	3	18
Carangidae	<i>Selene vomer</i>		18	7	1	26
Lutjanidae	<i>Lutjanus alexandrei</i>		3		2	5
Lutjanidae	<i>Lutjanus analis</i>	15	2	3	21	41
Lutjanidae	<i>Lutjanus jocu</i>		1			1
Lutjanidae	<i>Lutjanus synagris</i>	3	393	141	368	905
Lutjanidae	<i>Ocyurus chrysurus</i>		13	31	10	54
Lutjanidae	<i>Rhomboplites aurorubens</i>			1		1
Gerreidae	<i>Diapterus auratus</i>			1		1
Gerreidae	<i>Diapterus rhombeus</i>			1	8	9
Gerreidae	<i>Eucinostomus argenteus</i>	60	442	317	1215	2034
Gerreidae	<i>Eucinostomus gula</i>				34	34
Gerreidae	<i>Eucinostomus melanopterus</i>			2	1	3
Haemulidae	<i>Anisotremus virginicus</i>		5	2	4	11
Haemulidae	<i>Conodon nobilis</i>	2	10	11	7	30
Haemulidae	<i>Genyatremus luteus</i>		28			28
Haemulidae	<i>Haemulon aurolineatum</i>		1517	616	1280	3413
Haemulidae	<i>Haemulon parra</i>	1	2	11	8	22
Haemulidae	<i>Haemulon plumieri</i>		94	158	274	526
Haemulidae	<i>Haemulon squamipina</i>		13		3	16

Família	Espécie	Campanha 1	Campanha 2	Campanha 3	Campanha 4	Total
Haemulidae	<i>Haemulon steindachneri</i>	8	132	184	106	430
Haemulidae	<i>Orthopristis ruber</i>	20	76	91	107	294
Haemulidae	<i>Pomadasys corvinaeformis</i>	356	584	803	1387	3130
Sparidae	<i>Archosargus probatocephalus</i>		5			5
Sparidae	<i>Archosargus rhomboidalis</i>			17	6	23
Sparidae	<i>Calamus calamus</i>				1	1
Sparidae	<i>Calamus penna</i>				1	1
Sparidae	<i>Calamus pennatula</i>	2	27	35	24	88
Polynemidae	<i>Polydactylus virginicus</i>		12	13		25
Sciaenidae	<i>Cynoscion acoupa</i>		1	1	10	12
Sciaenidae	<i>Cynoscion leiarchus</i>		1			1
Sciaenidae	<i>Larimus breviceps</i>	2	110	97	11	220
Sciaenidae	<i>Macrodon ancylodon</i>	1				1
Sciaenidae	<i>Menticirrhus americanus</i>	14	91	125	68	298
Sciaenidae	<i>Micropogonias furnieri</i>			7	51	58
Sciaenidae	<i>Odontoscion dentex</i>		1	1		2
Sciaenidae	<i>Paralonchurus brasiliensis</i>		1			1
Sciaenidae	<i>Pareques acuminatus</i>		4	1	6	11
Sciaenidae	<i>Stellifer stellifer</i>		1			1
Mullidae	<i>Pseudupeneus maculatus</i>	11	121	27	262	421
Chaetodontidae	<i>Chaetodon ocellatus</i>		5	15	11	31
Chaetodontidae	<i>Chaetodon striatus</i>		3	9	3	15
Pomacanthidae	<i>Holacanthus ciliaris</i>		2		1	3
Pomacanthidae	<i>Holacanthus tricolor</i>				1	1
Pomacanthidae	<i>Pomacanthus paru</i>		1	7	7	15
Pomacentridae	<i>Chromis multilineata</i>				31	31
Pomacentridae	<i>Stegastes fuscus</i>				1	1
Labridae	<i>Halichoeres poeyi</i>		2		6	8
Labridae	<i>Xyrichtys novacula</i>	2			6	8
Scaridae	<i>Cryptotomus roseus</i>				7	7
Scaridae	<i>Nicholsina usta</i>				3	3
Scaridae	<i>Sparisoma frondosum</i>		4			4
Scaridae	<i>Sparisoma radians</i>		13	42	113	168
Labrisomidae	<i>Labrisomus nuchipinnis</i>		1		2	3
Callionymidae	<i>Callionymus bairdi</i>			2		2
Gobiidae	<i>Ctenogobius saepepallens</i>				1	1
Ephippidae	<i>Chaetodipterus faber</i>	4	24	28	17	73
Acanthuridae	<i>Acanthurus bahianus</i>				1	1
Acanthuridae	<i>Acanthurus chirurgus</i>		17	10	4	31
Sphyraenidae	<i>Sphyraena guachancho</i>		11	4	21	36
Scombridae	<i>Scomberomorus brasiliensis</i>			1	2	3
Bothidae	<i>Bothus lunatus</i>	41	79	4	24	148

Família	Espécie	Campanha 1	Campanha 2	Campanha 3	Campanha 4	Total
Bothidae	<i>Bothus ocellatus</i>	501	53	565	1048	2167
Bothidae	<i>Bothus robinsi</i>	22	15	22	48	107
Paralichthyidae	<i>Citharichthys macrops</i>	2	6	10	1	19
Paralichthyidae	<i>Cyclopsetta fimbriata</i>			1		1
Paralichthyidae	<i>Etropus crossotus</i>		2	6	13	21
Paralichthyidae	<i>Paralichthys brasiliensis</i>	1	2		3	6
Paralichthyidae	<i>Syacium micrurum</i>	162	265	150	641	1218
Paralichthyidae	<i>Syacium papillosum</i>	1	29	165	46	241
Achiridae	<i>Achirus lineatus</i>	5	35	46	56	142
Achiridae	<i>Trinectes paulistanus</i>	1	2	6	6	15
Cynoglossidae	<i>Symphurus diomedianus</i>		4		16	20
Cynoglossidae	<i>Symphurus plagusia</i>			2	4	6
Balistidae	<i>Balistes vetula</i>				1	1
Monacanthidae	<i>Aluterus heudelotii</i>		1			1
Monacanthidae	<i>Aluterus monoceros</i>			25	8	33
Monacanthidae	<i>Aluterus schoepfii</i>			12	26	38
Monacanthidae	<i>Aluterus scriptus</i>		1			1
Monacanthidae	<i>Monacanthus ciliatus</i>	13	19	200	333	565
Monacanthidae	<i>Stephanolepis hispidus</i>		41		1	42
Monacanthidae	<i>Stephanolepis setifer</i>			1		1
Ostraciidae	<i>Acanthostracion polygonius</i>		42	29	23	94
Ostraciidae	<i>Acanthostracion quadricornis</i>	9	71	66	84	230
Ostraciidae	<i>Lactophrys trigonus</i>	9	2	8	5	24
Tetraodontidae	<i>Canthigaster figueiredoi</i>			1	1	2
Tetraodontidae	<i>Lagocephalus laevigatus</i>			1		1
Tetraodontidae	<i>Sphoeroides dorsalis</i>				2	2
Tetraodontidae	<i>Sphoeroides greeleyi</i>		3		4	7
Tetraodontidae	<i>Sphoeroides spengleri</i>		16	25	89	130
Tetraodontidae	<i>Sphoeroides testudineus</i>		7	8	15	30
Tetraodontidae	<i>Sphoeroides tyleri</i>				1	1
Diodontidae	<i>Chilomycterus spinosus</i>	19	10	25	48	102
Diodontidae	<i>Diodon holocanthus</i>	1	48	11	84	144
Total		1604	5452	4640	9177	20873

Adiposa – nadadeira adiposa, geralmente pequena, situada entre as nadadeiras dorsal e caudal, não possui raios nem espinhos.

Anal – nadadeira anal, situada após o ânus ao longo do perfil inferior do corpo do peixe.

Anêmona – invertebrado cnidário geralmente de hábito de vida solitário, apresenta corpo tubular e boca circundada por coroa de tentáculos.

Arco branquial – estrutura esquelética que suporta os filamentos branquiais e os rastros.

Axila – área proximal interna das nadadeiras peitorais.

Banco de fanerógamas – comunidade de plantas com sementes, caracteriza-se por uma espécie-chave ou grupo taxonomicamente relacionado dominante.

Barbilhão – apêndice sensorial geralmente estreito, situado ao redor da boca, queixo ou focinho.

Bentos – conjunto de organismos associados com o fundo do mar.

Bentônico – organismo que pertence ou vive no bentos.

Bexiga natatória – estrutura corporal interna para a flutuação em peixes ósseos, preenchida por gás.

Camuflagem – mecanismo de dissimulação de um animal em seu ambiente através de coloração, forma e comportamento críptico.

Canino – dente estreito e pontudo, geralmente distinto dos demais.

Caudal – nadadeira caudal, situada na extremidade posterior do corpo do peixe, responsável pelo deslocamento da maioria destes animais.

Celenterado – invertebrados de corpos gelatinosos, no caso os de hábito pelágico, como as medusas (cnidários) e águas-vivas de pente (ctenóforos).

Circuntropical – táxon presente em todos os mares tropicais.

Cirros – apêndices dérmicos, filiformes e pequenos, situados na cabeça.

Comprimento padrão – medida que vai da ponta do focinho até a base da nadadeira caudal (na região da última vértebra evidenciada por uma dobra formada ao se curvar a nadadeira caudal para os lados)

Comprimido – corpo achatado lateralmente.

Coral – invertebrados cnidários, em forma de pólipos, que secretam carbonato de cálcio, sendo capazes de construir os verdadeiros recifes coralinos.

Decápodes – crustáceos com 10 pares de patas, onde os mais comuns são camarões, caranguejos, siris, lagostas.

Demersal – organismo que vive relacionado ao fundo, possuindo eficiente capacidade de natação.

Deprimido – corpo achatado dorso-ventralmente.

Dimorfismo sexual – condição em que os dois sexos são morfologicamente distintos, com exceção da genitália.

Dorsal – nadadeira dorsal, situada no perfil superior do corpo do peixe.

Emarginada – forma côncava utilizada para descrever a forma da margem posterior da nadadeira, geralmente da caudal.

Endêmica – táxon nativo e restrito a uma determinada área geográfica.

Epífita – planta não parasita, que cresce sobre outra planta.

Equinodermos – animais marinhos representados pelos ouriços, estrelas-do-mar, ofiúros e pepinos-do-mar.

Escamas ciclóides – escamas com bordas lisas e macias.

Escamas ctenóides – escamas com bordas ásperas, com presença de minúsculos espinhos.

Escudo – escama ou placa óssea modificada e diferenciada quando comparada às demais.

Espiráculo – abertura situada atrás do olho, conectando o meio externo à faringe, de grande importância para a respiração das raia.

Espanjas – animais invertebrados, com o corpo construído em torno de um sistema de canais hídricos, sedentários, marinhos ou de água doce, ocorrem desde áreas rasas até grandes profundidades.

Falcada – forma da nadadeira que tem uma de suas bordas externas em longo arco.

Filamentoso – prolongamento estreito e muito longo.

Flancos – porções laterais do corpo do peixe.

Fossa occipital – cavidade evidente no topo da cabeça.

Fotóforo – órgão emissor de luz.

Furcada – divisão acentuada da nadadeira caudal em lobos distintos, formando um ângulo fechado.

Fusiforme – forma de torpedo, com a cabeça e o pedúnculo caudal mais estreitos que o restante do corpo.

Gorgônia – octocoral, invertebrados cnidários, e quase sempre apresentam formato arborescente.

Ilício – espinho anterior da nadadeira dorsal, situado no alto da cabeça ou focinho, isolado e alongado, exibindo ou não um apêndice carnoso.

Isópodes e copépodes parasitas – crustáceos, no caso, ecto-parasitas de peixes e outros vertebrados.

Lanceolado – nadadeira em forma de ponta de lança.

Leptocefálico – forma larval alongada, comprimida e transparente.

Linha lateral – órgão sensorial mecanorreceptor, situado na região lateral do corpo dos peixes, com poros mantendo o contato com o meio externo.

Lobo – prolongamento.

Lunada – forma côncava acentuada, formando um semicírculo.

Medusas – invertebrados cnidários pelágicos.

Membrana branquiostegal – membrana situada debaixo do opérculo que ajuda a fechar, centralmente, a câmara branquial.

Ocelo – mancha de forma circular que lembra um olho.

Ofiúro – invertebrados marinhos que pertencem ao grupo dos equinodermos.

Onívoro – organismo que se alimenta de itens de origens distintas, como itens de origem animal e vegetal.

Opérculo – osso ou placa de tecidos que recobre as brânquias, geralmente com espinhos ou projeções nas bordas.

Ovovivíparo – animal que mantém os ovos retidos nos órgãos genitais até sua eclosão.

Palatino – par de ossos situado no céu da boca, um de cada lado, entre o maxilar e a região mediana do céu da boca.

Pedúnculo caudal – porção do corpo do peixe localizada entre a parte posterior das nadadeiras anal e dorsal, seguindo até a base da nadadeira caudal, geralmente é mais estreita que o restante do corpo do peixe. Muitas vezes apresenta quilhas e pínulas.

Peitoral – nadadeiras peitorais (duas), cada uma situada após a abertura branquial, no flanco dos peixes, podendo estar inserida na porção inferior.

Pelágico – organismo que vive em meio líquido - na coluna d'água - nadador ativo ou flutuante.

Pélvica – nadadeiras pélvicas (duas), cada uma geralmente situadas em posição ventral. Pode estar inserida em região mais anterior ou mais posterior no corpo do peixe.

Pínula – pequenas nadadeiras isoladas, situadas após a nadadeira dorsal e/ou anal, cada uma constituída por um único raio, pode ocorrer apenas uma ou várias, em série.

Planctônico – que vive no plâncton, que é um conjunto de organismos que vivem em suspensão flutuando livremente ou com movimentos fracos, no caso, em águas marinhas.

Poliqueta – maior e mais diversificada classe de anelídeos. Possuem o corpo segmentado, com várias cerdas por segmento.

Pré-opérculo – osso da face imediatamente anterior ao opérculo e geralmente sua margem externa está separada do opérculo por uma depressão.

Quilha – crista dérmica lateral no pedúnculo caudal. Tem como função o reforço do pedúnculo, diminuindo a turbulência do arrasto durante o deslocamento do peixe.

Rastros – expansões dos arcos branquiais, opostos aos filamentos branquiais, numerosos ou esparsos, filtram água e retém alimento. Podem ser firmes e curtos ou flexíveis e longos.

Rombóide – forma romboidal.

Rostro – extensão anterior à boca, focinho.

Truncada – margem da nadadeira reta.

Tunicado – invertebrados bentônicos que possuem notocorda, marinhos de vida livre, solitários ou coloniais (eg. ascídias).

Viliformes – dentes próximos e irregulares, com projeções numerosas muito próximas.

Vômer – osso da região central do céu da boca, geralmente apresenta dentes na porção anterior.

Zooplâncton – comunidade animal do plâncton.

Bibliografias consultadas

Ab'Saber, A.N.; Tundisi, J.G.; Forneris, L.; Marino, M.C.; Rocha, O.; Novelli, Y.S.; Vuono, Y.S.; Watanabe, S.; Batalha, B. & Eiten, G. **Glossário de Ecologia**. 2ª ed. São Paulo: ACIESP, 1997, v. único. 351 p.

Barnes, R.S.K.; Calow, P. & Olive, P.J.W. 1995. **Os invertebrados, uma nova síntese**. 2ª ed. Editora Atheneu, São Paulo, SP. 526 p.

Carvalho-Filho, A. 1999. **Peixes: costa brasileira**. 3ª ed., Ed. Melro, São Paulo - SP. 320 p.

Hostim-Silva, M; Andrade, A.B.; Machado, L.F.; Gerhardinger, L.C.; Daros, F.A.; Barreiros, J.P. & Godoy, E. 2006. **Peixes de costão rochoso de Santa Catarina. I. Arvoredo**. Itajaí, Universidade do Vale do Itajaí. 134 p.

Pough, F.H.; Janis, C.M. & Heiser, J.B. 2003. **A vida dos vertebrados**. 3ª ed. Editora Atheneu. São Paulo - SP. 699 p.

Raven, P.H.; Evert, R.F. & Curtis, H. 1976. **Biologia vegetal**. 2ª ed., Editora Guanabara, Rio de Janeiro - RJ. 724 p.

Ruppert, E.E. & Barnes, R.D. 1996. **Zoologia dos invertebrados**. 6ª ed. Editora Roca, São Paulo - SP. 1029 p.



Referências bibliográficas

- Aguiar, J.B.S. & M.J.B. Filomeno, 1995. Hábitos alimentares de *Orthopristis ruber* (Cuvier, 1830), (Osteichthyes Haemulidae) na Lagoa da Conceição – SC, Brasil. **Biotemas** 8(2): 41-49.
- Almeida, Z.S., V. Fonseca-Genevois & A.L. Vasconcelos-Filho, 1997. Alimentação de *Achirus lineatus* (Teleostei, Pleuronectiformes: Achiridae) em Itapissuma – PE. **Bol. Lab. Hidrobiol.** (10): 79-95.
- Anderson, W.W., J.W. Gehringer & F.H. Berry, 1966. **Family Synodontidae. In: Fishes of the Western North Atlantic** 1(5): 30-102. Memoirs Sears Found. Mar. Res. Yale University, New Haven.
- Andrade, H.A., 2004. Age and growth of the searobin (*Prionotus punctatus*) in Brazilian waters. **Bulletin of Marine Science**, 75(1): 1-9.
- Araújo, J.N. & Martins, A.S. 2006. Age and growth of coney (*Cephalopholis fulva*), from the central coast of Brazil. **J. Mar. Biol. U.K.** 86(4946): 1-5.
- Barja, P. & M.F. Andrade-Tubino, 2005. Biologia populacional de *Orthopristis ruber* (Cuvier, 1830) (Teleostei, Haemulidae) da baía de Guanabara, estado do Rio de Janeiro. **II Congresso Brasileiro de Oceanografia**, Vitória, ES.
- Bastos, C.M.L.F., 1999. Aspectos do comportamento alimentar de *Menticirrhus americanus* (Teleostei; Sciaenidae). **Revista Monte Serrat** 1(1): 24-33.
- Böhlke, J.E. & C.C.G. Chaplin, 1993. **Fishes of the Bahamas and adjacent tropical waters**. 2ª ed. University of Texas, Austin. 771p.
- Bradbury, M.G., 1980. A revision of the fish genus *Ogcocephalus* with descriptions of new species from the Western Atlantic Ocean (Ogcocephalidae; Lophiiformes). **Proceedings of the Cal. Acad. of Sciences**. 42 (7): 229-285.
- Braga, F.M.S & M.A.A.S. Braga, 1987. Estudo do hábito alimentar de *Prionotus punctatus* (Bloch, 1797) (Teleostei, Triglidae), na região da Ilha Anchieta, Estado de São Paulo, Brasil. **Rev. Brasil. Biol.** 47(1/2): 31-36.
- Bullock, L.H. & G.B. Smith, 1991. **Seabasses (Pisces: Serranidae) In: Memoirs of the Hourglass Cruises**. Vol. VIII, Part II. Florida Mar. Res. Inst., Dept. of Natural Resources. St. Petersburg, Fla. 243 p.
- Carpenter, K.E., 2002. **The living marine resources of the Western Central Atlantic**. FAO Species Identification Guide for Fishery Purposes and American Society of Ichthyologists and Herpetologists Special Publication No. 5. Vols 1-3. Rome, FAO. 2127 p.
- Carvalho-Filho, A. 1999. **Peixes, Costa Brasileira**. 3ª. ed. Editora Melro, São Paulo. 320 p.
- Castro, J. I., 1983. **The sharks of North American waters**. Texas A&M University Press. 180 p.
- Cavalcanti, M.J. & P.R.D. Lopes, 1998. Variação geográfica de caracteres quantitativos em *Ogcocephalus vespertilio* (Linnaeus) (Teleostei, Lophiiformes, Ogcocephalidae). **Revista Brasileira de Zoologia**, 15(1): 125-134.
- Cervigón, F. & A. Alacalá, 1999. **Los peces marinos de Venezuela**, 2ª. edición, Vol. V, Tiburones y rayas. Fundación Museo del Mar, Caracas, Venezuela. 230 p.
- Cervigón, F., 1991. **Los peces marinos de Venezuela**, 2ª. edición, Vol. I. Fundación Científica Los Roques, Caracas, Venezuela. 425 p.
- Cervigón, F., 1993. **Los peces marinos de Venezuela**, 2ª. edición, Vol. II. Fundación Científica Los Roques, Caracas, Venezuela. 498 p.
- Cervigón, F., 1994. **Los peces marinos de Venezuela**, 2ª. edición, Vol. III. Fundación Científica Los Roques, Caracas, Venezuela. 295 p.
- Cervigón, F., 1996. **Los peces marinos de Venezuela**, 2ª. edición, Vol. IV. Fundación Científica Los Roques, Caracas, Venezuela. 255 p.
- Chao, N.L., 1978. A Basis for Classifying Western Atlantic Sciaenidae (Teleostei: Perciformes). **NOAA Technical Report Circular** 415: 1-64.

- Chaves, H.A.F.; Zembruski, S.G. & França, A.M.C. 1979. Introdução. Pages 11–23. In: H. A. F. Chaves, ed. **Geomorfologia da Margem Continental Brasileira e das Áreas Oceânicas Adjacentes**. Projeto REMAC, vol. 7. PETROBRAS, Rio de Janeiro.
- Chaves, P.T.C. & C.E. Corrêa, 2000. Temporary use of a costal ecosystem by the fish, *Pomadasys corvinaeformis* (Perciformes: Haemulidae), at Guaratuba Bay, Brazil. **Rev. Bras. Oceanogr.**, 48(1): 1-7.
- Chaves, P.T.C., 1998. Estrutura populacional de *Pomadasys corvinaeformis* (Steindachner) (Teleostei, Haemulidae) na Baía de Guaratuba, Paraná, Brasil. **Revta. Bras. Zool.** 15(1): 203-209.
- Compagno, L.J.V., 1984. FAO Species Catalogue, Vol. 4. **Sharks of the World. An Annotated and Illustrated Catalogue of Shark Species Known to Date, Part 2 – Carcharhiniformes**. FAO Fisheries Synopsis (125): 530-531.
- Compagno, L.J.V., 1988. **Sharks of the Order Carcharhiniformes**. Princeton University Press. 486 p.
- Compagno, L.J.V., M. Dando & S. Fowler, 2005. **Sharks of the World**. Collins Field Guide. 368 p.
- Costa, F.H.S., R.A. Petta, R.F.S., Lima & C.N., Medeiros, 2006. Determinação da Vulnerabilidade ambiental na Bacia Potiguar, região de Macau (RN), utilizando sistemas de informações geográficas. **Revista Brasileira de Cartografia**, 58(2): 119-127.
- Costa, P.S.R., M.A.M. Santos, M.F.A. Espínola & C. Monteiro-Neto, 1995. Biologia e biometria do coró, *Pomadasys corvinaeformis* (Steindachner) (Teleostei: Pomadasyidae), em Fortaleza, Ceará, Brasil. **Arq. Ciên. Mar** 29(1-2): 20-27.
- Cunningham P.T.M & A.M. Diniz-Filho, 1995. Aspectos da biologia de *Paralonchurus brasiliensis* – Sciaenidae – no litoral norte de São Paulo, Brasil. **Publicação especial do Instituto Oceanográfico** (11): 203-210.
- Darovec Jr, J.E., 1983. **Sciaenid fishes (Osteichthyes: Perciformes) of Western Peninsular Florida**. Memoirs of the Hourglass Cruises, Vol. VI, Part III. Florida Mar. Res. Inst., Dept. of Natural Resources. St. Petersburg, Fla. 73 p.
- Davis, W.P., 1966. A Review of the Dragonets (Pisces: Callionymidae) of the Western Atlantic. **Bull. Mar. Sci.** 16(4): 834-861.
- Dawson, C.E & R.P. Vari, 1982. **Family Syngnathidae. Memoir Sears Foundation for Marine Research, Number One, Fishes of the Western North Atlantic**, Part 8. Yale, University, New Haven. 198 p.
- Edwards, A., 1990. **Fish and Fisheries of Santi Helena Island**. CTCMS, University of Newcastle upon Tyne, England. 152 p.
- Feitoza, B.M., R.S. Rosa & L.A. Rocha, 2005. Ecology and Zoogeography of Deep Reef Fishes in Northeastern Brazil. **Bull. Mar. Sci.** 76(3): 725-742.
- Fernandes, G.L., 1981/82. Sobre a alimentação do peixe-pedra, *Genyatremus luteus* (Bloch, 1795) Jordan & Fesler 1893 (Teleostei, Pomadasyidae). **Bol. Lab. Hidrob.** 4(1): 65-76.
- Figueiredo, J.L. & N.A. Menezes, 1978. **Manual de Peixes Marinhos do Sudeste do Brasil. II. Teleostei (1)**. MZUSP, Universidade São Paulo. 110 p.
- Figueiredo, J.L. & N.A. Menezes, 1980. **Manual de Peixes Marinhos do Sudeste do Brasil. III. Teleostei (2)**. MZUSP, Universidade São Paulo. 90 p.
- Figueiredo, J.L. & N.A. Menezes, 2000. **Manual de Peixes Marinhos do Sudeste do Brasil. VI. Teleostei (5)**. MZUSP, Universidade São Paulo. 116 p.
- Figueiredo, J.L., 1977. **Manual de Peixes Marinhos do Sudeste do Brasil. I. Introdução. Cações, raias e quimeras**. MZUSP, Universidade São Paulo. 104 p.
- Fricke, R. 1982. Nominal genera and species of dragonets (Teleostei: Callionymidae, Draconettidae). **Ann. Mus. Civ. Stor. Nat. Genov.** 84: 53-92.
- Fricke, R., 2002. Annotated checklist of the dragonet families Callionymidae and Draconettidae (Teleostei: Callionymoidei), with comments on callionymid fish classification. **Stuttgarter Beitrage zur Naturkunde** (A) 645: 1-103.
- Froese, R. & D. Pauly. Editors. 2006. FishBase. World Wide Web electronic publication. **www.fishbase.org**, version (05/2006).

- Garman, S., 1913. The Plagiostomia (Sharks, Skates, and Rays). **Memoirs of the Museum of Comparative Zoology at Harvard Colleg.** XXXVI: 112-113
- Gibran, F.Z. & R.M.C. Castro, 1999. Activity, feeding behaviour and diet of *Ogcocephalus vespertilio* in southern west Atlantic. **Journal of Fish Biology** 55: 588-595.
- Gomes, U.L., R.S. Rosa & O.B.F. Gadig, 2000. *Dasyatis marianae* sp. n.: a new species of stingray (Chondrichthyes: Dasyatidae) from the southwestern Atlantic. **Copeia** (2): 510-515.
- Grace, M., K.R. Rademacher & M. Russell, 1994. Pictorial Guide to the Groupers (Teleostei: Serranidae) of the Western North Atlantic. **NOAA Tech. Report NMFS 118**. 46 p.
- Greenfield, D.W. & J.E. Thomerson, 1997. **Fishes of the Continental Waters of Belize**. University Press of Florida. 311 p.
- Guimarães, R.Z.P., 1996. Three new records of marine gobiid fishes (Teleostei: Gobiidae) from southeastern Brazil. **Revue Française d'Aquariologie, Herpétologie** 23(1-2): 64-68.
- Heemstra, P.C. & J.E. Randall, 1993. FAO Species Catalogue, Vol. 16. **Groupers of the world (Family Serranidae, Subfamily Epinephelinae). An annotated and illustrated catalogue of the grouper, rockcod, hind, coral grouper and lyretail species known to date**. Fao Fisheries Synopsis No.125. FAO, Rome. 382 p.
- Humann, P. & N. Deloach, 2002. **Reef Fish Identification: Florida, Caribbean, Bahamas**. 3^a. ed. New World Publications, Jacksonville, Florida. 490 p.
- IDEMA. 2003. **Relatório final dos estudos para implementação do ZEE dos estuários do Rio Grande do Norte e seus entornos**. Instituto de Desenvolvimento Econômico e Meio Ambiente do Rio Grande do Norte. Subcoordenadoria de Gerenciamento Costeiro. 190p.
- Karplus, I., 1992. Obligatory and facultative goby-shrimp partnerships in the western Tropical Atlantic. **Symbiosis** 12: 275-291.
- Knoppers, B., W. Ekau & Figueiredo, A.G. 1999. The coast and shelf of east and northeast Brazil and material transport. **Geo-Marine Letters**, 19: 171-178.
- Krajewski, J.P. & R.M. Bonaldo, 2006a. Plankton-picking by the goatfish *Pseudupeneus maculatus* (Mullidae) a specialized bottom forager. **J. Fish Biology**, 68:925-930.
- Krajewski, J.P., R.M. Bonaldo, C. Sazima & I. Sazima, 2006b. Foraging activity and behaviour of two goatfish species (Perciformes: Mullidae) at Fernando de Noronha Archipelago, tropical West Atlantic. **Environmental Biology of Fishes** DOI 10.1007/s10641-006-9046-z.
- Kuiter, R.H. & H. Debelius, 2001. **Surgeonfishes, Rabbitfishes and Their Relatives**. TMC Publishing, Chorleywood, UK. 208 p.
- Leão, Z.M.A.N. & Dominguez, J.M.L. 2000. Tropical coast of Brazil. **Marine Pollution Bulletin**, 41(1-6): 112-122.
- Leopold, Marc, 2004. **Poissons de mer de Guyane**. Ifremer, France. 214 p.
- Lewis, D.S & N.F. Fontoura, 2005. Maturity and growth of *Paralonchurus brasiliensis* females in southern Brazil (Teleostei, Perciformes, Sciaenidae). **J. Appl. Ichthyol.** 21: 94-100.
- Lopes, P.R.D; Oliveira-Silva, J.T. & Sampaio, C.L.S. 2001. A ocorrência de quatro espécies de Priacanthidae (Actinopterygii: Teleostei: Perciformes) no litoral do Estado da Bahia, Brasil. **Publ. Avulsas do Instituto Pau Brasil**, 4:1-9."
- Lopes, P.R.D. & R.A. Miranda, 1995. Notas sobre a alimentação de *Ogcocephalus vespertilio* (Linnaeus, 1758) (Teleostei, Ogcocephalidae) na localidade de Cacha Pregos (Ilha de Itaparica), estado da Bahia. **Acta Biológica Leopoldensia** 17(1): 87-94.
- Lunardon-Branco, M.J. & J.O. Branco, 2003. Alimentação natural de *Etropus crossotus* Jordan & Gilbert (Teleostei, Pleuronectiformes, Paralichthyidae) na Armação de Itapocoroy, Penha, Santa Catarina, Brasil. **Revista. Bras. Zoologia** 20(4): 631-635.
- Marceniuk, A.P. & C.J. Ferraris, 2003. Ariidae, In: Reis, R.E., S.O. Kullander & C.J. Ferraris, Jr. (Eds), **Check List of the Freshwater Fishes of South and Central America**: 447-455.
- Marceniuk, A.P., 2003. **Relações Filogenéticas e revisão dos gêneros da família Ariidae (Ostariophysi, Siluriformes)**.

- Dissertação de doutorado, Universidade de São Paulo, 383 p.
- McEachran, J.D. & J.D. Fechhelm, 1998. **Fishes of the Gulf of Mexico**. Vol 1. University of Texas Press, Austin. 1112 p.
- McEachran, J.D. & J.D. Fechhelm, 2005. **Fishes of the Gulf of Mexico**. Vol 2. University of Texas Press, Austin. 1004 p.
- Menezes, N. A. & J. L. Figueiredo, 1980. **Manual de Peixes Marinhos do Sudeste do Brasil. IV. Teleostei (3)**. MZUSP, Universidade São Paulo. 96 p.
- Menezes, N.A. & J. L. Figueiredo, 1985. **Manual de Peixes Marinhos do Sudeste do Brasil. V. Teleostei (4)**. MZUSP, Universidade São Paulo. 105 p.
- Menezes, N.A. & J.L. Figueiredo, 1998. Revisão das espécies da família Batrachoididae do litoral brasileiro com a descrição de uma espécie nova (Osteichthyes, Teleostei, Batrachoidiformes). **Papéis avulsos de Zool.** Museu de Zoologia da Universidade de São Paulo, 40(22): 337-357.
- Monteiro, A., T. Vaske, Jr, R.P. Lessa & A.C.A. El-Deir, 1998. Exocoetidae (Beloniformes) off North-Eastern Brazil. **Cybiurn** 22(4): 395-403.
- Moore, D., 1967. Triggerfishes (Balistidae) of the Western Atlantic. **Bull. Mar. Sci.** 17(3): 689-722.
- Moura, R.L. & R.M.C. Castro, 2002. Revision of Atlantic sharpnose pufferfishes (Tetraodontiformes: Tetraodontidae: *Canthigaster*), with the description of three new species. **Proceedings of the Biological Society of Washington** 115(1): 32-50.
- Moura, R.L., J.L. Figueiredo & I. Sazima, 2001. A new parrotfish (Scaridae) from Brazil, and revalidation of *Sparisoma amplum* (Ranzani, 1841), *Sparisoma frondosum* (Agassiz, 1831), *Sparisoma axillare* (Steindachner, 18178) and *Scarus trispinosus* Valenciennes, 1840. **Bulletin of Marine Science** 68(3): 505-524.
- Nelson, J.S. 2006. **Fishes of the world**. 4th ed. John Wiley & Soons, Inc. New York. 601p.
- Nion, H., C. Rios & P. Meneses, 2002. **Peces del Uruguay. Lista Sistemática y Nombres Comunes**. DINARA, Montevideo. 104 p.
- Olavo, G., P.A.S. Costa & A.S. Martins, 2007. Estrutura de comunidades de peixes recifais na Plataforma Externa e Talude Superior da Costa Central Brasileira: Diversidade e Distribuição Batimétrica. In: Costa, P.A.S., G. Olavo & A.S. Martins, 2007. **Biodiversidade da fauna marinha profunda na Costa Central** Brasileira. Museu Nacional – Rio de Janeiro, Série Livros nº 24, p. 15-43.
- Olney, J.E. & G.R. Sedberry, 1983. Dragonet Larvae (Teleostei, Callionymidae) in Continental Shelf Waters off the Eastern United States. **Biological Oceanography** 3(1): 103-122.
- Pezold, F., 2004. Phylogenetic Analysis of the Genus *Gobionellus* (Teleostei: Gobiidae). **Copeia** 2004(2): 260–280.
- Pisetsch, T.W. & D.B. Grobecker, 1987. **Frogfishes of the World: Systematics, Zoogeography and Behavioral Ecology**. Stanford University Press. 420 p.
- Randall, J.E. 1967. Food habits of reef fishes of the West Indies. **Studies on Tropical Oceanography** (5): 665-847.
- Randall, J.E. 1996. **Caribbean Reef Fishes**. 3^a. ed. TFH Publications. 368 p.
- Richards, W.J., 2006. **Early stages of Atlantic fishes: an identification guide for the western central North Atlantic**. Vol. 1 & 2. CRC, Taylor & Francis. 2640 p.
- Rivas, L.R., 1986. Systematic review of the Perciform Fishes of the Genus *Centropomus*. **Copeia** (3): 579-611.
- Robins, C.R. & W.A. Starck II, 1961. Materials for a revision of Serranus and related fish genera. **Proc. Acad. Nat. Sci.** 113(11): 259-301.
- Robins, C.R., Ray, G.C. & Douglass, J., 1986. **A field guide to Atlantic coast fishes of North America**. Houghton Mifflin Company, Boston. 354 p.
- Rocha, C., L.F. Favaro & H.L. Spach, 2002. Biologia reprodutiva de *Sphoeroides testudineus* (Linnaeus) (Pisces, Osteichthyes, Tetraodontidae) da gamboa do Bagaçu, Baía de Paranaguá, Paraná, Brasil. **Revta. bras. Zool.** 19(1): 57-63.
- Rocha, L.A. & I. Rosa, 1999. A New Species of *Haemulon* (Teleostei: Haemulidae) from the Northeastern Brazilian Coast. **Copeia** (2): 447-452.

- Rocha, L.A., 1999. **Composição e estrutura da comunidade de peixes do parque estadual marinho do Parcel de Manuel Luiz, Maranhão, Brasil.** Dissertação de Mestrado, Ciências Biológicas, Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, Paraíba. 147 p.
- Ruiz, L.J., R. Figueroa & A. Prieto 1999. Ciclo reproductivo de *Lactophrys quadricornis* (Pisces: Ostraciidae) de la costa nororiental de Venezuela. **Rev. Bio. Trop.** 47(3): 561-570.
- Santos, A.L.B., A.L.M. Pessanha, M.R. Costa & F.G. Araújo, 2004. Relação peso-comprimento de *Orthopristis ruber* (Cuvier) (Teleostei:Haemulidae) na Baía de Sepetiba, Rio de Janeiro, Brasil. **Revta. Bras. Zoologia** 21(2): 185-187.
- Santos, S., H. Schneider & I. Sampaio, 2003. Genetic differentiation of *Macrodon ancylodon* (Sciaenidae, Perciformes) populations in Atlantic coastal waters of South America as revealed by mtDNA analysis. **Genetics and Molecular Biology** 26 (2): 151-161.
- Sazima, I, R.L. Moura & M.C.M. Rodrigues, 1999. A juvenile sharksucker, *Echeneis naucrates* (Echeneidae), acting as a station-based cleaner fish. **Cybio** 23(4): 377-380.
- Sazima, I., 1998. Field evidence for suspension feeding in *Pseudocaranx dentex*, with comments on ram filtering in other jacks (Carangidae). **Environmental Biology of Fish** 53(2): 225-229.
- Sazima, I., 2002. Juvenile grunt (Haemulidae) mimicking a venomous leatherjacket (Carangidae), with a summary of Batesian mimicry in marine fishes. **Aqua J. Ichthyol. Aq. Biol.** 6(2): 61-68.
- Sazima, I., 2002. Juvenile snooks (Centropomidae) as mimics of mojarras (Gerreidae), with a review of aggressive mimicry in fishes. **Env. Biol. Fish.** 65(1): 37-45.
- Schmidt, T.C.S., 2004. **Estrutura da comunidade de bagres marinhos da família Ariidae (Siluriformes) na refração estuarina de São Vicente, litoral sul do estado de São Paulo, SP.** Dissertação de bacharelado, Universidade de Taubaté, 42 p.
- Schultz, Y.D., L.F. Favaro & H.L. Spach, 2002. Aspectos reprodutivos de *Sphoeroides greeleyi* (Gilbert), Pisces, Osteichthyes, Tetraodontidae, da gamboa do Bagaço, Baía de Paranaguá, Paraná, Brasil. **Revta. bras. Zool.** 19(1): 65-76.
- Silva, G.B., M.S.R. Viana & M.A.A. Furtado-Neto, 2001. Morfologia e alimentação da raia *Dasyatis guttata* (Chondrichthyes: Dasyatidae) na enseada do Mucuripe, Fortaleza, Ceará. **Arq. Ciên. Mar** 34: 67-75.
- Soares, L.S.H., & A.E.A.M. Vazzoler, 2001. Diel changes in food and feeding activity of Sciaenid fishes from the south-western Atlantic, Brazil. **Rev. Brasil. Biol.** 61(2): 197-216.
- Staiger, J.C., 1965. Atlantic flyingfishes of the genus *Cypselurus*, with descriptions of the juveniles. **Bull. Mar. Sci.** 15 (3): 672-725.
- Teixeira, R.L., & M. Haimovici, 1989. Distribuição, reprodução e hábitos alimentares de *Prionotus punctatus* e *P. nudigula* (Pisces: Triglidae) no litoral do Rio Grande do Sul, Brasil. **Atlântica** 11(1): 13-45.
- Thresher, R.E. 1984. **Reproduction in Reef Fishes.** T.F.H. Publications, Neptune City, NJ.
- Vasconcelos-Filho, A. L., K. C. Silva & F. D. Acioli , 1998. Hábitos alimentares de *Sphoeroides testudineus* (Linnaeus, 1758) (Teleostei: Tetraodontidae) no Canal de Santa Cruz, Itamaracá – PE. **Trab. Oceanograf.** 26(1): 145-157.
- Verani, J.E. & M. Vianna, 1997. Pesca, estrutura da população e fator de condição relativo de *Orthopristis ruber* (Cuvier, 1830), no litoral de Ubatuba, São Paulo, Brasil. **VII COLACMAR**: 524-526.
- Vianna, M. & J.E. Verani, 2002. Biologia populacional de *Orthopristis ruber* (Teleostei, Haemulidae) espécie acompanhante da pesca de arrasto do camarão-rosa, no Sudeste brasileiro. **Atlântica** 23(1): 27-36.
- Whitehead, P.J.P., 1985. FAO species catalogue. Vol.7. **Clupeoid Fishes of the World (Suborder Clupeoidei) An annotated and illustrated catalogue of the herrings, sardines, pilchards, sprats, anchovies and wolf-herrings.** Part 1. Chirocentridae, Clupeidae and Pristigasteridae. FAO Fis. Synop., 125 Vol. 7, Part. 1: 303 p.
- Whitehead, P.J.P., G.J. Nelson & T. Wongratana, 1988. FAO species catalogue. Vol.7. **Clupeoid Fishes of the World (Suborder Clupeoidei) An annotated and illustrated catalogue of the herrings, sardines, pilchards, sprats, anchovies and wolf-herrings.** Part 2. Engraulididae. FAO Fis. Synop., 125 Vol. 7, Part. 2: 305-579.



Índice dos nomes científicos e populares

- Acanthostracion polygonius*, 166
Acanthostracion quadricornis, 167
Acanthurus bahianus, 141
Acanthurus chirurgus, 142
Achirus lineatus, 154
Albula vulpes, 32
Alphestes afer, 67
Aluterus heudelotii, 159
Aluterus monoceros, 160
Aluterus schoepfii, 161
Aluterus scriptus, 162
Anequim, 49
Anisotremus virginicus, 97
Antenarius, 50, 51
Antennarius multiocellatus, 50
Antennarius striatus, 51
Apogon, 76, 77
Apogon quadrisquamatus, 76
Archosargus probatocephalus, 107
Archosargus rhomboidalis, 108
Arenque, 38
Ariocó, 89
Aspistor luniscutis, 40
Badejo barriga branca, 73
Badejo gato, 70
Badejo mirim, 71, 72
Bagre amarelo, 40
Bagre bagre, 41
Bagre bandeira, 42
Bagre fita, 41
Bagre marinus, 42
Baiaçú de espinho, 176, 177
Baiaçú guarajuba, 170
Baiaçú mirim, 169, 171, 172, 175
Baiaçú pinima, 173
Baiaçú pintado, 174
Balistes vetula, 158
Barbudo, 112
Baúna, 86
Bicuda, 143
Biquara, 102
Boca mole, 115
Borboleta, 124, 125
Bothus lunatus, 151
Bothus ocellatus, 152
Bothus robinsi, 153
Budião batata, 135
Budião bispo, 131
Budião de alga, 136
Budião de areia, 132
Budião de listra, 134
Cabrinha, 65
Cação frango, 25
Cação viola, 28
Calamus calamus, 109
Calamus penna, 110
Calamus pennatula, 111
Callionymus bairdi, 138
Cambuba, 101
Camurim açú, 66
Cangoá, 122
Canguito, 105
Cangulo, 159, 161, 162
Cangulo patriota, 160
Cangulo rei, 158
Canivete, 121
Canthigaster figueiredoi, 169
Carangoides bartholomaei, 79
Caranx latus, 80
Carapau olhudo, 83
Carapeba branca, 92, 93
Carapicú, 94, 95
Carapicú bandeira, 96
Caraúna, 141, 142
Cavalo marinho, 57
Centropomus undecimalis, 66
Cephalopholis fulva, 68
Chaetodipterus faber, 140
Chaetodon ocellatus, 124
Chaetodon striatus, 125
Channomuraena vittata, 33
Cheilopogon cyanopterus, 53
Cheilopogon melanurus, 54
Chilomycterus spinosus, 176
Chirocentron bleekermani, 36
Chloroscombrus chrysurus, 81
Chromis multilineata, 129
Cioba, 87
Citharichthys macrops, 145
Cofre, 166, 167, 168
Coió, 61
Conodon nobilis, 98
Coró branco, 106
Coró de listra, 98
Cururuca, 118
Cryptotomus roseus, 133
Ctenogobius saepepallens, 139
Cyclopsetta fimbriata, 146
Cynoscion acoupa, 113
Cynoscion leiarchus, 114
Dactylopterus volitans, 61
Dasyatis guttata, 29
Dasyatis marianae, 30
Decapterus punctatus, 82
Dentão, 88
Diapterus auratus, 92
Diapterus rhombeus, 93
Diodon holocanthus, 177
Diplectrum formosum, 69
Donzela marrom, 130
Dragãozinho, 138
Echeneis naucrates, 78
Enxada, 140
Etropus crossotus, 147
Eucinostomus argenteus, 94
Eucinostomus gula, 95
Eucinostomus melanopterus, 96
Fistularia tabacaria, 60
Galo, 84, 85
Garacimbora, 80
Genyatremus luteus, 99
Guaçapé, 67
Guaiúba, 90
Guarajuba amarela, 79
Gymnothorax moringa, 34
Gymnothorax vicinus, 35
Gymnura micrura, 31
Haemulon aurolineatum, 100
Haemulon parra, 101
Haemulon plumieri, 102
Haemulon squamipinna, 103
Haemulon steindachneri, 104
Halichoeres poeyi, 131
Heteropriacanthus cruentatus, 74
Hippocampus aff. erectus, 57
Hippocampus reidi, 58
Holacanthus ciliaris, 126
Holacanthus tricolor, 127
Holocentrus ascensionis, 55
Jacundá, 69
Judeu mulato, 117
Labrisomus nuchipinnis, 137
Lactophrys trigonus, 168
Lagocephalus laevigatus, 170
Larimus breviceps, 115
Lepophidium cf. brevibarbe, 46
Linguado, 146, 148, 149, 150
Lutjanus alexandrei, 86
Lutjanus analis, 87
Lutjanus jocu, 88
Lutjanus synagris, 89
Lycengraulis grossidens, 38
Macrodon ancylodon, 116
Mangangá, 48, 63
Mangangá beatriz, 64
Mangangá vermelho, 62
Maria mole, 120
Mariquita, 55
Mariquita bolão, 56
Menticirrhus americanus, 117
Mercador amarelo, 97
Micrognathus sp., 59

Micropogonias furnieri, 118
Monacanthus ciliatus, 163
 Moré de vidro, 139
 Moré quatro olho, 137
 Moréia jaguara, 33
 Moréia marrom, 35
 Moréia pintada, 34
Myripristis jacobus, 56
Narcine bancrofti, 26
Narcine sp., 27
Nicholsina usta, 134
Ocyurus chrysurus, 90
Odontoscion dentex, 119
Ogcocephalus vespertilio, 52
 Olho de vidro, 74, 75
Ophidion cf. *holbrookii*, 47
Opisthonema oglinum, 39
Orthopristis ruber, 105
 Palombeta, 81
Paralabrax dewegeri, 70
Paralichthys brasiliensis, 148
Paralonchurus brasiliensis, 120
Pareques acuminatus, 121
 Paru frade, 128
 Paru soldado, 127
 Paru verde, 126
 Peixe cachimbo, 59
 Peixe lagarto, 43, 44, 45
 Peixe morcego, 52
 Peixe pena, 109, 110, 111
 Peixe porco, 163, 164, 165
Pellona harroweri, 37
 Pescada amarela, 113
 Pescada branca, 114
 Pescada de pedra, 119
 Pescada foguete, 116
Phaeoptyx pigmentaria, 77
 Pirapiranga, 91
 Piraúna, 68
Polydactylus virginicus, 112
Pomacanthus paru, 128
Pomadasys corvinaeformis, 109
Porichthys plectrodon, 48
Prionotus punctatus, 65
Pristigenys alta, 75
Pseudupeneus maculatus, 123
 Raia manteiga, 31
 Raia pontuda, 29
 Raia verde, 30
 Rêmora, 78
Rhinobatos percellens, 28
Rhizoprionodon porosus, 25
Rhomboplites aurorubens, 91
 Salema, 108
 Sanhoá, 99
 Sapuruna, 104
 Saramunete, 123
 Sardinha bandeira, 39
 Sardinha dentuça, 36
 Sardinha manteiga, 37
 Sargo de dente, 107

Scomberomorus brasiliensis, 144
Scorpaena brasiliensis, 62
Scorpaena isthmensis, 63
Scorpaena plumieri, 64
Selar crumenophthalmus, 83
Selene brownii, 84
Selene vomer, 85
 Serra, 144,
Serranus annularis, 71
Serranus baldwini, 72
Serranus flaviventris, 73
 Solha, 145, 147, 151, 152, 153, 154, 155, 156, 157
Sparisoma frondosum, 135
Sparisoma radians, 136
Sphoeroides dorsalis, 171
Sphoeroides greeleyi, 172
Sphoeroides spengleri, 173
Sphoeroides testudineus, 174
Sphoeroides tyleri, 175
Sphyræna guachancho, 143
Stegastes fuscus, 130
Stellifer stellifer, 122
Stephanolepis hispidus, 164
Stephanolepis setifer, 165
Syacium micrurum, 149
Syacium papillosum, 150
Symphurus diomedianus, 156
Symphurus plagusia, 157
Synodus foetens, 43
Synodus intermedius, 44
 Tesourinha, 129
Thalassophryne nattereri, 49
Trachinocephalus myops, 45
 Treme treme, 26, 27
Trinectes paulistanus, 155
 Trombeta, 60
 Ubarana focinho de rato, 32
 Voador holandês, 53
 Voador preto, 54
 Xira amarela, 103
 Xira branca, 100
 Xixarro, 82
Xyrichthys novacula, 132

Autores

José Garcia Júnior, biólogo pela UNISANTA em 2002, mestrado em Bioecologia Aquática pela UFRN em 2006, quando trabalhou com inventário e estudo zoogeográfico da ictiofauna da costa do RN. Atualmente é doutorando em Psicobiologia (UFRN) pesquisando o comportamento de tubarões limão no Arquipélago de Fernando de Noronha.

Liana de Figueiredo Mendes, bióloga pela USP/Ribeirão Preto em 1990, mestrado (1995) e doutorado (2000) em Zoologia pela USP/São Paulo. Atualmente é docente lotada no Departamento de Botânica, Ecologia e Zoologia - UFRN e responsável pelo Laboratório do Oceano. Atua principalmente nas áreas de zoologia e ecologia enfocando peixes e algumas espécies de invertebrados marinhos.

Cláudio Luis Santos Sampaio, biólogo pela UFBA em 1999, mestrado (2003) e doutorado (2006) em Zoologia pela UFPB. Atualmente é pesquisador associado ao Museu de Zoologia da UFBA e docente substituto do Departamento de Zoologia da UFBA. Atua principalmente nas áreas de sistemática, ecologia e pesca de peixes e invertebrados ornamentais marinhos.

Jorge Eduardo Lins, biólogo marinho pela UFRN em 1980 e doutorado (1991) em Biologia Marinha pela Université Pierre et Marie Curie, Paris – França. Atualmente é docente lotado no Departamento de Oceanografia e Limnologia - UFRN e responsável pelo Laboratório de Biologia Pesqueira. Atua principalmente nas áreas de recursos pesqueiros, engenharia de pesca e meio ambiente.

Revisores

Bertran Miranda Feitoza, biólogo (1999) e mestre em Ciências Biológicas (2001) pela UFPB, quando trabalhou com ecologia e sistemática de peixes recifais do nordeste do Brasil, incluindo as ilhas oceânicas brasileiras e Arquipélago do Abrolhos. Atualmente é doutorando em Ciências Biológicas (UFPB) trabalhando com zoogeografia e ecologia de peixes recifais de profundidade da costa de Pernambuco ao Rio Grande do Norte.

Alfredo Carvalho Filho, biólogo pela USP em 1971 e publicitário/marqueteiro pela ESPM/São Paulo em 1972. Atualmente trabalha com marketing aplicado à produção científica, enfocando principalmente peixes marinhos brasileiros, através da Fish Bizz Ltda.; e com marketing e comunicação de negócios através da Gobulus Ltda. e Esox Ltda. Autor do livro “Peixes, Costa Brasileira”.

